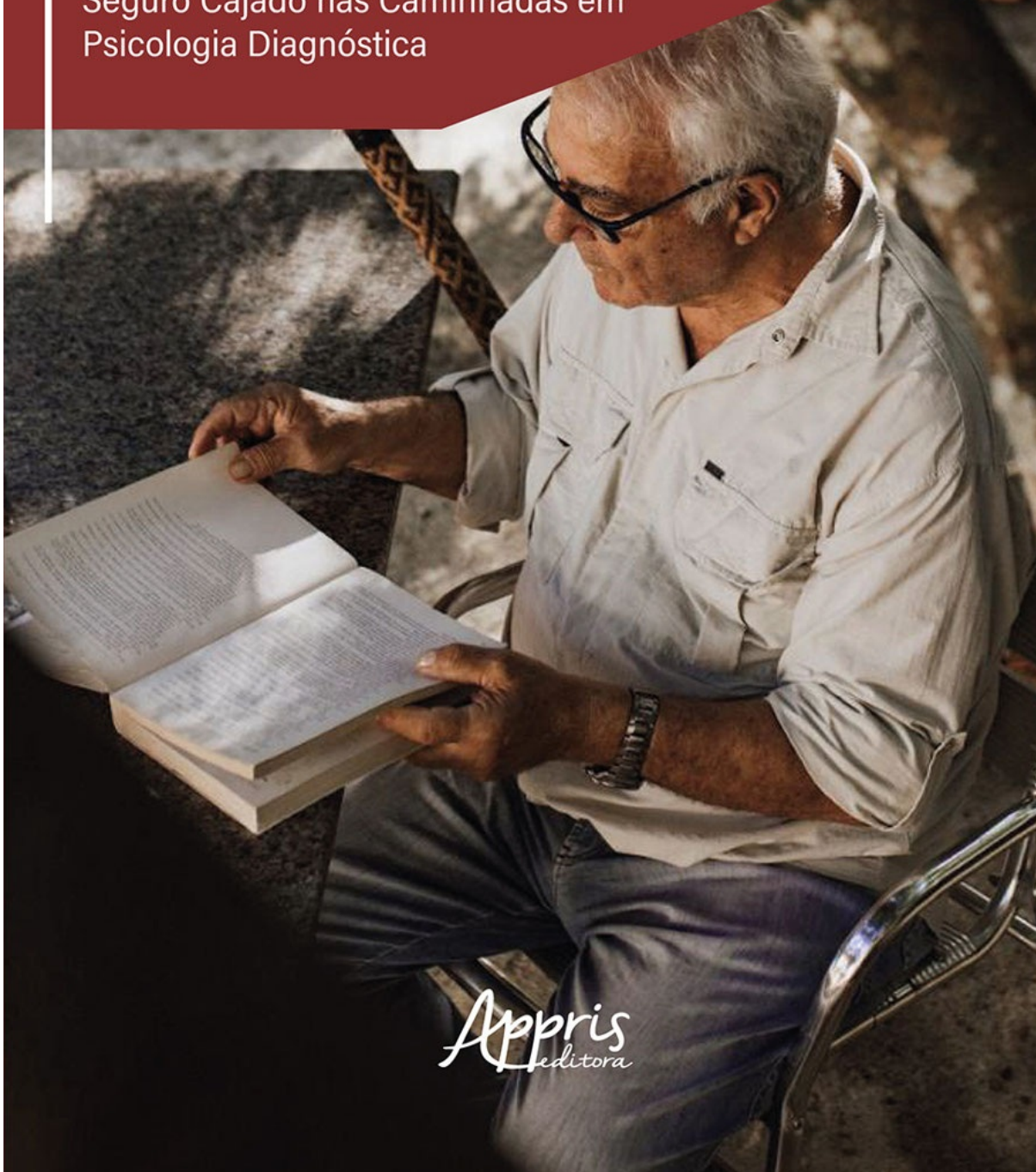


RODOLFO PETRELLI

Rorschach em Perspectiva Fenomenico Existencial

Seguro Cajado nas Caminhadas em
Psicologia Diagnóstica



Appris
editora

SUMÁRIO

[CAPA](#)

[INTRODUÇÃO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[HOMENAGEM A HERMANN RORSCHACH](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[UMA VISÃO GERAL DO AUTOR](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[SOBRE O PSICODIAGNÓSTICO RORSCHACH](#)

[3.1 ORIGEM DO RORSCHACH](#)

[3.2 DADOS QUE O RORSCHACH OFERECE PARA A COMPREENSÃO DA MENTE](#)

[3.3 O QUE O RORSCHACH AVALIA](#)

[3.4 O INSTRUMENTO RORSCHACH NA PESQUISA](#)

CAPÍTULO 4

SIGNIFICADO ARQUETÍPICO DAS PRANCHAS

4.1 PRANCHA I

4.2 PRANCHA II

4.3 PRANCHA III

4.4 PRANCHA IV

4.5 PRANCHA V

4.6 PRANCHA VI

4.7 PRANCHA VII

4.8 PRANCHA VIII

4.9 PRANCHA IX

4.10 PRANCHA X

CAPÍTULO 5

ESTRUTURAS MENTAIS IDENTIFICADAS NOS PROCESSOS PERCEPTIVOS E PROJETIVOS DO TESTE RORSCHACH

CAPÍTULO 6

EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS NO USO DO TESTE

CAPÍTULO 7

APLICAÇÃO DO RORSCHACH NAS SUAS MODALIDADES-PADRÃO

7.1 SUGESTÕES PARA INICIANTE NO USO DO RORSCHACH

CAPÍTULO 8

CODIFICAÇÃO E SEUS SIGNIFICADOS AVALIATIVOS

8.1 ABRANGÊNCIA / LOCALIZAÇÃO

8.1.1 G (globais)

8.1.2 D (detalhe grande)

8.1.3 Dd (detalhe pequeno)

8.1.4 Dbl (detalhe em branco)

8.1.5 Do (detalhe oligofrênico)

8.1.6 Significado das Repostas Codificadas em DG Confabulada e DG Contaminada

8.2 DETERMINANTES

8.2.1 Determinante Forma (F)

8.2.2 Determinante Cinestesia (K)

8.2.2.1 Cinestesia humana (K ou kp)

8.2.2.2 Cinestesia animal (Kan)

8.2.2.3 Cinestesia de objetos e fenômenos da natureza (kobj, Nat)

8.2.3 Determinante Cor (cromáticas e acromáticas)

8.2.3.1 Cor cromática: C

8.2.3.2 Cor acromática: clob (claro-escuro)

8.2.3.3 Esmatado: (c)

8.2.3.4 Luminosidade: CL

8.3 CONTEÚDOS

8.4 FENÔMENOS PARTICULARES

8.4.1 Rejeição

8.4.2 Persistência da consciência interpretativa

8.4.3 Autocrítica e crítica ao objeto

8.4.4 Choque à cor vermelha

8.4.5 Choque à cor

8.4.6 Choque ao claro-escuro

8.5 RESPOSTAS VULGARES OU BANAIS

CAPÍTULO 9

PSICOGRAMA

9.1 PROCEDIMENTOS NA AVALIAÇÃO DA PRODUTIVIDADE

9.1.1 Qualidade da produtividade mental no QI (Quociente de Inteligência)

9.1.2 Controle Cognitivo (CCg)

9.2 ÍNDICE DE REALIDADE (IR)

9.2.1 Cálculo do Índice de Realidade (IR)

9.3 ÍNDICE DE INTEGRIDADE MENTAL (IM)

9.4 CLASSIFICAÇÃO DAS CINESTESIAS

9.5 TIPO DE RESSONÂNCIA ÍNTIMA (TRI)

[9.5.1 Ressonância Íntima do Tipo A](#)

[9.5.2 Ressonância Íntima do Tipo B](#)

[9.5.3 Cálculo do TRI](#)

[9.5.4 Perfis do TRI](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[POSSÍVEL REVISÃO DO SISTEMA DE CODIFICAÇÃO](#)

[10.1 O CONCEITO E O SIGNIFICADO DA DUALIDADE](#)

[10.2 SIGNIFICADO DA DUALIDADE NAS CULTURAS INDÍGENAS](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[OS PROCESSOS PSICOLÓGICOS E A TEMPORALIDADE MOBILIZADOS
NO CONTINUUM PERCEPTIVO-PROJETIVO E TEMÁTICO DO TESTE](#)

[11.1 TEMPORALIDADE: A ESPERANÇA NO ITINERÁRIO DO TEMPO
VIVIDO](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[PROCESSOS PSÍQUICOS SUPERIORES](#)

12.1 CARACTERÍSTICAS DOS PROCESSOS PSÍQUICOS SUPERIORES

12.2 FENOMENOLOGIA DO PROCESSO TERCIÁRIO EM RORSCHACH

12.3 CODIFICAÇÃO DO PROCESSO TERCIÁRIO

CAPÍTULO 13

PARADIGMAS NO CONTINUUM PATOLOGIA-NORMALIDADE-EXCELÊNCIA EM RORSCHACH

13.1 FENOMENOLOGIA DOS PROCESSOS PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS E TERCIÁRIOS

13.2 FIGURAS E TABELAS REPRESENTATIVAS DO NÍVEL DE MATURIDADE DA PRESENÇA NO CAMPO EXPERIENCIAL

13.3 PATOLOGIA-NORMALIDADE-EXCELÊNCIA NO CAMPO DA DETERMINANTE COR

13.3.1 Análise das cores cromáticas

13.3.2 Análise das cores acromáticas

13.3.3 Patologia-normalidade-excelência no campo das cinestésias

13.4 CRITÉRIOS AVALIATIVOS DA PATOLOGIA-NORMALIDADE-EXCELÊNCIA NO RORSCHACH

13.5 UTILIZAÇÃO DOS DADOS QUANTITATIVOS NOS POSSÍVEIS GRÁFICOS REPRESENTATIVOS

13.6 UTILIZAÇÃO DOS DADOS QUANTITATIVOS: OUTRA PROPOSTA

13.7 CRITÉRIOS DE NORMALIDADE NA RELAÇÃO ENTRE OS PROCESSOS PRIMÁRIO, SECUNDÁRIO E TERCIÁRIO

CAPÍTULO 14

FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO COMPREENSIVO DO RORSCHACH

14.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA FENOMENOLOGIA

CAPÍTULO 15

NORMALIDADE E PATOLOGIA NO RORSCHACH

15.1 FENOMENOLOGIA DA PATOLOGIA

15.2 FENOMENOLOGIA DA NORMALIDADE

CAPÍTULO 16

FENOMENOLOGIA DA PSICOPATOLOGIA NOS PROCESSOS PERCEPTIVOS E PROJETIVOS

16.1 PRÓDROMOS DA PSICOPATOLOGIA

16.2 IMPULSIVIDADE E COMPULSIVIDADE

16.3 COMPENSAÇÕES PSICOPATOLÓGICAS

16.4 FENOMENOLOGIA DA EPILEPSIA

16.5 FENOMENOLOGIA DA ANSIEDADE

16.6 ESQUIZOFRENIA E SUAS SINTOMATOLOGIAS PSICODINÂMICAS

16.6.1 Panorama histórico da esquizofrenia

16.6.2 A contribuição da Psicanálise na compreensão da esquizofrenia

16.6.3 Sintomatologia clínica: análise fenomênico existencial da esquizofrenia

16.6.4 A progressiva regressão teleológica da esquizofrenia

16.6.5 Fenomenologia da esquizofrenia

16.6.5.1 Dados da esquizofrenia no Psicograma

16.6.5.2 A esquizofrenia na região das determinantes

16.6.5.3 A esquizofrenia nas suas configurações episódicas ou crônicas

16.7 FENOMENOLOGIA DA PSICOPATIA

16.8 FENOMENOLOGIA DA MELANCOLIA

16.9 FENOMENOLOGIA DA HISTERIA: PRESENÇA SIMULADA OU PRESENÇA HISTRIÔNICA

16.9.1 Histeria e comunicação

CAPÍTULO 17

FENOMENOLOGIA DA LIDERANÇA NOS PROCESSOS PERCEPTIVOS DO RORSCHACH

CAPÍTULO 18

O RORSCHACH APLICADO AO PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO

18.1 DECATHLON: DEZ ETAPAS NO PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO

18.2 A ESCUTA TERAPÊUTICA

CAPÍTULO 19

NOVA E INTERESSANTE PROPOSTA EDITORIAL

REFERÊNCIAS

SOBRE O AUTOR

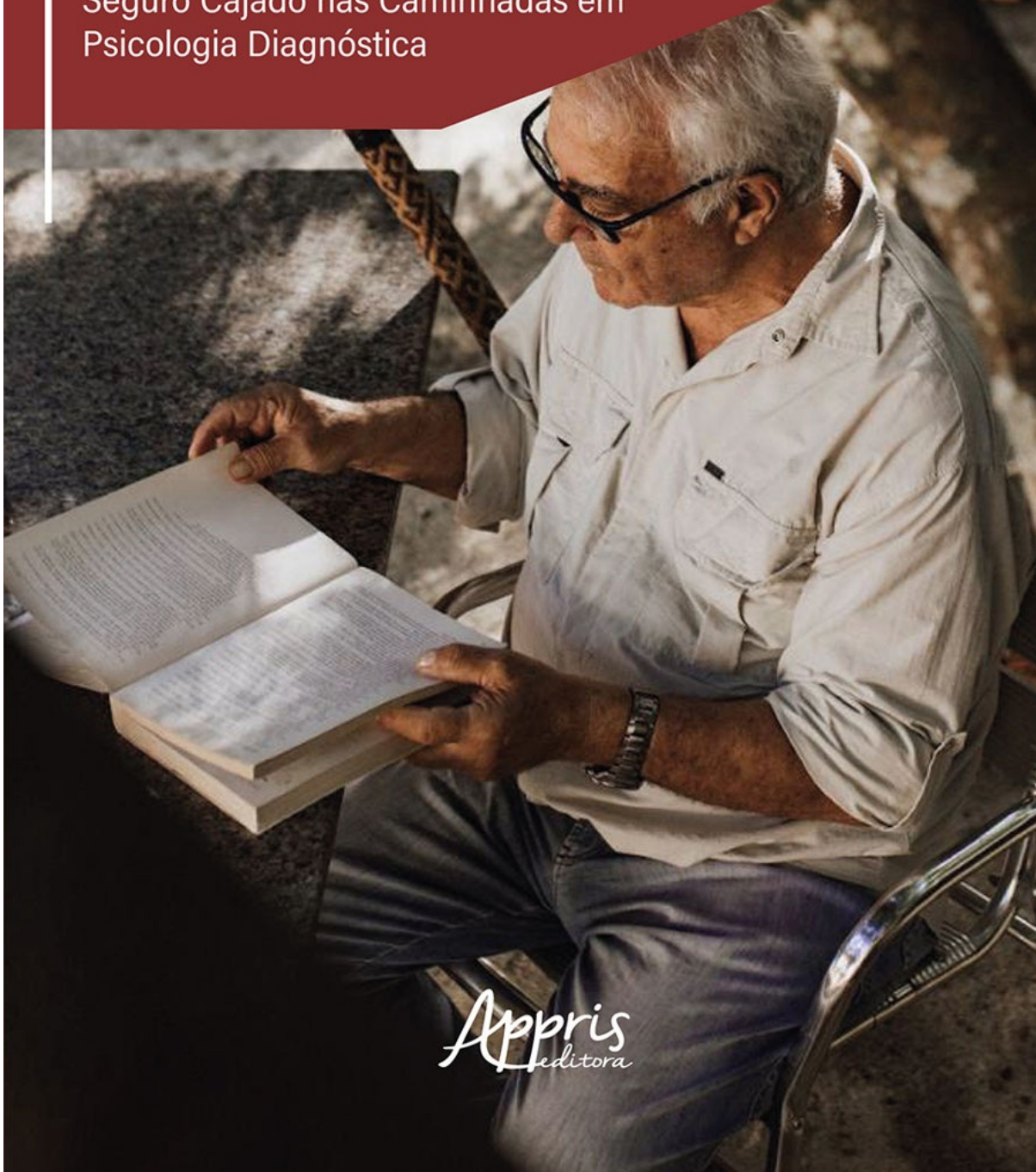
SOBRE A OBRA

CONTRACAPA

RODOLFO PETRELLI

Rorschach em Perspectiva Fenomenico Existencial

Seguro Cajado nas Caminhadas em
Psicologia Diagnóstica



Appris
editora

Rorschach em perspectiva
Fenomenico Existencial

Seguro Cajado nas Caminhadas
em Psicologia Diagnóstica



Dr. Rodolfo Petrelli um visionário
da Psicologia no Direito!



Desembargador Marco Villas
Boas um visionário do Direito
na Psicologia!

Ambos na busca da Verdade e da Justiça!

Editora Appris Ltda.

1.^a Edição - Copyright© 2023 dos autores

Direitos de Edição Reservados à Editora Appris Ltda.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei nº 9.610/98. Se incorreções forem encontradas, serão de exclusiva responsabilidade de seus organizadores. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com as Leis nos 10.994, de 14/12/2004, e 12.192, de 14/01/2010.

Catálogo na Fonte

Elaborado por: Josefina A. S. Guedes

Bibliotecária CRB 9/870

■

Petrelli, Rodolfo. P494r – 2023. Rorschach em perspectiva fenomênico existenci

■

Livro de acordo com a normalização técnica da ABNT



Editora e Livraria Appris Ltda.
Av. Manoel Ribas, 2265 – Mercês
Curitiba/PR – CEP: 80810-002
Tel. (41) 3156 - 4731
www.editoraappris.com.br

Printed in Brazil
Impresso no Brasil

Rodolfo Petrelli

Rorschach em perspectiva

Fenomenico Existencial

Seguro Cajado nas Caminhadas

em Psicologia Diagnóstica



■

ficha técnica

Editorial

Augusto Vidal de Andrade Coelho Sara C. de

Comitê editorial

Marli Caetano Andréa Barbosa Gouveia (UFP

SUPERVISOR DA PRODUÇÃO

Renata Cristina Lopes Miccelli

ASSESSORIA EDITORIAL

Débora Sauaf

Revisão

Júlia de Oliveira Rocha Stephanie Ferreira Lin

PRODUÇÃO EDITORIAL

Raquel Fuchs

Diagramação

Bruno Ferreira Nascimento

adaptação da capa

Lívia Weyl

Fotografia da capa

Mariana Bontempo

-
-

Comitê Científico da coleção MULTIDISCIPLINARIDADES EM SAÚDE E HU

Direção Científica

Consultores

Dedico este meu livro à minha querida mãe, Natalina Marasco Petrelli, que faleceu e me deixou órfão aos quatro meses de idade, mas que, até hoje, aos meus 85 anos, ainda anima a minha vida, dando-me energia, força e coragem para enfrentar as lutas, superando perdas e transformando derrotas em vitórias, pela Fé na Esperança, e pela Prece ao Divino Absoluto Essente Benevolente: Deus, nosso amoroso Pai Eterno. Ao meu pai, Umberto Petrelli, medalha de ouro na Primeira Guerra Mundial, que, mesmo ferido e inválido, permaneceu aprisionado nas trincheiras, mas vitorioso no Espírito. Até hoje me inspira para enfrentar com coragem as guerras da vida em defesa da Verdade.

À minha esposa, Margarida Petrelli — a “Pérola” mais preciosa que colhi nos oceanos do Planeta Terra — que fortalece e enriquece minha existência de segurança, paz, esperança e amor à vida.

Aos meus filhos: Paolo Umberto Petrelli e Anna Paola Petrelli, que quando crianças compartilhavam comigo minhas incessantes lutas para a conclusão do meu doutorado em Rorschach; também à minha filha, adotiva no Espírito, Paula J. Nascimento, que na adolescência acolhi com muito amor na convivência junto com meus filhos; e aos meus queridos netos: Lavínia, Luana, Valentina e Joaquim Rodolfo, aos quais deixo esta obra como sinal da busca da Verdade em qualquer empreendimento da vida.

Dedico também esta obra à minha amiga e colega Bárbara Khristine A. M. C. Camargo - psicóloga do Tribunal de Justiça do Estado do Tocantins, especialista em Psicologia Jurídica e em Criminologia - pelos incentivos e encorajamentos no tempo dedicado para as minuciosas revisões e significativas reformulações, a fim de que o texto adquirisse maior clareza na sua compreensão e estética, e pelos demais apoios que fez para que esta editoração e publicação se tornasse realidade: gratidão!

AGRADECIMENTOS

Digníssimo e prezado desembargador Marco Antony S. Villas Boas, com sincera convicção lhe devo esta minha obra, por suas mediações e por ter me dado acesso como docente na Escola Superior da Magistratura Tocantinense – Esmat, onde programei um curso de pós-graduação em Criminologia na dimensão acadêmica metodológica transdisciplinar. Compartilho de seus intentos políticos, sociais e éticos para a preservação e proteção ambiental, a salvaguarda das culturas dos seus nativos habitantes, povos indígenas e por nós considerados como primitivos, mas que nos seus costumes, mitos e ritos revelam até hoje a dimensão da Espiritualidade, por nós brancos, ignorada. Continue firme Dr. Marco, “Mestre nas ciências da vida”, dedicando-se com afinco ideológico e político em defesa da garantia dos Direitos Humanos, da dignidade e da liberdade em restituir às populações indígenas do Tocantins o que, e o quanto lhes foi desapropriado, inserindo as suas lideranças nos espaços do saber científico, acadêmico, jurídico e político na gestão da Res Publica do Estado do Tocantins.

Agradeço a todos os meus alunos, colegas e amigos, que contribuíram de alguma forma para que este livro fosse publicado. A participação incentivadora e mobilizadora das psicólogas M.^a Marina Novaes, M.^a Creusa Salette de Oliveira, e Esp. Valéria Del Nero.

O Rorschach é um cajado que acompanha o psicoterapeuta

nas suas caminhadas,

nas descidas às grutas da história de vida do seu paciente,

como também nas subidas,

nas alturas dos seus ideais e seus valores.

Rodolfo Petrelli

APRESENTAÇÃO

Apresentar o Prof. Dr. Rodolfo Petrelli é tarefa difícil. Como mostrar ao leitor uma pessoa com a sensibilidade tão idiossincrática que, com espantosa generosidade, insiste em distribuir perdulariamente, entre colegas e alunos, as descobertas de sua mente brilhante, constringendo inúmeros autores de textos acadêmicos, incluindo a minha pessoa, a referir-se às suas ideias sem necessitar ou sem poder sequer citar a sua autoria? É impressionante! Parece apoiar-se numa fonte geradora tão pródiga e inesgotável que ele não precisa se preocupar com o que lhe escapa e com o que doa e dissipa facilmente, pois aquilo é apenas um pequeno fruto de sua prodigiosa árvore intelectual. Isso não é mera metáfora, nem exagero de quem se proporia a fazer uma apologia. É a experiência literal daquele que observa e testemunha com honestidade o Prof. Dr. Rodolfo Petrelli a esbanjar sua produção intelectual em textos manuscritos e palestras que sequer levam a sua assinatura, sem se preocupar em registrar sua autoria.

Enfim, agora, uma obra que leva o seu nome! O Prof. Dr. Rodolfo Petrelli tem dedicado toda sua vida à causa social. Seu livro é o resultado de uma existência devotada à ciência humanista, à defesa da liberdade e da dignidade do homem e ao engajamento concreto com a causa dos esquecidos pela sociedade e pelo Estado, transformados em cidadãos de segunda categoria. Criado em orfanato, em decorrência da morte precoce e dolorosa da sua mãe em acidente doméstico, ferida ainda hoje não cicatrizada e imagem materna para sempre presente, confirmando a tese de Henri Bergson que contesta a redução do espírito ao cérebro, considerando a memória como profundamente espiritual. Sofreu, ainda na primeira infância, o afastamento também do pai, um republicano perseguido e despojado de todos os seus bens pela sua posição política contra o fascismo, o nazismo e a ideologia supremacista xenófoba, de extrema-direita, ideologia em ascensão na época, próxima à declaração da Segunda Guerra Mundial.

No orfanato, administrado por padres da Congregação Orionita fundada por

Dom Luigi Orione, aprendeu que tudo o que era seu, era também de outros. Hoje, esse espírito comunitário persiste assimilado ao Prof. Dr. Rodolfo Petrelli, que continua distribuindo com prodigalidade um dos bens mais preciosos criados por seu talento acadêmico: sua brilhante produção intelectual. Como jovem psicólogo, no tempo de clérigo na Congregação Giuseppini del Murialdo, dava sinais claros do projeto de vida que viria levar a cabo em todo seu percurso existencial: o compromisso e o engajamento na defesa da liberdade, da justiça social e dignidade humana, direitos que via negados aos excluídos da sociedade. Desde o início, como profissional de Psicologia, dedicou-se à assistência aos internados no manicômio Santa Maria della Pietà no quartiere Monte Mario e Camilluccia em Roma, profundamente sensibilizado pelo sofrimento dos inseridos nesse local, descrevendo-os como “sentenciados como loucos ou dementes”. Tal experiência o levou mais tarde a abraçar a causa da antipsiquiatria contra o enclausuramento manicomial, propondo a abertura dos ambulatórios urbanos e regionais.

Nessa época, dava também assistência nos presídios de adultos, revelando, em plena juventude, seu completo envolvimento e dedicação com as questões dos renegados. Quando, em Roma, a luta antimanicomial foi assumida pelo partido comunista italiano, o Prof. Dr. Rodolfo Petrelli encarou com simpatia essa causa humanitária do partido, causa que ele já abraçara anteriormente como sacerdote e psicólogo, dando assistência aos alienados e aos presos. Sua inteligência, sensível e analítica, identificava muito do sofrimento humano como oriundo de determinadas posturas ideológicas e políticas injustas e excludentes. São suas palavras: “Eu entrei em sintonia com o partido comunista italiano e, na luta antimanicomial do partido, que defendia posição de que os ambulatórios deveriam substituir os hospitais psiquiátricos, de modo que, em determinadas regiões da cidade, médicos poderiam até visitar os doentes em suas próprias residências”. Essa época o motivou a escrever um livro intitulado *Contestazione e speranza: una nuova teoria dell'educazione*, que lhe custou a saída da Itália, em 1971. E só veio a receber um exemplar 48 anos depois, em 2021, quando um colega o trouxe de um sebo em Roma.

Em 1973, no dia 1º de janeiro, chega Rodolfo ao Brasil, em Porto Alegre, ainda como padre, e ingressa como professor de Psicologia na Universidade Marista.

Nesse mesmo ano, deparou-se, nessa cidade, com a poluição do rio Guaíba, na Lagoa Ilha das Flores, onde uma indústria de celulose poluía esse espaço hídrico. O professor, movido pelo seu engajamento social e com a referência dos ecologistas europeus, entrou questionando esse crime para com o ambiente, junto a seus alunos universitários. Nessa época, contudo, já havia sido criado o partido militarista no Brasil, e ele foi, então, denunciado por alunos contratados como delatores pelo Dops, órgão retomado pelo regime ditatorial da época. O professor teve que sair de Porto Alegre e entrar nas matas do Tocantins, numa cidadezinha chamada Palmeirópolis. E lá se encontrou com os quilombolas, vítimas de mentiras de jagunços que, na época, serviam ao governador e tinham a função de conseguir dos habitantes que eles assinassem papéis em branco, prometendo assistência médica e financeira. Mas na realidade eles estavam assinando a expropriação da própria terra.

Então, o professor não se omitiu e iniciou a tarefa de informar aos quilombolas que eram traídos na sua intenção, de modo que não assinassem nada em branco. Essa atitude foi sua sentença de morte em 1978 e teve que se exilar na Itália durante mais de um ano. No final de 1979, volta ao Brasil, mas nesse período já deixara a ordem sacerdotal. No ano seguinte, começou a trabalhar em Goiânia, na Universidade Católica de Goiás, que passou a ser PUC em 8 de setembro de 2009. Foi aí, em 1981, que conheci o professor Rodolfo Petrelli e compartilhamos a disciplina Técnicas de Avaliação Psicológica III – TAP III, na qual lecionamos o Psicodiagnóstico Rorschach. Desde o primeiro encontro fiquei fortemente impressionada com sua excepcional cultura psicológica e humanista, mostrada com uma humildade surpreendente, como que pedindo desculpas por ter consciência da sua superioridade acadêmica. Nos encontros com o professor Rodolfo, eu nunca saí como entrei, mas profundamente reflexiva, provocada e estimulada a aprofundar meus conhecimentos psicológicos e sociais.

Mestre e doutor em Psicologia com ênfase em Papéis e Estruturas Sociais, dedicou-se com muita paixão ao COOJ, antiga Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem), quando foi convidado como coordenador em 1983. São suas essas palavras: “Eu me deparei com o sofrimento dos meninos nessa instituição chamada FEBEM e, então, propus uma alternativa: espaços educativos sem a

vergonha das muralhas e sem a malícia das milícias. Por que a “malícia das milícias”? Porque quando adolescentes reincidentes voltavam ao COOJ e saíam novamente, eram executados. Muitos adolescentes foram executados e a imprensa informava que eles morriam de doenças, isto não confirmava uma verdade.

O professor criou, em 1983, sob o mandato do governo Iris Rezende, socialmente comprometido com o Estado em defesa da singularidade de cada individualidade humana, a Aldeia Juvenil, como alternativa ética da FEBEM. Foi aposentado pela PUC, em 2007. No ano de 2013, transferiu-se para cidade de Araguaína-TO, abrindo o curso de Psicologia na Faculdade Católica Dom Orione (FACDO), agora na cidade de Palmas, ao ser convidado pelo Tribunal de Justiça do Estado a contribuir montando um curso de especialização na Escola Superior da Magistratura Tocantinense (Esmat), em reconhecimento às suas ideias e à sua competência no trabalho desenvolvido com os detentos em Araguaína. Propôs à Esmat o curso de especialização em Criminologia, mas sob a condição de uma metodologia trans-epistêmica e transdisciplinar, em que os docentes eram psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais, juristas e pedagogos, assim como os alunos também seriam oriundos de diversas formações acadêmicas. A exigência de uma didática transdisciplinar era fundamentada e justificada para evitar que uma disciplina se tornasse no vértice das outras. Ponderou que um diálogo epistêmico, e até um “metadiálogo” seria desenvolvido onde as diferenças estavam em tese e antítese, mas sempre construindo sínteses positivas. E aí fundou e dirigiu esse curso.

Já com os seus 84 anos foi reduzindo sua peregrinação particular pelo país, mas continua seus ensinamentos em cursos de extensão em Goiânia e como professor de Psicopatologia Fenomenológica no Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT), do qual sou cofundadora e diretora acadêmica. Está, finalmente, presenteando-nos com o livro: Rorschach em Perspectiva Fenomênico Existencial: Seguro Cajado nas Caminhadas em Psicologia Diagnóstica, com todas as suas riquíssimas experiências e descobertas, presentes em seus registros mnêmicos, que estamos tendo a sorte de ver publicado agora, neste ano de 2023.

A despeito do seu riquíssimo percurso como professor e psicólogo da causa humana e psicossocial, ele repete até a saturação que a coisa mais enriquecedora que teve na vida, foi o encontro com sua esposa, Margarida Petrelli, com a qual compartilha todo o seu trajeto profissional e a própria vida cotidiana ao longo dos últimos 30 anos de um casamento que, mais que bem-sucedido, é descrito por ele como afortunado. Com sua cultura polimórfica, ele informa que o nome Margarida, como uma sincronia junguiana, surgiu na sua vida como uma “Pérola” em pessoa, coincidindo o nome da sua esposa com uma gema ou pedra preciosa. Em latim, Margarida significa Pérola. Como nesta sentença latina: “Non Mittatis Margaritas Vestras Ante Porcos” significa: “não lanceis pérolas aos porcos” (Evangelho S. Mateus, VII). “Não jogue as vossas pérolas aos porcos!”, ressalta o professor e continua com essas palavras: “Essa companheira solidária, fiel e que definitivamente me ajudou na criminologia até com o seu nome, que me inspirou na defesa da feminilidade, ainda mais quando esta feminilidade era vivenciada por uma etnia negra. Margarida, minha esposa, tem etnia negra. Para mim foi uma honra ter me casado com uma negra, pois, como romano, adoro a cultura romana, mas tenho duas grandes decepções com a minha cultura: a primeira, no Império Romano, Roma fez da África seu território, exportando seus oprimidos como escravos e a serviço do militarismo romano; e, a segunda, porque mulheres em Roma não tinham reputação própria. Eram alienadas da sua dignidade, sua reputação não era construída sobre a própria capacidade intelectual. Só eram reputadas como cidadãs, personalidades e pessoas, quando submetidas ao controle de um pater familias, alienadas em um casamento”.

“Hoje eu me coloco declaradamente ao lado da luta contra um machismo antifeminista”. Eis aqui o retrato do homem visceralmente engajado com a liberdade, o respeito à dignidade humana e o compromisso com as questões sociais. Um homem que se tornou, ao mesmo tempo, um dos maiores rorschachistas do Brasil, constando em suas pesquisas com essa técnica com indígenas brasileiros Xavante e Karajá; artistas plásticos; adolescentes; presidiários, pedófilos, psicopatas e internos diagnosticados como esquizofrênicos (índios, brancos e negros).

É, com certeza, um dos maiores rorschachistas do mundo. Finalmente, um livro será editado com o seu nome, repito! Seguramente servirá de modelo para todos os psicólogos clínicos do nosso país, não apenas pela longa e fecunda experiência adquirida pelo autor em suas pesquisas e estudos, mas, principalmente, por ter ousado o pioneirismo de examinar a cultura original dos índios, nossos ancestrais, retirando-a do estereótipo de subcultura para o patamar da igualdade com a cultura ocidental, descrevendo-a como uma alternativa inteligentemente ajustada, criativamente sintonizada às condições objetivas da Natureza. Esta será uma obra que antevejo traduzida para outras línguas, com a probabilidade de se tornar um acontecimento futuro emblemático do pensamento científico humanista, fundado na hermenêutica fenomenológica, nessa postura da pesquisa qualitativa que procura entender e expressar a percepção sobre os eventos que ocorrem na vivência real dos sujeitos envolvidos.

Enfim, além da originalidade da leitura do Rorschach para a população em geral, a obra do Prof. Dr. Rodolfo Petrelli privilegia o leitor com a descoberta, pioneira no mundo, da inusitada “cultura noturna” dos nossos povos originais. Obra bem-vinda! De valor inestimável para a nossa ciência psi e, por extensão, para as demais ciências humanas.

Marisete Malaguth Mendonça

Psicóloga e Rorschachista

Mestra em Psicologia

Cofundadora e diretora acadêmica do Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT)

PREFÁCIO

Dizer de Estrelas Ascendentes é como “chover no molhado”, pois Elas falam por si mesmas!

Assim é falar de Petrelli: escrever sobre essa Estrela da Psicologia goiana é tarefa simples e ao mesmo tempo complexa. Simples porque a vida o fez assim — ainda que com toda erudição que lhe é peculiar... e complexa pelo fato de que não se encontra facilmente adjetivos que descrevam a sua Grandiosidade — tanto como educador e cientista quanto pela condição da incrível performance pessoal que alcançou na plenitude de sua maturidade.

Petrelli é simplesmente uma personalidade soberba no que se reporta à sua inteligência e sensibilidade como um artista da alma. Ele não apenas se constitui num Ícone Sagrado da Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como goza da mais alta reputação profissional junto aos Tribunais de Justiça dos Estados de Goiás e Tocantins. Portanto, tornou-se uma referência acadêmica e a última fronteira científica do Psicodiagnóstico Rorschach na região dos Goyazes.

O que o difere de tantos outros Psicólogos que transitam pelo Teste Projetivo de Personalidade de Rorschach é a sua abordagem interpretativa Humanista em relação aos fenômenos que se apresentam a partir das desestruturadas manchas de tintas do médico psiquiatra suíço Hermann Rorschach.

Nenhum psicólogo clínico ou jurídico, psicodiagnosticador ou psicoterapeuta da nossa região jamais apreendeu com tanta veemência a nosografia da Psique Humana quanto Rodolfo Petrelli, nem jamais ousou traçar com intrepidez avassaladora o mapa mental de projeções da personalidade de um paciente-

examinando na concepção Humanista-Existencial que nos levasse tão próximos da sua realidade de fato.

Petrelli é isto: imersão empática profunda na realidade vivida do outro e extração de suas estruturas mentais para planejamento de intervenções pontuais no contexto da vida do examinando, na tentativa de estancar-lhe a dor e provocar o desencadeamento de ações que o façam realizar o bem para si mesmo e para a sociedade à sua volta, segundo os parâmetros relativos ao senso comum.

Este livro é destinado a psiquiatras alternativos, psicanalistas, psicoterapeutas, filósofos clínicos, psicólogos clínicos, jurídicos e de várias outras especialidades.

Brindemos este presente incrível que Petrelli nos oferece. Comam-no e Bebam-no... pois este livro é fruto do amor e da paixão deste cientista-escritor para nós. É poesia com arremate no curso da dermatidrose do seu autor para que tenhamos caminhos menos obscuros e que profissionalmente sejamos mais, muito mais felizes.

Boa sorte aos leitores!

Benedito Furtado Rêgo

Psicoterapeuta e Rorschachista

Lista de abreviaturas, siglas e significados das codificações no Rorschach, por Petrelli

(A)	Animais mitológicos, do mundo fabuloso e cinematográfico.
A	Percepção de animais inteiros, íntegros.
Aanat	Anatomia de animais.
Ad	Percepção de detalhes e partes de conteúdo animal.
Arq	Construções arquitetônicas (suas partes, torres, pirâmides, cas
Bot/det	Flores e folhas secas e mortas deterioradas e desvitalizadas.
Bot	Botânica (folhas, flores, galhos, troncos de árvores).
clob F±	Respostas com formas não bem estruturadas e significam uma
clob F-	Percepções do claro-escuro sem nenhuma forma, indicando e
clob F ∓ /kobj	Percepções com as determinantes forma e cinestesia de objeto
(c)C	Percepções de esfumado nas pranchas cromáticas.
(c)	Percepções de esfumado, estimuladas pelas variações e com
(c)clob	Percepções de esfumado nas pranchas acromáticas.
(c)clob ctext	Percepções de texturas nas suas variações e combinações de to
(c)ctext	São as percepções de texturas nas suas variações e combinaçõ
(c)ctext Fclob	Percepções de texturas nas suas variações de tonalidades denti

(c)ctext F-clob	Pontos de escuridão dentro das manchas acromáticas. A escuri
C	Respostas mobilizadas pelas cores cromáticas: vermelho, verd
Ckobj	Percepções de objetos em movimento nas pranchas cromáticas
CL	Luminosidade, percepção de luz.
clob	Claro-escuro característico das pranchas acromáticas e são p
Conf	Resposta confabulada, expressiva de combinações absurdas d
Cont	Resposta contaminada, junção de partes de seres diferentes fo
ctext	Percepções de texturas na mancha toda ou em partes tanto nas
D/Dbl	Percepção de grande detalhe no branco intramacular da manch
Dbl/extr	Percepção de partes brancas extramaculares (fora da mancha r
Dbl/intr	Percepção de partes brancas intramaculares (dentro da própria
DG/F \mp	Percepções confabuladas ou contaminadas na construção da u
D	Detalhe grande percebido.
Dd	Percepções de formas em pequeno detalhe da mancha.
D/D	Percepção de dois grandes detalhes na unidade.
D/DG	Percepção de dois grandes detalhes formando uma globalidade
D/G	Percepção de um grande detalhe incluído na globalidade.
Dd/G	Percepção de pequeno detalhe incluído na globalidade.
Do	Detalhe oligofrênico, quando se percebe apenas uma parte es
F+kobj/diab	Cinestesia de objeto, com formas bem-vistas, indicando uma i
F+kobj/simb	Cinestesia de objeto, com formas bem-vistas, indicando uma i
F \pm /kobj	Cinestesia de objeto com formas pouco estruturadas, defeituos
F \mp /kobj	Cinestesia de objeto com formas desestruturadas, indicando u
F+C	Respostas bem estruturadas com a junção das determinantes f
F \pm C	Respostas com forma e cor, porém a forma não é bem estrutur

F \mp C	Percepções desestruturadas com as determinantes forma e cor,
F+clob	Respostas com formas bem-vistas e estruturadas significando
Fen/Nat	Percepções de fenômenos da natureza (tufão, furacões, terrem
Ƴ (G cortado)	Detalhes significativos na globalidade são cortados.
GD/D	Detalhes com detalhes compondo a globalidade.
G/DbI	Percepção de formas na sua globalidade incluindo partes do b
G	Percepção da globalidade na unidade das partes da mancha.
(H)	Humano místico, mítico, sagrado, fabuloso, lendário, cênico, (
(Hmstr)	Percepção do humano como vítima da malevolência.
H/H	Dois humanos juntos fechados nas suas individualidades e sin
H/Hvirt	Interação de dois humanos virtuais.
H	Percepção do humano na sua singularidade, humano holístico,
Hanat	Anatomias internas do corpo humano (coração, estômago, pul
Hd	Percepção de partes/segmentos do humano (cabeça, braço, per
Hdesv	Percepção do humano sem vida, apenas o corpo inanimado.
Hdet	Humano deteriorado, desfigurado, sem vida.
Hdual	Dois humanos na dualidade em uma relação afetiva ética e cor
Hesql	Percepção de esqueletos humanos.
Hfant	Percepção de humanos fantasmagóricos.
Hmstr	Percepção do humano como monstruoso, autor da malevolênc
Hnarcs	Humano percebido na projeção contemplativa de si mesmo, es
Hradiog	Percepções de radiografias humanas.
Kan/simb	Cinestesia animal numa dimensão construtiva e lúdica.
Kan/diab	Cinestesia animal numa dimensão destrutiva.
kobj	Cinestesia de objeto significando a instintualidade em ação.
kobj/F-	Pura cinestesia de objeto, sem nenhuma forma, indicando uma

K	Cinestesia humana indicando poder volitivo atuante em plena
Kan	Cinestesia animal.
Kdiab	Ação e poder malevolente destrutivo (energia diabólica, negat
kp	Significa impotência, indicando a presença de estados depress
Ksimb	Energia vital construtiva e colaborativa, revelando ação benev
Nat	Natureza (terra, florestas, jardins, árvores, água, ar, estrelas, as
Nat/det	Natureza morta, desvitalizada.
Obj	Objetos percebidos (ferramentas, armas, transportes, avião, ca
Obj/sagr	Objetos sagrados (cruz, altar, velas, crucifixo, cálice, estátuas)
TF+	Total de formas bem-vistas e estruturadas nos seus processos c
TF-	Negação explícita, ausência de formas indicando estado de ch
TF±	Total de formas com defeitos estruturais, indicando potenciais
TF ∓	Total de formas malvistas em nível de estágios primário-primá
TR	Total de respostas dadas.
TF	Total de formas percebidas.
Vest	Percepção de vestimentas.

INTRODUÇÃO

Este livro, ao qual dei o título: Rorschach em Perspectiva Fenomênico Existencial - Seguro Cajado nas Caminhadas em Psicologia Diagnóstica, não pretende ser um manual teórico, prático, metodológico do teste, em concorrência com obras que já circulam nas academias universitárias, nos Institutos e Escolas que se constituíram sobre o estudo deste valioso instrumento. Pretende ser apenas um registro, um memorial das minhas experiências e estudos nas áreas da Psicologia Diagnóstica e da Docência em cursos de graduação e pós-graduação, como disciplina específica e, quem sabe, pode vir a ser um interessante material de trabalho aos profissionais que estão mais familiarizados com o teste, seus códigos, critérios de aplicação, classificação e interpretação.

Esta obra trata-se de um itinerário didático e compreensivo do Rorschach baseado na abordagem fenomenológica e existencial, sustentado por anos de uso e experiências nas diversas áreas da Psicologia. É destinada aos psicólogos que utilizam esse teste nos processos avaliativos, interpretativos e comparativos da personalidade e da mente humana e que devem ser considerados nas suas singularidades e criteriosamente comparados e compreendidos nas suas múltiplas diversidades antropológicas, culturais e sociais.

Respeito e admiro as Escolas que consolidaram seus manuais de classificação nos diversos sistemas compreensivos para validação dos seus métodos de aplicação e interpretação. Por um tempo, fui seguidor de uma dessas escolas, mas, aos poucos e sem nenhuma presunção, elaborei o meu próprio sistema, sempre porém, em conexão com a sua fonte originária, o Psicodiagnóstico de Hermann Rorschach, e reitero aqui que me qualifiquei e estudei na respeitada Scuola Romana Rorschach - Istituto Italiano di Studio e Ricerca Rorschach, a qual fui sócio ordinário.

Há um dito latino que sentencia: “Primum vivere, deinde philosophari”, antes de tudo viver, depois fazer Filosofia; o qual para mim significou e significa até hoje: viver, fazer experiência de vida e depois, fielmente, pensar e fazer uma filosofia da vida.

Um profissional, depois de anos de experiência, pesquisa e docência, administradas com seriedade, responsabilidade e honestidade, tem direito de elaborar as suas próprias teorias, os seus métodos e sistemas, não dependendo mais do ipse dixit, repetindo as ideias dos outros, contudo, sempre agradecido aos seus mestres e aos respeitosos e atuais colegas.

Estes escritos foram compilados e formatados a partir das exposições teóricas, sistemicamente progressivas, com inclusão de esquemas apresentados em aulas, conferências temáticas e palestras ministradas por mim, resultados de pesquisas e trabalhos profissionais realizados nos diversos campos da Psicologia, quais sejam: clínica psiquiátrica, terapêutica, educacional, organizacional, jurídica – forense, cível e criminal, área esta à qual foi dada uma atenção especial pela relevância e urgência das suas demandas.

Os meus intentos, neste livro, não são motivados por polêmicas contestadoras em relação às teorias e às práticas atuantes com o consenso e a legitimação dos órgãos oficiais responsáveis e representativos do exercício profissional da Psicologia, mas sim, para promover um diálogo na busca de alternativas e na expansão itinerante do conhecimento.

Amigos e amigas, prezados colegas que estão entrando em contato com este livro, permitam que eu me apresente: o Rorschach foi e é o meu Cajado nas Caminhadas em Psicologia Diagnóstica.

Esta obra, em síntese, ainda não acabada, é fruto de décadas de estudos, de

experiências clínicas como psicoterapeuta, de pesquisas, reflexões e registros próprios de atuação profissional e em supervisões e orientações de teses e dissertações acadêmicas nos seus níveis de mestrado e doutorado e, ainda, da bagagem adquirida na docência universitária elaborando cursos de capacitação e de especialização.

É também fruto de anos de vivência e convivência, com humanos motivados por uma paixão pela humanidade, especialmente com a parcela mais sofrida e abandonada da sociedade, castigadas por um destino impiedoso, punidas, sentenciadas e aprisionadas.

Como costumam dizer: a ciência não é dogmática, como a Teologia. A ciência é essencialmente dialética, cujos dados sempre mantêm uma posição hipotética, provisória e funcional na interpretação da realidade. A Fé exige uma aceitação livre de “Verdades” como dado revelado. Na ciência, a Verdade não se impõe por uma autoridade, busca-se no contínuo do processo das teses, antíteses e sínteses; na Fé, a Verdade se recebe como um dado a priori, não questionável. Na ciência, as teorias que fundamentam os métodos investigativos correm sempre na trajetória das hipóteses e com maior convicção quando se trata das “Ciências do Espírito” em diálogo e metadiálogo com a Ciência do Corpo e da Mente.

A Psicologia Diagnóstica, com o seu instrumento projetivo Rorschach e suas normas técnicas específicas, quando aplicada à compreensão do homem, na complexidade e no mistério da sua existência, deve compartilhar os seus fundamentos teóricos e procedimentos metodológicos também com a Ciência da Natureza e com os princípios epistemológicos e éticos que dirigem as Ciências do Espírito.

CAPÍTULO 1

HOMENAGEM A HERMANN RORSCHACH

Sua obra, o “Psicodiagnóstico”, tem hoje o nome do seu autor: Rorschach. Isso manifesta não apenas um juízo de valor dos seus discípulos e herdeiros, mas a gratidão destes em ter recebido um instrumento rico de potencialidades e que, na mão de profissionais responsáveis, aumenta seu poder investigativo e compreensivo da mente humana.

A morte prematura de Hermann Rorschach fez com que sua obra, incompleta e inacabada, continuasse sendo aperfeiçoada por nós, para que também construíssemos a nossa obra sobre as fundações da obra dele.

O Psicodiagnóstico de Rorschach foi lançado no tempo passado para se tornar presente e atuante, sempre com mais e maior competência. Essa competência acompanha a seriedade científica por nós atualizada como ferramenta eficiente, por um lado, objetiva, e, por outro, interpretada por nossa intuição sensível e expressiva de uma subjetividade fundamentada na dimensão espiritual de nossa Existência.

Eugène Minkowski tinha uma grande amizade com Hermann Rorschach. Françoise Minkowska, esposa de Eugène, assumiu a herança do Rorschach como discípula e como estudiosa. Eugène Minkowski, em *Le Temps Vécu*, deu muita importância, em sua interpretação da Psicopatologia: a duração de uma experiência de vida, lançada no tempo advir. Quando isso acontece, a experiência encontra, descobre e cria significados e valores que lhe dão sentidos na sua durabilidade.

Rorschach, com seus seguidores, está permanecendo no tempo; está presente,

renovando e inovando dialeticamente os sistemas teóricos e metodológicos da Psicologia Diagnóstica, superando limites e abrindo novos horizontes.

Estamos fazendo a história do nosso mestre Hermann Rorschach, dando continuidade à obra desse cientista, que fundou o seu saber no humanismo, exigência a priori das Ciências do Espírito.

CAPÍTULO 2

UMA VISÃO GERAL DO AUTOR

Tive formação em Roma, minha cidade natal, desde o ensino primário (durante e após a Segunda Guerra) até os cursos universitários. Graduei-me em História da Filosofia, Teologia e Psicologia, curso que concluí com o doutorado, anos depois do mestrado.

Ocorrências políticas e ideológicas, imperativas de sistemas autoritários, escolhas e decisões pessoais, em coerência com os meus ideais e valores éticos, enraizaram-me no Brasil, que considero hoje minha segunda e definitiva pátria. “Pátria amada e adorada”, onde aprendi coisas bonitas que a Europa esqueceu, como: aceitar, respeitar, valorizar as diferenças e corrigir a violência com o lúdico. O Brasil, com esses dois componentes básicos de personalidade, consagra o povo brasileiro como cultura, em nível de primeiro mundo, na dimensão ética e não na dimensão tecnológica, industrial e mercadológica.

Eu, cristão católico, batizado na Basílica de São Pedro, berço do cristianismo institucionalizado, confesso ter aprendido a verdadeira fé nos sertões, nas veredas do Brasil. Fé não nasce e não se confirma na opulência, no esplendor e no poder, mas nas crenças autênticas, nos valores do Evangelho, nas “parábolas da montanha”. Os foliões eram os meus sacerdotes dessa fé autêntica e, por isso, foram também os meus mestres que me orientaram na Esperança e no Amor ao povo; povo sofrido pela “tirania da malícia”, resíduo de um colonialismo europeu herdado pelos coronéis saudosos da escravidão, e dos moradores das senzalas, que hoje povoam as favelas: caldeirões de miseráveis e criminosos, antecâmaras dos presídios.

Cheguei ao Brasil já psicólogo e com mestrado em Psicologia, em 1973, e fui aceito como docente na PUC de Porto Alegre. Nessa época, o país ainda se

encontrava em plena ditadura militar: ideologias diferentes eram subversivas; atitudes críticas contrárias às políticas públicas eram consideradas atos revolucionários; e a ciência e suas instituições deviam obediência, no silêncio, ao poder que se autoconstituiu como legítimo e absoluto.

Os psicólogos subservientes ao regime, como coroinhas do vigário, na época elegeram o silêncio omissivo como política autodefensiva. Nenhum psicólogo sofreu torturas, exílio e morte nesse período. A Psicologia da época, e por anos advir, era neutra, não apenas politicamente, mas eticamente enclausurada em uma ciência que privilegiava o condicionamento ao sistema imperante, reduzindo os humanos aos seus ratinhos de laboratório.

Na minha formação acadêmica em Psicologia, na Pontifícia Universidade Salesiana em Roma, assimilei a ideologia de Viktor Frankl, neurologista, psicólogo autodidata, hebreu relegado em campo de concentração nazista, do qual saiu vitorioso, nos ensinando a significar a existência, quando ameaçada pelo diabólico.

Viktor Frankl me ensinou a não ficar nas calçadas como espectador de uma procissão de condenados às fornalhas, que perambulavam acorrentados, desnudados, curvos em lágrimas nas avenidas da cidade de Viena. Aprendi a ser “psicólogo de rua” nos bívios, trívios, quadrívios, nas esquinas para onde os “filhos de Caim” fogem de alguém, de todos, buscando “algo” em um mundo utópico e paradoxal.

Nessas caminhadas nos campos da Psicologia, o Psicodiagnóstico de Hermann Rorschach me acompanhou nas prisões, nas casas sem lar, sem focolare e na escuridão das noites e em pleno dia. Fui iniciado no Rorschach por grandes mestres da Psicodiagnóstica Comparativa, já no início do curso de Psicologia, em meados de 1968. Os nomes desses mestres não estão se apagando, e as imagens na memória são vivas: Gutierrez, Teixeira, Ronco e Franta.

Repito, fui adepto da Escola Romana de Rorschach, em 1988, idealizada por Carlo Rizzo já em 1938, atualmente dirigida por incansáveis estudiosos e pesquisadores como Patrizia Pes e Salvatore Parisi, todos eles com intensa produção científica e incontestáveis competências e expertises com o Rorschach, em colaboração com eminentes psiquiatras.

Os meus autores de referência foram muitos e, entre eles, posso destacar: Loosli-Usteri (1985); Françoise Minkowska (1956), esposa de Eugène Minkowski; Franca Clara Giambelluca (2019); Roy Schafer (1981); Edwal Bohm (1969); Jacquemin (franco-brasileiro). Quanto aos autores brasileiros, tive acesso a Aníbal Silveira (1985) e outros. Todos eles têm a minha grande admiração, pois chegaram à competência, com certeza, depois de incansáveis anos de experiências, aplicação e estudos.

A competência no uso e na compreensão do Rorschach não é dada apenas pela adesão ao ipse dixit dos notáveis e dos catedráticos das academias, mas se fundamenta na prática de anos e anos de dedicação, com as próprias mãos, a centenas e centenas de sujeitos nas suas diversidades étnicas, culturais, sociais, de gênero, faixa etária, bem como de religião.

Até hoje aplico o teste quase que diariamente, supervisiono trabalhos científicos em nível de pós-graduação, nos quais o Rorschach é o instrumento investigativo diagnóstico pericial. Na área forense acompanhei perícias, pesquisas em crianças vítimas de violência física, psicológica e moral e em mulheres também vítimas de violência doméstica, social, institucional e até de assédio moral. A síndrome da alienação parental, os crimes de omissão na responsabilidade parental, a separação dos cônjuges e a idoneidade de adultos na adoção de crianças foram, e ainda são, para mim, eventos de grande interesse profissional e diagnóstico.

Na área criminal, a avaliação da responsabilidade de atos e comportamentos

transgressivos de criminosos, na possibilidade da reincidência e em situações jurídicas de progressão de pena, a avaliação de papéis na liderança e de submissão em grupos atuantes intencionalmente no crime representa também, para mim, temáticas e demandas de interesse investigativo e de estudo.

Na área educacional, o uso do Rorschach esclarece, com evidência, as causas do Déficit de Atenção e Hiperatividade quando, por distúrbios neurológicos, por retraimento defensivo frente a situações de violência física e moral em família, e na própria escola ou quando, por desinteresse frente a programas educacionais precários, mentes brilhantes podem decair no tédio, na indisciplina e nas extravagâncias comportamentais, requerendo também avaliações rigorosas e criteriosas.

As experiências mais significativas para mim, no uso do Rorschach, foram quando o escolhi como instrumento de pesquisa em minha tese de doutorado, que tinha como tema a investigação de processos cognitivos em diversas comunidades indígenas do Brasil.

O interesse sobre essas culturas foi em mim despertado nos anos de 1983, 1984 e 1985, com indígenas das tribos Xavante de Pimentel Barbosa e São Marcos, do Mato Grosso. Esses índios iam para a cidade de Goiânia-GO com frequência para visitar seus filhos que estudavam no Colégio São Damião, no bairro Parque Atheneu, e ficavam hospedados na Casa do Índio.

Enquanto isso, eu lutava contra a ideologia e a prática da institucionalização de crianças e adolescentes infratores. Consegui que a Universidade Católica de Goiás, agora PUC-GO, cedesse um espaço para uma experiência inovadora dos programas de reeducação e reinclusão de adolescentes transgressores recolhidos em instituições penais, na época chamadas de Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor (Febem).

Fui indicado, então, como coordenador do Centro de Observação e Orientação Juvenil (COOJ). O Juiz de Direito da época, da Infância e Juventude, doutor Sebastião Ramos Jubé, permitiu transferir um grupo de adolescentes usuários dessa Instituição para esse espaço aberto, não mais controlado pela polícia. Assim, também com a permissão da Universidade Católica, foram transferidos para esse espaço alternativo 12 adolescentes do COOJ – Febem. Esse espaço alternativo ficava ao lado do Colégio São Damião, aonde os indígenas Xavante iam diariamente visitar os seus filhos, enquanto estavam de passagem na cidade de Goiânia.

A Universidade Católica não tinha recursos para construir moradias e, por isso, meus assistentes, estagiários de Psicologia, e eu, juntamente com os adolescentes-usuários, construímos abrigos para morar, mas em barracas de lonas, expostos ao frio da noite e ao calor do dia.

Os indígenas Xavante, que passavam diariamente por esse espaço aberto, tiveram compaixão e, em poucos dias, o Pajé Azahé com um grupo de índios companheiros construíram oito cabanas de palhas, no seu próprio estilo. Por esse motivo o espaço foi chamado de “Aldeia Juvenil”, por muito tempo foi considerado o lócus de referência nas políticas públicas do estado de Goiás, em favor de crianças e adolescentes vítimas de violência.

Os índios, na época, familiarizaram-se com esses espaços e permaneceram nas suas idas e vindas, visitando e fazendo companhia aos usuários e conosco, contando-nos suas histórias e ouvindo as histórias de vida deles.

Para mim, como ocidental, no meu juízo de valor, foi uma revelação: experienciei uma nova cultura, autenticamente humanista, caracterizando e qualificando essas culturas como autênticas e não mais como primitivas, cada uma com o seu proprium e precioso diferencial, não apenas nas coreografias estéticas, nos rituais comemorativos, festivos nas suas tradições, mas como também nas estruturas que ordenam, regulamentam as relações na hierarquia

social e nos clãs que reúnem os núcleos familiares.

Um traço comportamental que me surpreendeu foi a ausência da violência no exercício da autoridade entre pais e filhos, entre maridos e esposas, como também o vínculo quase simbiótico entre mães e filhos, até quando estes chegavam à puberdade.

A convivência com os índios me inspirou, motivou-me a fazer uma pesquisa sobre essas culturas consideradas primitivas, mas cujos valores humanos, não apenas nas relações interpessoais, como também com a natureza, são ainda hoje referência crítica e alternativa para o nosso mundo ocidental científico, constituindo-se como alternativa à nossa cultura na preservação da vida na Natureza, como sobrevivência da humanidade e do planeta Terra.

Aprendi, com eles, nas avaliações das culturas humanas da própria história ocidental, o conceito de Ecologia Humanista ou o inverso, humanismo ecológico: eles vivem a terra, a água, o ar; não usam o fogo para destruir florestas e animais; cultuam a terra e os seus elementos; e a adoram por ser ela uma criação divina. Hoje, eles sentem paixão e dor por um bem que nós ocidentais usurpamos deles: a natureza íntegra e viva, nas suas múltiplas manifestações.

Apliquei o instrumento de Hermann Rorschach a indígenas da tribo denominada Avá-Canoeiro e estes foram unânimes e frequentes nos seus comentários descritivos nas percepções do teste, utilizando as seguintes frases: “Bichinho tal” (e pronunciava o nome) “Hoje não tem mais”; “Os brancos acabaram”; “Tudo acabou”; o termo “acabou” finalizava cada processo perceptivo das formas animais e da natureza, externalizando imensa tristeza.

A percepção do humano, em sintonia e harmonia com a Natureza, é uma

constante em quase todas as aldeias indígenas que visitei. Uma situação engraçada aconteceu em uma aldeia do grupo indígena Uru-Eu-Wau-Wau. Este grupo, considerado ainda mais primitivo, ocupava e ainda ocupa as regiões dos estados de Rondônia e Acre.

Nunca brancos tinham tido contato com eles, talvez apenas alguns garimpeiros. Eu, naquela época (1985), não pude me deslocar de Goiânia até àquelas regiões longínquas, sendo assim, instruí e treinei um querido colega antropólogo, etnólogo e indigenista, Prof. Mário Arruda, a aplicar o teste Rorschach a dez sujeitos dessa tribo, que seria uma importante referência comparativa nos estudos dos processos perceptivos de campo com os índios de outras tribos a serem pesquisados.

Quando retornou à cidade de Goiânia, esse amigo entregou-me, com satisfação, os dez protocolos desses indígenas. Dediquei-me, em seguida, a analisar e compilar os protocolos e os dados dos testes, mas me chamou a atenção o fato de que nove índios não haviam percebido, em nenhuma prancha, a figura humana, sendo esta percebida por apenas um desse grupo.

Questionei o amigo, perguntando-lhe se os indígenas daquela tribo tinham o costume de sequestrar índios de outras tribos ou brancos quando ainda crianças, porque um sujeito da amostra não se enquadrava ao perfil de personalidade do grupo dos outros nove indígenas.

O amigo constrangido contou-me a seguinte história: eles, com companheiros pesquisadores da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), tinham se deslocado do acampamento-base para um posto mais avançado, com donativos para atrair os indígenas Uru-Eu-Wau-Wau e estabelecer os primeiros contatos, mas com a mediação de um índio de outra tribo (Suruí-aiqueuaras), este trabalhava como técnico de enfermagem e como intérprete dos pesquisadores da Funai, tendo conhecimento da língua falada e do idioma da referida tribo.

O grupo se fixou nesse acampamento avançado, permanecendo ali por uma semana. O amigo Mário Arruda, com a ajuda do intérprete e índio da tribo Suruí, aplicou o Rorschach nos indígenas da tribo Uru-Eu-Wau-Wau, fato inédito na história desse teste. De repente, os Uru-Eu-Wau-Wau, por algum motivo, incomodaram-se com a presença dos antropólogos da Funai e começaram a atirar flechas no acampamento. Para se defenderem, os pesquisadores dispararam tiros de espingarda para o alto, para afugentá-los. No retorno ao acampamento maior, o amigo reparou que faltava um protocolo do teste e que havia aplicado apenas em nove índios. Apesar de ser um antropólogo, etnólogo e indigenista, pensou: “índio é índio e não faz diferença” e aplicou o teste que faltava ao indígena Suruí, seu intérprete, na tarefa científica que lhe foi dada por mim. Foi o índio Suruí que percebeu o humano nas pranchas.

Formulei, então, uma sentença, aplaudidíssima no auditório lócus oficial da defesa da minha tese de doutorado na Universidade em Roma: “primitivo não é quem come cru e anda nu nas selvas; é primitivo quem não percebe o humano e não o respeita como alteridade exigente”. Os verdadeiros primitivos frequentam, com arrogância, palácios, academias, fóruns, tribunais e templos.

Os nossos índios não são primitivos, nem crianças, nem esquizofrênicos; são humanos exemplares dotados de uma mente em harmonia e sintonia com a Natureza. Eles, os índios brasileiros, “pensam como a natureza pensa”, disse Gregory Bateson (1986). A mente de nós brancos é dissociada, pensa esquizoidemente (BATESON, 1986), e, por isso, o Planeta sofre pela extinção progressiva da sua Mãe-Terra.

O espaço ecológico contribui na configuração mental: os índios, cujo espaço vital é na beira de grandes rios e o entorno é constituído pelo cerrado, têm uma visão ampla do campo perceptivo experiencial. Os indígenas que vivem em florestas densamente fechadas têm a mente configurada numa abrangência diferencial, visual mínima e limitada nos seus pequenos espaços de vida, porém essa limitação é compensada por uma percepção auditiva e sensitiva aguçada dos

sentidos, sendo estes mais apurados para captar, mesmo a distância, no escuro e no noturno.

Os indígenas florestais, diante do campo perceptivo do Rorschach, quase não percebem a totalidade da mancha nas suas dimensões globais, preferindo “entrar na mancha” como se fosse uma floresta que exige deles uma atenção ao imediatamente próximo, para os pequenos e mínimos detalhes, porque a vida, a sobrevivência, os perigos que os ameaçam estão “onde os pés pisam”, estão “para cima da cabeça”, “do lado esquerdo e do lado direito”, porque o que está longe não é alcançável pelos olhos, mas pelos outros sentidos.

Para eles, a Natureza é viva, sistêmica, megassistêmica, porque congrega misticamente todos os seres vivos, já para nós, brancos, a Natureza é dividida em partes separadas, antagonicamente como objetos de exploração, como restos em extinção contínua e progressiva, sacrificada aos nossos desejos consumistas e mercantilistas.

O “Cajado” Rorschach me acompanhou fielmente em tantas voltas ao mundo dos humanos; mundo este complexo, paradoxal e agitado por múltiplas contradições e misterioso. Tantas muralhas dos meus preconceitos caíram: descobri sabedoria em pessoas simples da roça e atrás dos seus fogões caipira, mas também na desrazão e mentiras dos “aristocratas”; descobri honestidade nos famintos ladrões sentenciados por roubarem maçãs e pães para aliviarem a fome; e a desonestidade nos criminosos engravatados nos seus colarinhos brancos, lotando palácios do público poder; descobri uma profunda Fé em Deus em ateus que assim se declaravam e, finalmente, descobri um materialismo em pregadores do Divino nos templos por eles dessagrados.

CAPÍTULO 3

SOBRE O
PSICODIAGNÓSTICO
RORSCHACH

3.1 ORIGEM DO RORSCHACH

Hermann Rorschach, nascido em Zurique, em 8 de novembro de 1884, hesitou entre a carreira médica e artística, mas, auxiliado pelo biólogo Ernst Haeckel, decidiu pela medicina. Fez o curso de especialização em Psiquiatria na Clínica Burghölzli, dirigida por Eugen Bleuler. Foi um dos fundadores e o primeiro vice-presidente da Sociedade de Psicanálise de Zurique.

O teste Rorschach foi criado por H. Rorschach longe das universidades e laboratórios, em um pequeno hospital psiquiátrico, ele que não estudava Psicologia, não frequentava congressos internacionais e nem conquistara títulos oficiais. Rorschach possuía grandes dons artísticos e um estilo projetivo de pensamento, se interessando pela maneira que pessoas diferentes reagiam a um mesmo quadro.

O uso de borrões de tinta como meio de expressão da criatividade e da imaginação não foi descoberta de Rorschach. Justinus Kerner, médico alemão, usara, em 1857, borrões de tinta para identificar as pessoas pelos tipos de borrões que faziam. Alfred Binet e Théodore Simon, em 1895, relacionaram os borrões com os processos da imaginação criativa.

Szymon Hens, estudante polonês, ao concluir o curso de Medicina, publicou um estudo no qual testara 1.000 crianças e 1.000 adultos usando como estímulo 8 cartões contendo manchas de tintas, para tentar comparar a imaginação quanto aos conteúdos das pessoas normais com pessoas psicóticas, e não encontrou diferenças entre um e outro grupo. Pondo-se a par desse trabalho, Rorschach iniciou por observar que algumas dessas pessoas davam respostas no todo das manchas e outras só nos detalhes. Constatando que as manchas eram somente na cor preta, pensou em como seriam os resultados caso existissem áreas coloridas.

A partir das experiências de Hens, Rorschach passou a apresentar aos pacientes reunidos em um grupo experimental de manchas de tinta inicialmente pretas e mais tarde coloridas. Rorschach colocava a tinta no centro de um papel e, em seguida, dobrava-o ao meio. Daí, Rorschach mostrava aos pacientes aquela mancha produzida perguntando o que viam nela e observou que os pacientes esquizofrênicos tendiam a ver os mesmos conteúdos nas mesmas áreas da mancha.

A grande originalidade de Rorschach foi transformar essa prova de manchas de tinta em teste psicológico. Em 1918, ele elabora as pranchas do teste experimentando-as com os pacientes do Hospital Herisau. Usou em sua pesquisa uma população de 288 doentes mentais e 117 indivíduos normais (enfermeiras, estudantes e crianças). Inicialmente, tratava-se de 15 pranchas, mas os editores do teste exigiram sua redução para 10. Em 1919, Rorschach continua com as aplicações, elabora a sua teoria e publica seu livro em 1921. Nove meses depois da publicação, Rorschach morre. Alguns de seus poucos seguidores continuam com as pesquisas e aplicações e o instrumento só foi se expandir 10 anos depois da morte de seu inventor.

3.2 DADOS QUE O RORSCHACH OFERECE PARA A COMPREENSÃO DA MENTE

Minkowski era colega e amigo de Binswanger, eminentes psiquiatras e psicopatólogos da época. Os dois eram amigos de Sigmund Freud e de Hermann Rorschach. Durante uma visita ao ilustre fundador da Psicanálise – Freud, questionaram-no sobre o seu reducionismo naturalista atribuído à psique humana, sugerindo que se abrisse para uma visão mais transcendente, nas alturas, na qual a consciência pudesse ter acesso a outras forças, outras energias que dessem razão e sentido à existência humana.

Freud, que tinha como costume dispensar teses diferentes das suas, amigavelmente respondeu, mas com certo desprezo: “vocês podem subir no sótão e trabalhar nos últimos andares do edifício humano, eu fico nos porões do inconsciente”.

Freud contribuiu para uma compreensão da psicopatologia como uma das ciências da natureza; Binswanger e Minkowski propuseram uma psicopatologia fundamentada nas ciências do Espírito sem, contudo, desconsiderar a importância dos mecanismos dos instintos e impulsos vitais do organismo humano nas suas dimensões biopsíquicas.

Eis a questão: a Psicologia é pura ciência da natureza ou a Psicologia é ciência do Espírito? Não há como não admitir que a Psicologia seja apenas ciência da natureza, mas é também com evidências: ciência do Espírito.

Vale o dito latino: mens sana in corpore sano, onde e quando a mente é variável

dependente do corpo, posto como um a priori, como variável independente. Vale também o inverso: corpus sanum in mente sana, o que põe a mente como variável independente; mas para que isso aconteça: é preciso orar, orandum est, filósofo Juvenal.

Quais os dados que o Psicodiagnóstico do teste de Hermann Rorschach nos oferece? De uma mente como puro mecanismo de um corpo vivente nas suas modalidades e níveis cognitivos, afetivos, conativos, ou de uma mente como puro dinamismo do Espírito quando, juntos e solidários, mente-corpo, enfrentam os dilemas, os dramas de um ser lançado ao existir em um tempo dado como devir e como advir, do aqui e agora, e no futuro; em um mundo dado como obra alheia a ser aceita e a ser construída como única do próprio ser em um mundo, a partilhar com os outros seres próximos, distantes, amigos e inimigos?

Os dados colhidos no Rorschach não apenas revelam e interpretam quantitativamente, mas possibilitam avaliar qualitativamente estruturas e dinâmicas do caráter e da personalidade; revelam, também, temas da existência e os seus recorrentes modos de vida, *modus vivendi*. Os dados não mensuram apenas funções psíquicas e dinâmicas da personalidade, expressivas de uma genética, de um temperamento e de uma formação caracterial, também colhem e avaliam valores da pessoa, na dialética e no diálogo da não autenticidade e da autenticidade, do diabólico e do simbólico, que são expressões de uma dimensão do Espírito, componente ontológico do humano, ser existente.

As pranchas do Rorschach se oferecem como uma tela, na qual se projetam por meio dos fenômenos e processos perceptivos, temas, teses existenciais: amor e ódio, Esperança e desespero e isolamento, convivência amorosa com os outros, convivência narcísica, oportunista, mercantilista, sadomasoquista; convivência solidária construtiva no respeito e aceitação da alteridade e na intimidade de uma dualidade.

Os psiquiatras Binswanger (1970), Minkowski (1961), psicopatólogos e

existencialistas em sintonia profunda com a filosofia de Husserl (1959), e Heidegger (1953) constituíram a Presença como categoria a priori da Existência. A Presença é uma categoria de base da Existência, cujas subcategorias são: Consciência, Intencionalidade e Responsabilidade. Existe quem é presente, e é presente quem é consciente e intencionalmente responsável, sendo esses os traços básicos da personalidade humana na sua plena maturidade.

A Presença atuante no campo é dada pelas percepções em G, D, Dd no F+, indicando totalidade do campo como espaço vivido, delimitando partes em si significativas, quando se combinam com outras partes, articulando, sintonizando, ampliando significados dos seres existentes e das coisas do mundo. Seres grandes, pequenos, muito pequenos, quase imperceptíveis, seres que vêm do nada e indicados com Dbl, que codifica a Presença, tornando-a presente pelo poder de criar.

A Consciência dá qualidade intelectual e operante à Presença, quando garantida por uma forma bem-vista (F+) enriquecida com uma sigla K, indicativa de uma cinestesia.

A Intencionalidade Consciente e Responsável, como categorias da Presença, é dada nos processos perceptivos pelas determinantes cinestésicas K e, secundariamente, pelas determinantes das cores cromáticas e acromáticas: C e clob. Intencionalidade, categoria fenomênico-existencial da Presença, psicologicamente e comportamentalmente exprime volição, determinação por uma ação planejada livre; exprime um se dirigir no centro, no profundo das coisas mobilizado tanto por um desejo construtivo de valores, quanto por um perverso desejo destrutivo deles.

Há uma Intencionalidade explícita, direta e operante que se codifica em K. Quando construtiva em Ksimb: cinestesia simbólica; quando destrutiva em Kdiab: cinestesia diabólica.

Uma Presença eticamente operante é dada pela seguinte codificação: Hdual Ksimb DG F+, equivalente ao existêntivo comportamental: “Duas mulheres cuidando de uma criança”, resposta dada na prancha III por uma jovem mulher criada com amor pela mãe.

Os dados do Rorschach devidamente interpretados quali e quantitativamente nos dão informações sobre a consistência dessa Presença, quando autêntica nas suas dimensões psicológicas e éticas; quando decadentes por defeitos estruturais, limites culturais, primitivismo ético ou por uma intencionalidade perversa diabólica, destrutiva da natureza vivente e de vínculos nas relações com os outros.

Minkowski, na construção de uma psicopatologia em perspectiva do Tempo a ser vivido, oferece-nos as seguintes categorias: Espera, Desejo, Esperança, Ação, Ação Ética — esta última e grande categoria do Tempo Vivido e que, quando realizada, enaltece o homem à sua originalidade e última dimensão, como fenômeno do “Absoluto Divino Essente”.

A Prece, como a última e sublime categoria de Minkowski (1961) em relação os antecedentes, confirma a Ação Ética no enfrentamento dos obstáculos, dos limites nas suas contradições, paradoxais da própria Existência, resistindo e debelando o diabólico destrutivo.

A Prece torna operante a Intencionalidade como direcionamento da inteligência à essência das coisas e, no seu último momento, como direcionamento ao significado último da existência no seu misterioso Dasein.

A Presença, categoria última da Existência, resgata a sua Autenticidade no

momento da Prece. É autenticamente Presente quem, na dimensão da Prece, qualifica sua existência no dia a dia, na Espera, para entrar em cena como Protagonista em um assertivo momento da história, para realizar na Ação Ética, os Desejos de sua originária e única subjetividade, na sua exclusiva, incomparável singularidade, sem perder a Esperança que esse plano se cumprirá como história na individualidade, no diálogo dialético com a história universal da humanidade. Esses dados Existenciais se revelam e se realizam concretamente nos existentes individuais, estruturando psiquismos e comportamentos das pessoas.

É possível colher essas dimensões da existência por meio dos fenômenos perceptivos de formas como projeções das próprias experiências?

A Psicanálise recolhe nos dados diagnósticos muitas informações que interessam ao seu sistema teórico. As teorias cognitivo-comportamentais fazem inferências pela análise do comportamento verbal, pela análise dos nomes, para a compreensão e avaliação de traços da personalidade. A Gestalt-terapia instrumentaliza os dados Rorschach para direcionar a relação terapeuta-paciente, fornecendo-lhe itinerários úteis para o processo psicoterapêutico. A Psiquiatria e a Neurologia confirmaram e marcaram presença no estudo de doenças mentais, tais como a esquizofrenia, a bipolaridade maníaco-depressiva, a demência e as suas matrizes e configurações evolutivo-culturais e a própria epilepsia nas suas variações estruturais, também nos dados perceptivos do diagnóstico Rorschach.

Porém, pouca importância foi dada a uma visão fenomênico-existencial da própria Psicologia, quando poderia enfatizar, privilegiar nos dados do teste a dimensão Transcendente como ciência do Espírito. Os dramas da humanidade e da história de vida interior de cada pessoa não se resolvem apenas mensurando e classificando níveis e formas de inteligência, nas suas conotações de processos conativos, se impulsivos ou volitivos, ou retidos na impotência por déficit mental.

A mente é uma ferramenta noética do Espírito quando, porém, qualifica-se existencialmente na dimensão ética; contudo, se essa mente está intencionalmente direcionada com plena consciência nessa dimensão destrutiva diabólica destrói o universo desses valores. Os dados quanti-qualitativos do teste Rorschach colhem nos seus significados e símbolos essas alternativas noéticas.

Está claro um significado de valor de tudo que promove a vida e a conserva nas suas múltiplas regiões e níveis de qualidade ontológica: a natureza, a vida animal, a vida humana, a sua cultura, sua história na evolução psíquica e Espiritual.

O Rorschach não apenas avalia funções psíquicas, mas também valores éticos, entre os mais importantes: a Intencionalidade de se relacionar com o outro na aceitação das suas diferenças, no respeito do seu espaço privado, no campo psicológico e social, na valoração das diferenças, no investimento cooperativo e corporativo, construtivo e produtivo na relação com o outro, no amor “filia”, fundamentado em uma solidariedade ontológica, entre seres da mesma espécie, humano com humano, transcendendo raças, etnias, religiões, ideologias, status e condições sociais das diferentes pessoas que entram e são sujeito-objetos da relação.

Como colher e codificar essas dimensões éticas nos fenômenos perceptivos-projetivos e temáticos, analisando e avaliando para uma compreensão psicológica mais ampla, abrangente e mais profunda na experiência interior e não apenas no comportamento exterior que se manifesta nos nomes dados às formas e no discurso que a imaginação simbólica alimenta? Como codificar, reduzindo em siglas, essas dimensões experienciais?

A experiência humana é intensa, densa, complexa, superando a objetividade dos sentidos; é, em determinados eventos, maior potencial expressivo lógico, confundindo até o raciocínio da própria razão positiva.

O indizível e o inefável fazem parte do experienciar humano e, por isso, os símbolos, os gritos, os sussurros, os gestos e os delírios que se codificam nos detalhes oligofrênicos, nas contaminadas e nas confabuladas nem sempre exprimem demências e amências, mas são expressivas de uma metalógica, formas comunicativas, mais objetivas de uma subjetividade que penetra não apenas na complexidade, mas no mistério retido nas profundezas da alma, constituindo-se superficialmente como inconsciente.

Se um aparente ou inquestionável delírio se configura por uma percepção e constituição contaminada, rompendo as regras e as leis do espaço e do tempo, ele, contudo, pode ser expressivo no seu mistério de uma experiência verdadeira da mente e da alma humana, lançada aos seus limites para enfrentar os paradoxos da Existência.

Os delírios nas suas aparentes e formais demências (CID e DSM) podem falar verdades, quando de outro lado uma indiscutível e competente argumentação lógica pode amparar, dissimulando uma mentira.

Por isso, na compreensão dos dados do Rorschach, rigor lógico e intuição sensível, objetividade e subjetividade, devem se combinar, articulando-se e se integrando em um juízo maior.

3.3 O QUE O RORSCHACH AVALIA

Embora seja um instrumento projetivo bastante fortalecido pelo sistema quantitativo, na apuração dos dados e avaliação da personalidade, o teste permite ao examinador considerar os elementos psicodinâmicos da pessoa de forma bem mais abrangente, interativa e global. O Rorschach permite, assim, avaliar a personalidade considerando as variáveis quantitativas e qualitativas, não se detendo apenas aos dados restritos e absolutos dos números.

Sendo assim, o Rorschach é capaz de fornecer subsídios para avaliar a estrutura da personalidade do indivíduo e o funcionamento de seus psicodinamismos. Assim, pode-se avaliar: traços de personalidade, funcionamento das condições mentais intelectuais a nível de consciência, como também a ansiedade básica e situacional, depressão, condições afetivas e emocionais no controle geral pela capacidade de suportar frustrações e conflitos, adaptação ao trabalho e ao ajustamento integrativo nos seus diversos meios, como: impulsos, instintos, reações emocionais, nível de aspiração, entre outros. Além disso, é um instrumento capaz de auxiliar o examinador no diagnóstico de pacientes com possíveis problemas de base neurológica e perturbações nos desvios da conduta.

O instrumento Rorschach é um válido método investigativo e avaliativo do comportamento humano em múltiplas áreas:

Diagnóstico geral da personalidade nos seus níveis mentais, afetivos e motivacionais;

Atestar sanidade mental;

Individualizar escolhas profissionais autênticas ou impostas;

Avaliar a capacidade de aquisição e porte de arma;

Realizar perícia forense;

Estabelecer diretrizes da psicoterapia;

Avaliar o resultado da psicoterapia;

Fazer seleção de pessoal;

Realizar pesquisas.

O Psicodiagnóstico de Hermann Rorschach é um teste perceptivo projetivo de traços da personalidade que se fundamenta sobre a natureza e os potenciais explorativos dos processos perceptivos, momentos da experiência quando o Eu não apenas colhe a realidade externa dos objetos do mundo, mas a constrói e a interpreta de acordo com a sua realidade interior, com a sua história de vida.

Por meio da análise dos dados perceptivos projetivos, é possível mensurar e avaliar com alta fidedignidade estruturas, dinâmicas e temáticas da personalidade do sujeito; e, para um “bom entender”, é possível penetrar no mundo dos valores que dão à Existência significado ético.

A materialidade do teste é dada por dez cartões ou pranchas representando, como estímulos, figuras informais a serem em seguida, como respostas, interpretadas com formas definidas do mundo comum, por livre inspiração nos processos projetivos do próprio sujeito.

Essas manchas de tintas, casualmente obtidas, mobilizaram experiências arquetípicas da própria humanidade e como, no processo projetivo, elas se enraizaram na vida de cada indivíduo.

O Rorschach, nos seus dados diagnósticos, pronuncia-se sobre níveis e na organização dos processos cognitivos, esclarece a natureza da afetividade da vida instintual e do controle dos impulsos dos mesmos pela consistência “conativa – volitiva”; evidencia os efeitos da angústia primária na formação das configurações psicopatológicas e nos transtornos do caráter; mas também evidencia potenciais da mente criativa, energias psíquicas da personalidade orientadas para a ação ética construtiva de vínculos.

O uso competente desse instrumento exige por parte do psicólogo consistentes e atualizados conhecimentos nas áreas da Psicologia Geral, Evolutiva, Diferencial, Comparativa e da Psicopatologia, não dispensando a estatística, quando os dados devem ser também quantitativamente processados.

O Psicodiagnóstico Rorschach encontra a sua aplicação nas áreas: clínica psiquiátrica, clínica terapêutica, organizacional, seleção de pessoal, pesquisas antropológico-étnicas e, com muito sucesso, na área jurídica (criminal/penal e

cível), realizando trabalhos periciais de grande relevância nas tomadas de decisões e sentenças judiciais.

Nenhuma outra prova de testing oferece melhores garantias do que o Rorschach no campo pericial penal e cível, desvelando quase como em uma “tomografia psíquica” elementos de compreensão diagnóstica, prognóstica e preditiva dos sujeitos em exame.

Na área criminal e penal, o instrumento Rorschach possibilita avaliar os seguintes aspectos:

Oferece índices e dados que diagnosticam a simulação de doenças mentais;

Evidencia elementos que comprovam processos de desestruturação da personalidade, especialmente quando assumem formas atípicas ou mascaradas de difícil individuação pela observação direta e por outros testes;

Avalia, minuciosamente, níveis e modalidades da agressividade, quando ela é benigna, quando maligna e orientada na auto ou heteropunitividade;

Faz predições de tendências autolesivas da personalidade ou lesivas da incolumidade alheia;

Evidencia projetos de vida e hábitos orientados à destrutividade das relações sociais, interpessoais e à violação da vida no meio ambiente;

Acerta a profundidade e a extensão dos efeitos da violência sobre as vítimas, crianças, adolescentes e mulheres, especialmente, quando elas são vítimas de abuso sexual e violência doméstica;

Delineia em detalhes estruturais, dinâmicos e temáticos, o perfil de personalidade do detento, para fins de classificação em medidas psicosocioeducativas, para uma reabilitação efetiva recorrendo a medidas de progressão da pena, penas alternativas em liberdade ou em regime semiaberto;

Determina, pericialmente, quando o réu sentenciado é portador de doenças mentais que excluem por incompatibilidade a legitimidade de reclusão no regime prisional;

Diferencia, na perícia psicológica, as provas testemunhais, entre a relação objetiva dos fatos, ou uma elaboração confabulada deles e uma construção dos fatos para aproveitamento próprio;

Aprofunda, na área cível, quando a interdição e a inabilitação se justificam sobre uma deterioração mental ou por um enfraquecimento da capacidade crítica de juízo e perda de equilíbrio nos atos de decisão;

Analisa, em caso de interrupção do vínculo parental, para quem dos pais fica a guarda do filho e quem perde o poder familiar e, se for o caso dos dois perderem, qual a providência de tutela é mais cabível a favor da criança e/ou do adolescente;

Na dúvida da exigência da guarda por parte de um genitor, em desfavor do outro, ao qual quer se vetar os direitos às visitas, possibilita investigar se o quadro e as dinâmicas refletem a síndrome de alienação parental, que avalia a dimensão dos riscos que corre a criança e/ou o adolescente no presente, em médio e a longo prazo, já que a situação da alienação psicosociogenética pode desencadear gravíssimos transtornos de personalidade;

Em uma perícia sistêmica dos componentes de uma família que envolve a integridade de crianças e/ou adolescentes, vítimas de violência psicológica, determina, pericialmente, quais atores entre os familiares e com quais mecanismos e comportamentos se produzem os altos níveis de angústia, de insegurança, de retraimento autístico ou de agressividade;

Nos casos de disputa de guarda, interdição dos pedidos de visitas, como também nos casos de adoção por parte de um casal pretendente, apura a importante e fundamental variável da personalidade, denominada dualidade que analisa, mensura, avalia e compara estruturas, dinâmicas e temáticas dos sujeitos em avaliação, em relação à experiência e ao exercício da relação Ego-Alter Ego, Eu e Tu.

O Rorschach é o instrumento diagnóstico mais “preparado” e adequado para que, em tempo útil, produza-se um perfil e uma previsão assertiva sobre estas variáveis.

3.4 O INSTRUMENTO RORSCHACH NA PESQUISA

A compreensão do Psicodiagnóstico Rorschach é garantida e ampliada pela pesquisa que o próprio instrumento permite que seja feita. Podemos afirmar, sem dúvida alguma, que muitos eventos e comportamentos que interessam à ciência da Psicologia ficam mais bem esclarecidos quando investigados pelo Psicodiagnóstico Rorschach.

Na área da Psicologia Comparativa, por exemplo, o campo para pesquisas aplicadas é ad litteram, imenso, maximamente abrangente de fatores e variáveis operantes e passíveis de hipóteses e correlações.

Podem ser feitas pesquisas comparativas longitudinais aplicadas a um único sujeito solicitado por diferentes operantes psíquicos e físicos internos e/ou externos para observar e registrar mudanças comportamentais em um determinado prazo de tempo. É possível realizar pesquisas comparativas “intra” com sujeitos de um mesmo grupo para avaliar diferenças individuais; ou pesquisas entre grupos pertencentes a culturas diferentes, etnias diferentes, para estudar variações de estruturas de personalidade tanto na região da normalidade, quanto fenômenos patológicos.

Pela sua própria natureza de ser um instrumento free-culture, o Psicodiagnóstico Rorschach aplica-se sem dificuldades a sujeitos não escolarizados, desde que saibam ver, perceber e sinalizar verbalmente ou gestualmente os perceptos; aplica-se, então, a crianças, anciãos, doentes mentais e sujeitos acometidos por quadros psicóticos.

O único obstáculo é dado pela decisão de não se submeter ao teste e de invalidá-lo explicitamente parodiando as interpretações. Apliquei o Rorschach a numerosos indivíduos de várias tribos indígenas, incluindo uma tribo considerada muito primitiva, Uru-Eu-Wau-Wau, e não apenas foi possível a administração do teste, mas me surpreendeu frente ao poder de estímulo reativo evocativo que as manchas de tinta provocam nos sujeitos, ao ponto de vários produzirem mais de 15-20 respostas por prancha, evento raríssimo em nossa cultura.

Seguem, a título demonstrativo, temáticas de pesquisas, algumas já efetuadas, outras ainda possíveis, desde que já não tenham sido feitas por algum estudioso ou por algum Instituto ou Escola Rorschach nos vários países europeus e americanos.

A primeira pesquisa apresentada refere-se a minha tese de doutorado defendida na Pontifícia Universidade Salesiana de Roma, em 3 de novembro de 1989, eis o título: “Studio comparato di strutture mentali di indios del Centro Ovest Brasiliano Colte attraverso lo psicodiagnostico di Rorschach”.

A finalidade da presente pesquisa era de verificar em prol ou contra uma clássica tese de Lévy-Bruhl (1947) sobre uma redução a um homogêneo psíquico primário da mente do selvagem, psicótico esquizofrênico e da criança. Foram submetidos ao teste 246 índios de várias tribos, entre as quais Xavante, Karajá, Krahô e os Uru-Eu-Wau-Wau.

Os grupos de controle necessários para as operações estatísticas foram, de fato, grupos de crianças brancas, normais e esquizofrênicos do Hospital Adauto Botelho de Goiânia-GO.

Na conclusão, foi rejeitada a tese de Lévy-Bruhl, pois foram registrados três

eidos psíquicos radicalmente diferentes entre as três categorias de personalidade em estudo comparativo, além de terem sido descobertos fatores caracterizando as diferentes tribos indígenas, confirmando-se a validade do teste como instrumento operativo para análises diferenciais dentro de uma área específica da ciência da Psicologia: a Etnopsicologia.

Outra pesquisa iniciada e em fase de conclusão foi realizada por uma interessante categoria de personalidade, os considerados artistas, pois estes, hipoteticamente, deveriam operar com processos psíquicos superiores, chamados por Arieti (1969) de processos terciários que atuam com procedimentos integrativos em todas as dimensões da experiência. De fato, os artistas que concretizam fenomenologicamente as personalidades criativas usam dessas operações originais, mas não com frequência elevada como se pensava a priori; eles precisam de uma região intermediária bastante ampla constituída de processos psíquicos indefinidos que S. Arieti (1969) define com a expressão de processos primários e que se observa serem de natureza não patológica, mas, sim, lúdica, como os produzidos pelas crianças em estágios do pensamento concreto.

Descobri que, junto com elaborações do processo terciário que não alcançaram 10% sobre o número total das respostas, acompanhavam depois elaborações mentais do processo secundário, como D F+ Ad/Ban, que garantiam uma boa percepção da realidade e o maior contingente de respostas era do tipo primário, elaborações *sui generis*, quase esboços de obras de arte ou obras de arte não acabadas. Defini essas construções de processo primário-primário, para diferenciá-las das elaborações primárias do processo psicopatológico que é de natureza regressiva, deteriorada e traumática. Serão, ainda, estudos específicos na prática clínica aplicados às pesquisas antropológicas que garantirão um diagnóstico correto, evitando equívocos diagnósticos entre primitividade mental patológica ou apenas uma criatividade, pois a mente indígena se funde com a mente da Natureza vivente.

Uma terceira pesquisa apresentada ao CNPq por uma bolsista de iniciação

científica da Universidade Católica de Goiás concerne à natureza da mente mediúnica e em particular se os fenômenos de dupla, tripla personalidade ocorrem nos médiuns incorporados, da mesma forma como se configuram em personalidades esquizofrênicas.

Na área hospitalar, uma possível pesquisa poderia verificar o efeito da intervenção psicoterapêutica no processo de cura, construindo, para tanto, dois grupos, sendo que o primeiro seria o grupo de estudo no qual se administraria a psicoterapia e o segundo desenvolveria a função de grupo-controle para a análise das diferenças sem a variável psicoterapia.

Em Psicopedagogia, por exemplo, poderia ser útil observar e medir as consequências da condição adotiva do filho, no caso criança, e o desenvolvimento de sua personalidade e, em caso de filho adotivo adolescente, a afirmação da sua personalidade, de modo a estabelecer estratégias pedagógicas mais adequadas. Seria preciso, portanto, organizar dois grupos, observando todas as exigências dos delineamentos científicos da pesquisa, no caso, ao grupo acometido pelo fenômeno em estudo, a condição de adoção lhe seria associado ao grupo de controle escolhido tecnicamente entre grupos de crianças livres da condição de adoção.

Os procedimentos de pesquisa são simples, sujeitos diferentes são comparados frente à variação de indicadores escolhidos entre aqueles que mais representam o fenômeno em estudo, por exemplo, a criatividade, a capacidade de liderança no grupo, e em psicopatologia, indicadores de processos psicóticos.

CAPÍTULO 4

SIGNIFICADO ARQUETÍPICO DAS PRANCHAS

As manchas de tinta são como matéria reevocadora de memórias arquetípicas da humanidade e da história de vida de cada indivíduo na sua singularidade. Foram na origem efeitos de manipulações casuais, com pequenos retoques, para obter figuras simétricas sobre folhas brancas, com fusões ora intensas, ora leves que produziram os esfumaçados, formas menores dentro de formas maiores, em partes e no todo da mancha.

O poder evocativo das manchas é um fenômeno antigo e comum, quase universal. Quem nunca interpretou formas percebidas nas nuvens, nas manchas de umidade que se formam nas paredes? Lembro-me até hoje da minha saudosa sogra Adélia Maria delinear com lápis as manchas de umidade nas paredes dentro e fora da sua casa. As velhas paredes explodiam de flores, árvores, animais parecendo vivos, correndo, brincando, todas expressivas de um amor à vida nas suas diversas manifestações. Leonardo da Vinci brincava com isso, e muitos artistas pintores inspiravam as suas obras nas manchas casuais dadas pela natureza.

O interessante dessa matéria cromático-acromática é a apresentação e a representação de formas passíveis de diversas interpretações, efeito de um poder projetivo e criativo da mente humana e expressiva de experiências depositadas na memória filogenética como herança remota e próxima e na memória do sujeito desde o início do seu existir como embrião, feto no útero e criança no peito, no colo da mãe, nos braços do pai, na convivência com os irmãos, na apresentação ao mundo comum nas ruas, colégios, praças e primeiras organizações sociais.

A matéria arquetípica mobiliza não apenas a memória, mas o sentir profundo da

experiência “existente” e o universo existencial que significa, ressignifica o estar no mundo, no seu contínuo temporal. Aconselha-se a leitura da obra de McCully (1980), Rorschach: teoria e simbolismo, uma abordagem junguiana, que tem como tema uma compreensão junguiana dos arquétipos significados pelas formas e pelos componentes cromáticos das manchas.

Anos de experiências, de estudos comparativos entre gêneros, faixas etárias, status sociais, diferenças culturais contribuíram para formular e apresentar a visão do autor sobre o significado arquetípico das dez pranchas.

4.1 PRANCHAI



Pelo fato de ser a primeira a ser oferecida para a tarefa interpretativa, a prancha I mobiliza um conjunto de impulsos, emoções, sentimentos, mecanismos de defesa e estratégias mentais expressivas que se concentram ao redor da ansiedade.

Ao ser solicitado a interpretar a primeira prancha, o sujeito sente-se ameaçado na sua segurança psicológico-social, nas demandas judiciais o examinado pode se sentir até mesmo coagido. É um despertar, mesmo que inconsciente, de uma arcana finitude do ser humano, quando por decreto, é “jogado” a apresentar a sua existência no tempo e no mundo, dada ao juízo do outro.

O mundo não é hospitaleiro, não aceita incondicionalmente por pura graça, a quem nele entra e cobra severamente perfeição física, competência, conformismo moral e produtividade. “Serei aceito ou rejeitado?”: essa condição de extremo desamparo motiva uma busca incessante de tutela e de afiliação, oferecendo em troca qualquer prestação de serviço, às vezes, até contra a própria consciência.

Realizar tarefas, dispondo de informações e instruções prévias e concomitantes, ainda é suportável; realizar tarefas, ao escuro de instruções que garantiriam um bom desempenho, gera uma ansiedade intolerável: é exatamente esse tipo de ansiedade que é gerada ao apresentar a primeira prancha do Rorschach.

A ansiedade gerada pelo risco percebido frente à existência como possibilidade real de não existir, pela perda da própria vida, dos direitos fundamentais e dos privilégios sociais, torna-se uma experiência primordial, arcana, constitutiva de estruturas da psique humana. A meu ver, essa experiência é ainda mais primária da ansiedade que o evento do nascer.

Sujeitos ansiosos reagem tipicamente e de várias formas, desde demorando significativamente no tempo de latência, até rejeitando a tarefa — regressão aos processos primário-patológicos.

Não apenas sujeitos acometidos pela síndrome da tutela se atrapalham nas interpretações dessa prancha; sujeitos manipuladores também, na tentativa de simular ou dissimular traços repreensíveis da personalidade, ou fatos transgressivos e criminosos da conduta, tais sujeitos se descobrem com operações e interpretações impróprias: tensão, nervosismo, excentricidades incompatíveis etc.

Para muitos estudiosos do Rorschach, a primeira prancha é o “significante materno”. De fato, no seu centro, aparece uma figura de mulher com braços levantados em atitude de oração, implorante. Uma resposta global, de boa forma e com conteúdo animal (G F+ A ou D F+ H Ksimb), é indicativa de um controle, pelo menos cognitivo-racional satisfatório sobre a situação da ansiedade, ou seja, apesar da ameaça percebida, é possível um processamento das operações mentais. Além disso, é desejável um tempo de latência quase que imediato, quatro ou cinco segundos; um prolongamento desse tempo anuncia um estado de choque, com dificuldades de ação.

O controle da ansiedade, porém, é melhor e mais solidamente garantido, quando a percepção de formas se registra em um DG F+ Ksimb H, no qual DG (percepção combinada em grandes detalhes) é expressiva de uma inteligência capaz de se articular, organizando relações dotadas de senso, esteticamente apresentadas e operando diferentes objetos de experiência e no qual Ksimb H (grande cinestesia projetada em humano) indica um domínio ativo, criativo e energético da mente sobre o campo perceptivo e sobre as solicitações do entorno físico, afetivo e social.

A falta de GF+ ou DG F+, mas compensada por várias DF+, em estruturas do tipo D F+ A e D F+ H, representa operações de controle parcial sobre segmentos

e momentos ansiógenos. Parcial devido à carência de uma visão de conjunto abrangente, dos fatores desencadeadores da ansiedade.

Configurações como modelo do controle da ansiedade nessa prancha I poderiam ser exemplificadas com os seguintes exemplos:

G F+ A/Ban → “Morcego” ou “Borboleta” ou “Besouro”;

DG F+ Ksimb H/A dual Kan/Mist (místico) → “Uma mulher implorante, assistida por dois leões sagrados”;

D F+ A/A → “Dois cachorros”.

As respostas com o conteúdo “máscara” revelam preocupações com a necessidade de esconder, simular-dissimular, mesmo quando com boa forma e as respostas elaboradas apenas sobre o fundo branco intramacular (Dbl) podem ser em F+, contudo na percepção nessa prancha nunca devem eliminar a globalidade (G) da figura.

Já um enfrentamento deficiente da prancha I pode ser dado nas seguintes situações:

Rejeição da prancha. A rejeição é sempre um evento com reservas diagnósticas, fazendo-se necessário avaliações específicas e contextuais na situação do teste.

Tempo de latência (TL). Quando o tempo para o indivíduo evocar a primeira resposta é considerado excessivo, comparado com a média, é um indicador de tensões e defesas. Por exemplo, se o tempo médio de latência é 5 segundos, um TL de 15 segundos já é significativo. Portanto, assumimos como regra um tempo de latência três vezes o valor médio como sendo um fator indicativo de dificuldades.

GF \mp e DF \mp (resposta global ou de detalhe com forma malvista): são estruturas indicativas de uma perda do controle cognitivo frente à tarefa interpretativa, fazendo-se necessária uma avaliação contextual para verificar se as respostas F \mp são sintomáticas de uma deficiência mental primária ou de uma queda apenas transitória e consequente da ansiedade no enfrentamento interpretativo do significado arquetípico da prancha.

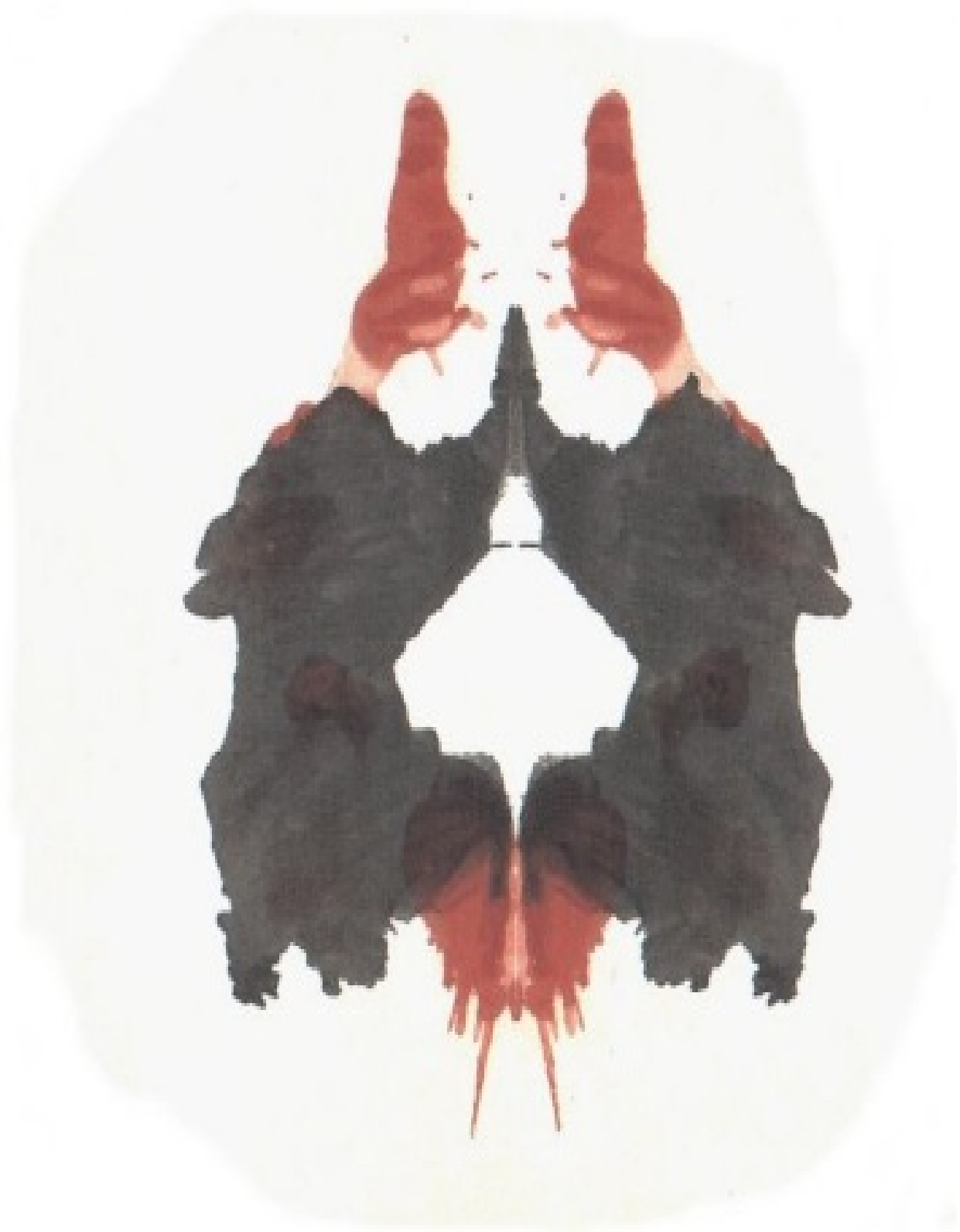
O indivíduo que vê pequenos detalhes (Dd), mas não percebe a totalidade (G), nem grandes detalhes (D); mesmo sendo Dd F+, mas com exclusão de GF+ e DF, deve ser considerada como uma estratégia esquizoide de fuga do campo significativo da globalidade e um refúgio em pequenos espaços, quase imperceptíveis do campo experiencial.

A percepção desestruturada do claro-escuro (clob), com manifestação de disforia (descontentamento, medo, desprezo, pavor), é o mais claro indicador do descontrole da mente gerado pela ansiedade, por exemplo: “Nuvens carregadas”, que se codifica: G clobkobj/Nuv; neste caso, o fator clob, já associado à ansiedade, é reforçado pelo fator kobj, que indica impulsividade e uma perda do controle total por situações ansiógenas.

Muitas vezes, a ansiedade se esconde por trás de um comportamento viscoso/pegajoso e interrogativo e como pedido de segurança ao aplicador, com uma exigência de constantes confirmações sobre o bom desempenho nas interpretações, por exemplo: “Posso dizer tudo que vejo?”; “Devo continuar?”, “Está certo isso que eu disse”.

Quero lembrar que uma personalidade psicopática não experimenta ansiedade, mas experimenta medo, o que, por sua vez, induz operações manipulativas e de natureza impertinente, não compatíveis ao dado objetivo da prancha, assim como respostas extravagantes, comentários críticos sem interpretações do que é simples e óbvio e descrições abstratas, como tentativas de alusão a uma tarefa percebida como comprometedora.

4.2 PRANCHA II



A ansiedade residual da prancha I desencadeia como uma faísca de um material explosivo, uma reação de pânico por um retorno ao subconsciente e diretamente à consciência de antigos traumas que afligiram a vida nas suas primeiras experiências, reevocando o terrificante originário. Todo o conjunto plástico cromático dessa segunda prancha parece mobilizar, de especial modo, três arquétipos de traumas que a humanidade registrou na sua evolução como estruturas de risco à integridade da vida e da existência, como descritos a seguir:

Trauma da violência e da agressão à corporalidade;

Trauma gerado por experiências de perda, abandono e de luto;

Trauma por culpa e por violação à integridade do Eu, gerado por defesas profundas à autoestima.

Para cada categoria de trauma há um tipo de estímulo correspondente localizado na prancha, sendo o primeiro as partes em vermelho: as partes simétricas centrais superiores da prancha, depois a região vermelha central inferior e por último, os vermelhos intramaculares que têm o poder de expor a fragilidade do sistema biopsicológico da pessoa, frente os eventos malevolentes do meio ambiente, vivenciados como agressões à pessoa e ao seu corpo, por mutilações, espancamentos, estupro, mas também como limite à intensidade de estímulos físicos, assim como psíquicos e sociais.

Nesse caso, percepções que evidenciam personalidades vítimas de graves traumas são aquelas com conteúdo sangue e fogo; em geral, todas com predomínio da cor vermelha sobre a forma ou aquelas em que a cor está

associada a uma cinestesia de objeto, como nos exemplos: D CF-/Sang, da percepção “Sangue”; D CF- kobj/Sang, em “Sangue espirrando de uma ferida”, mas não vê a ferida, somente o sangue e D CF-kobj/Fog, em “Fogo devorando almas condenadas”.

Além disso, a cor vermelha dissociada de qualquer forma (CF- ou Cd F-), apenas indicada, também é uma percepção sintomática não apenas de traumas vivenciados, mas, talvez, de quadros psicopatológicos mais graves do que os próprios traumas.

É muito comum também não querer perceber a cor vermelha, conduzidos por um mecanismo de defesa, de desatenção seletiva, onde o sujeito, prevendo o impasse frente ao vermelho, o elimina com antecedência. O resultado é uma coartação total da afetividade, sobrando apenas uma atividade psíquica cognitiva. Às vezes, o próprio mecanismo de defesa gera tensões que perturbam e deterioram a atividade do psiquismo e, em consequência, as percepções tornam-se confusas e as formas se degradam, podendo ocorrer um bloqueio total e, talvez, uma rejeição da tarefa.

Percepções indicadoras de um bom enfrentamento da situação traumática são aquelas que administram uma boa forma associada à cor vermelha, como nas expressões: “Um cravo vermelho” (D F+ C/Bot) e “Um gorro vermelho de um palhaço de circo” (DF+C/Obj). A estrutura codificada típica destas percepções, consideradas bem-vistas na indicação das cores são expressivas de operações de controle da mente diante das mobilizações afetivas e emocionais.

Quando a FC (forma cor) se associa a um K (cinestesia humana) como na percepção: “Um palhaço, dois palhaços alegres e coloridos dançando na arena de um circo”, DG Dbl Ksimb F+ C/Hdual/Lud, nesse exemplo a garantia de sólidas estruturas de enfrentamento de traumas é duplamente confirmada.

O segundo estímulo gerador de trauma na prancha II é o branco central, podendo ser identificado como nos seguintes exemplos: “Um espaço vazio”, “O fundo de um lugar”, “A distância entre dois entes”, “Um jazigo”, “Um poço”, “Um buraco”, “A entrada de uma caverna”, “Um túnel” e outros talvez mais terríficos, que se apresentam a esse estímulo reevocador de experiências de perda, de abandono e de luto.

O sujeito, ainda fixado nessas experiências, desorganiza-se mentalmente frente aos estímulos, desencadeando mecanismos de defesas, bloqueios de operações psíquicas, tempos de latência demorados e reações típicas na tentativa de esconder o impasse expressivos de variadas formas de choque.

O Dbl (percepção no detalhe branco) é o indicador mais frequente de mobilização desses traumas, por exemplo: “O vazio no lugar do nariz em uma caveira”, Dbl F \mp Anat/det (detalhe em branco, forma malvista, anatômica deteriorada); “Entrada de uma caverna”, Dbl F \mp /Nat.

Por outro lado, uma boa percepção desse detalhe, visto como forma em si, clara e distinta ou associada como parte integrante de um todo significativo, é, por sua vez, indicativa de boas estruturas de enfrentamento dos traumas aqui significados, por exemplo: “Pagode de templo budista”, Dbl F+ Arq; “Pião girando”, Dbl F+kobj Obj/Lud; “Avião supersônico cruzando os céus”, D/Dbl F+kobj Cclob/Obj. Nesta última percepção, é evidente o esforço da mente, da razão, para contornar impulsos de antigos traumas, nos quais F+ é a razão conceitual ideativa atuante, e kobjC e clob são os resíduos impulsivos.

O terceiro estímulo gerador de trauma é a cor preta das duas grandes massas laterais, impregnadas de inclusões vermelhas intramaculares, quando percebidas como manchas de sujeira de sangue, sendo assim, o terceiro estímulo que pode mobilizar situações e experiências traumáticas.

A natureza desses traumas tem a ver com a experiência de culpa. Vários são os núcleos arquetípicos geradores de culpa: as perdas, o luto antes de tudo, as transgressões contra a vida e contra as normas sociais e grupais e, por último, as violações sofridas contra a integridade moral da própria pessoa.

Vejam alguns exemplos: “Rochas, pode ser a entrada de uma caverna”, $D \text{ clob } F \mp / \text{Nat}$; “Radiografia de uma caveira”, $D \text{ clob } F \mp \text{Anat/Rad}$; “Lençóis rasgados sujos de sangue e de esperma”, $DG/ \text{Dbl clob}(c) F \pm \text{Obj/Manchas}$. Nesta última percepção, a evidência do trauma por culpa e por ofensa à dignidade do Eu é de uma dramática evidência. A seguinte percepção: “Dois guerreiros sangrando, mas ainda lutando e cantando vitória”, assim codificada, $DG F+ K \text{simb}/H \text{dual } Ckobj/\text{Sang}$, sendo que $K \text{simb } H \text{dual}$ desvelam o esforço supremo de resistir às agressões do mundo afora.

Qualquer produção de cinestesia em $K \text{simb}$, nessa prancha, fica como garantia de um élan vital capaz de dar uma volta por cima em qualquer momento de aflição pela energia do Espírito, vejam que bonitas estas percepções: “Dois guerreiros samurai de kimono preto em um ritual cultural”, $DG K \text{simb } F+ \text{clob } H \text{dual}/\text{Orig}$; “Índios do Xingu dançando com a cara e o corpo pintados de urucum e jenipapo”, assim codificada: $DG K \text{simb } F \pm C/ \text{clob } H/\text{Orig}$.

4.3 PRANCHA III



Se os astrônomos e físicos cabalísticos tivessem conhecido a prancha III a teriam escolhido como símbolo a ser lançando nos espaços siderais, anunciando a vida e a morfologia humana do planeta Terra.

Perceber humanos na terceira prancha é um reconhecimento imediato e espontâneo, carregado de alegria e maravilha, sem demora e dúvidas, como se algo familiar se desvelasse depois de um ocultamento temporário. Reconhecimento possível devido à aristotélica “matéria e forma”, estar profundamente assimilada às estruturas e aos dinamismos percepto-sensitivos e da autorreflexão, embora não ainda consciente.

É um humano com um Ego e Alter Ego dotado de tudo: cabeça, tronco, braços, pernas e pés. O humano reconhece e aceita o humano, sentindo uma atração de natureza ontológica e estética. Mais do que qualquer outra espécie, o humano tem uma atenção seletiva para indivíduos da sua própria espécie, para além do amor e por uma solidariedade primária. Reconhecer o humano nessa prancha é expressão de uma projeção de algo constitutivo do próprio ser, atribuível a si e aos outros como seus semelhantes.

“Duas pessoas fazendo algo” é a resposta esperada, dada de fato com frequência altíssima, não apenas na nossa cultura branca ocidental, mas por tantas outras culturas, dentre as quais, africanas e até algumas comunidades indígenas do Brasil. Nessa resposta, além da estrutura do Ego-Alter Ego, projetam-se outras duas importantíssimas estruturas constitutivas do ser e do existir humano: a estrutura da dualidade e a estrutura que torna possível a atividade.

A dualidade é uma estrutura que representa a maturidade e a perfeição do estar-junto, da relação estética do Ego-Alter Ego pelo acontecer de uma dimensão mística depois e contemporaneamente, da percepção da radical diferença Eu-Tu-Outro e Eu-Mundo, garantindo uma fundamentalíssima e privilegiada situação interpessoal: o estar-junto de uma pessoa exclusivamente com outra pessoa na

dimensão da dualidade. Ego e Alter Ego nas diferenças e Eu e Tu no encontro da intimidade representam, junto na koinonia (palavra grega que significa comunhão) plenitude da convivência humana em condições fundamentais, tais como o casamento, a amizade e a relação psicoterapêutica.

O agir intencionalmente em qualquer atividade do fazer é a primária atitude ligada à vida e que por si é fonte de prazer: viver é bom, dá prazer se ver e se manter vivo mesmo ainda depois de ter perdido tudo, sendo essa a razão e o motivo da alegria e do sorriso. O perceber-se fazendo algo é a projeção de dinamismos vitais sempre disponíveis quando a vida corre riscos ou quando precisa se expandir, superando limites e obstáculos. As seguintes percepções são exemplares da projeção desses dinamismos vitais: “Dois índios adorando a divindade tribal”; “Dois caciques tomando decisões, sentados ao redor de uma fogueira”; “Dois sábios pensando no melhor a fazer para o bem de todos”, percepções assim codificadas: G F+Ksimb Hdual.

A ausência dessas estruturas (Ksimb Hdual) é indicativa de algumas problemáticas do sujeito podendo até ser sinal de patologia, o que deve ser apuradamente investigado. Em configurações não psicóticas, a falta de G K H indica, pelo menos, uma grave inibição da iniciativa da livre opção e dos centros motivacionais.

Em relação ao que se fala, superficialmente, sobre a inversão sexual dos gêneros masculino e feminino, devendo um homem perceber o masculino e a mulher o feminino, temos, com toda certeza, vinda de longas experiências, a seguinte posição: um homem projeta sem perceber uma mulher na sua anima; uma mulher projeta um homem no seu animus, isso de acordo com a mítica psicanalítica junguiana.

Agora, estaremos frente a uma patologia de identidade psicosssexual quando o sujeito, não importa se homem ou mulher, percebe de forma contaminada: “Mulher por causa dos seios, e homem por causa do pênis”, em uma mesma

forma humana percebida na mancha.

A contaminação de conteúdos subentende uma desordem na estética do espaço e um sincretismo que revela regressões ou fixações às fases primárias da experiência. A contaminação e a perversão dos conteúdos sexuais na prancha III são indicativos de uma desordem de natureza psicótica, mas sem outros fatores contextuais não indica, por si, um quadro psicótico extensivo a toda a personalidade.

Existe um tipo de contaminação que justifica pelo menos uma hipótese de pródromo esquizofrênico, como na seguinte resposta: “É um humanoide com cabeça de rato, corpo de mulher e perna de cabra, já sei é uma ramuca, ra-muca”. Não se trata, nesse caso, de um problema estrutural, consequente a um problema que perturba a psicosexualidade; estamos frente a uma desorganização das categorias que precedem a construção da totalidade em uma unidade lógica existente a priori.

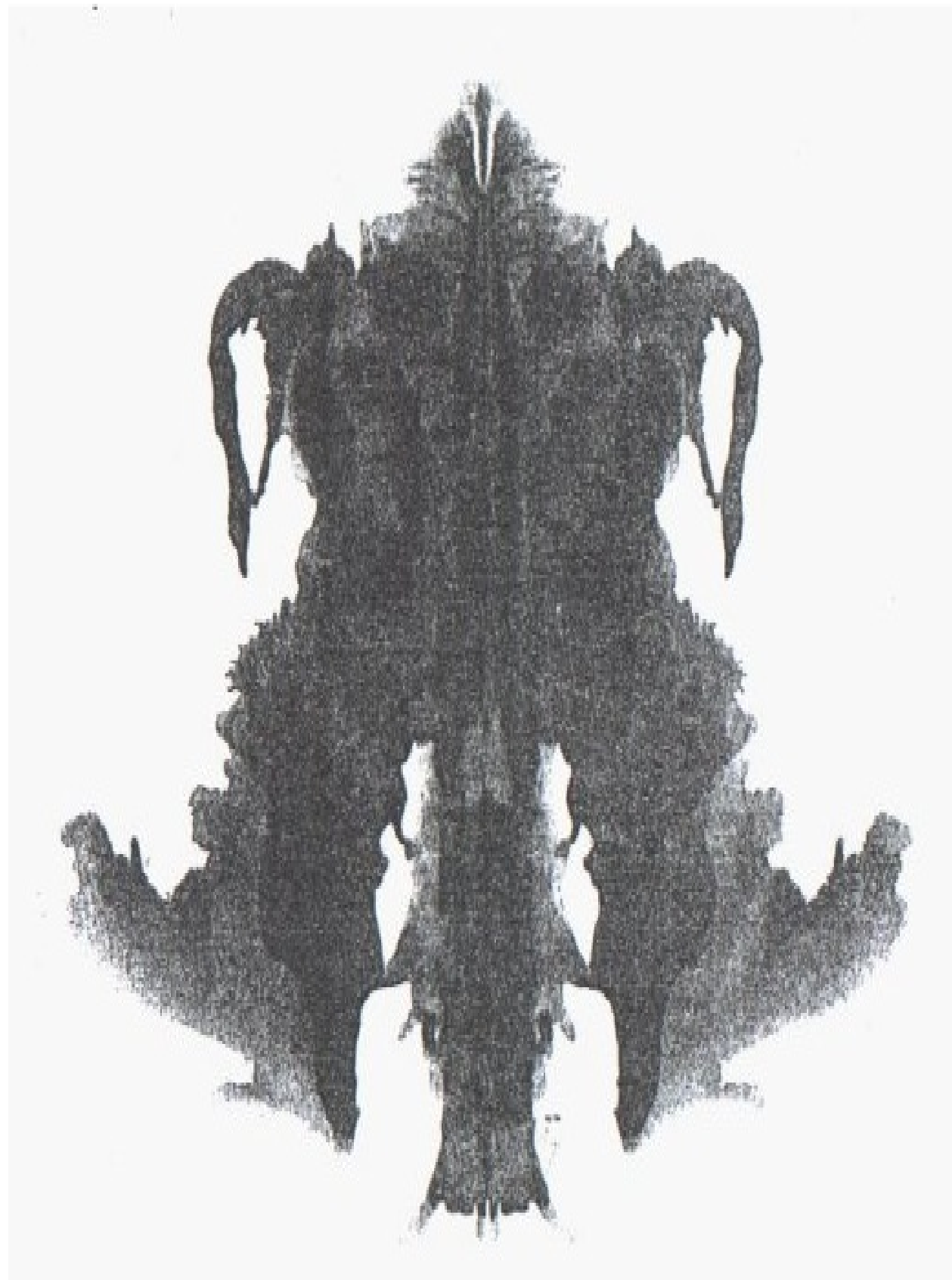
Esse tipo de contaminada anuncia, com grande probabilidade, uma esquizofrenia não apenas sintomática e parcial, mas orgânica e invasiva da totalidade do comportamento. Observa-se no caso o neologismo “ramuca” como sintoma específico de uma esquizofrenia sintomática patológica.

Um indicador sério de patologia é dado nessa prancha pelo Do (perceber uma parte, um detalhe de um todo significante negado, ou seja, no qual deveria se perceber a figura toda). Apenas um Do, fora de um contexto de outros indicadores, não é conclusivo para um diagnóstico de distúrbio esquizoide, pois é contraditório um único ato psíquico ser expressivo de uma operação primária patológica e contemporaneamente indicativa de um controle de realidade, operação disponível quando a psique é livre de defeitos estruturais, orgânicos e funcionais.

Um Do é sempre um sintoma de algo suspeito, desde um bloqueio mental por reação a eventos traumáticos, até uma deficiência mental orgânica. “Cabeça de homem”, com a exclusão do conjunto de outras partes que dão significado ao detalhe percebido, siglada assim: Do F \mp Hd, é o clássico exemplo de detalhe oligofrênico.

Em resumo, normalidade na prancha III exige este itinerário: GF+ KH > Do F \mp Hd e DG F \mp H/cont.

4.4 PRANCHA IV



Ao contrário do que ocorre na terceira prancha, cuja apresentação normalmente induz uma alegria ontológica, a visão da prancha IV, pela sua própria forma e composição de texturas acromáticas, produz uma reação de espanto e de susto.

A quarta prancha vem carregada de terrificante, trata-se daquele terrificante que a experiência de um poder inacessível, exigente e punitivo se constitui como estrutura arcaica e arquetípica da psique humana. Contribuindo para uma divindade antropomórfica cujo templo é um tribunal erguido ao lado de uma prisão: Deus é um juiz que sentencia, condena e castiga.

É um terrificante que invade homens e mulheres, mas especialmente mulheres, adolescentes e crianças, cuja imagem paterna, viril e autoritária é presente e operante nas lembranças, nas fantasias, nos sonhos e nos delírios. Toda mulher e cada filho de mulher representam essa imagem arcana reificada na figura do pater familias que tinha o poder de adotar e de rejeitar os recém-nascidos.

A mulher estremecia de angústia naqueles terríveis instantes que se passavam entre a apresentação da criança e a sentença positiva, expressa nas fatídicas palavras: *puteor te esse meum filium*. Essa angústia transformava-se em uma profunda depressão, quando a sentença era negativa: a honra da mulher era destruída com a rejeição do seu recém-nascido. A quarta prancha deve reevocar no fundo do inconsciente essa figura monstruosa no tamanho do seu poder irracional, figura de gigante frente à qual mulheres e crianças eram sempre muito pequenas, insignificantes e apavoradas.

A reevocação da imagem paterna, nessa prancha, sempre se dá com uma grande disforia, pois, entre os comuns mortais, administrar um pai e ser administrado por ele não foi fácil, muitas vezes foi traumático, sofrido, precisando contorná-los com numerosos mecanismos de defesa; ao ponto que a cultura normalizou manifestos sinais de sintonia em práticas religiosas, em ícones majestosos e tremendos.

Em Rorschach, respostas “Monstros” e “Gigante” são consideradas normais, demonstrando quanto foi assimilada e exorcizada a terrificante figura paterna em nossa cultura.

Respostas que revelam um enfrentamento não traumático são dadas nestes modelos: “Um gorila descendo de uma árvore”; “Uma pele de um touro” — todas sigladas G F+ A/Ban; “Uma grande árvore frondosa”, siglada G F+ Nat.

Já nas respostas seguintes, nota-se um esforço no enfrentamento com resíduos traumáticos: “Um velho papiro egípcio desgastado pelo tempo e todo manchado”, G clobF± (c)F ∓ Obj/Arql (objeto arqueológico); e ainda: “Um velho guerreiro cansado, mas ainda firme e de pé”, G F+ kp/KH.

Na percepção que assim se exprime: “Um gigante avançando ameaçadoramente”, foi dada por um protagonista invadido pelo medo, escondido nas sombras de um amparo, no sótão de uma casa. Aqui, é impróprio registrar uma grande cinestesia, pois o sujeito traz na sua história de vida um medo, um pavor e a parada da energia vital; a codificação dessa percepção é: G F+clob kp (Hdiab/Mit).

Na quarta prancha são frequentes percepções determinadas pela cor acromática como na seguinte resposta: “Um boneco preto, horroroso, feito de terra desmanchando-se todo”, G clobkobj/F±(H)/desv/det, sendo clara a angústia, quase impulsiva, conseqüente à tentativa de destruir uma imagem desumana e maléfica de poder.

O bloqueio das energias vitais da inteligência, do desejo e da motivação é dado pela seguinte resposta: “Apenas um pezão chutando com violência”, siglada

assim: Do F \mp kp/Hd; cujo Do é indicativo de bloqueios dos processos mentais e limitações patológicas da abrangência perceptiva e kp reforça os bloqueios da iniciativa e dos dinamismos voluntários. Em resumo, os indicadores de patologia nessa prancha IV são os seguintes:

TL alto: choque no tempo de latência;

GF \mp : globais não bem elaboradas, indefinidas conceitualmente;

Do F: detalhes oligofrênicos são reveladores de processos esquizoides;

Dd > G e G = 0: reveladoras de processos esquizoides;

clob F: ansiedade dominando os processos cognitivos;

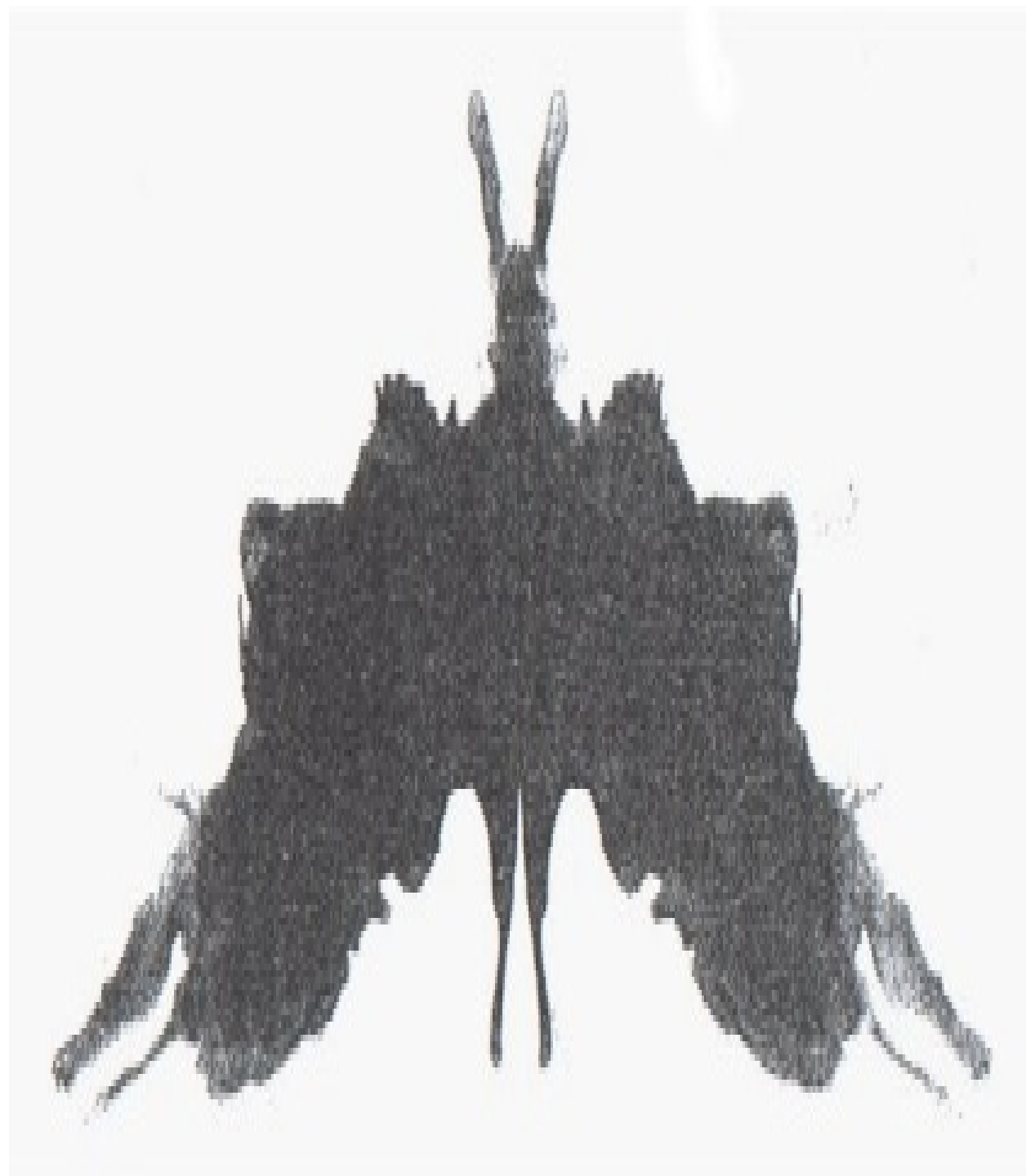
kobj F: impulsividade motivada pela ansiedade descontrolada;

kp: bloqueio da atividade de escolha de decisão e de iniciativa, impotência e vitimização;

(c)clob: claro-escuro em detalhes intramaculares indicando tensões libidinosas e conflituais e ambivalência frente ao terrificante masculino.

Geralmente, a prancha IV tem um efeito provocador e desencadeador de reações psicológicas negativas, tem efeitos inibidores e desestruturantes que se estendem nas pranchas V, VI e VII, condicionando a construção da autoimagem, da identidade psicosexual e da relação dual Eu-Tu na dimensão do poder absoluto da autoridade.

4.5 PRANCHA V



A prancha V produz, para quem percebe um efeito análogo ao produzido na prancha III, um reconhecimento imediato, acompanhado por um sentimento de alegria espontânea, frente a algo muito familiar, fácil e extremamente compreensível, pois é expressiva de um senso e consenso de indivíduos pertencentes a um mesmo grupo e a uma mesma cultura.

É o óbvio de um símbolo dos seres vivos do planeta Terra que, junto com os homens, dividem os espaços de vida. O percebido é um ser vivo dotado de asas e que por isso logicamente voa, podendo ser desde uma borboleta até um morcego ou um animal voador qualquer, até mesmo um animal pré-histórico.

Na prancha III, o reconhecimento, como vimos, exigia uma figura humana em uma modalidade típica; na prancha V, o apelo é sobre a capacidade espontânea de perceber o óbvio de determinados símbolos, pois o reconhecimento apela para uma intersubjetividade que transcende e garante a subjetividade de apenas um indivíduo.

O que deve ser percebido nessa prancha é, dentro da nossa região cultural, um morcego e/ou uma borboleta que se codificam em G F+ A/Ban, sendo que a banalidade registra exatamente o acesso ao senso comum e garante também a assimilação do a priori da unidade absoluta, que existe antes das partes, dando razão a elas.

Na resposta morcego, confirma-se a prioridade ontológica da unidade: a região lateral esquerda é uma asa, pois a globalidade é um morcego; contudo, “não é um morcego, porque só tem uma asa”, rejeitando a percepção da outra asa que constitui a unidade plena, caracterizando, neste caso, um Do.

A percepção de uma G, na sua banalidade, é a estrutura que garante a unidade e a

integridade psíquica da própria pessoa. Um esquizofrênico não tem essa estrutura, por isso ou sente-se inferior ou sente-se agredido pelo desvelamento da unidade, negando-a na sua evidência, destruindo-a quando lhe foi proposta e tentando, em vão, reconstituí-la de maneira até incompatível na última hora, in extremis, como acontece na prancha X, na qual a unidade plena é, de fato, impossível.

A resposta G F+ A não garante apenas a resistência contra a possível ou eventual experiência da fragmentação e da dissociação, mas projeta uma fundamental estética e harmonia interior: corporalidade e identidade em sintonia perfeita; corpo e mente como dimensões aceitas por um princípio único de autorreferência, que é a própria pessoa.

Atribuições distônicas de partes físicas de si, assim como incorporações de dimensões estranhas à própria identidade ou agressões violentas, como remoções ou modificações por cirurgias de partes integrantes, atingem aquela harmonia psicofísica que permite, como consequência, a percepção imediata, transparente e alegre da unidade. Dessa forma, sujeitos que rejeitam o próprio corpo, como forma externa e estética de si, considerando-o impróprio para apresentá-lo ao mundo, reagem com comportamentos suspeitos frente à tarefa de administrar as partes e o todo nessa quinta prancha.

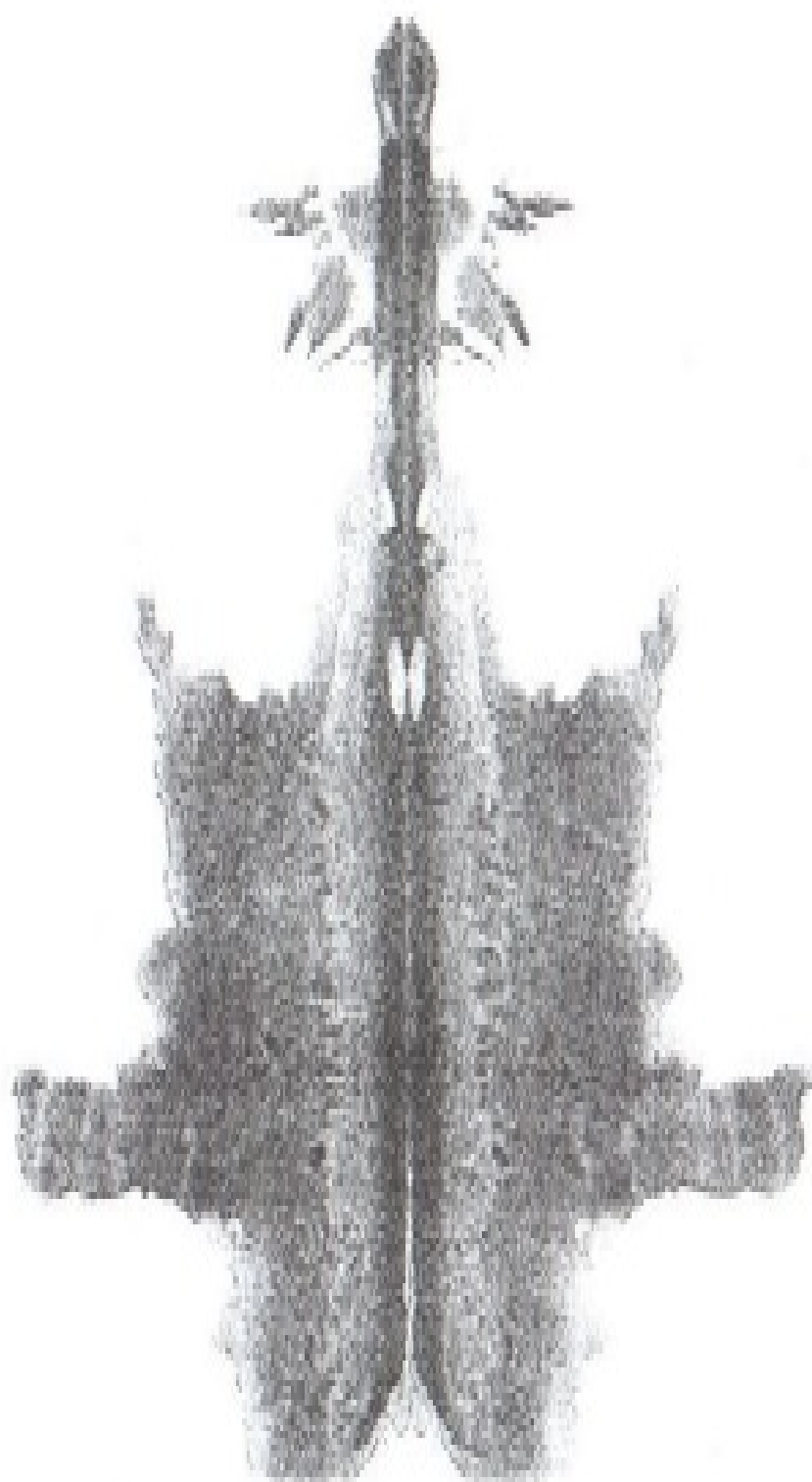
Um prolongado e significativo tempo de latência é um indicador de traumas no que se refere aos problemas da construção da unidade. A rejeição da prancha é uma explícita catástrofe e um elemento comportamental premonitor de esquizofrenia e dissociações entre corpo e mente e das partes no seu todo.

A evidência da catástrofe e a manifestação do drama da unidade são dadas pelo Do. Nessa prancha, o Do é indicativo de um terrível escândalo mental, um erro não apenas técnico perceptivo, mas ontológico, quase como um colapso da verdade na sua evidência imediata. Um Do não compensado no decorrer do processo interpretativo-projetivo, não compensado nem mesmo na prancha X,

com uma ou múltiplas DF+/Ban, insistindo em uma incompatível G, é sinal de uma possível configuração esquizofrênica, mesmo ainda encoberta.

A quinta prancha tem um grande potencial de pesquisa, não apenas como testes premonitores de esquizofrenia, mas também como revelador de sofrimentos nas distonias mente-corpo e nos conflitos da identidade manipulada e imposta pelos outros. Na área hospitalar, o teste-reteste dessa prancha como também da terceira prancha pode avaliar com eficácia os efeitos de intervenções cirúrgicas restaurativas e reconstitutivas do corpo. Contudo, também, nos processos educacionais, pensamentos hipotéticos, originais e criativos, quando são reprimidos por sistemas de ensino autoritários, especialmente em crianças e adolescentes, podem criar revoltas e rejeições ao pensar comum, provocando indícios de processos dissociativos leves ou graves como pródromos de uma configuração esquizoide e esquizofrênica.

4.6 PRANCHA VI



A sexualidade reduzida aos seus órgãos específicos, as genitálias masculina e feminina, sempre foi algo de atenção especial ou de desatenção seletiva nas culturas humanas, devido à sua alta carga de significados humanos existenciais. Sempre e em qualquer cultura, a sexualidade representou algo de importante, constituindo conteúdos de culto, de tabu e de comunicação simbólica.

Por muito tempo, as formas físicas da sexualidade humana e a representação mímica das suas funções foram linguagens para a comunicação individual e interpessoal pública: os obeliscos que ainda hoje estão à vista da admiração pública, implantados solenemente nas praças ou em regiões obsoletas, indicavam simbolicamente que o território estava na posse e na custódia de um poderoso e soberano rei e que era violação do seu território, dado a sua exclusiva gestão: *hic est rex*, “aqui está o rei”. O obelisco no seu significado primitivo arquitetônico era constituído de pedra sobre pedra deforme cuneiforme, indicando simbolicamente, um pênis ereto, dado à masculinidade.

Espécies infra-humanas ainda hoje usam a gestualidade sexual para se comunicar em grupo. Os conteúdos dessa comunicação não apenas propõem temas eróticos diretamente ligados à vida, à fertilidade e ao erotismo, mas temas de ordem político-social, indicando vitórias, derrotas, hegemonia, submissão e até culto religioso, sendo a sexualidade um desvelamento simbólico-ritual da mais pura espiritualidade mística.

Em Rorschach, a prancha VI reevoca, conscientemente ou inconscientemente, uma linguagem esquecida, de acordo com Fromm (1964), e mobiliza uma pluralidade de temáticas religiosas, políticas, artísticas e ludoeróticas.

O choque de latência, rejeição do compromisso interpretativo, a confusão dos processos perceptivos, a exaltação eufórica, assim como a ansiedade e o medo na disforia, comprovam o poder e o efeito do impacto provocado pelo estímulo/símbolo desta prancha.

Uma resposta já reduzida em código e reveladora de uma boa administração da sexualidade é a G F+ A/Ban: “Pele de gato”; “Onça”; “Tigre”. A expressão “boa administração da sexualidade” refere-se a uma importante proposta teórico-operacional de Sullivan (1962), em relação à formação dos sistemas do Eu, que aqui eu o adaptei para a formação dos sistemas da sexualidade. Sullivan (1962), em Teoria Interpessoal da Psiquiatria, fala sobre estes três sistemas da organização do Eu:

O Eu bom quando todos os componentes do Eu — corporalidade, experiências, processos mentais, modelos de representação e apresentação de si — são integrados a um proprium consciente deliberativo, de acordo com Allport (1969), sem inclusões de medo, ansiedade, culpa e distonia, ou seja, sem conflitos. Lembramos que a sexualidade é uma parte constitutiva e fortemente representativa do Eu.

Uma sexualidade fundamentalmente boa exige que ela, em todas as suas formas específicas e em todas as suas modalidades expressivas, seja integrada de uma maneira satisfatória à identidade pessoal. As pessoas deveriam aceitar a sua sexualidade, nas suas específicas e simbólicas atribuições tanto no gênero feminino quanto no masculino, bem como nas suas funções, considerando as variáveis culturais e seus papéis sociais também específicos.

O Eu mal se forma quando partes constitutivas, integrantes biologicamente ou culturalmente à representação/apresentação do Eu, são consideradas como inclusões de algo ameaçador, produzindo ansiedade, medo e um profundo impulso à rejeição dos sistemas de valores do Eu.

A experiência da sexualidade, nesse modelo do Eu mal, é provocadora de traumas, conflitos, perturbações diretamente enunciadas no discurso, no comportamento e no silêncio; ou indiretamente enunciadas por um complexo

sistema de mecanismos defensivos, que vão da reinterpretação paranoide às construções sublimes artístico-religiosas.

Imaginemos como poderia reagir à percepção indireta de um instrumento ofensivo, um menino inocente, violado sexualmente por companheiros de cela, quando por uma transgressão também inocente, foi autuado e preso; ou uma pessoa profundamente dividida entre o masculino e o feminino, constrangida, porém a uma escolha definida do seu papel sexual frente à sociedade; ou ainda como se comportariam, frente à prancha VI, meninas vítimas de estupro por parte da própria figura paterna. Algo de intimamente associado à vida, ao prazer, à estética é, porém, imediatamente carregado de risco, de perigo, de ofensa, de pavor e de destruição da alegria vital e comunitária diante deste arquétipo.

O Não Eu é o terceiro sistema de Sullivan (1962) e o mais potencialmente patológico, por dissociar radicalmente partes integrantes do self na sua unidade pessoal. Sullivan (1962) fala em desatenção seletiva, na qual a sexualidade entra frequentemente separada, é negada e retirada da consciência e dos esquemas comportamentais, sociais e operativos da pessoa. O resultado é uma restrição das experiências de vida, decaída em um empobrecimento de valores existenciais em troca de vantagens bastante segmentais e efêmeras para uma pressuposta segurança, mas ineficiente sobre o resto de vida: Solidão (DOLTO, 1998).

Nesse sistema do Eu, a sexualidade sai do campo da experiência e da consciência, e no seu lugar fica apenas um deserto, operações mecânicas, áridas furtando a vida, o desejo e a paixão, restando apenas uma função, uma anatomia, um elenco de nomes nas suas identidades.

No sistema do Eu bom, teríamos uma sexualidade integrada e, por isso, normal, que aceita diferenças e funções, manifestando em tudo isso uma complacência no lúdico, na estética do Eros. Uma bonita resposta expressiva dessa normalidade: “Uma pele de urso fofa como um ursinho de pelúcia”, a qual sigla-se: G F+ctext A/Obj/Lud, onde F+ctext indica uma sensualidade saudável no

exercício da sexualidade no seu Eros, já bem situada e sob controle, em um campo amplo e aberto.

A sexualidade pode ser reelaborada, dentro de um contexto cultural, em função de valores éticos, quando a redução da componente biológica-sensual-erótica se alimenta e se transforma na alegria da oferta de si. Vejamos esta resposta: “Jesus anunciando a boa nova no topo da montanha”, DG F+ Ksimb Hmist/Nat, aqui são evidentes as transformações éticas sobre os dinamismos vitais, naturais, primários e socioculturais.

Boas respostas em G, D, K, F+, F+C e F+(c) e as respostas com conteúdos originais, estéticos e místicos são elementos que, estruturando-se dentro da prancha, garantem uma boa experiência da sexualidade, na qual a pessoa faz o exercício físico e simbólico dessa importantíssima atividade humana vital, nas relações interpessoais e sociais.

O quadro muda quando nos deparamos com respostas como esta: “Um cadáver com os órgãos internos se desmanchando”, G clobF \mp Anat/Hdesv; o degrado mental e ético é evidente e, com certeza, podemos inferir em soluções patológicas da experiência sexual deste sujeito.

A percepção que se concretiza nesta resposta: “Bigodinho de gato, mas não vejo o gato”, um claro e evidente Do F \mp Ad, manifestando um bloqueio dos processos mentais e comportamentais frente à dimensão sexual e aos seus conflitos. Outro exemplo: “Nuvens densas ameaçando tempestade”, sigla-se: DG clob kobjF \mp /Nuv, declara muita ansiedade e respostas impulsivas diretas e impróprias, prognosticando um comportamento sexual condicionado por conflitos profundos com acting-out de natureza transgressiva.

É bem provável que um transgressor agressivo, na sua consciência intencional,

possa perceber formas até bem-vistas como no seguinte exemplo: “Uma cobra saindo da lama pronta a dar o bote na espera da sua vítima”, D (c)F+ clob Kan/diab/A.

Nem sempre uma estrutura perceptiva corresponde de fato a um comportamento da mesma ordem e evolução da psique, no aqui-e-agora, mas existe uma alta probabilidade que um comportamento análogo possa ter acontecido ou pode vir a acontecer. A percepção em Rorschach pode desvelar fatos e acontecimentos ocorridos na vida da pessoa, seja como autor/agressor ou como vítima, mas pode também anunciar possibilidades, potencialidades, riscos e perigos.

A percepção do humano nas pranchas III e IV, nos seus dinamismos vitais simbólicos e diabólicos, como também nas suas formas expressivas de sofrimento e aflição contextualizam e orientam na interpretação do conjunto das percepções da prancha VI, e a prancha VII irá complementar essa compreensão da dimensão comportamental também no âmbito relacional e familiar do sujeito, podendo definir assertivamente entre os quadros psicopatológicos (neurose, psicose ou psicopatia).

4.7 PRANCHA VII



A prancha VII, na maioria das pessoas, provoca uma natural reação de euforia, por de repente encontrar-se frente de algo familiar, leve, suave e dotado de graça.

A resposta mais frequente, que tem se tornado uma banalidade, traz como conteúdo figuras humanas do gênero feminino em relação recíproca e em atividade de natureza lúdica, ocupando tanto o terço superior da prancha em situação normal ou as duas metades longitudinais (laterais simétricas): “Duas meninas bisbilhotando”; “Duas dançarinas acompanhando um tango argentino” (posição invertida da prancha).

A normalidade nessa prancha é garantida por respostas codificadas nas seguintes formas: DG F+ Ksimb Hdual ou D/DF+ Ksimb Hdual ou simplesmente D F+ H/H. São estruturas que revelam a capacidade de enfrentamento da situação que Sullivan (1962) define com a expressão de “intimidade interpessoal” e que se caracteriza quando duas pessoas estão uma em frente a outra, nas suas próprias e únicas singularidades, para verificar valores pessoais, ideias, perspectivas, pontos de vistas, potencialidades, tanto em um clima de disputa dialética, quanto em um clima de amizade.

Por esta razão, a sétima prancha se põe como última chance para resgatar um fracasso na construção da imagem humana nas modalidades do Ego-Alter Ego e do Eu-Tu. Quando, por qualquer fator de impedimento, não é possível ver o humano na prancha III, mas o humano se faz presente na prancha VII, a reserva diagnóstica se soluciona e o prognóstico pode se tornar favorável.

O branco central mobiliza as mais variadas tensões e sentimentos, desde um espaço a ser percorrido e preenchido, até um espaço vivenciado como uma barreira, um vazio ou um poço sem saída. Evoca a perda do seio materno, vivida como separação, exclusão e punição, provocando culpa, confusão de referência primária, perda de contato com o outro e consequente isolamento afetivo-social, chegando até a solidão.

A prancha VII é considerada um arquétipo da imagem materna; talvez, devido ao grande vão central branco inferior e pela fenda no claro-escuro, por onde passa o drama de vir a dar à luz. É importante lembrar que a estrutura prototípica do estar-junto-com se constitui nos primeiros contatos com a mãe, sendo que quando as primeiras relações maternas faliram, é muito difícil que uma criança possa sozinha restabelecer contatos isentos de ansiedade, angústia, ambivalência e insegurança.

Resposta do tipo: “Dois animaizinhos, cachorrinhos raivosos”, que se codifica em D/DF+ Kan/diab/A, embora não declare nenhuma patologia, revela, mesmo assim, uma imaturidade nas relações interpessoais, especialmente na dimensão familiar, confirmada pela ausência da resposta com conteúdo humano na dualidade simbólica necessária para garantir a presença de uma estrutura no seu estar-junto-com na dimensão afetiva, solidária e amorosa.

Declaradamente negativas, em relação ao prognóstico da intimidade interpessoal, são as percepções de conteúdos deteriorados, macabros ou simplesmente confusos, expressões com discurso sincrético confabulado, são os seguintes exemplos: “Nuvens”; “Fumaça”; “Carniça de bode”; “Um elefante em cima de uma borboleta”.

Às vezes, o fracasso na sétima prancha é apenas uma sequela da derrota na prancha VI, sem domínio sobre a genitalidade ou uma genitalidade destruída e não mais dada na relação dual, sendo difícil administrar uma relação competente e construtiva com os outros, primeiramente no contexto familiar e depois no contexto social.

A genitalidade é sempre envolvida nas relações interpessoais, seja quando é proposta como protagonista em um encontro, seja quando é retida por um compromisso de consagração religiosa, mística, estética ou artística. Quando a

genitalidade é geradora de ansiedade, a intimidade também padece dos mesmos dramas, por isso que maturidade genital e maturidade na intimidade representam dois aspectos de uma mesma dimensão do estar-junto-com.

4.8 PRANCHA VIII



Na prancha VIII também deve acontecer o efeito do reconhecimento imediato da banalidade dada por dois animais quadrúpedes, nas regiões coloridas laterais esquerda e direita, como ocorre na prancha III, na percepção de dois humanos e na prancha V, um animal com asas. Nessa prancha, exige-se a banalidade antes de qualquer outra percepção e só depois são possíveis construções combinadas com boas formas.

Quando isso não acontece, é porque no mundo das cores o impacto cromático perturba os processos cognitivos lógicos. A produção dessa resposta, considerada banal clássica, garante ao sujeito a capacidade de enfretamento das tarefas da coabitação na vivência em grupo e do estar-junto-com, pois o significado arquetípico dessa prancha é fundamentalmente a sintonia na empatia do estar-junto-com, numa relação ética e construtiva, denominada de koinonia.

Há duas maneiras para se garantir a possibilidade e o sucesso da vida em comum, numa koinonia: a percepção dessa banalidade, D F+ A/Ban, indicando a compreensão dos símbolos comuns de uma cultura e de um grupo e a percepção de qualquer forma para a qual uma ou outra cor é uma qualidade substancial, D F+ A, e melhor ainda quando D F+ Kan A dual, indicando a capacidade de uma sintonia afetiva com o mundo exterior e com o entorno social; estruturas que constituem o ser na convivência uns-com-os-outros, nos espaços comunitários, numa interação cooperativa e colaborativa.

A oitava prancha vem carregada de cores e isso provoca reações mais ou menos intensas para quem não lida bem com as emoções. Essas reações são diversas, tais como: rejeição da prancha, empobrecimento interpretativo, aumento das abstrações com comentários eufóricos/disfóricos, perda do poder analítico de diferenciação das partes e soluções generalizadas e confusas da percepção, com respostas globais de forma malvistas, como DG F \mp C/Nat.

As melhores respostas indicativas de uma boa política da própria afetividade no

contexto das relações sociais mobilizam percepções e são assim codificadas: D
F+C/Nat/Bot.

4.9 PRANCHA IX



A prancha IX se apresenta com uma deslumbrante coreografia de cores, com um significativo fundo branco central, frente à qual é preciso muito controle para não perder o vigor interpretativo, por uma afetividade emocionalmente assediada e ameaçada. Se essa multiplicidade de cores, suscitando o emocional, é um obstáculo ao raciocínio e à organização do material, o vão central, predominantemente branco e fortemente associado à “imago uterina”, pode ter um efeito também de uma regressão, que se manifesta tanto em um aumento de mobilidades inconsistentes, quanto, ao contrário, em um bloqueio dos processos psíquicos, devido a um estado de choque.

Com muita frequência, a reevocação do imaginário maternal tem efeitos regressivos sobre os adultos, como também em crianças e jovens. A nona prancha é, por muitos estudiosos, considerada materna especialmente por motivo desse vão central, cujas dimensões restritas no fundo, como numa fissura, constroem a reevocação da passagem natal para um novo drama, no seu “renascer”. Os dois vermelhos inferiores aumentam a dramaticidade dessa prancha, reevocando, por sua vez, experiências sofridas pelos sujeitos, especialmente as mulheres e seus recém-nascidos, no momento do parto.

Projeta-se, nessa prancha, tanto uma euforia e disforia primária, quanto um equilíbrio entre estas duas modalidades da vida afetiva. Euforia e disforia são imprinting psicológicos que se formam na interação primária uterina e pós-natal com a mãe: a mãe-bom deixa uma configuração *sui generis* emocionalmente integrada e bem-adaptada. A mãe-má deixa uma configuração emocional desestruturada, com manifestações impulsivas de irritabilidade, mau humor e destrutividade. Projeta-se ainda, nessa prancha, uma configuração composta de elementos e estruturas dissociativas, motivadas por uma ativa e latente negação da mãe. Essas primeiras formações da afetividade se moldam e se compõem com mecanismos físico-biológicos e emocionais, constituindo-se como base temperamental e caracterial da pessoa. Pessimismo e otimismo, irritabilidade e tolerância, distonia e sintonia têm as suas matrizes nesse imprinting primário com a mãe.

A prancha IX desvela uma história de vida mãe-filho implícita na relação indivíduo-mundo, indivíduo-cultura e indivíduo-grupo.

Percepções de boas formas, codificadas em F+, são a primeira garantia de uma boa estrutura da personalidade; as respostas em F+C aumentam essa garantia de personalidade integrada e estruturada, como também um Ksimb, quando dado, define um sujeito dotado de um eficiente controle das suas próprias emoções. O que se espera também, como garantia de uma afetividade integrada e de uma visão de mundo otimista, criativa e tolerante, são percepções codificadas com D/Dbl F+ e com significativos conteúdos originais.

Um exemplo de uma configuração perceptiva ideal é a seguinte: DG Dbl F+C Ksimb/Art/(H)Orig, onde DG Dbl indicam uma compreensão abrangente e eficiente de todas as componentes de um problema nas suas diferenças, revelando um enfrentamento adequado nas experiências da vida; F+C Ksimb manifestam a perfeita integração afetiva e o seu direcionamento nos processos interativos; Art/(H)Orig é uma riqueza de vida vivida na sua dimensão estética e mística.

A patologia na nona prancha é dada por percepções de cores sem forma ou com forma malvista, associada à cinestesia primária, como na seguinte codificação: D CF \mp kobj/Vulcão.

Percepções de fundo branco não bem estruturadas formalmente também são expressivas de uma negação do maternal, gerador de vida, e de uma consequente hostilidade ativa, ainda como resíduo inconsciente e projetado como visão inimiga do mundo.

As confabuladas nessa prancha, codificadas em DG F \mp e DG F \mp C, manifestam uma confusão devido a uma desorganização por perda de identidade na relação

materna. De fato, uma dimensão estética precária acusa um defeito no centro e ponto de referência que é o Eu, o qual se apresenta como consciência de si, sendo, porém, assediada e invalidada. Choques de naturezas diversas ou rejeição dessa prancha indicam também falências na relação com a mãe e com um feminino dado nas relações interpessoais íntimas e sociais.

4.10 PRANCHA X



O caos sempre teve um duplo efeito sobre os homens: para uns, excita e motiva-os para a ordem e a organização criativa; para outros, excita e desperta-os para o pânico ou os induz à desordem e à paralisação.

A prancha X se apresenta como um dado de fato que mobiliza a dispersão necessária e a fragmentação de uma unidade, mas que, ao se desfazer, contudo, possibilita na multiplicidade e na diferenciação reconstruções dotadas de senso e, por fim, o retorno a uma nova e originária unidade.

De fato, a unidade e sua separação se constituem como uma polaridade e como uma perene circularidade. O eidos esquizofrênico consiste na radicalização em apenas um extremo da polaridade, sem mais a possibilidade de um contraponto de equilíbrio e na interrupção abrupta da circularidade interativa e criativa, sendo substituída por uma circularidade viciada, dissociativa, alimentada apenas por uma fuga sem saída de um todo, mas na sua unidade insignificante, deixando atrás de si a confusão por construções incompatíveis e a destruição delas em partes não mais reconduzíveis à estética original da unidade.

Para personalidades normais, a décima prancha motiva para um trabalho investigativo-analítico, como na exploração de um mapa geográfico. A investigação é de natureza cognitiva taxonômica: cada coisa no seu lugar, denominada de uma forma clara e distinta, fechada na sua função “em si” e “para si”, como as mônadas conceituadas pelo filósofo Leibniz.

Além do obstáculo dado pela fragmentação das manchas, que provoca pânico em qualquer esquizofrênico declarado ou não, a décima prancha continua com uma coreografia de cores que perturbam também o sujeito neurótico. O esquizoidismo em qualquer nível sintomático está sem defesas frente às provocações dessa prancha. A esquizoidia e a esquizofrenia se desvelam por meio de respostas que tentam inutilmente reconstituir uma unidade (a já falada inversão das pranchas V e X). A unidade primária aqui é impossível e só é

procurada por um penoso senso de culpa criado na prancha V, quando, nessa prancha, a evidente transparência da unidade foi quebrada por um imperdoável Do (detalhe oligofrênico).

A distonia neurótica se manifesta na incapacidade das cores se organizarem em detalhes de boa forma, apresentando, por exemplo, a seguinte percepção: D F \mp C A/Nat/Ban. O sujeito aventura-se então em abstrações temáticas, carregadas de disforia ou de combinações extravagantes: “pura retórica”, “utopia alienante do aqui-agora”. Também outros fenômenos concorrem para indicar a distonia, assim como sua profundidade e sua extensão: o tempo de latência dilatado, o choque à cor, as cores com defeito de formas e as puras cores.

A esquizofrenia, nos processos perceptivos, desvela-se como a base temperamental e caracterial, mas também pode ser um continuum móvel, articulando-se em tipos mistos, sintônico e distônico em que, porém, uma formação ou outra pode levar a uma resposta adaptativa ou não à situação vivida na realidade. No entanto, em quadros psicopatológicos, a distonia esquizoide se radicaliza apenas em um polo, tornando-se absoluta e, a priori, não se articulando mais como respostas adequadas às situações.

Nessa prancha X se conclui o cálculo para a avaliação do Índice de Realidade (IR) de Mucchielli (1968), que irei aprofundar mais adiante, atribuindo-se 2 (dois) pontos para as respostas consideradas vulgares (banais) D F+ A/Ban, como os exemplos: siri/caranguejo/aranha, chegando aos 8 (oito) pontos, no somatório das banalidades nas pranchas III, V e VIII, indicativo de um nível ideal na sintonia com o pensar comum.

Nas configurações diferenciadas dessa prancha se medem também o nível e a qualidade da inteligência prática-operativa e a capacidade de gerenciar do sujeito, sistematicamente, e com produtividade nas múltiplas possibilidades factuais e hipotéticas, dadas à iniciativa e à criatividade individual, como deveria ser, por exemplo, identificado nos protocolos dos diretores e gestores de

instituições e empresas e, ainda, nos gerentes de mercado, aferindo quantidade e qualidade da produtividade como fatores mensuráveis não apenas nessa prancha, mas em todo desempenho antecedente, mais especialmente nessa última prancha, por ser a mesma onde às vezes se compensam possíveis perdas e riscos identificados nas anteriores.

CAPÍTULO 5

ESTRUTURAS MENTAIS IDENTIFICADAS NOS PROCESSOS PERCEPTIVOS E PROJETIVOS DO TESTE RORSCHACH

Psicólogos experientes no Psicodiagnóstico Rorschach têm a sua própria semiótica comunicativa. É inadequado exigir que profissionais de outras metodologias e outras ciências compreendam que as siglas Do, indicativo de detalhe oligofrênico e uma DG/contaminada, uma G Dbl/confabulada associadas aos valores $F \mp$, formas malvistas, sejam sinais em códigos expressivos de processos mentais indicativos de patologias e quadros esquizoides e esquizofrênicos. Esses indicativos foram propostos pelo próprio Hermann Rorschach e por seus seguidores e continuam sendo aperfeiçoados, continuamente por Escolas no Brasil e no mundo, de acordo com seus próprios sistemas teóricos e metodológicos.

Na abordagem do teste, voltando às páginas anteriores e já antecipando um importante tema no Psicodiagnóstico Rorschach, propus a Presença como finalidade última desse instrumento compreensivo, interpretativo e investigativo da psique humana. Ser e Estar Presente no mundo, no tempo, na convivência com humanos e outros seres vivos é a ordem dada à nossa Existência e o esperado de cada um de nós.

Estar Presente no mundo exige domínio do campo experiencial, físico, psicológico e social; exige uma percepção e compreensão das coisas presentes no campo, nos seus constitutivos estruturais, funcionais e dinâmicos, nas suas diferenças e nas suas relações significantes com os demais entes e coisas presentes no mundo e na nossa experiência.

A percepção do campo experiencial na globalidade expressiva da sua unidade, se

codifica com o sinal G. A percepção de uma unidade como parte desse campo se codifica com o sinal D, indicando uma parte como detalhe significativo de um Ser existente no campo, um “em-si”, no seu próprio contexto, mas sem relações com outras partes do mesmo contexto.

A percepção de um detalhe mínimo totalmente descontextualizado do resto se codifica com o sinal Dd (pequeno detalhe); volto a lembrar, como índios com determinadas configurações mentais, cujo campo experiencial é a floresta, natureza densamente constituída nos seus variados e mínimos seres viventes, caracterizavam-se com a Presença no campo, com múltiplas e predominantes operações perceptivas em Dd.

Um campo experiencial dado aos nossos processos perceptivos e projetivos é constituído por inúmeros objetos sensorialmente estimulantes dos cinco sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato; mas é constituído também de objetos na penumbra sensorial em uma condição que Werner (1970) denominava com o termo: “in statu nascendi”, expressivo de um inicial Vir-a-Ser dos processos perceptivos captados nas manchas do Rorschach que se apresentam em uma configuração típica, na qual o campo experiencial físico, psicológico, social e cultural é denominado com o termo “figura- fundo”.

No Rorschach, as manchas cromáticas e acromáticas, a percepção dos brancos internos e externos compõem a região figura-fundo do campo experiencial perceptivo.

A percepção do fundo branco interno e externo se codifica no presente sistema com o sinal Dbl. Esse fenômeno perceptivo se combina com os códigos precedentes dando origem às seguintes e mais complexas codificações: G/Dbl, a figura na sua globalidade incluindo fundos brancos internos e externos da mancha; D/Dbl, um detalhe com fundo branco; Dd/Dbl, um pequeno detalhe com fundo branco; ou apenas um Dbl, apenas o fundo branco representado em uma forma.

Uma Presença operante com eficiência no campo deve se compor e combinar com todas essas modalidades perceptivas, privilegiando uma ou outra, de acordo com os tipos perceptivos característicos de cada pessoa, mas sem omitir as categorias da Presença: F+ na eficiente abrangência do campo, na totalidade da sua unidade e nas suas partes em si percebidas e em relação a outras partes alcançando, contudo, a sua eficiência quando se qualifica por altos níveis da consciência no quantum de F+, tornando-se, assim, plena Presença consciente.

Essa categoria diagnóstica fundamental na avaliação de um perfil de personalidade sinalizada com o código F, forma percebida na mancha, deve ser indicada com nomes denominados e explícitos nas suas diferenças e compreensivamente quando verbalizados.

Se a atribuição de um nome corresponde a uma estrutura autêntica, de fato da forma, o nome é assertivo, não deixando dúvidas sobre a natureza do objeto percebido, codificando-se com F+, como já mencionado, sendo indicativo de um controle cognitivo pleno sobre os objetos do campo experiencial. O quantum de F+ é indicativo também de uma consciência que opera com altos níveis de inteligência. O termo inteligência se fundamenta na língua latina clássica: *intus-legere*, ler no profundo, colher a essência das coisas, as suas diferenças e propriedades específicas sem confusão com outras coisas.

Quando na quinta prancha, o percebido na unidade da sua totalidade recebe o nome “Borboleta”, ou outro ser voador com duas, ou três estruturas apropriadas: duas asas e no centro o corpo, e, de fato, é percebido pelo senso e consenso comum, codifica-se com GF+, indicativo de um controle cognitivo pleno da globalidade do campo experienciado como unidade significativa, sendo essa uma das quatro respostas classificadas como banais na teoria oficializada do Rorschach.

A consciência, contudo, e a inteligência nas suas formas expressivas evolutivas no tempo seguem um itinerário reversível de baixo para cima e vice-versa, expressivo de uma evolução plena ou uma decadência, uma parada ou um bloqueio do processo evolutivo da consciência em razão de vários fatores intervenientes, tais como: más formações genéticas morfológicas e funcionais geradoras de doenças mentais graves e leves, transtornos de personalidade como sequelas de traumas psíquicos e outras variáveis socioculturais.

O itinerário da consciência na inteligência como dinamismos da mente se apresenta em contínuos degraus que sobem e descem e são indicados pelos valores quantitativos e qualitativos das valências em: (+), (\pm), (\mp), (–), valores esses agregados à determinante F ($F+$, $F\mp$, $F\mp$, $F-$).

Como já salientado a $F+$ (mais) indica uma consciência plena atuante por um domínio cognitivo, intelectual na região do processo secundário, onde e quando o princípio de realidade governa a mente nos seus juízos críticos. Já a $F\pm$ (mais menos) é indicativa de uma consciência em estado de resiliência depois de um devaneio da mente ou de um imaginário carregado, porém, de possibilidades, hipóteses e de um possível Vir-a-Ser. A determinante $F\pm$ pode também ser indicativa de uma consciência que desce, tolerante, ao nível subconsciente no qual e durante o qual ao despertar, ela se decide para qual alternativa optar no seu juízo, como neste exemplo: “São dois elefantinhos, mas não se parecem tanto, porque também se parecem com dois gatinhos”, foi a resposta dada por uma jovem mulher na prancha II, em dúvida na escolha da sua profissão. Na minha proposta metodológica, em sintonia com Max Weber, codifico essa percepção com $F\pm$, por ser indicativa de um processo secundário em seu statu nascendi, próprio de uma consciência que se dá o direito de voltar, ir e voltar de um caos originário, onde novas possibilidades nas suas eficiências podem se tornar realidades. Mentes criativas como dos artistas, poetas, músicos, escritores, estão dentro dessa fenomenologia da percepção.

A determinante codificada em $F\mp$ (menos mais) manifesta o início de uma descida a um processo primário-primário da mente por uma perda progressiva da

clareza da transparência, da evidência das coisas, deixando dúvidas não apenas de ordem cognitiva, mas também de ordem sensitiva, afetiva e operativa de como agir e atuar com as coisas, isso em protocolos de adultos.

Quando um adulto submetido ao Rorschach, na prancha V, declara: “É um bicho, sei lá” e solicitado a definir melhor, no inquérito, insiste na mesma afirmação, essa resposta indica uma limitação mental ideativa e será codificada com $F \mp$, característica de uma mente confusa.

Lembro da minha filha, aos dois anos de idade, deitada em uma cama de palha em uma cabana que os indígenas Xavante construíram para a nossa aldeia, que hospedava os adolescentes da Febem, um dia me disse: “pai tem um bicho na cama”, e eu disse a ela: “não mexa com ele, não, saia bem devagar da cama! Como ele é?”. Ela me respondeu: “é comprido, vermelho e preto, está todo enrolado”, eu disse a ela: “cuidado filha, fica quieta estou chegando...”. Era, de fato uma pequena serpente da espécie coral. Por sorte nada aconteceu e, com a ajuda dos indígenas da região, a relocalamos na mata. Por esse evento, reitero a fala de Mucchielli (1968) na importância afirmada de se nominar os objetos com seus nomes estruturalmente apropriados para confirmar no diagnóstico um comportamento assertivo nas tomadas de decisões.

Formas percebidas e nomeadas genericamente ou quando o nome atribuído à forma não é justificado com evidências pelas estruturas dela, na mancha, a determinante F se qualifica com o sinal \mp ; é uma estrutura em risco de decadência em um primário-primário patológico.

A determinante F codificada com o sinal – (menos), negativo, indica uma perda da consciência, expressiva de demência quando no momento de algo percebido na mancha não tem indicação de nenhuma forma, por exemplo: “Aqui um vazio, uma confusão, nada vejo, mas só sinto”, com certeza, na minha prática avaliativa, atribuo a sigla F–, indicando negação de qualquer forma percebida.

As combinações sincreticamente contaminadas e confabuladas, apenas partes e seguimentos, formando unidades incompatíveis no seu significado, na ordem do espaço e do tempo, e partes que se agregam em absurdas relações de causa e efeito, são respostas consideradas contaminadas e confabuladas siglando com: DG F \mp .

Vejam agora os seguintes exemplos perceptivos: “Asa de morcegos”, respondeu um sujeito na prancha V, “mas você percebe o morcego?”, replicou o psicólogo, “não, só a asa!”, então é um detalhe oligofrênico, nesse caso, porque nega a globalidade do percebido e vê apenas uma parte, mas cujo significado é dado na própria globalidade negada, será siglada com Do. O Do é um sintoma perceptivo de dissociações, desagregações esquizoides e esquizofrênicas. Ainda outro exemplo: “Cabeça de gente”, declarou um sujeito, com ênfase e satisfação na prancha III, “mas você vê a pessoa?”, replicou o profissional, “só cabeça de gente”, respondeu contrariado o sujeito. Essa resposta será siglada Do F \mp .

O detalhe esquizofrênico siglado com Do é sintoma de uma mente esquizoide deteriorada por processos dissociativos e essa percepção ocorre quando a maioria das pessoas submetidas ao teste, em uma determinada prancha, mas com maior frequência nas pranchas III e V, podendo ocorrer também nas pranchas I e IV, negam a totalidade e ela é reduzida apenas a um detalhe. O sujeito é acometido por sintomas dissociativos, indicativos de sintomas iniciais, crônicos ou conclusivos da sintomatologia esquizofrênica.

Em outro capítulo apresentarei a fenomenologia da esquizofrenia colhida no Rorschach. O esquizofrênico entra em pânico frente a uma totalidade constituída por partes na sua unidade, isso porque são mobilizados internamente profundos sentimentos de culpa, em muitos casos, devido a impostas acusações paranoicas imaginárias, de ter sido ele o autor ou culpado de ações destrutivas e catastróficas. O esquizofrênico percebe o mundo em catástrofe e o Do é um “resíduo” dessas experiências que o aprisionam em um campo e um tempo da sua vida repleta de eventos dissociativos.

O esquizofrênico em um segundo momento, acometido por um processo de separação, tenta reconstituir a unidade quebrada, mas faz isso de forma desordenada, incompatível com a ordem real e natural das coisas, combinando-as em relações absurdas. Esses comportamentos impróprios se expressam no teste Rorschach em percepções codificadas por DG F \mp /cont ou DG F \mp /conf (contaminadas e/ou confabuladas), expressivas, contudo, de tentativas na reconstrução de unidades, mas ainda em falência por estados demências.

Segue agora um exemplo clássico da origem do significado das palavras: demência, idiotia, estupidez resumidas com o termo “cretino”, na linguagem vulgar.

Os atenienses habitantes da Grécia desprezavam os habitantes da ilha de Creta, que os consideravam como dementes, idiotas, estúpidos e imbecis, porque combinavam coisas com coisas de maneira incoerente e sem nenhuma estética. Nas línguas neolatinas existe o termo “sincrético” que filologicamente vem das componentes “sin” significando combinar, unir, juntar as coisas como faziam os Cretinos, habitantes da ilha de Creta; contudo, essa deficiência era causada pela falta de iodo na alimentação, causando o hipotireoidismo e como sequelas gerando perturbações mentais e comportamentais.

A mente sincrética no processo evolutivo segue a mente esquizoide e caracteriza as tentativas de crianças em combinar os detalhes percebidos no seu campo experiencial, mas ainda de forma desordenada como quando em um desenho da figura humana: uma perna vai no lugar de um braço, a boca no lugar do olho.

Bateson (1986) afirmava que uma criança evolui mentalmente quando afirma que a “essência do olho, no vulto humano é aquela coisa que está em cima do nariz e que a boca está embaixo do nariz e dos olhos”. Um paciente de Caps, suspeito de esquizofrenia, submetido ao Rorschach deu a seguinte resposta, na

prancha III: “ramuca” e, ao pedido de explicações do profissional, o paciente convencido se justificou assim: “Você não conhece ramuca? É aquele bicho com cabeça de rato, corpo de mulher e perna de cabra”. Esta percepção codifica-se com DG F \mp /cont, é uma contaminada e define uma mente sincrética; a hipótese diagnóstica de um quadro de esquizofrenia levantada sobre o paciente é confirmada no teste Rorschach, com o neologismo “ramuca”, nome expressivo de um mundo utópico imaginário de um delírio esquizofrênico.

A mente sincrética se manifesta nos processos perceptivos projetivos do Rorschach com respostas consideradas e definidas como confabuladas. Outra paciente, uma mulher carregando um peso insuportável na gestão conjugal familiar, deu a seguinte resposta: “Uma borboleta cansada com as asas machucadas carregando um jacaré, outra borboletinha pequena ajudando a borboleta maior, que dor”, na prancha V. Pela lógica comum, uma borboleta não suporta o peso de um jacaré, o princípio realista causa-efeito é alterado por um princípio para além da lógica comum expressivo de um pensamento confabulado, mas justificados pelos tormentos relacionais conjugais.

Quando as coisas no espaço, as relações pessoais, os acontecimentos no tempo se alteram deteriorando-se nas recíprocas e lógicas relações compatíveis com os princípios éticos e morais no tempo podem provocar sérios transtornos na personalidade, anunciando quadros patológicos e que são dados no Rorschach como já afirmado com respostas confabuladas e contaminadas que se codificam com DG F \mp /D/D F \mp . Na vida real essa paciente vivia o drama conjugal de um marido aproveitador, violento, que agredia fisicamente e psicologicamente ela e a sua filha adolescente, quando ela tentava proteger a sua mãe.

Considero muito importante as seguintes considerações e reflexões: se as respostas confabuladas representam e significam uma desordem lógica, uma regressão aos níveis primários da organização e do funcionamento mental e comportamental, contudo, porém, podem ser um momento em um espaço e em um processo jurídico no qual a Verdade se revela, pois a Verdade se esconde na lógica do diurno e se manifesta na lógica do noturno. Na história clássica e suas

memórias, a Esfinge do Egito, a Sibila de Cumas escondiam a Verdade em respostas aparentemente confabuladas, mas misteriosas. Entenda quem quiser entender e reflita também quem quiser sobre a questão e o dilema do que significa um sistema puramente técnico científico na compreensão dos dados do Rorschach: uma esquizofrenia nos seus efeitos comportamentais, familiares e sociais, provocando graves infrações pontuais ou contundentes é efeito de uma patologia “imposta” por um poder opressor que com frequência se declara inocente.

As diferenças e as características evolutivas operativas da mente nestes extremos: Do $F \mp$ versus DG/Dbl $F+$, no perfil mental de um sujeito o qual no psicograma como modelo comparativo apresentará no decorrer dos processos perceptivos projetivos esses opostos, registrando a seguinte disparidade: 2 (G $F+$) versus 5 (DG $F \mp$), confirma uma progressiva e consistente degradação da estrutura mental em relação às experiências de vida.

Apesar de ainda não ter apresentado neste momento as outras determinantes dos processos perceptivos e projetivos é possível, porém apenas com a determinante forma (F) delinear um diagnóstico e prognóstico na linearidade horizontal do comportamento do sujeito.

É importante recuperar esquemas de formação em escalas evolutivas dos processos primários aos secundários apresentadas por autores de renome na Psicologia Evolutiva dentre eles: Piaget (1972), Freud (1969), Klein (2010), Werner (1970), Arieti (1969) e Sullivan (1962), sendo que esses dois últimos sugeriram e delineararam as formulações do processo terciário como combinação articulada e integrada do processo primário com processo secundário e do processo secundário elevado ao nível do processo terciário, sem extinção total de todos os processos antecedentes.

Novamente sugiro aproximação a Bachelard (1989), Morin (2015) e Bateson (1986) que sugeriram uma escala evolutiva de fácil manuseio que dá acesso aos

dados quantitativos e qualitativos no esquema primário, secundário e terciário, oferecido pela determinante forma nas suas avaliações contínuas progressivas e regressivas de $F+$, $F\pm$, $F\mp$, $F-$.

Outra escala evolutiva paralela com a precedente, mas um pouco mais complexa, é dada pelo itinerário evolutivo composto pela mente esquizoide, mente sincrética diferenciada, mente articulada, mente sistêmica, megassistêmica e holística, esta maximamente integrativa de partes distantes e até opostas.

Essa segunda escala evolutiva exige a compreensão e o significado diagnóstico das outras determinantes dos processos perceptivos, são elas: as cinestésias e as cores cromáticas e acromáticas, até nos seus esfumaçados que detalharei mais adiante nos seus processos de quantificação e seus valores qualitativos das estruturas mentais reduzidas em códigos.

Números são poesias na declaração de Bachelard (1989), e não apenas fazem parte de uma ciência matemática que tem a matéria concreta como objeto de estudo, mas também compõem a ciência do Espírito. Números não apenas mensuram pesos, distâncias, densidade, frequência, mas relações nas igualdades e nas diferenças, na ordem e na desordem das coisas que estão em um campo de fenômenos; números manifestam sintonia, distonia, harmonia, desarmonia, vigor e fragilidade.

O mistério também se revela nos números como no seguinte dilema quase paradoxal: “ser Um e ser Três ao mesmo tempo. Formando uma Tríade”; “ser dois em um”, e, ao contrário, “um mais um não faz dois” como é na Dualidade, mas, como individualidades opostas, que não se somam, não se compõem em uma unidade. O finito e o infinito, o simples e o complexo, o certo e o hipotético possível se exprimem com números. Números são qualidades não apenas das “coisas”; mas das pessoas, no sentir e no pensar profundo.

Em uma conferência sobre o tema: “A Essência e a Consistência do Amor na relação amorosa de Amantes”, foram convidados dois profissionais especialistas no assunto a fazer parte da mesa redonda, um filósofo e um sociólogo. Cada conferência tinha um limite no tempo de exposição das suas ideias.

O filósofo brilhante na sua eloquência perdeu-se nas suas considerações ocupando quase todo o tempo destinado ao seu colega sociólogo. O auditório já estava dando início a movimentos de saída, quando o coordenador da mesa impôs ao conferencista terminar as suas elucubrações, dando palavras ao conferencista sociólogo, que sintetizou o discurso nestas palavras: “O Amor entre duas pessoas é dado por duas variáveis numericamente mensuradas tempo e espaço”, pela resposta a estas duas perguntas: “Quantas vezes vocês se encontram no dia, na semana, no mês, no ano? No estar-junto dos vossos corpos, qual é a distância?”.

O sociólogo conclui com a seguinte sentença: “Dois se amam quando a frequência é múltipla, muitas vezes no dia e quando a distância é mínima, próxima a zero”. Número é qualidade, os números são medidas quantitativas que exigem interpretações qualitativas.

Os dados Rorschach são válidos instrumentos para esse modelo de compreensão: o número zero (0) é, inclusive, carregado de significado, como também o termo “nada”; na Filosofia o número zero é bastante significativo; um processo de quantificação precisa de um suporte teórico para a sua sustentabilidade prática.

O próprio Freud, de um lado, e Piaget, de outro, oferecem-nos esse suporte com fundamentos nos processos evolutivos da experiência e da mente que alcançam gradativamente níveis de maior competência, na compreensão da realidade e na capacidade de se relacionar objetivamente com ela. De um lado, temos os itinerários evolutivos dos processos primários aos processos secundários para Freud (1969) e os itinerários evolutivos de estruturas e regras mentais que vão dos níveis operativos proto e paratáxicos para níveis sintáxicos oferecidos por

Piaget (1976).

Uma mente organizada aos seus níveis primários proto e paratáxicos não domina a realidade, os objetos, os fatos, os eventos nas suas dimensões concretas objetivas pelas suas naturezas e pelas exigências normativas do mundo comum estabelecidas pela razão, pela lógica silogística de causa e efeito de um antes e um depois na duração de um tempo e de uma ordem estrutural estética e funcional de partes que formam um todo em uma unidade significativa.

Essas declarações tratam de um domínio e de um controle não apenas cognitivo ideativo, intelectual, mas também de um controle afetivo, emocional e conativo. Um processo perceptivo de formas nos seus inícios primários proto-paratáxicos receberá o valor (-1); um processo perceptivo de formas aos níveis do processo secundário sintáxico receberá um ponto positivo (+1).

Há, contudo, regiões evolutivas intermediárias entre o primário e o secundário, entre o proto-paratáxico e o sintáxico. Essas regiões e níveis intermediários normalmente fazem parte do próprio processo evolutivo que caracteriza a passagem da menor à maior idade mental: às vezes, são características de processos evolutivos doentios por estados degenerativos cerebrais morfológicos, funcionais, químicos, às vezes, são regiões primárias da experiência e da mente intencionalmente alimentada na descoberta de alternativas ao já estabelecido e imposto pela lógica dominante.

Contava Gaston Bachelard que de dia era um rigoroso epistemólogo, mas, ao anoitecer, entrava de propósito no devaneio, com a ajuda do seu Bordeaux. Ao amanhecer esse devaneio era sistematicamente reduzido em epistemologia como “filosofia do não”.

Um renomado psiquiatra ítalo-americano, Arieti (1969), completa o binômio

“primário secundário” com um processo articulador, integrador ao qual dá o nome de “terciário”. O processo terciário para Arieti (1969), usando a terminologia antecedente, é um retorno a um primário paratáxico, berço da originalidade do Eu, para estimular um sintáxico criativo inovativos, expressivo de uma personalidade que se caracteriza pela individualidade na identidade e pela subjetividade nas suas relações interpessoais e culturais.

As escalas entre o primário e o secundário, entre o proto-paratáxico e sintáxico se conotam com os sinais quantitativos de \mp (menos mais) e \pm (mais ou menos) com os valores respectivos de -0.5 e +0.5.

O valor -0.5 indica um início da decadência mental, o valor + 0.5 indica uma potencialidade, tudo isso, obviamente, em indivíduos adultos.

A avaliação da determinante forma é uma referência; por isso se propõe nesse sistema que ela seja sempre explicitada nos seus valores, como já foi exposto, nas cinestésias humanas (K), animais (Kan) e objetos (kobj), pois a função cognitiva no discernimento das diferenças e das relações entre as coisas está no vértice da pirâmide da mente humana.

O processo de quantificação é uma modalidade relativamente simples que se fundamenta na Psicologia como análise avaliativa do comportamento verbal na sua competência expressiva formal, definindo, em seguida, a competência comportamental. Na dimensão da Psicanálise quando se explicam as funções maturativas nas instâncias psíquicas, tais como o Eu e o self na dialética entre o Id, o Ego e o Superego, entre o imaginário e o real, entre o individual e o universal.

São possíveis, porém, outros processos de quantificações expressivas de níveis e formas de maturidade psíquica incluindo nelas não apenas a função cognitiva,

mas outras propriedades mentais, dentre elas a Presença no campo, as relações afetivas com os objetos do campo e o poder de relacioná-las significativamente em sistemas sempre mais abrangentes do todo. Como exemplo, apresento duas operações perceptivas no Rorschach, assim codificadas: Do $F \mp$ /Hd e DG/Db1 $F+$ Ksimb $F+C/$ Hdual/Nat. De um lado, registra-se uma percepção oligofrênica e do outro lado uma percepção maximamente estruturada e integradora de objetos no campo experiencial, nas operações mentais e com conteúdos variados (humanos e animais que se relacionam com a natureza).

Quando o percebido na sua projeção não é explicitamente denominado, por ser absolutamente insignificante, mobilizando a rejeição da mancha, ou é expressivo de uma perda total da consciência por demências mentais orgânicas cerebrais, ou por mecanismos inconscientes ou mesmo intencionais defensivos de uma identidade agredida por um terrificante nas inevitáveis lutas da vida.

Por mente esquizoide entende-se a incapacidade de perceber uma parte como elemento e momento de um todo, sinal de eventos dissociativos, desintegrativos e catastróficos na organização do psiquismo, isso em adultos, contudo, na primeiríssima infância, a mente esquizoide constitui-se como estágio inicial de uma mente no seu processo maturativo.

As respostas codificadas em DG, DG/Db1, GDb1, D/Db1, agregadas com a siglas $F \mp$, são consideradas percepções complexas, contaminadas e confabuladas, são indicativas de uma mente sincrética, como tentativas de reparar e recompor fragmentos e restos de unidades quebradas. A mente esquizoide e a mente sincrética são sintomas indicativos de uma mente esquizofrênica nas suas fracassadas tentativas de associar eventos com eventos em uma delirante e impossível relação de causa e efeito.

As mentes sincréticas contaminadas são percepções e construções que denunciam uma impotência na experiência do tempo nos seus constitutivos passado presente e futuro, do antes, do agora e do depois. Espaço e tempo são,

contudo, dimensões ontológicas da matéria, realidade mensurável existente; por isso, as percepções contaminadas e confabuladas são representativas de quadros borderlines, sintomáticos de uma patologia no experienciar da realidade.

Na composição evolutiva de uma fenomenologia da mente primitiva, na tabela exposta por Werner (1970) que apresento mais adiante no Capítulo 13, configura-se como mente confusa. A confusão mental é característica das primeiras experiências dos objetos que ocupam e se movimentam no espaço de vida em crianças, que ao abrirem os olhos, esses objetos antômicos não têm delineamentos, nem pontos de referência e nem mesmo consistência funcional nas suas identificações, pois as crianças ainda não dispõem de nominativos específicos.

Esse estado confusional nas crianças recém-nascidas tem brevíssima duração, mas é recorrente na demência que nos seus processos perceptivos se manifestam em formas sem nome, ou indicadas com nomes, mas sem consistência nas estruturas da mancha, ou nomes aleatórios mobilizados por mecanismos associativos, automatismos perserverativos e estereotipias, como quando acontecem nas perdas da consciência por complicações genéticas e hereditárias.

A mente esquizoide sincrética confusa demencial coincide com o processo primário da teoria Psicanalítica, e com os processos prototático e paratático de Sullivan (1962), a determinante forma se qualifica negativamente, $F \mp$.

A evolução da mente chega ao processo secundário e sintático quando as coisas têm um nome próprio e exprimem um consenso nas regras do pensamento comum e em relação ao como se relacionar com elas: urso não é abelha, morcego não é elefante, o nome dado se fundamenta nas estruturas que caracterizam aquele objeto de realidade percebido no campo real, segundo Mucchielli (1968).

Essa mente que percebe e dá nome apropriado às coisas pode ser denominada com vários termos, contudo análogos, tais como: mente discreta, ordenada, analítica e categorial. As coisas, objetos e Entes da realidade se dividem e se diferenciam em ordens de classes e espécies, cada uma com as suas propriedades e as suas exigências operacionais.

A determinante forma se qualifica positivamente com a sigla F+. O processo evolutivo da mente procede em níveis mais altos quando F+; a competência de perceber relações de uma coisa com outra coisa e de articular coisa com coisa, Werner (1970) denomina esse nível mental com o termo articulado, indicativo de uma inteligência que não apenas vai ao profundo significado das coisas, mas especula a relação, o potencial relacional das coisas.

Tudo isso será esclarecido, mas é importante insistir na compreensão desse esquema evolutivo da mente, a fim de apurar uma recíproca avaliação quanti-qualitativa, como mente inteligente que percebe intuindo relações entre coisas, e, operativamente, as combina com formas satisfatórias, interessantes e construtivas nos campos experienciais mais amplos, em um nível mais alto do que a inteligência de uma mente puramente analítica.

Por último, com fundamento em estudos sobre a criatividade e na tentativa de colher nos dados Rorschach as estruturas perceptivas dos processos terciários, propostos por Sullivan (1962) e Arieti (1969), foi dado por mim um nível ainda maior em relação aos dois antecedentes denominados de mente analítica e mente articuladora, ao qual dei o nome de “mente megassistêmica”, “denominada também de mente ecológica”, em sintonia com os fundamentos propostos por Bateson (1986) na sua obra: Passos para uma Ecologia da Mente, tratando-se de uma mente integrativa não apenas de coisas distantes no espaço e no tempo, mas até mesmo de coisas opostas.

Temos então dois extremos na escala evolutiva da mente: a mente esquizoide no ínfimo evolutivo e a mente ecológica amplamente sistêmica no vértice evolutivo.

Como quantificar para diferenciar com mais objetividade níveis evolutivos mentais, neste livro, estão sendo dados critérios abertos para debates e propostas corretivas e inovadoras.

As avaliações quantitativas não apenas da inteligência, mas da maturidade psíquica mental e ética são importantes para os compromissos diagnósticos nas áreas organizacionais e de Gestão de Pessoas, na seleção de perfis profissionais e classificação de candidatos a cargos administrativos, diretivos e funcionais, nas suas diversificadas especificidades e competências, como também nos seus limites e possíveis déficits.

A percepção de formas que compõem um todo em uma unidade complexa, articulada, integrada de partes distantes diferentes e até opostas, mas expressiva de uma originalidade criadora, receberá pontuação máxima +6 (seis pontos positivos), no presente sistema, e, por outro lado, a rejeição de uma ou mais pranchas, expressiva de uma impotência interpretativa, receberá a pontuação -6 (seis pontos negativos).

CAPÍTULO 6

EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS

NO USO DO TESTE

O teste Rorschach é um palco, um auditório, uma mesa onde juízes sentenciam, é um consultório e um divã de psicanalistas, um templo onde profecias ecoam; no discurso construído pelo processo de percepção de formas o inconsciente vem à luz da consciência, o noturno se desfaz à luz do dia, o “imaginário” se revela como “realidade”, a mentira é forçada a tirar as suas máscaras e explicar os seus jogos e as suas manipulações.

O Rorschach não é apenas um instrumento investigativo avaliativo de estruturas e dinâmicas da personalidade; nos seus textos, nos seus discursos, nos seus nomes se projetam dramas da existência humana; cada mancha de tinta é “matéria arquetípica” que mobiliza memórias (BERGSON, 1969) da história da humanidade, como também da história do sujeito interpretante.

“Um coração partido, a parte de cima mais escura já morreu, a parte de baixo vai morrer”, foi a percepção de uma criança de oito anos de idade abusada pelo pai, indicando o detalhe central inferior vermelho da prancha II. “Uma árvore queimada incendiada e o passarinho que nela pousava fugiu”, foi a resposta, na prancha IV, de um homem falsamente acusado de abuso sexual por um dano causado à sobrinha; a mesma pessoa na prancha IX percebeu: “Um vulcão explodindo mentiras”, denunciando com essa imagem simbólica, a mentira de um grupo de mulheres que queriam lhe extorquir capitais.

“Dois bruxos, um homem e uma mulher mexendo em um caldeirão de maldades, uma borboletinha em cima, tadinha! Pode cair dentro”, foi a percepção de uma jovem de 17 anos de idade, cujos pais viviam perturbando a redondeza toda,

promovendo discórdias e gozando disso; a jovem se identificava com a borboletinha pressionada pelos pais a se envolver com esses jogos moralmente sujos.

“O sol nascendo no horizonte! Não! Se pondo nas águas do oceano; o dia acabou, que paz, que alívio!”, foi a percepção, na prancha X, de um jovem de 18 anos de idade envolvido em um pesado drama familiar, perdendo-se e “se protegendo” no uso contínuo da maconha. Eu, como terapeuta, fui tomado por um triste e sério pressentimento de morte anunciada, avisei ao pai, que me confessou que o seu filho tentou o suicídio três vezes, na última vez, escapou por milagre, foi alertado por mim que a quarta vez poderia ser a última.

Um menino de seis anos foi abusado por uma figura masculina adulta; o abuso foi confirmado pela perícia técnica, sem, no entanto, nós aplicadores estarmos cientes disso; na prancha I, percebeu “Bigode de homem, bigode preto”. Na prancha VI: “Um short com zíper e um machado em cima”; na prancha IX: “Um pipi grande entrando em um bumbum, doeu!”. A história mobilizada pelas três imagens arquetípicas no imaginário da criança sentenciou que um homem de “Bigode preto”, abriu o short, exibiu o pênis e tentou um coito anal.

Outro caso, de um paciente que me procurou em pânico, porque relatou ao seu psiquiatra e psicanalista ortodoxo que frequentemente sonhava ter relações sexuais anais com o seu pai já falecido, sendo o filho o parceiro passivo do pai. Esse paciente recebeu uma sentença: “você é homossexual”.

Na época, essa sentença era catastrófica não apenas pela homofobia imperante, mas porque ele estava se preparando para o casamento com uma garota apaixonada por ele.

Ele era uma pessoa importante na área médica, profissional sério, cientista

pesquisador na área da saúde infantil; resistia, porém, em participar de congressos como palestrante, conferencista em mesas redondas, porque nessas circunstâncias era castigado por uma gagueira. No normal ele não era gago, só em apresentações formais e oficiais em público e em funções de destaque.

Submetido ao Rorschach por mim, verifiquei que estava tudo normal na primeira, segunda, terceira prancha, apesar de uma angústia de fundo, mas “sob controle”. Na quarta prancha, ele explodiu: “As botas do meu pai quando me chutava irritado no lado oposto da sala” e na sexta prancha: “O pesadelo dos meus sonhos: o pênis do meu pai entrando em mim”. Terminando a aplicação do teste relatou as memórias da sua infância na relação com o pai.

O pai era um administrador de fazendas nos pampas gaúchos; ao anoitecer, chegava em casa um pouco exaltado por excessivas doses de cachaça, com botas sujas de lodo e embrulhado em uma capa preta, típica vestimenta masculina daquelas regiões; então, jogava o seu corpo em um robusto sofá de madeira, chamava o filho, que na época era pequeno de 7, 8 anos de idade, magrelo, tímido, com medo, para tirar as botas dos pés do seu pai e, quando não conseguia, o pai com a outra bota ou com o outro pé lançava com força e raiva o corpo do seu filho na parede.

Com o desvelar do teste, acalmei o paciente com a seguinte sentença interpretativa diagnóstica: “você não é homossexual”, você não resignificou o poderio paterno na sua vida adulta, no seu inconsciente, fixou-se em você um complexo de inferioridade masculina, que se reativa, mobiliza-se quando constrangido a enfrentar situações de autoridade, provocando o sintoma de uma gagueira neurótica.

Com o perdão de Freud, o “pênis” não é apenas um órgão do corpo provocador de desejos sexuais, mas é um instrumento simbólico de poder e o poder na história da humanidade, salvo raras culturas matriarcais, sempre foi masculino. Eu disse a ele: “você sabia que os cedros que os reis usavam nas mãos

simbolizavam os pênis que os macacos vitoriosos nas lutas pela predominância do bando manipulavam em sinal de vitória, eretos, sobre o concorrente, não a fim de um prazer libidinoso, mas a fim de declarar e impor a hierarquia sobre a manada de machos e fêmeas?”.

Esse gesto típico e expressivo de poder no comportamento animal dos nossos antropóides ficou como resto pré-histórico, vide quando um humano moderno quer mostrar valentia frente a alguém que atenta e ameaça o poder; os motoristas arrogantes se comunicam com esse gesto; o “corpo também fala”.

Os obeliscos antigos nas suas arquitetônicas e estilizadas formas quase piramidais indicavam o poder dos faraós e era, na origem, simples montagens de pedras sobre pedras em formas que representavam pênis, deixadas nos territórios desérticos, como advertência para grupos nômades, que aquele território tinha um macho rei do qual deviam permissão em troca de regalias. Essas histórias de arqueologia antropológica foram autênticas sessões de psicanálise e de terapia. O paciente ressignificou sua história e se confirmou na sua identidade hétero.

O Rorschach é um instrumento científico? O que significa fazer ciência? O processo de avaliação se reduz apenas à mensuração, à quantificação, às correlações estatísticas comparativas? Na experiência e no comportamento, nem tudo pode ser reduzido a normas, médias, regras; nem tudo que é percebido, nomeado e falado pode ser reduzido em códigos. Há o inefável, há o indizível, o imperscrutável, mas também há o incodificável. Como se acessa essas dimensões profundas e transcendentais compreensivas de uma subjetividade no seu mistério fechado e protegida por uma singularidade única? A ciência tem os seus limites; a mente é compreensível nas suas funções cognitivas, afetivas, emocionais e conativas; mas o espírito transcende essas dimensões.

O grande psiquiatra Binswanger (1970), outros também, seus amigos e colaboradores, entre os quais Minkowski (1961), davam à ciência essas duas áreas de aplicação, assim definidas: “ciências da Natureza” e “ciências do

Espírito”.

A Psicologia põe-se no ponto médio dessas duas dimensões do existir humano: de um lado, como estudo científico da natureza animal; de outro, como saber compreensivo das experiências do espírito. Jaspers (1973) dedicou, na sua renomada e ainda interessante obra, *Psicopatologia*, um importante capítulo sobre a Psicologia Compreensiva.

Na compreensão dos dados do teste Rorschach, a subjetividade operante pela intuição sensível representa o instrumento diagnóstico mais objetivo para penetrar no interior da subjetividade do sujeito periciado e avaliado. O profissional que usa o Rorschach como instrumento diagnóstico avaliativo compreensivo deve se manter constantemente atualizado, especialmente nas áreas do Desenvolvimento, da Psicopatologia, da Personalidade, tendo acesso a teorias e métodos de uma forma sistêmica e compatível com o evento e a situação em observação e estudo.

O Rorschach exige uma transdisciplinaridade em razão não apenas da complexidade do comportamento humano, como também da multiplicidade das variáveis socioculturais. O profissional da Psicologia que se dedica ao Rorschach deve ter acesso à Sociologia, à Antropologia, aos estudos da linguagem e, sobretudo, à Filosofia, especialmente nas suas matrizes fenomênicas existenciais por serem as mesmas e o fundamento da compreensão da Psicologia que se apresenta nesta obra como “ciência dos dramas da vida”.

Grandes psiquiatras psicopatólogos foram também grandes filósofos, ou alunos de Filosofia, ou amigos de filósofos. Em congressos de Rorschach, lançava-se Bachelard (1996) como filósofo e mestre na compreensão do Rorschach. Obras dele revolucionariam radicalmente a compreensão do Rorschach: *A Poética do Devaneio*, por exemplo, sugeriria outras interpretações codificadas como contaminadas e confabuladas.

Nesses devaneios da mente quase próxima aos delírios, esconde-se uma Verdade, “a verdade do sujeito”, pela maioria, pela lógica dominante, considerada como loucura. O devaneio declara uma Verdade, mas por meio de seu próprio e diferente tipo lógico por nós fechados nos silogismos lógicos da “escolástica” considerados extravagantes, utópicos e delirantes.

Bachelard (1996), contando a sua vida, no amanhecer e durante o dia, o sol iluminando o planeta, considerava-se um epistemólogo, autor de uma filosofia como “ciência de rigor”; mas no entardecer e noite adentro, com a ajuda do seu Bordeaux e no calor da sua lareira, entregava-se ao devaneio, como uma criança se entrega às suas fantasias, como um poeta ou um artista aos seus imaginários; mas ao amanhecer tudo se transformava em rigorosa epistemologia.

Bachelard conhecia o teste Rorschach, fez a apresentação da obra de Kuhn (1999), Fenomenologia da Máscara, infelizmente pouco conhecida no nosso meio.

Como conclusão desta minha apresentação, ofereço a seguinte analogia e imagem simbólica: “o teste Rorschach é como um bisturi na mão de um cirurgião plástico; se o bisturi for enferrujado ou sujo provocará infecções; mas se o cirurgião for acometido pelo mal de Parkinson ou pela doença de Alzheimer, retaliações e perfurações, desfigurarão o corpo do paciente”. Estudos, pesquisas, reflexões e “Preces” devem acompanhar o uso desse poderoso instrumento. Fenomenologia do humano e dos outros conteúdos do processo perceptivo de forma.

A matéria arquetípica de cada prancha constringe o sujeito a se posicionar frente ao específico significado, ou não entrando na história, ou manifestando as suas experiências, mobilizando o inconsciente, como também a consciência, revivendo, significando ou ressignificando suas vivências. Muitas vezes, um

arquétipo ou um conjunto de arquétipos significam uma história ou um momento dessa história.

A importância da compreensão dos arquétipos das imagens do Rorschach é comprovada em anos de minha experiência na aplicação e diagnóstico nas áreas clínica e jurídica.

Os arquétipos se relacionam, sistematicamente, como se constituíssem em uma rede na qual se colhe uma história, um “capítulo” da história de vida, e não apenas como fatos, mas como ressonância deles no interior da alma do indivíduo. Os arquétipos colhem uma história de vida interior que não se comunica como crônica, mas como significados anunciados em uma linguagem simbólica, como frequentemente ocorre na linguagem das cenas oníricas.

Os significados arquetípicos também mobilizam eventos oníricos, contribuem para a compreensão do processo perceptivo projetivo experiencial. Um exemplo interessante foi de uma mulher, com 45 anos (quarenta e cinco), e 20 de casamento, deparou-se com a traição do seu marido; revoltada e em depressão, procurou psicoterapia e foi submetida ao Rorschach durante o processo psicoterapêutico.

Todo o processo evidenciou, até nas construções confabuladas, altos níveis de tristeza, de catatonia pela perda significativa do élan vital; rejeitou com firmeza e desdém a segunda prancha, até quando, em um segundo momento, foi incentivada por mim a dar pelo menos uma resposta. Na terceira sessão de terapia, contou-me um sonho que ela atribuiu ao segundo arquétipo rejeitado no processo perceptivo: “Como todas as manhãs, fui ao nosso quarto para retirar os lençóis da nossa cama...reparei-me com nojo, porque eram sujos de sangue e espermatozoides...Os recolhi e coloquei dentro de um cesto e descii no jardim onde estava uma grande vasca de pedra para lavá-los, como de costume. Ao abrir a torneira ao invés de água estava saindo lodo”.

Nesse segundo arquétipo o que chamou atenção, mas logo removida no inconsciente, foram as manchinhas vermelhas dentro do escuro das duas manchas ao lado do grande detalhe em branco: ela se sentiu ofendida na dignidade profunda do seu ser feminino, abrindo-se nela feridas morais mais doloridas do que feridas na carne. O dano foi irreparável.

No trabalho clínico, a compreensão analítica dos arquétipos e como eles foram expostos na linguagem simbólica ou como foram comportamentalmente tratados traçam um itinerário terapêutico.

As estruturas mentais que operaram na percepção de formas dessas imagens oferecem dados da maturidade psicológica ética no enfrentamento dessas experiências de vida. Um detalhe oligofrênico (Do) nas pranchas IV e VI indicam uma impotência cognitiva e conativa frente a uma poderosa e malevolente personificação genital masculina, a que Sullivan (1962) definiria: “Fobia genital masculina primária”.

Os sistemas das pranchas II, IV e VI evidenciam a profundidade, a extensão como também uma avaliação prognóstica na redução dessa fobia, que, às vezes, como foi constatado, chega a provocar pânico. Imagine o drama de uma jovem mulher: quando criança foi violentada sexualmente pelo pai e tio. Será que sua “fobia genital masculina primária” é um sintoma neurótico? Não seria sua orientação sexual homossexual explicada por esses fatos?

É importante ressaltar a importância do significado arquetípico das imagens percebidas nas manchas para a compreensão e a interpretação fenomenológica da história de vida interior do sujeito submetido ao teste.

Proponho aqui microssistemas diagnósticos que poderiam lançar como “Rorschach breve”. É interessante lembrar que Zulliger, discípulo de Hermann Rorschach, confeccionou três lâminas apenas, e o seu sistema foi aceito e muito bem aproveitado por segurar vantagens na economia de tempo em operações diagnósticas seletivas e classificatórias, especialmente na área organizacional. O microssistema arquetípico constituído pelas pranchas: II, IV e VI evidencia com clareza e certeza flagrantes psicológicos em uma criança vítima de abuso, violência sexual por figuras adultas, frequentemente, de gênero masculino.

Nos últimos anos de pesquisa e experiências com o Psicodiagnóstico Rorschach, dediquei-me à aplicação do sistema constituído pelos arquétipos das pranchas III, IV e VII, com o intuito de verificar, avaliar e medir em grupos constituintes a capacidade dos membros em relacionar-se um com o outro no respeito recíproco da alteridade por relações construtivas e solidárias, qualificando a relação por uma dimensão “fílica” e ética (filia = amor ontológico de um ser existente com o outro ser). Isso se colhe nas imagens das pranchas III e VII. A imagem arquetípica da prancha IV nesta pesquisa põe em evidência a experiência da autoridade, quando no exercício do poder institucional, na sua gerência como “superior” e quando na dependência, como inferior na composição de uma hierarquia.

Ressalto, mais uma vez, a importância do significado arquetípico das imagens percebidas nas manchas para a compreensão e a interpretação fenomenológica da história de vida interna do sujeito submetido ao teste.

CAPÍTULO 7

APLICAÇÃO DO RORSCHACH NAS SUAS MODALIDADES- PADRÃO

Todo manual do Psicodiagnóstico Rorschach deve oferecer instruções sobre a aplicação do teste. O sujeito a ser submetido normalmente é um adulto, jovem, adolescente ou criança, desde que o percebido seja comunicado com palavras, gestos mímicos e expressões visuais (comportamento verbal e não verbal) indicado por profissionais da saúde mental, da área educacional/acadêmica, organizacional ou intimado por uma autoridade forense. É frequente também que pessoas espontaneamente queiram se submeter ao teste, por motivo de autoconhecimento e análise pessoal.

É muito importante investigar as razões que conduzem e motivam o sujeito ao processo investigativo.

Esse momento mobiliza mecanismos e operações defensivas no inconsciente e na consciência. É possível, também, que o sujeito tenha sido informado ou instruído como proceder na investigação por profissionais inescrupulosos. Para um experiente psicólogo aplicador, é possível perceber essas operações defensivas, manipulativas, histriônicas e é sempre possível colher algo de verdadeiro e autêntico nestas formas esdrúxulas de interpretar as manchas: “A mentira com frequência apela para a “máscara” da Verdade”, *Phénoménologie Du Masque: a Travers le Test de Rorschach* (KUHN, 1957).

É aconselhável em uma sessão antecedente, ou em uma seguinte, recolher dados da história de vida do sujeito, os fatos, eventos que a constituíram e como eles foram experienciados e significados. Nas minhas aulas sempre insisto sobre estas duas fontes de dados: uma ajuda a compreender melhor a outra, porque no texto, na linguagem, no inquérito ideoafetivo vai se revelando uma história de

vida da mesma pessoa em dimensões existenciais e existências diferentes.

Pessoalmente, não faço uso do cronômetro por ser um objeto ansiógeno; aprendi a medir mentalmente o tempo de latência, dado importante a ser registrado, porque revela, na medição de segundos e de minutos a intensidade do “choque emocional” frente ao significado arquetípico das pranchas.

As instruções aos sujeitos a serem avaliados e de como proceder na tarefa investigativa vão depender dos níveis culturais e das faixas etárias deles.

Em síntese, o que se exige é a percepção de formas, dando a elas um nome que corresponda a pelo menos uma, duas, três partes estruturais da forma na mancha: “É gente, é uma mulher!” (Por quê?) “Olha o corpo, as pernas, a cintura, o vestido, as mãos”.

É importante exigir a percepção de formas objetivas concretas controlando um imaginário que pode se perder em descrições e comentários próximos à confabulação, comportamentos frequentes, na área jurídica (criminal) de sujeitos que querem se subtrair ao processo investigativo.

As dez pranchas devem ser aplicadas, preferencialmente, de uma só vez, encorajando, reforçando o sujeito a ficar firme na tarefa para o “seu bem”, mesmo tratando-se de uma perícia forense ou psiquiátrica.

Delicadamente insiste-se para que o sujeito produza três respostas por prancha, chegando a um total de 30 respostas, contingente quantitativo suficiente para avaliações de fenômenos qualitativos. Respostas adicionais fazem parte desse total, contudo elas têm seu próprio significado na avaliação da temporalidade:

quando estável na decadência ou na elevação (superação e recuperação) quanti e qualitativa.

A aplicação do Rorschach é composta das seguintes partes:

I. A primeira parte consiste na produção dos processos perceptivos em discurso que produz um texto; transcrito fielmente, ad litteram: expressões da protolinguagem; a metalinguagem, a linguagem do “corpo falante” com gestos comportamentais e fisionômicos sempre significativos.

II. A segunda parte compõe o inquérito, termo já oficializado e dirigido por duas perguntas investigativas fundamentais:

Onde você viu o que você percebeu? (Folha de localização);

Como você viu e justifica esta forma percebida e o que você sente? (Folha documental interpretativa diagnóstica).

As respostas a estas perguntas que constituem o inquérito serão integralmente transcritas nas folhas de localização e, em seguida, registradas na folha documental interpretativa diagnóstica, como matéria dada ao processo de codificação para a interpretação e elaboração do laudo nos seus pareceres.

Inquérito ideofetivo: a matéria das manchas é também memória do inconsciente

universal e do inconsciente e consciente do próprio sujeito, estimulando e mobilizando formas percebidas: Matéria e Memória (BERGSON, 1969).

Essas “memórias” produzem temas existenciais e existêntivos que compõem o conteúdo do inquérito ideofetivo e semântico, devendo ser instigadas por estas perguntas por mim formuladas:

Qual é a ideia desta imagem?

Que título você daria a este quadro?

Quais sentimentos e significados despertam em você esta imagem?

Quais memórias evocam em você?

O ideofetivo e semântico é momento de um diagnóstico que transcende uma avaliação quantitativa de apenas processos estruturais cognitivos e conativos, porque abrange todo um contexto experiencial, existencial, interpretativo e compreensivo de uma vida vivida na relação do Eu consigo mesmo, com os Outros, com o Mundo e com o Tempo, de uma imanência finita para a Transcendência sem Fim.

Preste atenção à seguinte formulação perceptiva como exemplo:

Resposta: “Duas pessoas, uma de frente para a outra” (prancha III);

Pergunta: Onde você percebe estas duas pessoas?

Resposta: “Eu vi uma de um lado e outra de outro”;

Pergunta: Por que são pessoas?

Resposta: “Olhe a cabeça, pescoço, o tórax, os braços, as pernas”;

Pergunta: Estão fazendo algo?

Resposta: “Estão discutindo”;

Pergunta: O que se passa entre as duas?

Resposta: “Desconfiança, raiva, sentimentos de vingança”;

Pergunta: Te lembra alguma coisa?

Resposta: “Os meus pais brigando, faziam isso sempre, até na minha frente”;

Pergunta: E você sentia o quê?

Resposta: “Tristeza, decepção, medo, vontade de ir à rua; a rua é melhor do que a minha casa”.

Essas informações, registradas nos dois inquéritos, oferecem os elementos para um processo de codificação fiel à experiência vivida de uma adolescente, menina de rua.

Entre os dados registrados, devem se incluir os chamados fenômenos particulares. Os manuais de Rorschach dedicam pelo menos um capítulo para a apresentação desses comportamentos expressivos de sentimentos, estados de espírito e de reações psíquicas e estratégias inconscientes para dar cobertura ou manifestar traços da personalidade e seus sintomas.

São fenômenos particulares: choque à cor vermelha, às cores cromáticas e acromáticas, choques cinestésicos, atenção à simetria indicativa de complexos de insegurança ou de componentes narcísicos da personalidade. Esses fenômenos particulares serão trazidos mais adiante.

Cada Escola e Instituto de Rorschach tem o seu próprio sistema de registro dos dados em folhas que vem se constituindo como um dossiê a ser depois arquivado. Na primeira folha se registram dados relativos à identidade do sujeito, estado de saúde dele, faz-se uso de medicamentos psiquiátricos ou outros, se dependente de adição de drogas; em seguida, inserem-se as folhas com os dados do processo perceptivo.

Prefiro folhas na posição horizontal dividida nas seguintes colunas:

Na primeira coluna registram-se as respostas, a associação em cada prancha, as palavras, gestos e até mesmo o comportamento mímico.

Na segunda coluna registram-se o primeiro inquérito, incluindo os fenômenos particulares.

Na terceira coluna vai o inquérito ideoafetivo e semântico.

Na quarta coluna, de menor espaço das precedentes, são anotadas as codificações das percepções de cada prancha.

Aconselha-se usar uma folha para cada prancha, seguindo com folhas para a construção do psicograma e para a elaboração dos pareceres, a pedido dos vários requerentes: psiquiatras, educadores, gestores de empresas e de recursos humanos e magistrados.

O instrumento Rorschach no seu uso tem as suas exigências e regras como garantia da sua validade: os eventos, as circunstâncias, as pessoas nas suas necessidades, em seus momentos de vida têm exigências que merecem respeito e atendimento específico.

Nem sempre é possível aplicar as dez pranchas de uma só vez (que é o ideal), por motivos diversos, inclusive condições de estresse excessivo do sujeito; nesse caso, o teste pode ser aplicado em dois momentos ou no mesmo dia ou em dias diferentes.

Às vezes, não é possível concluir a aplicação, contudo é possível em apenas duas, três pranchas colher dados significativos para uma avaliação consistente de determinados traços da personalidade e sintomas.

Com o Rorschach é possível fazer uma investigação da mente como os arqueólogos e paleontólogos fazem com restos de construções pré-históricas e antigas.

Como já anunciado e como se aprofundará, um sujeito com suspeita de esquizofrenia em uma aplicação breve de quatro pranchas: a terceira, a quinta, a oitava e a décima, que alcança um índice de realidade no valor de 100%, com certeza, esse sujeito pode ter sido acometido por um surto esquizofrênico, a motivo de um evento traumático, mas está livre de um quadro estrutural crônico dessa configuração patológica pelo menos em nível de processo psicótico sintomático.

Outro exemplo: se um psicólogo jurídico é designado para um rápido parecer sobre a idoneidade de um genitor pretendente à guarda de seus filhos, e aplica ao sujeito apenas a terceira e a sétima prancha, cujos significados arquétipos mobilizam potenciais e disposições psicológicas lúdicas e éticas de um sujeito na relação com crianças, esse sujeito reúne condições para assumir a guarda por ser um pretendente idôneo à adoção; mas isso apenas em situação de urgência diagnóstica pericial.

Quando uma criança de três, quatro anos reage com pânico frente às pranchas II,

IV e VI, é consistente a hipótese de relações sexualmente abusivas que provocaram dano à sua integridade física e psíquica.

Surge agora uma questão: é possível aplicar o Rorschach em crianças menores de cinco anos? A resposta está nas experiências, contudo fundamentada nos princípios que regem a consistência científica desse instrumento baseado na percepção de formas.

Desde que uma criança, perceba objetos no seu campo de experiência e consegue comunicar pela linguagem e metalinguagem, o percebido, dando-lhe um nome, é possível submetê-la ao teste, respeitando, porém, as suas condições evolutivas do seu desenvolvimento.

Lembro-me da resposta surpreendente de uma criança de dois anos dada na terceira prancha: “Papai e mamãe se beijando, que belo!”. Foi o bastante, para, de um lado, estabelecer os níveis evolutivos psíquicos da própria criança na região dos processos secundários e de outro, aos intensos vínculos positivos de afeto entre seus pais como “pais amantes e amorosos”.

Os arquétipos das pranchas do Rorschach mobilizam a memória de experiências reais, de ocorrência de fatos, situações, circunstâncias nas relações com pessoas ao redor do seu mundo. A comunicação dessas experiências revela sintonia com o tipo lógico e comunicativo de cada pessoa; no comportamento lúdico, na linguagem simbólica, no aparente imaginário, a criança manifesta experiências de fatos.

Um profissional experiente na compreensão da linguagem comunicativa das crianças distingue, quando determinadas afirmações são efeitos de uma “lavagem cerebral”, como no caso da síndrome da alienação parental por parte do genitor programador ou quando essas comunicações verbais comportamentais

são mobilizadas por fatos.

A Psicologia Jurídica contesta aos advogados a convicção de que apenas provas materiais, constituídas por perícias e exames médicos e por testemunhas visuais que atentam ao pudor de uma criança, possam ser comprobatórios em um processo jurídico; quando, porém, essas provas não são possíveis à ciência psicológica, afirmo que com o instrumento Rorschach e um habilidoso e experiente profissional, a Psicologia pode investigar e verificar a veracidade dos fatos encobertos na trama e no drama da criança em avaliação psicológica.

Um pedófilo pederasta, mesmo num quadro sintomático de demência, usa e aproveita do restante de inteligência para evitar flagrantes que o possam incriminar. Tenho costume, na área jurídica pericial, de dizer com convicção comprovada que a Verdade é traída pelos defensores da “lógica-silogística” e se ampara nos “devaneios” dos loucos e na fala das crianças. Concluo insistindo sobre a “veracidade” das crianças na projeção do seu inconsciente, quando estimulado pelos arquétipos Rorschach.

7.1 SUGESTÕES PARA INICIANTE NO USO DO RORSCHACH

Inicialmente, deve-se observar que o uso do teste deve respeitar as condições básicas fundamentais para garantir um setting apropriado e consistente de uma válida “prova psicológica”.

Quanto ao ambiente físico, a sala não deve ter excesso de estimulações visuais e táteis (muitos objetos), deve ser tranquila (sem estímulos sonoros, barulhos) e bem iluminada, exigindo um bom rapport e garantindo a privacidade do examinando.

A postura do examinador também deve ser levada em conta, pois esse, além de possuir boa formação teórica, responsabilidade, ética e senso crítico, deve demonstrar segurança, respeito, sobriedade, autocontrole, atenção e cuidado com as palavras para não influenciar o examinando.

O material para aplicação consiste em 10 pranchas (atenção para a ordem correta); folha de localização (atenção para não mostrar antes da hora); folhas em branco (pode ser chamex, podem ser 10 ou mais); canetas coloridas e cronômetro.

A organização se dará da seguinte forma:

Examinando e examinador devem se posicionar sentados diante de uma mesa quadrada ou retangular, num ângulo de 90° (posição mais indicada). Essa posição facilita a observação e o registro da movimentação precisa das pranchas

pelo examinando.

Deve-se evitar a posição frente a frente do examinador com o examinando, de modo a não causar constrangimentos por situações que podem ser consideradas invasivas da privacidade.

As pranchas devem ficar dispostas na mesa, uma sobre a outra, com as manchas voltadas para baixo, sendo que a primeira prancha é a que ficará por cima e as outras virão na ordem. Elas deverão estar ao alcance do profissional e não do examinando.

A aplicação do teste se divide em quatro etapas:

1ª etapa: Instruções

Nessa etapa, o teste é apresentado e são dadas as instruções para a realização dele. Uma das formas interessantes é a seguinte: “Eu irei te apresentar 10 pranchas, uma a uma. Nelas, têm manchas de tinta e quero que você me diga com que se parecem para você. Eu vou anotar tudo o que você disser e, por isso, no primeiro momento permanecerei em silêncio fazendo as anotações. Não há respostas certas ou erradas, as pessoas veem coisas diferentes umas das outras. Quando você acabar de olhar a prancha, coloque-a na mesa virada para baixo. Você pode me dar três respostas, mas se puder mais. Alguma dúvida?” (espere a resposta do sujeito, e, quando tudo estiver claro, o profissional entrega a primeira prancha para o examinando).

2ª etapa: Associação (anotações das respostas e do comportamento)

Ao entregar a primeira prancha, pergunta-se: “O que isso poderia ser?” ou “Com o que isso se parece para você?”.

Quando o examinando começar a falar, tudo o que ele disser, qualquer comentário, qualquer barulho, exclamações, gestos mímicos ou fisiognômicos, tudo deve ser anotado. As anotações devem ser literais.

As dez (10) folhas serão aqui utilizadas, de modo que será usada uma folha para cada prancha. Em uma outra folha, como primeira deve-se constar a data da aplicação, dados de identificação do examinando e o motivo da avaliação (demanda). E, ainda, nessa mesma folha, pode-se colocar os dados da história de vida do sujeito (entrevista).

Cada folha terá um traço no meio e as anotações da 2ª etapa (associação/respostas) estarão na parte esquerda da folha e as da 3ª etapa do lado direito (inquérito).

Ainda, deve-se atentar para a posição da prancha quando da resposta do examinando.

O movimento da prancha deve ser anotado da seguinte forma:

Λ posição normal;

V posição virada de cabeça para baixo;

> posição virada para a direita do examinando;

< posição virada para a esquerda do examinando;

/ posição inclinada;

@ quando gira a prancha 360°.

Os comentários deverão ser anotados fora dos parênteses.

Tudo o que for não verbal será anotado entre parênteses.

Exemplo:

Λ (sorriu) “Nossa, que difícil”. 1 – Anota-se a primeira resposta.

@ “Nossa que difícil” (coçou a cabeça). 2 – Anota-se a segunda resposta.

E assim sucessivamente para as pranchas seguintes.

3ª etapa: Inquérito

Enquanto na 2ª etapa registramos o que o sujeito viu; no inquérito localizamos onde ele viu (no todo ou nas partes) e porque ele viu aquilo (forma, cor, luminosidade, movimento, textura).

Nenhuma pergunta deve ser feita de modo a induzir o sujeito, por exemplo: “Foi a diferença de tons que te fez ver isso?”.

Quando o sujeito der a última resposta da prancha X, devemos comunicar que passaremos para a segunda fase do teste, na qual pediremos ao examinando para indicar onde viu cada reposta na folha de localização.

As pranchas serão mostradas a ele novamente e ele deve indicar nelas o que viu, enquanto o examinador irá circular na folha de localização (com as canetas coloridas).

É importante que o examinando não tenha acesso às canetas para que não corra o risco de danificar as pranchas.

“Você viu ____ nesta prancha. Você poderia circular na mancha com o seu dedo onde você viu? Eu vou circular nesta folha e você vai observar se faço corretamente”.

Cada resposta deve ser circulada com caneta de cor diferente, mantendo-se a mesma ordem de cores para todas as pranchas (todas as respostas “1” circuladas,

por exemplo, de rosa; todas as respostas “2” circuladas de verde, e assim sucessivamente). Após circular cada resposta, colocar uma seta anotando o número da resposta com a mesma cor de caneta.

Após circular uma resposta dada pelo sujeito na folha de localização, deve-se perguntar a ele: “O que te fez pensar em ____? O que tem aí que ____ também tem?”.

As respostas dadas a essas perguntas serão anotadas do lado direito da folha do exemplo anterior, numeradas de modo que se saiba a que resposta cada uma se refere. Deve-se fazer o procedimento em cada resposta e em todas as pranchas.

Caso depois dessas respostas ainda haja dúvidas a respeito do que determinou a resposta ou de como o examinando a vê, deve-se usar perguntas para estimulá-lo: “Quais características da mancha te ajudam a ver ____?”; “Descreva melhor esse ____.”; “Além dessa característica o que te fez pensar em ____?”; “Eu sei que parece isso para você, mas eu gostaria de ver como você está vendo. Ajude-me a entender como você viu.”

Quando alguma dessas perguntas for feita no inquérito, deve-se anotar (?) registrando que houve estímulo do examinador.

É muito comum que os examinandos deem respostas com mais de um conteúdo (dois leões, duas pessoas) e nesse caso deve-se pedir para que o examinando circule cada um deles (cada leão) e deve-se fazer o mesmo na folha de localização.

Observações: se a resposta for difícil de ser identificada por outras pessoas ou se

incluir características não usuais, algumas das características específicas do objeto também devem ser anotadas na folha de localização. Isso deve ser feito a lápis, puxando uma seta da parte indicada escrevendo a legenda ao lado. Não é necessário fazer isso para respostas comuns e banais.

Questionar os adjetivos, caso após o inquérito usual o examinando não tenha descrito a razão de ter achado determinada resposta, por exemplo: “bonita”, questionar a respeito (por que bonita?).

Importante: caso o examinando veja outras coisas durante a fase do inquérito, deve-se anotar a nova resposta do lado direito da folha, incluindo-a na sequência de numeração acrescida da sigla RA (resposta adicional). Ex.: 3ª resposta – RA – “Também estou vendo uma bacia”. Em seguida, procede-se ao inquérito anotando-o logo após às respostas.

É necessário questionar respostas vagas ou ambíguas. Ex.: “Um bicho” — nesse caso, pergunta-se: “Você sabe me dizer qual bicho seria?”. Se a resposta ainda for vaga, como: “Um leão ou uma onça”, deve-se perguntar se ele decidiria por algum dos dois.

No caso dessas perguntas esclarecedoras, o examinador deve anotar a pergunta literalmente entre parênteses ou colocar só a interrogação.

Caso no inquérito o examinado não se lembre de ter dado aquela resposta ou não consiga localizá-la, deve-se insistir um pouco. Caso mesmo assim ele não se lembre, deve-se anotar o número da resposta e entre parênteses a palavra “negação”.

4ª etapa: Questionário ideoaferivo

Após o inquérito, apresentar novamente as pranchas solicitando ao sujeito um título e um sentimento que cada prancha desperta nele.

Sugiro que o ideoaferivo seja anotado no espaço central inferior da folha, de preferência de cor diferente da usada para anotar a associação e o inquérito. Sugiro ainda abreviar as palavras título: T e sentimento: S.

Ao final da prancha X, encerrar o processo de aplicação do teste de forma tranquila, dando espaço para que o examinando coloque suas impressões e sensações, como se sente e falar da experiência vivida do teste, se assim desejar.

Observações importantes: algumas vezes o examinando pode querer saber sobre a finalidade e/ou o resultado do teste, cabendo uma explicação direta e breve. “É um teste que poderá dar algumas informações sobre a sua personalidade no seu perfil de saúde e de seu desenvolvimento cognitivo, motivacional e aferivo”.

Se houver perguntas após o início do teste pelo sujeito, as respostas do examinador devem ser breves, honestas e não diretivas. Perguntas como: “Posso virar a prancha?” ou “Eu devo ver nas partes ou usar a mancha toda?” devem ser respondidas com: “Como você quiser”.

No caso de “Quantas respostas eu devo encontrar”, responder o seguinte: “Você deve tentar dar pelo menos três respostas em cada prancha, mas se quiser pode dar mais”. Para perguntas como: “O que a maioria das pessoas vê aqui?” ou “Eu vi isso, muita gente vê isso?”, responder: “As pessoas veem e dão muitas respostas, tente dar pelo menos três”.

Negação por inibição: caso o examinando não consiga “ver nada” em qualquer uma das pranchas ou em mais de uma, passa-se para a prancha seguinte sem insistir.

Repasse: quando ocorrer inibição e bloqueio em até três pranchas.

Caso a inibição tenha ocorrido nas pranchas I, II, III e/ou IV, deve-se reapresentá-las após a prancha X com a seguinte instrução: “Vou lhe mostrar novamente essa(s) prancha(s) em que você não viu nada, quem sabe agora você vê algo nela(s)”.

Caso a inibição tenha ocorrido nas pranchas VIII, IX e/ou X, convidar a explicar as razões dessa negação e reapresentá-las, motivando-o no esforço interpretativo.

As instruções de repasse devem ser dadas com tranquilidade, como se tratasse de um procedimento de rotina do teste.

Em caso de aplicação do teste no início de um processo de psicoterapia, fica a critério do profissional, fazer a repasse tempo depois, de modo a verificar se algo de interessante aconteceu ou na permanência dos déficits ou na restauração deles, a motivo de renovadas experiências de vida mobilizadas pelos processos da psicoterapia.

Concluo aqui, insistindo na importância do itinerário e das etapas fundamentais para a aplicação e reaplicação correta do teste, de modo a superar retenções e inibições que possam surgir e assim favorecer e viabilizar a interpretação

valorativa do teste e subsidiar o entendimento amplo e profundo do sujeito na sua singularidade.

CAPÍTULO 8

CODIFICAÇÃO E SEUS SIGNIFICADOS AVALIATIVOS

A avaliação estrutural e dinâmica do Rorschach tem início com a codificação. Codificar não é um ato mecânico, puramente aplicativo de instruções, mas, sim, o resultado de um ato compreensivo de processos psíquicos e de uma história de vida, na qual muitas vezes dramas humanos a condicionam no seu poder compreensivo.

O itinerário correto parte de um ato intuitivo da vida interior do sujeito, na compreensão dos mecanismos, dinamismos e processos como elementos estruturantes a realidade, para um registro mediado pelas suas codificações.

É presunçoso pensar que uma combinação de símbolos possa produzir e desvelar uma mente operante. O fato que a estrutura de codificação seja considerada um símbolo, confirma a sua referência a um significado que necessariamente antecede e preexiste ao próprio significante. Codificar, então, exige penetrar antes nesse significado que é a mente, com estruturas e funções operantes.

Em Rorschach, a mente operante apresenta-se por uma sequência de atos perceptivos que, por sua vez, são mediados por um discurso ou simplesmente uma fala. Destaca-se, então, a importância de uma análise do discurso e de conhecimentos nas ciências da linguagem, entre elas a Psicolinguística.

Sem entrar, por enquanto, em uma teoria e prática da análise do discurso aplicado à leitura do Psicodiagnóstico Rorschach, vale a pena fazer algumas observações indicativas da necessidade e da importância dessa metodologia.

Mesmo confirmando que o teste exige, como tarefa principal, respostas que sejam interpretativas de formas, deve-se dar muita importância às modalidades de ser, de se apresentar e de como as formas percebidas se relacionam com suas partes como objetos da realidade.

“Duas meninas, uma de frente para a outra” não diz a mesma coisa que “Duas mulheres de costas”, na prancha VII. De frente e de costas representam *modus vivendi* do ser, maneiras de se apresentar ao mundo, são verdadeiras estruturas do existir humano.

Infelizmente, os atuais sistemas de codificação do Rorschach não elaboraram símbolos para a codificação destas variáveis da personalidade.

Outro exemplo são as expressões conjuntivas-disjuntivas entre dois entes: “e” ou “com”, fixando uma posição na dimensão do estar-junto-com e na dimensão da sintonia.

Às vezes, quadros psicopatológicos se desvelam na estrutura da linguagem: formas linguísticas dissociativas, disjuntivas, de esquiva, afastamento etc. e conduzem o diagnóstico para uma hipótese de esquizoidia-esquizofrenia.

A linguagem, com as suas riquíssimas modulações, completa a cenografia da vida vivida, permitindo que uma história desvele toda a sua interioridade e parte do seu mistério. Uma simples exclamação já dá um clima de euforia e disforia, ou é a própria confissão de um trauma, como nos exemplos: “tá difícil”, “vixe”, “que horror, não me diz nada!”.

Uma leitura atenta e profunda do texto ajuda na descoberta do protagonista que

nem sempre se identifica com o sujeito gramatical, por exemplo, acontece na prancha IV: “Um monstro avançando, ameaçador”. O sujeito gramatical é o monstro, mas o protagonista é a criatura quando apavorada se escondia frente à ira paterna.

O registro desse medo/terror é uma cinestesia de retenção cujo código é kp e nunca um K, que indicará uma cinestesia de extensão, de progressão e atuação do élan vital, como veremos adiante.

Determinadas linguagens são expressivas de uma postura que evoca e fixa, como em um imprinting, o comportamento provocador de um choque: “Uma mulher com as mãos assim, como se estivesse empurrando algo para longe de si”, esse discurso parece típico e próprio de mulheres que foram violentadas, o gesto das mãos fixa o momento da violência e a consciência desse momento, antes que o inconsciente o acorrente em seu mistério.

A percepção constante da divisão do que está em cima e do que está embaixo como duas regiões opostas, antitéticas, refere-se à dicotomia do bem e do mal, do racional e do irracional, ainda experimentados como entidades antagônicas em luta dentro de um mesmo espaço e dentro de uma mesma unidade.

A insistência de termos relativos ao espaço, enfatizando a divisão da unidade e do inteiro em: “à esquerda”, “à direita”, “de lado”, “de frente”, “de costas”, além de “em cima” e “embaixo” são indicadores de um equilíbrio em crise e, se for verdade que a esquizofrenia padece de um defeito na construção do espaço (MINKOWSKI, 1956), repare-se a importância da linguagem que reflete a modalidade da vivência do e no espaço.

A seguir, tratarei do significado dos principais símbolos da linguagem em Rorschach, procedendo dos mais simples, que são fundamentais, aos mais

complexos.

A codificação possui cinco categorias: Localização (onde), Determinante (por quê), Conteúdo (o que), Vulgaridade (banalidade ou popularidade) e Fenômenos Especiais (dados complementares). Essas categorias estarão dispostas nas estruturas mostradas a seguir.

8.1 ABRANGÊNCIA / LOCALIZAÇÃO

Iniciarei com os símbolos da abrangência, que indicam as modalidades de percepção do espaço: a percepção do todo e das partes, da figura e do fundo e a qualidade da percepção, segundo um parâmetro de maturidade evolutiva, da organização mental de Werner (1970): percepção difusa, percepção esquizoide, percepção sincrética, percepção articulada e percepção integrada.

A localização das respostas ou modalidade de observação se refere ao local onde o examinando viu a resposta. Modalidades principais:

8.1.1 G (globais)

Referem-se a uma percepção abrangente do espaço apresentado na prancha, onde o borrão de tinta se desvela, imediatamente, como uma totalidade na sua óbvia unidade, não questionável. Expressão concreta de uma categoria a priori da mente, de uma modalidade originária do próprio Ente universo, que confirma a categoria da unidade nas operações mentais. A resposta do sujeito é vista no todo da mancha.

A frequência das respostas G em um protocolo normal deve se aproximar a 30%. Valores acima $GF+ > DF+$ podem indicar defeito das operações analíticas da mente. Valores inferiores $GF+ < DF+/Dd F+$ abrem as seguintes hipóteses:

a) especificidades culturais, onde o próprio meio ambiente físico/geográfico dificulta uma visão abrangente na unidade do campo perceptivo, como acontece com habitantes das florestas, cuja preocupação é com o imediatamente próximo, de lado, em cima ou embaixo e onde, por outro lado, é impossível a visão panorâmica na sua globalidade;

b) também tendências para uma organização esquizoide da personalidade, que vê, percebe o mundo sem conexões e sem integrar partes, formando unidades nas contaminadas, confabuladas e confusas;

c) peculiaridades de uma personalidade, maximamente, analítica, indutiva e interessada aos particulares.

A formação da visão global, na sua modalidade associada à forma bem-vista (GF+), compõe a configuração da mente adulta, dotada de operações cognitivas rápidas e eficientes, exploradoras do mundo. Além disso, respostas globais de boa qualidade, quando associadas a GF+K, tornam-se uma garantia de bom enfrentamento da unidade da globalidade nas suas partes estruturais constitutivas.

A percepção em GF+ é um indicador do potencial uma inteligência categorial, dedutiva e intuitiva atuante, sem mediações.

Fatores que alimentam esse tipo de inteligência são, por um lado, o meio ambiente cultural com a riqueza de informações, especialmente aquelas provindas do meio escolar/acadêmico, e, por outro lado, por uma forma mentis da inteligência ativa individual que no seu a priori, define a realidade de uma maneira clara e distinta, como unidade de suas partes, de acordo com as teses do filósofo Kant.

É o controle da mente sobre a natureza, que se torna assim compreensível, legível e quase manuseável. O paralelismo entre a estrutura essencial profunda do Ente — objeto percebido e o conceito — categoria universal, a priori, põe-se necessariamente como justificativa de um saber comum intersubjetivo e com o saber do próprio sujeito na autonomia pensante da sua individualidade.

Esse tipo de resposta não pode faltar em uma estrutura mental normal, pois é eliminatória da esquizofrenia, além de garantir visões rápidas e decisões imediatas no comportamento do dia a dia.

A resposta G, quando imediatamente dada, é denominada primária-primária; porém existem respostas G expressivas de totalidades que vêm se construindo processualmente, às quais são chamadas de primárias-secundárias sucessivas e

indicam operações mais lentas, que obedecem a ritmos cerebrais menos acelerados na aprendizagem de estratégias mentais.

A percepção em GF+, na sua evidência imediata, é sempre obrigatória nas pranchas I, IV e V, dadas como primeira resposta. Logo em seguida, podem ser dadas respostas GF+ DG F+ nas pranchas II, III e VI, indicando partes que se constituem na dualidade ou na tríade como unidades (“Dois guerreiros juntos lutando”, na prancha II).

A GF+ na prancha III associada a Ksimb, garante a visão da unidade a dois em plena consciência atuante com intensa intencionalidade e responsabilidade, um a priori operante da mente.

A percepção GF+ na prancha V, por sua vez, garante a compreensão empática de um óbvio cultural, universal e estruturante da mente.

O oposto da GF+ nas pranchas III, IV e V não são dados por $G F \pm$ e $G F \mp$ (globais associadas a formas malvistas), mas são dados por um Do (detalhe oligofrênico), que será explicado adiante.

Outras possibilidades de respostas globais:

G/Dbl – são percepções de formas do branco que fazem partes estruturais da globalidade (“máscara e os dois olhos e a boca”, na prancha I).

⌘ (G cortado) – são percepções onde detalhes/fragmentos significativos são eliminados da globalidade percebida (“Um gigante”, na prancha IV, onde as duas laterais são eliminadas).

G combinada (composta/secundária) – são respostas quando partes diferentes nas suas significâncias se compõem em uma unidade, em uma globalidade. Podem ser dadas nas pranchas VIII, IX e X (“Dois leões subindo as montanhas procurando alimentos para os seus filhotes nos seus ninhos”, na prancha VIII).

8.1.2 D (detalhe grande)

Quando as respostas são vistas em grande parte da mancha ou em partes menores, mas com frequência percebidas.

As percepções de grandes detalhes, frequentemente indicados com conteúdos banais, são codificadas em D. Essas respostas são interpretadas como partes do campo perceptivo; tanto partes delas vistas como inteiros, por exemplo: “Um cachorro” (lateral superior da prancha I), quanto partes de inteiros: “Cabeça de elefante” (lateral central da prancha VII).

As respostas em D são indicadoras de uma inteligência analítica, indutiva e dedutiva na construção de inteiros, formando conjuntos da realidade percebida, no final como totalidade.

Em outros trabalhos (minha tese doutoral), denominei esta inteligência analítica de taxinômica: é a inteligência que ordena partes de um campo em si significativas, mas que também estrutura em unidades esse conjunto de partes (“É a vida no fundo do mar e suas diversidades, sendo explorada por dois mergulhadores: algas marinhas, corais, caranguejos, siris, cavalos-marinhos...”, na prancha X).

Na prancha X, é obrigatória uma sequência de respostas D, tornando-se o lugar rorschachiano da inteligência taxinômica operativa.

8.1.3 Dd (detalhe pequeno)

São duas as variáveis que concorrem para o conceito de pequeno detalhe: a) a extensão mínima da parte percebida da mancha em relação às partes consideradas como grandes detalhes, por exemplo, na resposta: “Notas musicais”, nos fragmentos da prancha I (fora e embaixo, um pouco à esquerda e à direita da mancha); b) a frequência irrelevante, como conteúdo, dadas as extensões maiores da mancha, por exemplo: “Pico de uma montanha”, percebido na prancha I, onde normalmente são vistas as pontas finais das asas de um morcego ou borboleta na abrangência global.

A frequência das percepções em Dd deve se aproximar ao valor de 10% em um protocolo.

Quando as respostas incluírem o detalhe branco, utiliza-se a sigla Dd/DbI.

A percepção em Dd, nessas proporções, entra na normalidade dos fenômenos perceptivos do campo psíquico e social e indica uma exigência de uma análise mais rigorosa na busca de dimensões mínimas, mas igualmente significativas para a compreensão de um contexto.

As percepções em Dd acrescentam rigor na análise da realidade, exigente nos seus intentos investigativos: nada foge à atenção, tudo é considerado, tudo tem a sua devida importância.

A percepção em Dd é indicativa de uma mente investigativa rigorosa, mas

quando é associada a F^+ e se configura na seguinte relação: $G F^+ > Dd F^+$.

A percepção em Dd dominantemente em F^\pm , indica uma perda da capacidade crítica de atenção e de observação da realidade.

Quando a proporção de Dd supera o valor dado dos 10% indica uma organização obsessiva dos processos psíquicos, podendo ser considerado um sintoma de um quadro obsessivo. Nesse caso a percepção em Dd deve ter a garantia de uma forma bem-vista (F^+).

Quando ocorre o seguinte quadro: $DdF^+ > GF^+$, a percepção em G fracassa no seu quantum da sua qualidade, por ΣGF , $GF \mp < 30\%$ e por GF^\pm , $GF \mp > GF^+$, e quando se acusa a presença de um Do em uma das pranchas onde a G^+ é categoria obrigatória (prancha V), com certeza estaremos registrando um significativo componente da organização esquizofrênica.

8.1.4 Dbl (detalhe em branco)

São percepções que visualizam os espaços brancos dentro e fora da mancha. Os Dbl dentro da mancha são chamados de intramaculares: Dbl (c)F. Os Dbl fora da mancha são chamados de extramaculares: Dbl F, sendo que a forma vai variar de acordo com a qualidade nas seguintes valências: +, ±, ∓ e −.

Às vezes, quando o fundo branco (Dbl) é assimilado esteticamente e estruturalmente à figura (F+), produz algo de significativo, dado ao senso comum:

D/Dbl – quando o fundo branco se combina com uma parte do detalhe da figura;

G/Dbl – quando parte do detalhe branco compõe a totalidade da figura: a global;

DG/Dbl – quando o fundo branco entra como parte, junto com outros detalhes maiores da mancha constituindo uma global na sua unidade;

Dd/Dbl – respostas de pequenos detalhes vistos no branco.

A percepção do branco extramacular merece atenção especial. Sem dúvida, quando associada às boas formas, indicam processos de expansão da consciência, caracterizando personalidades que se projetam fora e além dos limites.

Ao contrário, quando os Dbl extramaculares e os Dbl intramaculares $> DG/D/Dd$ Dbl é uma evidência de perda de contato com o aqui-agora, típico de uma busca insensata de uma utopia nos seus devaneios.

Os espaços em branco, para serem registrados no protocolo, devem trazer percepções de formas. Quando percebidos sem formas, indicam reações de choque frente ao estímulo.

As respostas em Dbl, em boa forma, indicam exatamente a capacidade de operar e trabalhar com esquemas e estratégias divergentes, em alternativa e em paralelo com esquemas normais e costumeiros. Dessa forma, são indicadoras não apenas de pensamento divergente, mas de uma estrutura mental que opera com hipóteses e com estratégias alternativas.

Em geral, o Dbl, quando associado às boas formas (F+) e a uma cinestesia maior K, é elemento de uma personalidade criativa (“Dois monges recostados um de costas para o outro lendo a Bíblia”, na prancha V).

De modo geral, a composição de figura-fundo indica uma inteligência com funções de articulação e de integração tanto na região espaço, quanto na região tempo; uma inteligência sistêmica, ecológica, essencialmente relacional e correlacional de objetos, de partes e de eventos.

Normalmente, bons Dbl fazem parte de processos psíquicos superiores, a nível terciário, encontrados em personalidades excelentes, originais, nos vários campos de vivências, experiências e atividades humana. Ex.: profetas, cientistas, artistas, líderes, empreendedores de sucesso, gerentes de várias modalidades empresariais e até poetas.

Os Dbl F+ exclusivos e sem a percepção em D ou G são indicadores de um pensamento divergente, às vezes antagônico e antiético e quando, também os Dbl são associados ao Kdiab, caracterizando processos cognitivos de oposição, de hostilidade, e podem vir a compor a configuração dissociativa na sua componente clássica de negativismo.

8.1.5 Do (detalhe oligofrênico)

Quando se percebe apenas uma parte de um conteúdo, onde é comum ver o conteúdo todo. É indicativo de processos dissociativos de natureza esquizoide. Haverá um Do sempre quando o inteiro negado é óbvio, inequívoco e confirmado estatisticamente (como na prancha III: humano; na prancha IV: gigante; na prancha V: morcego) o que veremos mais adiante no capítulo sobre as respostas banais ou vulgares.

Outros exemplos: prancha V — “Asa de morcego, mas não vejo o morcego”. Esse não ver o todo deve ser verbalizado pelo sujeito na associação ou no inquérito. Caso o examinando não diga na associação, o examinador deve perguntar se ele vê o morcego, no inquérito; se o examinando disser que não vê aí será codificado com a sigla Do.

O Do indica que houve um “impasse” em todo o sistema perceptivo-ideativo. Exprime o drama da impotência frente à totalidade, ao todo significantemente unido com máxima evidência.

A tendência ao Do (\rightarrow Do) também ocorre sobre pequenos inteiros percebidos em D e com conteúdos banais; isto é, estatisticamente, com frequência muito alta, por exemplo: “Cabeça de urso”, no detalhe lateral da prancha VIII, mas não se vê o animal urso no seu inteiro corporal.

A unidade originária se oferece com uma transparente evidência, por meio de um óbvio que vence qualquer dúvida; porém uma mente quando presa aos seus limites biológicos ou aos seus conflitos profundos, resiste e nega a evidência da

unidade e, no seu lugar, sobra um “miserável resto”: o Do, que é sinal de medo, de pânico, de rompimentos interiores e de quebras de conexões íntimas nas relações de partes que se constituem como unidades substanciais de fatos e eventos da realidade tanto na ordem física quanto cultural.

Quando os detalhes oligofrênicos (Do) tornam-se frequentes (três ou mais) em um protocolo nos processos perceptivos, revelam condições permanentes estruturais de bloqueios dos processos psíquicos.

Às vezes, o Do pode significar uma sequela, “restos” de situações patológicas já superadas ou resquícios mentais de um processo de cura; mas, às vezes, como preliminares e antecipatórias de possíveis estados demenciais esquizoides.

O detalhe oligofrênico (Do), mesmo sendo um elemento de patologia, sempre assume o seu significado diagnóstico em um contexto maior, seja como momento de um processo ou como parte de uma estrutura mental patológica:

Quando ocorre apenas um Do e é logo superado com respostas em GF+ e GF+ K na mesma prancha, não é um sinal sério de patologia, foi apenas um tropeço, às vezes, como simples reação de choque ao conteúdo simbólico da própria prancha.

Quando, porém, o Do constitui-se como estrutura, com um alto índice de GF± kp, somado a uma ou duas rejeições de prancha, como fenômenos de persistência e com duas ou três DG F ∓ contaminadas ou confabuladas, aí está com absoluta certeza a configuração de uma psicose orgânico-funcional.

Quando o Do é dado nas pranchas III e V, também é sinal claro de uma patologia mental; porque nessas duas pranchas perceber apenas o Do destoa contra toda a evidência da percepção imediata da totalidade na sua unidade; como nos seguintes exemplos: “Duas cabeças de negros”, na prancha III (posição normal da prancha), ou “Duas pernas de gente”, também na prancha III; e na prancha V: “Asa de morcego”; “Anteninhas de borboleta” ou “Orelhinhas de morcegos”, negando as totalidades que as significam como tais. Em todas essas percepções, há uma evidente negação do todo, extremamente óbvio, podendo ser verificado em todas as culturas humanas até então testadas, até mesmo as consideradas primitivas como os “nossos” índios brasileiros, que eu pude estudar nas minhas pesquisas com o “Cajado Rorschach”.

Na prancha V, a negação da totalidade gera uma culpa intensa e profunda que caracteriza muitos sintomas de esquizofrenia, por exemplo: o pânico. O esquizofrênico tem um verdadeiro pavor pela queda da unidade originária e sente-se, no seu inconsciente, culpado por isso. De fato, nas pranchas III e V, para os esquizofrênicos, é impossível produzir uma GF+. Então, o sujeito tenta recuperar esta unidade perdida e negada na prancha X, na qual, pela própria natureza do campo, a unidade é impossível de ser construída e, quando feita, a unidade concreta perde absolutamente a estética e ofende o senso comum.

Dessa forma, observamos um poderoso e equivocável indicador de esquizofrenia em Rorschach, que podemos chamar de síndrome da inversão das pranchas V e X: um Do na prancha V e um GF \mp na prancha X. Quando essa inversão acontece, é absolutamente certa uma estrutura esquizofrênica latente da personalidade.

Essa síndrome, além do Do, pode registrar no seu lugar um DG F \mp /conf ou cont (confabulada ou contaminada). Essas percepções são próprias da organização sincrética da personalidade, constituindo outra fenomenologia específica da esquizofrenia.

8.1.6 Significado das Repostas Codificadas em DG Confabulada e DG Contaminada

A percepção contaminada é uma tentativa frustrada e fracassada de constituir uma unidade dotada de senso: partes de inteiros provindos de regiões alheias e fora do aqui-agora, são escolhidas para constituírem uma unidade sem sentido, aberrante, absolutamente privada de estética e até grotesca.

As percepções contaminadas são expressões deficientes dos processos evolutivos sincréticos da mente quando, depois de uma fase primitiva, difusa e esquizoide, o indivíduo tenta, mas sem a necessária experiência antecedente, compor a unidade.

Na fase primária (infância) da evolução da mente e do comportamento, a organização sincrética representa, contudo, o início de um avanço na evolução dos processos cognitivos da pessoa; porém, na fase adulta, o continuum de operações sincréticas, constituem-se como uma fixação na regressão patológica de um primário mental a ser considerado patológico.

A resposta contaminada pode ser considerada uma agressão à lógica da estética e do espaço, caracterizando-se como um claro indicador de esquizofrenia, considerada um defeito na relação Eu-Corpo-Espaço. Como já dito, a associação de um Do com DG F \mp contaminada é uma irrefutável estrutura esquizofrênica.

Já as respostas confabuladas são combinações de relações e de fatos incompatíveis com a lógica e com o princípio da causalidade: desconexões de momentos constitutivos da temporalidade, nas tramas do passado, do presente e

do futuro.

A confabulada é um elemento indicador de um distúrbio da temporalidade na sua fase maníaca.

8.2 DETERMINANTES

As respostas nas suas determinantes nos esclarecem o motivo da pessoa ter dado aquela formulação em tal local da mancha e não em outro. As determinantes podem ser forma, cor (cromática ou acromática) e movimento (cinestesia). Dessa maneira, para a codificação das determinantes precisamos distinguir quais as características das manchas que se impõem à percepção do examinando; se essas estão apenas ligadas à forma ou exigem a composição de outras determinantes significando a mancha na sua realidade.

8.2.1 Determinante Forma (F)

O código F (forma) é o poder da consciência estruturante, os objetos nas suas dimensões e partes constitutivas. Exige um olhar atento, crítico, seletivo da realidade a sua volta, não decaindo em estados confusionais.

A percepção das formas é uma função da consciência no seu poder intelectual, compreensivo, formando diferenças, tornando-se o constitutivo mais importante das determinantes no processo perceptivo das manchas.

Codifica-se F quando apenas o contorno da figura é levado em conta pelo sujeito e nenhuma outra característica é considerada na percepção. O inquérito é fundamental para esta análise.

Ao conteúdo percebido nas suas dimensões estruturantes como forma (F) são atribuídas as valências: +, ±, ∓; indicando níveis cognitivos compreensivos da realidade, baseados na qualidade e precisão estrutural.

Os critérios são os seguintes:

F+: quando o conteúdo for vital ou instrumental e quando o conceito for claro e bem definido, com consenso nos detalhes. Respostas estruturalmente bem-vistas nas partes constitutivas da forma, como nos exemplos: “Um morcego”, na prancha V, com corpo, asas e antenas; “Uma mulher”, na prancha I, com mãos erguidas, corpo e pernas.

F±: quando o conteúdo percebido é defeituoso, impreciso nas suas formatações. “Um bicho”; “Uma onça ou um urso”, na prancha VIII, o sujeito não define claramente se é um ou outro e o que vê realmente. Quando o conteúdo for vital ou instrumental, porém com crítica intensa por determinados defeitos também será F± quando o conteúdo for complexual, porém bem-visto (bem estruturado nas suas formas), exemplo: “Torre Eiffel”, na prancha X.

F∓: quando o conteúdo for complexual, com forma mal vista e com explícita disforia; quando houver Do (detalhes oligofrênicos), contaminadas nos seus conteúdos estruturalmente confusos e tematicamente absurdos (“Uma mulher com asas, pernas de cabra e antena de morcego”, na prancha V) e confabuladas com conteúdos tematicamente absurdos da realidade concreta e dos fatos reais (“Dois guerreiros romanos correndo na Praça de São Pedro homenageando o Papa no Vaticano, pendurado na pirâmide”, na prancha IX).

No meu sistema quando o conteúdo percebido não tem forma estruturante, a variável F se codifica em F-, como no exemplo: “Sangue”, na prancha II, será codificado com Dd CF-/Sang.

Vale a pena a seguinte observação quanto ao sangue. Se a resposta for “Mancha de sangue”, será codificada D CF ∓ /mancha, pois mancha tem uma certa forma, mas se a resposta for “Sangue” será codificada com CF-.

A tarefa específica do Psicodiagnóstico Rorschach é de interpretar formas, sejam elas bem estruturadas ou não. Entende-se por forma qualquer objeto ou imagem da realidade interna ou externa, viventes e constitutivas nos seus inúmeros conteúdos (vital, orgânica, biológico, da natureza, arquitetônica, artística, cultural).

Um protocolo sem formas, apenas com comentários abstratos e com projeções de estados ideativos e afetivos confusos não é passível de interpretações pelo sistema Rorschach.

Assim, torna-se importante, na aplicação do teste, insistir sobre o processo projeções e associações na interpretação de formas, desestimulando qualquer tentativa de evasão e de omissão principal da tarefa.

Uma forma é um conceito, uma ideia de um objeto. Se o conceito é claro, definido, unívoco, a forma é considerada boa e sigla-se com F+.

A F+ é um indicador, em Rorschach, de uma inteligência cognitiva, categorial e da capacidade de classificar, ordenar a multiplicidade dos objetos da realidade nas suas múltiplas diferenças.

F+ é o indicador do QI (quociente de inteligência), tornando-se um equivalente em Rorschach, avaliado pela seguinte fórmula: $TF+ \times 100 \div TF$, onde TF+ é dado pela soma das respostas em F+ e TF indica o total de todas as respostas com formas.

O quantum ótimo da estrutura TF+ deve alcançar o percentual entre 85% e 95%. Abaixo desse valor, registram-se perdas progressivas da inteligência categorial.

A interpretação de uma forma, por meio do conceito: “É apenas um bicho”, acusa uma pobreza conceitual: categorias genéricas abrangentes não discriminantes e não práticas, a fim de operacionalizar qualquer intervenção. “Mãe, tem um bicho no meu quarto!”, grita um garoto; o conceito bicho é indefinido, ilimitado, que não orienta intervenções: a mãe do garoto não sabe se

de fato deve entrar no quarto com um chinelo, uma vassoura ou chamar o pai com um facão.

Uma forma que traz conceitos genéricos, confusos, sigla-se com o símbolo $F\pm$ ou $F\mp$, sugerindo as devidas intervenções na maturação dos processos cognitivos.

Geralmente, codificam-se as respostas de conteúdo anatômico defeituoso em $F\pm$ ou $F\mp$, por serem reações frente a situações de impasse, provocadas pelo significado do arquétipo da prancha.

Coagido a produzir conceitos, mas bloqueado pelo choque, o sujeito compensa com uma resposta anatômica (Anat), muito fácil de ser produzida. As respostas de órgãos sexuais masculinos e femininos (pênis, vagina, ânus, uretra, saco escrotal etc.), só ficam registradas em $F\mp$ quando e por motivo de uma estereotipia, ou por repetições de respostas (três, quatro ou mais vezes).

Sobre os critérios úteis para avaliar o valor de uma forma, temos proposto o seguinte: para os iniciantes, com pouca experiência, é útil recorrer às listas de respostas já avaliadas nos manuais em uso e que refletem as frequências de conteúdos em determinadas regiões culturais. Respostas muito frequentes costumam ser de boa forma.

O critério mais válido passa pela avaliação do nível de definição conceitual da forma, percebida com fundamento nos elementos da própria mancha e pelo consenso do próprio aplicador, no sentido de que quem aplica e codifica o teste também se envolve no conteúdo da percepção. “Ah! Eu também vejo” é uma expressão de um encontro no senso comum, que garante à nossa experiência a dimensão da intersubjetividade.

Com o tempo, cada estudioso de Rorschach terá um registro pessoal de conteúdos mais comuns dentro da sua região, registro esse que será mais um subsídio para uma boa codificação das respostas formas (F).

8.2.2 Determinante Cinestesia (K)

As respostas de movimento são aquelas nas quais o sujeito atribuiu energia vital às formas e cores que constituem as manchas do Rorschach. Esse élan vital que mobilizam movimentos pode ser atribuído a figuras humanas, animais, natureza, objetos e instrumentos operativos.

Classificam-se as respostas de movimento, quando esse movimento é percebido como determinante no processo perceptivo.

Hermann Rorschach deu muita importância às cinestesias nos seus processos avaliativos diagnósticos e advertiu que essa variável é traço fundamental na compreensão da personalidade nas suas plenas dimensões: cognitivas, volitivas e afetivas, determinando o seu nível maturativo do seu poder fazer como capacidade decisória na sua história de vida.

As cinestesias em Rorschach se constituem simbolicamente em quatro categorias:

Grandes cinestesias percebidas e projetadas em figuras humanas se codificam com K;

Cinestesias menores percebidas em apenas segmentos da figura humana ou como partes anatômicas em pequenos detalhes, projetam retenção, perda, defeito da energia vital e se codificam com kp;

Cinestésias projetadas em animais codificam-se com Kan;

Cinestésias projetadas em objetos codificam-se com kobj.

8.2.2.1 Cinestesia humana (K ou kp)

A sigla K significa potência e prepotência. Existem duas formas de se codificar a cinestesia do humano. São elas:

K simbólico – sigla-se com K_{simb} e significa intencionalidade construtiva benevolente.

K diabólico – sigla-se com K_{diab} e significa intencionalidade, destrutiva e malevolente.

Como regra geral, entende-se por cinestesia a projeção de um dinamismo nos mecanismos operativos do próprio sujeito, nas categorias dos processos psíquicos humanos: ação, coação, desejo, depressão, euforia, disforia, medo, intenção, reflexão, trabalho, lúdico etc.

As grandes cinestesias, K, quando simbólicas e benignas, são produzidas por energias internas provindas de uma dimensão Espiritual que H. Bergson chama de élan vital, e essas são dirigidas por autênticos desejos dos valores vitais e existenciais. As cinestesias K_{simb} são puras intencionalidades do ser existente sobre as possibilidades do seu próprio existir.

O élan vital é o início de toda atividade humana e é a última dimensão da sua existência no seu momento final, e no grito: “Valeu a pena viver!”. Manifesta-se no lúdico, no Eros na busca de um saber e de um fazer prático, na atividade política eticamente conduzida, na dimensão mística que une o homem na sua

finita natureza com o Divino Absoluto Infinito Essente Benevolente na Transcendência. No momento da Prece se vive a forma mais sublime da experiência do élan vital.

A cinestesia humana (Ksimb) indica um poder de ação, referindo-se ao conceito de Minkowski (1961) que salienta fundamentalmente o agir ético como um estado de sintonia com a vida, como experiência de euforia primária motivada pelo fato de um viver como autêntico desejo, com uma disposição a aceitar e superar todos os obstáculos, por um élan vital, patrimônio e herança da própria existência fortalecida pela presença exemplar educativa materna, paterna e familiar.

Estruturalmente, estão associadas a existências nos seus altos níveis motivacionais, à capacidade de tomar decisões e iniciativas nas tarefas propostas; sendo também elas indicadoras de uma inteligência ativa operante na liderança dos empreendimentos pessoais e sociais.

Em Rorschach estrutura do élan vital é considerada uma vigorosa coluna da personalidade, não pode faltar nas pranchas II, III e VII; e, melhor ainda, quando nelas se projetam fazeres explícitos: dança, lutas políticas na defesa do outro, trabalho, construção, ações lúdicas, mas também meditação, contemplação, reflexão etc., porém é importante lembrar que há movimentos de apenas natureza física que não são cinestesias.

Nem toda atividade investe movimento e motricidade, há atividades puramente mentais, espirituais, tais como: refletir, orar, contemplar e tomar uma decisão. As atividades são diversas e abrangem todas as dimensões do existir humano no mundo e no tempo. A espera intencional, o desejo, a escolha de riscos e a Prece são atividades do Espírito, assim como o lúdico, o Eros, a busca do saber, o fazer das artes e a política, entre outras. É muito pobre reduzir o conceito de movimento apenas ao conceito físico corporal extensivo, como referência de uma grande cinestesia.

Em um protocolo normal, de 30 respostas, podemos exigir pelo menos três ou quatro respostas K. Se isso não acontece, estamos frente a fenômenos emergentes de mudanças estruturais e dinâmicas da pessoa humana: o nível de consciência e de responsabilidade na nossa cultura ocidental está em baixa.

Organizações e sistemas abrangentes de natureza política, educacional, religiosa e econômica dispensam a participação pessoal, individual; estamos realmente frente às massas heterodirigidas como profetizava e analisava Riesman (1971), em *A multidão solitária*.

No processo Psicodiagnóstico e psicoterapêutico, a ausência de K deve preocupar o terapeuta e exigir compromissos redobrados e uma relação de cuidados intensos com o paciente, numa perspectiva de ele adquirir esses potenciais. Quando em uma situação de reteste, as respostas K no seu imediato espontâneo, antes ausentes, significa que todo o processo de psicoterapia teve êxito.

A simples percepção do humano: “Duas pessoas”; “Dois homens”, na prancha III, mesmo sem ação explícita, foi considerada pelo próprio Rorschach uma cinestesia autêntica no seu primordial strictu sensu, codificada como K, pois o que projetou é a constituição existencial nos possíveis potenciais do próprio sujeito, que se reconhece imediatamente no que ele tem de profundamente, essencialmente constitutivo: a humanitas. Nesse caso, diagnosticamente, trata-se de energia do élan vital disponível, mas que no momento não está atuante.

É preciso ter certeza da impossibilidade de perceber o humano na estrutura dual e no seu “fazer-junto-com”. No inquérito, deve-se apurar e registrar tanto a impotência quanto a possibilidade, na espera de recuperar esta percepção e seu dinamismo, espontaneamente ou por uma mediação do aplicador, mas não diretiva.

Na prancha III, a ausência de K deve deixar o psicoterapeuta de sobreaviso quanto as possíveis compreensões dessa ausência: choque emocional, bloqueio vital, sequela de traumas ou desestruturas físico-orgânicas, dependendo do contexto e da relação com outros elementos significativos nas experiências de vida e seus adoeceres. Às vezes, essa ausência é compensada na prancha VII, pois também essa prancha mobiliza as três modalidades constitutivas do existir humano: a humanitas, o Ego e o seu Alter Ego, na dualidade e nas relações interpessoais.

O movimento em si, posto como variável descritiva e normalmente exigida para justificar a determinante codificada em K, não é suficiente; mas é a dimensão característica mais evidente a ser registrada na fala do sujeito. Nem todos “entes” e “seres” em movimento exprimem uma intencionalidade, expressiva de um “querer ser” e “querer fazer” como desejo autêntico.

Como já mencionado, a cinestesia não se reduz apenas a uma energia muscular concentrada e liberando movimento de um corpo no espaço. A essência e o significado da cinestesia se colhem com mais clareza nos termos, nas palavras que exprimem desejo, nas ações e suas variantes: determinação, volição, atenção, intenção, interação e oração. Essas modalidades de “ser-e-estar-presente”, esses *modus agendi* da existência, não precisam do corpo em movimento, mas são consideradas cinestesias.

Há na fenomenologia da apresentação e representação dos corpos, movimentos sem intencionalidade, sem movimento dos corpos, corpos em movimentos automatizados não têm consciência e não dirigem a energia vital, e corpos na aparência parados vibram mentalmente, emocionalmente na espera da ação. Um exemplo: “Duas pessoas se olhando de frente”, na prancha III; no inquérito o sujeito motivado a explicar melhor essa percepção acrescentou: “Estão querendo chegar a um acordo”; esse estado de tensão emocional responde às exigências da intencionalidade e no processo de codificação se expressa com K, no presente sistema de sinais e codifica-se como: Hdual Ksimb.

Outro exemplo: “Dois velhos pajés (Xavante) sentados, preocupados com o futuro da aldeia pensando em o que fazer”, na prancha III; nessa percepção é evidente uma ação política em defesa para a conservação da própria cultura, ameaçada de extinção pelos brancos invasores; codifica-se com a sigla: Hdual Ksimb.

A intencionalidade, como energia vital pode se manifestar de forma plena, vigorosa, atuante, realizadora; mas pelas ocorrências da vida pode ser contida, reprimida, amordaçada, relegada em uma condição de “espera sem esperança”, próxima à inanição por catatonia.

A cinestesia que se codifica com a determinante K pode ser dada pela percepção de apenas uma figura humana, mas também de duas ou múltiplas figuras humanas, na totalidade da prancha (G) ou em partes, detalhes de dimensão relevante (D) em ação, em realização de intentos, em atividade na interioridade, na mente e no íntimo da alma e do Espírito.

Quando, porém, essa intencionalidade é interativamente construtiva, ética, produtora de valores, o sinal K que a simboliza recebe uma qualificação positiva, que, no presente sistema, prefiro e sinalizo com K simbólico (Ksimb).

Aceitei estas duas palavras, “simbólico e diabólico”, referindo-me ao termo grego Daimon, proposto por Jung (2000) e Rollo May (1986), recuperando na interpretação um poder de criar e distribuir tanto o “bem” quanto o “mal”; por isso, justifica o Daimon simbólico (Ksimb), construindo e distribuindo o bem, e o Daimon diabólico como força demoníaca e destrutiva que distribui e incrementa o mal com a sigla Kdiab.

A energia vital originária (Daimon) dada à consciência do homem, no uso do seu livre arbítrio pode ser dirigida para o bem ou para o mal; para o Eros ou para o Thanatos, para a vida ou para a morte na construtividade solidária ou na destrutividade, no estar-junto no amor ou no estar-junto no ódio.

Tudo isso justifica no presente sistema de codificação os sinais: K simbólico (Ksimb) indicando a percepção de uma pessoa em “ação construtiva”, ética nas experiências do lúdico, do Eros, do político, do religioso, da tecnologia científica. Hdual e Ksimb (simb = simbólico) indicando duas pessoas juntas fazendo tudo isso de bom e de boa vontade; a sigla “dual” que acompanha o H significa “dois juntos-com” na dimensão ontológica e social de dualidade.

Ao contrário, o sinal H/H Kdiab (diab = diabólico), indica duas pessoas com intenções reciprocamente destrutivas mobilizadas por uma “agressividade maligna” Fromm (1964), por uma “malícia sádica” Berke (1966) e por uma “malignidade terrificante”, conforme Sullivan (1962).

Arieti (1969) denominou de “psicopata idiopático” aquele que vive uma malevolência destrutiva, mas dissimula a sua perversidade com estratégias teatrais “inteligentes”, escondendo-a e confundindo profissionais; contudo, em determinados dados do Rorschach, posturas e comportamentos impróprios evidenciam a “Verdade” de um diabólico mascarado de benevolência
Phénoménologie Du Masque: a Travers le Test de Rorschach (KUHN, 1957).

Se a potência se codifica com o sinal K, a impotência se registra com o sinal kp indicativa de uma cinestesia em deflexão, em recessão, em contenção por um apagamento da energia vital, efeito de um poder devastador, opressor, invasor. A sigla kp é indicativa de uma cinestesia parcial e revela impotência, constrangimento, medo e coação. Exemplo: “Duas crianças agachadas, feridas, sangrando e se apagando”, na prancha III, foi a percepção de uma menina de 13 anos “lamentando” as ocorrências de abuso sexual do pai contra ela e sua irmãzinha de 9 anos, ambas vítimas do diabólico paterno (Hdual kp).

A codificação Hdual kp é a sigla que proponho para essa modalidade de cinestesia humana na experiência de um estar-junto a dois, na impotência de uma existência vitimizada pela prepotência do outro. Na nossa cultura machista, a maioria das vezes, esses humanos vitimizados por um poder diabólico, são mulheres, crianças, jovens e adultos quando excluídos, são postos às margens e estrangidos ao ilícito.

Aproveito um termo não muito usado no linguajar corrente, mas que nos foi proposto por Binswanger (1970) quando apresentava a fenomenologia do comportamento melancólico. Os movimentos de retenção, ou movimentos humanos parciais, ou movimentos humanos inteiros, quando percebidos em pequenos detalhes (Dd), codificam-se também em kp e indicam uma queda do élan vital.

Revelam dinamismos humanos bloqueados, limitação da ação, coação do agir humano, impotência na execução de um projeto na realização de um desejo, quadros depressivos e melancólicos e ainda automatismos no comportamento, com perda da iniciativa e da manutenção nos níveis motivacionais. Alguns exemplos: “Duas mãos pedindo socorro” (prancha I); “Um pé chutando com raiva” (prancha IV); “Uma cabeça levantando-se da areia” (prancha VI).

Quando, em um protocolo, o K é ausente e a incidência das respostas kp é alta, o sujeito precisa de apoio médico, psicológico e social intensivo, pois não tem condições de reagir, de decidir, de prosseguir e de se reerguer sem ajuda.

Na tradição das Escolas Rorschach, o kp é denominado de cinestesia “menor”, porque é expressivo de impotência, de perda progressiva de autonomia e de liberdade; pode também ser um sinal indicativo de pânico frente aos dramas da vida, doenças, catástrofes e perseguições. Na síndrome da bipolaridade, pode ser expressivo de momentos e estados depressivos, e na esquizofrenia denuncia a

fase catatônica, que precede a desvitalização e a perda da vida (morte) que “já no seu viver, vivencia o morrer”.

Essas duas dimensões da fenomenologia da intencionalidade (K e kp) retidas nas pranchas do Rorschach podem se relacionar com fórmulas, equações quantitativas como matéria para uma compreensão qualitativa. Observem as seguintes formulações que poderiam ser dadas como exercícios em um curso acadêmico:

1. 0K: 5kp

2. 5K: 0kp

3. 3K: 3kp

A primeira formulação (0K: 5kp) confirma o sujeito na sua condição de impotência.

A segunda formulação (5K: 0kp) revela um sujeito com pleno poder da mente no seu querer e poder fazer, indicando um poder volitivo e decisional, juridicamente responsável pelos seus atos.

Na terceira formulação (3K: 3kp) revela um impacto entre o querer e o não poder-querer por impotência, por decadência do poder volitivo.

Preste atenção à seguinte formulação: 4 (Kdiab) versus 6kp; a cinestesia maior do valor 4 indica a presença de um “ser diabólico” que ameaça sacrificar um ser indefeso, como neste exemplo: “Um gigante de capa preta topetudo correndo atrás de uma criança, ela está escondida”, na prancha IV, resposta dada por uma criança que estava sendo assediada pelo padrasto. O valor numérico 4 (quatro) na compreensão da dinâmica vivenciada pela criança e nos dados obtidos representa as reiteradas situações de abuso e a intensidade dessa presença diabólica enfrentadas por ela. O valor seis (6) dado às cinestésias menores significa o quantum e o contínuo traumático sofrido pela criança.

A cinestesia menor codificada com kp indica também uma ação passiva, indicando um sofrimento sentido por alguma parte do corpo, como nos seguintes exemplos: “Uma mão pedindo socorro”, na prancha I (Dd F+ Hd kp); “Gente caindo no fundo de um vulcão”, na prancha VII (Dd F± Hd kp), percepção dada aos mínimos detalhes da mancha.

A cinestesia menor ou parcial, kp, indica também experiências de limites do próprio poder, quando na vida não é possível realizar os próprios e significativos desejos.

Chamo aqui atenção para a importância da determinante forma (F) na avaliação dos níveis cognitivos das projeções cinestésicas, onde sugiro explicitá-la nos seguintes degraus evolutivos do processo primário ao processo secundário:

F+ K → processos cognitivos secundários na gestão do próprio saber-fazer.

F± K → processos cognitivos secundários-primários.

$F \mp kp \rightarrow$ processos cognitivos primários-secundários (“Cinzas de mãos de uma criança putrificadas”, na prancha I, codifica-se Dd clob/kp Hd, nesse caso o sujeito vê as mãos da criança virando cinzas).

$kp \rightarrow$ processos primário-primários, demência no próprio poder-fazer, impotência (“Restos de um corpo humano putreficado”, na prancha IV, G clob/kp).

8.2.2.2 Cinestesia animal (Kan)

Perceber movimentos e dinamismos em animais, significa projetar a dimensão do desejo. Um protocolo com mais kan do que K ($Kan > K$) é indicativo de imaturidade, porém um protocolo com K sem nenhum kan ($n^o K: 0 Kan$) significa a presença de um superego rígido.

A cinestesia animal é indicativa de potenciais da ação, de possibilidades, e por isso é expressiva da categoria que, segundo Minkowski (1961), indica Desejo.

O movimento em animais pode se qualificar de duas maneiras: Kan/simb que significa uma cinestesia animal positiva, indicando desejos éticos e amorosos, dinamismos ativos e, por dinamismos, entendemos sempre algo de positivo e energia canalizada. Ex.: “Um pintinho saindo do ovo”, na prancha VI, DF+Kan/simb.

E a sigla Kan/diab significa desejos perversos, quando se projetam mecanismos passivos, impulsos ou puros instintos animais.

Contudo, as duas configurações podem entrar em conflito em um mesmo protocolo:

3 Kan/diab → ← 2 Kan/diab

1 Kan/simb → ← 3 Kan/diab

A relação dessas duas dimensões manifesta conflitos dos próprios desejos para o bem (primeira) ou para o mal (segunda).

As cinestésias animais negativas são sintomáticas de mecanismos regressivos de defesa e de fixação; as positivas são indicadoras de potencialidades e de disponibilidades para o crescimento na sua maturidade.

Interessante ressaltar que uma senilidade em decadência física, motivacional e afetiva expressiva no teste é reconhecível por um aumento da porcentagem das respostas de conteúdo animal e pela qualidade negativa delas, $F \pm \text{Kan}$ e $F \mp \text{Kan}$.

As cinestésias percebidas em conteúdo animal siglam-se com o sinal:

$F+ \text{Kan}$ → potenciais cognitivos em dinamismos construtivos e ativos.

$F \pm \text{Kan}$ → potenciais cognitivos em déficit, porém com possibilidade de restauração/recuperação.

$F \mp \text{Kan}$ → potenciais cognitivos em progressiva decadência.

$F- \text{Kan}$ → impotência total (“Decomposição da vida”, “Laceração vital”, “Ferimentos”).

Crianças com frequência registram muitas respostas de conteúdo animal, isso é normal e nossa prática é de não qualificar com + ou –, como aconselhamos para os protocolos de adultos, já que os fenômenos regressivos são interessantes na idade adulta, quando se dá por encerrada a fase evolutiva da personalidade.

É importante ressaltar que, para ser registrada uma percepção como cinestesia, ela deve expressar algo de vital, animando o que é percebido; por isso, o movimento em si não garante a essência de uma cinestesia, e uma cinestesia não necessariamente se expressa por um movimento motriz, como nos exemplos a seguir: “Um pássaro, está voando” não se registra como uma cinestesia, pois o pássaro voa naturalmente. Diferente da seguinte resposta: “Um pássaro voando para construir o seu ninho” ou “Procurando alimento para os seus filhotes”, na prancha V. Tais cinestesias manifestam uma intencionalidade construtiva em apoio à vida e isso deve ser considerado, por ser muito importante.

Outros exemplos: “Uma gaivota dançando com as ondas do mar”, na prancha X, a alegria no seu lúdico, é uma altíssima emoção que aqui se projeta nessa levíssima criatura, tratando-se, portanto, de uma cinestesia dotada de intencionalidade positiva. “Um cachorro perambulando”, na prancha VIII, ou “Um cachorro sentado na espera do reencontro com seu dono”, na prancha VIII; no primeiro exemplo não tem finalidade, é um simples movimento corporal e no segundo exemplo o cachorro exprime uma espera, na esperança do retorno do seu dono, há uma intencionalidade na ação de conteúdo afetivo emocional.

A vida como desejo é a essência da própria vida. Existem desejos obscuros e desejos puros, autênticos nas suas dimensões éticas. Exemplo: “Duas hienas caçando carniças”, na prancha VIII, foi a resposta de um pedófilo pederasta, e assim codificada: D F+ Kan/diab. A cinestesia animal, nesse caso decai, tornando-se negativa, destrutiva, declarando uma inteligência (F+) a serviço de obscuros desejos (Kan/diab). Esse sujeito costumava ter relações orais com as suas vítimas, compensando assim a sua impotência sexual e viril.

A cinestesia animal projeta o élan vital humano nos seus estágios originais primários e instintuais, em atitudes de espera aberta a circunstâncias favoráveis.

Lembro-me de um sujeito sentenciado e aprisionado por homicídio, na expectativa da progressão de pena em regime semiaberto; o juiz solicitou meu parecer como conclusão do exame criminológico. Apliquei o teste Rorschach e no psicograma constatee estas relações:

2F+ (HKdiab): 4F±kp / 0 F ∓ Kan: 5F+Kan/simb.

Estas formulações em relação manifestaram a seguinte situação diagnóstica: tratava-se de um sujeito dominado por agentes e líderes perversos 2F+ (HKdiab): 4F± kp; contudo, era caracterizado desde a infância, por traços de bondade e de inocência: 5F+ Kan/simb. Orientado e assistido por profissionais do serviço psicossocial esse sujeito apresentou um bom prognóstico, favorável a um programa de reinclusão social.

Um sujeito pretendente à adoção, mas que revela no psicograma a seguinte formulação: 2F+Kdiab versus 4F+Kan/diab, absolutamente não é idôneo à adoção, por administrar uma perversidade nas suas ações intencionais e nos seus desejos.

8.2.2.3 Cinestesia de objetos e fenômenos da natureza (kobj, Nat)

A fenomenologia das determinantes cinestésicas continua nos conteúdos objetos e nos fenômenos da natureza; isso acontece quando a pessoa projeta no objeto a sua carga energética.

Movimentos projetados em objetos e como fenômenos da natureza são assim codificados: Fkobj, kobjF e kobj.

As cinestésias de objeto significam os impulsos em si, principalmente quando kobj é privado da determinante forma.

Quando for Fkobj os impulsos estão direcionados e há um controle dos instintos para que a instintualidade não seja impulsiva.

Quando for kobjF há uma queda do controle cognitivo dos impulsos.

As cinestésias são variáveis de extrema importância na avaliação da integridade da maturidade psicológica e da idoneidade da personalidade na relação com os outros e com o mundo, como cultura criadora operante, construtiva e transformadora e seus contrários. As suas modalidades manifestas e expressivas indicam uma energia vital aplicada à defesa, à expansão e ao enriquecimento quanti e qualitativo da vida em suas manifestações evolutivas e involutivas.

As cinestesias e as suas codificações sinalizam a intencionalidade, subcategoria da presença no momento de ser consciência volitiva. Volição, ação operante, expressiva de desejos vitais como potenciais, projetos e obras em realização.

Equívocos são não apenas frequentes, mas justificados nos processos perceptivos das cinestesias. O próprio Hermann Rorschach afirmava e tinha convicção que um profissional carente e pobre em energia vital, ao interpretar e avaliar os dados perceptivos do sujeito não percebe as cinestesias do mesmo e não as considera como experiências vitais, quando projetadas nas figuras e formas das manchas.

Para a avaliação clínica dessas cinestesias, sigladas kobj, é importante a qualidade das formas indicadoras das cinestesias, como especificadas a seguir:

Uma F+ é completa quando resgata a cinestesia pela componente cognitiva, tratando-se de impulsos instintivos dirigidos pela inteligência, guiados por estratégias mentais, sigla-se com Fkobj e terá valência F+ kobj é uma codificação indicativa de um controle cognitivo que dirige a energia vital a um fim intencionado. Ex.: “Uma nave espacial sobrevoando a terra”, na prancha II. Outro exemplo: “Uma espada separando em duas partes uma rocha”, na prancha VI.

Uma cinestesia com forma indefinida registra-se com kobjF (terá a valência \pm ou \mp a depender da qualidade da forma), indicando uma perda progressiva do controle cognitivo sobre a energia vital primária, ou seja, controles cognitivos deficitários como na resposta: “Matéria em decomposição”, na prancha IX (kobj F \mp /Conf).

Uma cinestesia objeto sem forma alguma é mais um choque cinestésico, que

codifico com kobj F-, como na resposta: “Vendaval destruidor”, denotando impulsos sem controles. Sinaliza o comportamento de sujeitos acometidos por uma impulsividade sintomática de epilepsia e de quadros maníacos na codificação da bipolaridade. A impulsividade instintual fora de controle é dada pela cinestesia objeto sem forma, sinalizada pela codificação kobj. Exemplos: “Explosão” e “Tempestade” que diagnostica uma incontinência psicológica de instintos e de emoções, quando o kobj se combina com cores cromáticas ou acromáticas (kobjC ou kobj clob).

8.2.3 Determinante Cor (cromáticas e acromáticas)

As cores nas suas variações cromáticas, siglam-se com C;

As acromáticas nos seus claro-escuros, siglam-se com clob;

Esfumaçados de cores cromáticas (c)C e acromáticas (c)clob são percepções de detalhes de formas intramaculares (dentro das manchas) nas variações da qualidade e suas valências (F^+ , F^\pm , F^\mp) e texturas (ctext).

Luminosidade são as percepções de luz e sigla-se com CL.

Exemplos: “Raio de sol”, na prancha IX e codifica-se Dbl/D CL;

“Relâmpago”, os brancos internos da prancha X codifica-se (c) Dd Dbl kobj CL;

“Lâmpada brilhante”, na prancha X e codifica-se D/Dbl F^+ CL.

Cada uma das categorias apresentadas refere-se aos diferentes modos vivendi da afetividade. A percepção das cores cromáticas revela a dimensão de sintonia,

variável muito importante na constituição da personalidade, tanto na manifestação da normalidade, quanto nos fenômenos psicopatológicos.

8.2.3.1 Cor cromática: C

A percepção de cores tem a ver com o emocional, com o afetivo da pessoa. Ser sensível às cores revela uma sintonia com a natureza, quando exuberante de vida, mas quando também a vida, em seus últimos estágios, vive e revive os seus desejos. Como uma vela próxima ao seu fim, ainda está iluminando. “Morrendo sorrindo e não chorando”.

As cores cromáticas do arco-íris representam a vida nos seus processos de afirmação plena, nas suas dimensões do belo, do bom e da ordem. A vida tem os seus ciclos, as suas regras, mas, às vezes, essas regras rompem a ordem e a vida explode tanto de dentro quanto de fora. A alegria faz parte da vida, a tristeza também; a Esperança da vida ao seu início e a melancolia de uma vida no seu término, todas essas sensações e vivências são projetadas nas percepções e interpretações das pranchas nos seus significados.

Árvores brotando, flores na primavera, folhas caindo no outono; folhas arrancadas pelas tempestades, troncos queimados e incendiados são símbolos da natureza e dos estados emocionais do espírito humano. Exemplos: “Sangue! Sangue caindo! Manchas de sangue na parede e no chão.... Que dor”, foi a resposta de uma adolescente torturada na serventia de uma patroa desumana (prancha II). Na prancha III, uma jovem médica cirurgiã plástica exclamou: “Sangue vivo, brilhando que belo! Dá pra fazer a cirurgia!”.

As cores nas manchas revelam o sentir a vida e como ela é recebida e conduzida: com poesia na festa ou no drama, no luto. Exemplos: “Cálice de cristal transbordando flores”, na prancha IX, foi a resposta de um jovem noivo; “Dois fetos gêmeos natimortos”, na prancha IX, parte inferior vermelha, resposta dada por uma mulher.

As cores cromáticas tais como vermelho, verde, azul, laranja, marrom e outras, quando estruturadas em formas bem-vistas, codificam-se com F+C. Esse sinal indica um controle cognitivo sobre o estado emocional afetivo; indica a gestão da razão sobre a emoção. Exemplo: “Um cravo vermelho”, na prancha II (no detalhe inferior), codifica-se em F+C.

Nas minhas aulas estou sugerindo qualificar a determinante F nas valências: F+, F±, F⊖, F-, como também propus para as determinantes cinestésicas humanas: HK, HKsimb, HKdiab e kp e as cinestesias animais Kan (Kan/simb ou Kan/diab); bem como as determinantes cinestésicas em objetos e fenômenos da natureza kobj, como já vimos.

Quando a determinante na percepção é a cor, mas não elimina formas o sinal codificado é CF nos seus degraus do primário ao primário patológico (CF± e CF⊖).

Exemplo: “Verde, vermelho, amarelo, é um campo cheio de flores...”, na prancha X, codifica-se com DG CF±/Nat. Outro exemplo: “Manchas de sangue, no meio, em cima...”, na prancha III, codifica-se com Dd/Dd CF±/Sang.

Nesse caso o emocional perpassa os limites da razão, tanto na manifestação de uma dor, em um corpo ferido, pela doença ou pela violência, quanto na alegria por uma expansão estético-amorosa do coração e da alma.

Temos direito, de vez em quando, em não por limites às nossas emoções, desde que essas não sejam manifestações de nosso diabólico ainda escondido no nosso profundo. Uma forma de revelar esses potenciais emocionais na liberdade do espírito, nos processos perceptivos é quando se dão respostas com os seguintes

conteúdos: “Fogo... fogo de amor de dois corações”, na prancha IX; “Aurora boreal... Uma festa de cores”, na prancha X.

A determinante cor cromática é codificada com C, quando, porém, manifesta impressões e sensações prazerosas da afetividade é necessário, quando na sua plena consciência, qualificá-la com o sinal simbólico de boa forma (F+Csimb); mas quando manifesta impressões repugnantes, horríveis, a determinante C, codifica-se com o sinal diabólico (Cdiab). Exemplo: “Sangue podre sujando a minha saia branca”, na prancha IX, foi a resposta dada por uma adolescente de 13 anos, vítima de abuso contínuo por parte do pai, desde a infância, codifica-se: DF- Cdiab kobj.

As experiências emocionais, a vida afetiva se manifesta em sintonia com a realidade, mas também, distonicamente, como foi exemplificado.

Ocorrem também experiências emocionais expressivas de dissociação de natureza esquizofrênica como nas seguintes respostas: “Verde”; “Vermelho”; “Amarelo”, nesses casos siglam-se Cd (cores determinadas sem forma), as cores são denominadas e separadas das substâncias. Apenas em artistas e pintores as cores são substancializadas como objetos, ferramentas e matérias-primas da sua arte.

Essas percepções de cores substancializadas se codificam com a determinante C. Também estudantes de Escolas de Arte Pitoresca interpretam as cores como objeto.

A percepção do estímulo cromático pode desencadear mecanismos como: nomeação da cor, negação da cor, referência ao vermelho e comentários sobre as cores, os quais não são classificados como resposta determinadas pela cor.

Outro mecanismo que também pode ser confundido como determinante cromática é o de projeção da cor, que acontece quando o sujeito projeta uma cor em uma mancha acromática, por exemplo, na prancha VI: “Tapete amarelo”.

Sintonia, nomenclatura proposta por Minkowski (1961) em contraposição à distonia, significa abertura, receptividade, simpatia com todo o entorno de objetos, de pessoas e de situações. Constitui a dimensão contactiva com o mundo e com os outros. Entretanto, a sintonia é importante não apenas no contraponto da esquizoidia, mas nos seus próprios valores absolutos:

O excesso de sintonia coloca em risco a consciência, a identidade, a iniciativa e a própria individualidade, que se perde na multiplicidade, na alienação das contingências e do contexto do meio ambiente físico-cultural;

A ausência de sintonia revela uma personalidade fechada em si mesmo, distante, fria e isolada, não participativa com a vida que vibra ao redor.

Como foi dito na aplicação, quando a resposta vem acompanhada de adjetivos, deve-se questionar sobre o motivo que levou o examinando a atribuir tais qualidades, pois geralmente elas foram sugeridas pela cor da área interpretada.

As respostas de cor são divididas em: $F+C$, $F\pm C$, $F\mp C$ e C , quando a percepção do objeto antecede a cor como qualidade dele. Porém, quando a percepção é determinada primeiramente pela cor, a sigla C precederá a determinante forma, assim: $CF+$, $CF\pm$, $CF\mp$ e C .

F+C: é a forma bem-vista e a cor como atributo apropriado à substância, em harmonia com a ordem física ou cultural como, por exemplo: “Uma rosa cor-de-rosa”, na prancha II; e “Uma pantera cor-de-rosa”, na prancha VIII, como conhecida produção cultural; indicam emoções finas, sob o controle da lógica e da estética.

A resposta F+C é, de fato, uma percepção que articula processos afetivo-emocionais e processos cognitivos, indicando uma personalidade aberta e sensível aos estímulos de contato com o mundo externo e presente em si mesma, para não permitir invasões e descontroles, quando, em termos populares, diríamos que a razão governa o coração. H. Werner indicaria nas F+C um nível de maturidade pela articulação dos processos cognitivos (F+) com os processos afetivos, C.

Outro exemplo: “Um jacaré saindo do pântano cheio de vitórias-régias”, resposta dada na prancha X por um missionário católico enviado para a assistência religiosa e política às populações ribeirinhas da Amazônia, codifica-se assim: DG F+C Kan/Nat.

F±C: é a percepção de forma e cor deficiente e ambas não bem apropriadas, por defeitos tanto na ordem lógica, estética ou cultural do objeto ou quando o seu conteúdo é sangue, indica interferências de eventos traumáticos, ou a própria fragilidade no sistema emocional da pessoa.

Em linhas gerais, as respostas F±C exprimem sintonia quanto às emoções e suas afetividades, mas com um déficit da componente cognitiva, que é sempre um fator de controle, expressando uma afetividade precária, instável, iminente a se dissociar, como se confirma na seguinte codificação: “Parece duas rosas, mas não vejo muito bem suas partes, vejo mais pela sua cor vermelha”, na prancha II, assim codificado D/D F±C/Bot. Outro exemplo, na prancha VIII: “Rochas

dolomitas e em cima florestas de pinheiros”, codifica-se com DG $F \pm C/Nat$, exprime uma afetividade altamente sintônica, mas não deteriorada.

$F \mp C$: é a percepção de forma e cor com maior desestruturação e indefinições como, por exemplo, na prancha III: “Um pedaço de carne vermelha pendurada”, que se codifica com DF $\mp C/Anat$. Outro exemplo, na prancha VIII: “Rochas dolomitas e em cima florestas de pinheiros”, codifica-se com DG $F \pm C/Nat$, exprime uma afetividade altamente sintônica, mas não deteriorada.

Sujeitos com sintomas epiléticos e quadros depressivos costumam dar altos valores em $F \pm C$ e $F \mp C$. Essas respostas nos seus itinerários perceptivos indicam o início e o contínuo de um degrado patológico no emocional afetivo da personalidade.

C ou CF-: a pura resposta de cor, sem forma e sem determinação, indica uma afetividade absoluta, livre e sem vínculo com os processos cognitivos; e são puros estados emocionais que podem ser tanto inocentes: “O verde intenso do mar”, na prancha VIII; quanto traumáticos: “Sangue de um sacrifício humano”, na prancha II.

O conteúdo é, nesses casos, sempre importante, fator de discriminação entre processos primário-primários, regressivos e patológicos e processos primário-secundários, e os puramente secundários e em perspectiva de elevações aos níveis terciários, compondo a configuração de personalidades superiores com mentes hipotéticas e criativas, como artistas, poetas, filósofos, músicos e místicos.

As respostas em C assumem maior gravidade quando associadas à cinestesia objeto, como na fórmula C/kobj, denunciando a existência de mecanismos de um curto-circuito e indicando impulsividade, em um agir rápido e imediato das

tensões internas. Indicam, também, impulsos da afetividade com respostas comportamentais, não ponderadas e não calculadas nos possíveis efeitos advir, próprias de sujeitos imaturos e acometidos da epilepsia.

A gravidade aumenta ainda mais quando o conteúdo é sintomático de experiências traumáticas: “Pedacos de carne voando ao redor com sangue escorrendo no chão”, na prancha II, codifica-se $DF \mp Ckobj/Sang$.

A ausência total ou absoluta da sigla K em um protocolo complica o quadro e o nível da patologia, como na equação ($OK: 5 F \mp C$ ou $5 F \mp C/kobj$) podendo indicar uma epilepsia sintomática, em nível cerebral.

Cd: são percepções na denominação de cores, mas também sem nenhuma forma, representam, de fato, um grave fator dissociativo, porque o sujeito não consegue experienciar, expressar e projetar nenhum conteúdo afetivo mobilizado pelas manchas. Como nos exemplos: “Aqui é vermelho”; “Essa é azul”; “Vejo a cor verde”.

Em se tratando de profissionais acostumados a se relacionar com cores e tintas, como matéria de trabalho, as respostas Cd não indicam patologia, por serem as cores simples, instrumento laborativo.

A presença dessa variável Cd no protocolo justifica uma consistente hipótese de grave bloqueio emocional, típico da síndrome esquizofrênica. Com muita frequência, os esquizofrênicos percebem apenas cores determinadas nominalmente, demonstrativo de mais uma operação dissociativa.

Assume maior gravidade quando as cores se tornam entidades, com operações e

intencionalidades antropomorfas, como no exemplo: “O vermelho é o mal e vence o branco no seu bem, mesmo se protegido pelos dois amarelos que estão de lado”, na prancha IX, assim codificada D Ckobj/diab versus D/Dbl Ckobj/simb, nesse caso específico, são duas codificações em relação indicativa de uma única experiência na sua confabulação, da luta no imaginário abstrato, do bem contra o mal e vice-versa.

8.2.3.2 Cor acromática: clob (claro-obsuro)

O claro-obsuro na nossa cultura é indicativo dessas dimensões misteriosas, desconhecidas e dramáticas da existência humana e em Rorschach é um indicador de ansiedade, medo ou culpa que pode ser compativelmente administrado, controlado e integrado aos processos cognitivos.

A percepção do claro-obsuro ocorre apenas nas pranchas acromáticas e se organiza, analogamente, às respostas de cor, conjugando-se sempre com a qualidade da forma nas modalidades: Fclob, (c)clob F nas suas valências já explicitadas +, ± e ∓, - e clob/text e clob/kobj.

Fclob são respostas determinadas, em primeiro lugar, pela determinante forma e o claro-obsuro um elemento secundário na percepção e pode ser classificado em três tipos: F+clob, F±clob e F∓clob.

F+clob: formas perfeitamente percebidas e cuja cor preta é um atributo natural, apropriado ao objeto percebido: “Uma maravilhosa orquídea preta” (prancha VI).

A determinante F+clob, no diagnóstico, é indicativa de um controle da ansiedade elaborada esteticamente e poeticamente; indicativa de emoções ligadas a perdas e lutos, mas podendo também desvelar depressões melancólicas, o que deve ser bem investigado no todo de uma avaliação. Exemplo: “Um papiro antigo egípcio, exposto em um museu, muito bonito, saudades das coisas antigas!”, na prancha IV, resposta dada por um jovem aflito, mas resignado pela morte do pai, figura amorosa e presente na sua vida, deixando saudosas memórias e codificada

G F+clob/Obj arql/art.

Outro exemplo: “Árvore queimada, incendiada, uns galhos quebrados, caídos, mas firmes no chão”, também resposta dada na prancha IV por um senhor de idade perseguido e traído por sócios e um filho ganancioso, contudo, ainda, resistindo na condução da sua empresa, assim codificada: DG F+clob/Nat.

F±clob: indica uma parcial perda de resistência, na resiliência frente a eventos de um noturno angustiante, como no exemplo: “Uma porta, mas ao abrir vejo uma gruta, não tem luz no fundo, tudo é escuro, meu Deus, que medo!”, resposta dada na prancha VI por uma jovem, dias antes do seu casamento, mas ainda em dúvida sobre as obscuras intenções do seu noivo e se o casamento seria uma escolha certa para a sua liberdade e para o seu destino, assim codificada: D/G F±clob/Nat.

F ∓ clob: no diagnóstico é indicativa de graves perdas no controle de situações ansiógenas, exemplo: “Nuvens, neblinas, não dá pra ver o que está lá na frente, mais em alto!”, resposta dada também na prancha VI por um jovem com sérias dúvidas sobre a identidade de gênero na sua própria autenticidade. E um outro exemplo: “Um amontoado de pedras cinzas” (prancha VII).

(c)clob F+: são percepções de detalhes bem-vistos e bem estruturados dentro das manchas acromáticas.

(c)clob F±: são percepções de detalhes com defeitos nas suas estruturas formais dentro das manchas acromáticas.

(c)clob F ∓ : são percepções de detalhes desestruturados nas suas formas

(malvistas) dentro das manchas acromáticas.

clobF-/ctext: são percepções de um claro-escuro nas suas variações de tonalidades, mas sem forma.

clob: quando exclui a forma, é expressiva de um estado de ansiedade amplo e profundo e irreversível, por exemplo, nas seguintes respostas: “O tudo preto, o escuro de uma noite” e “Noite”, nas pranchas I e VI. A resposta clob, onde o percebido não tem a determinante forma, é o sinal de um choque ao claro-escuro, impossível de ser definido, como nos exemplos: “Trevas”; “A escuridão de um abismo”.

Quando a determinante clob (claro-escuro) é associada ao kobj (cinestesia de objeto) no protocolo, pode indicar que estados de ansiedade desestruturam totalmente a resistência da personalidade frente a eventos angustiantes (medo e pânico), podendo também representar momentos genéticos da depressão catatônica, como no seguinte exemplo: “Tempestade infernal” (clob kobj). Nesse exemplo, a determinante clob se combina com a determinante kobj, o noturno pode significar um poder diabólico que anuncia a morte do espírito e do corpo insinuando, instintivamente e no inconsciente, tentações suicidas.

A personalidade histórica, na sua dimensão idiopática é isenta da determinante clob kobj, e, quando anuncia publicamente e teatralmente o suicídio no alto do seu palco cênico, faz isso para impressionar o público e “pressioná-lo” a lhe dar atenção e importância fátua; mas não o intenciona. Se o suicídio ocorrer, será por uma fatalidade, por um erro de cálculo e de medidas. O sujeito com intenções profundas suicidas “esconde” os seus propósitos, mas no Rorschach podem ser anunciados como faísca do seu inconsciente nas seguintes formulações clob/kobj.

Repito, a história de vida do sujeito é fundamental e ajudará o profissional na compreensão e para uma correta interpretação do protocolo.

Se as cores do arco-íris fazem parte da nossa experiência sensível à luz do dia, do nosso diurno; também a noite, o noturno, faz parte da nossa experiência e isso se capta no Rorschach, nas seguintes percepções: clob com as possíveis determinantes formas: F+, F±, F∓, F-.

Há culturas e seus povos que vivem o noturno, caracterizando-se nessa dimensão experiencial com simpatia física, psíquica e espiritual e preferem a noite nos seus múltiplos significados, na celebração dos ritos, nas guerras, na caça: a “noite é amiga, é companheira, é protetora, é poesia, é música até no seu silêncio e rica de possibilidades, porque é viva!”. Um índio Xavante no “claro-escuro” da primeira prancha percebeu 34 respostas todas intramaculares na mancha; e não foi apenas em um índio que percebeu isso, mas também outros, de tribos diferentes, configurando-se como uma amostra significativa do noturno, no seu espaço pleno de vida, como manifestação característica da cultura indígena, como índios que vivem na intensidade das florestas.

O indivíduo que vive o noturno não vê, mas sente, ouve nos silêncios, imagina, adivinha e acerta. O índio Xavante que deu 34 respostas só na primeira prancha deu mais de 100 respostas em todo o teste e todas dentro dos claro-escuros das manchas, brincando com as nossas exigências de “homens brancos” que acreditam que só “metem o dedo” nas coisas vistas, declaradas e tocadas à luz do dia, como no exemplo: “À noite tu não vê onça; no silêncio dos bichos da floresta tu ouve onça, se tu vê onça, a onça já te comeu” (índio Xavante, na prancha I).

O noturno é o lugar do mistério. A noite é rica de “coisas”, mas as esconde aos olhares, porque pede e apela para a fé. Na noite, certezas e dúvidas entram em conflitos especialmente para nós, homens do diurno, e isso gera ansiedade, angústia e pânico.

8.2.3.3 Esfumado: (c)

Existe a percepção estimulada pelas variações e combinações de tonalidades, concorrendo a constituir formas intramaculares tanto nas pranchas em preto e branco (c)clob, quanto nas coloridas (c)C e essa variante perceptiva deve se estruturar com formas e proponho codificar com (c).

Essas percepções, nas suas diferenças, chamam muito o interesse dos estudiosos de Rorschach em pesquisas comparativas entre grupos de culturas diferentes e dentro de um mesmo grupo e, ainda, entre indivíduos de classes e genéticas diferentes (gênero, raça e classes sociais).

As formas percebidas nos esfumados, sigladas em (c), caracterizam culturas primitivas; e na nossa cultura, são mais frequentes e evidentes no gênero feminino como também em mentes mais elevadas no seu pensar e sentir a vida no seu profundo e na transcendência na arte, na poesia, na melodia e no misticismo, são comuns em protocolos de poetas, artistas, músicos e místicos. Culturas que se entregam apenas ao imediatismo factual e ao consumismo não apresentam essa dimensão perceptiva.

Além disso, quando associadas às formas defeituosas tanto nas cromáticas (c)C F \mp ou sem nenhuma forma (c)C F-, quanto dadas nas pranchas acromáticas (c)clob F \mp ou sem nenhuma forma (c)clob F-, caracterizam processos psicóticos e, quando junto com as percepções clob, indicam altos níveis de disforia nos seus processos melancólicos e depressivos.

Há pessoas, cujas vibrações emocionais vêm de dentro, no íntimo, no silêncio,

no noturno do dia; essas pessoas, na solidão criam sons, imagens, quadros, poesias, ideias e desejos. São percepções de cores que nos esfumados estruturam formas.

Apliquei o Rorschach a artistas plásticos, músicos, poetas, em pessoas contemplativas e em médiuns que incorporavam. A autenticidade destas experiências pela interioridade da sua origem se confirmava com um continuum perceptivo de (c) F+ e (c) F±.

As codificações (c) F ∓ e (c) F-, sendo esta última sem forma estruturante, indicam protocolos diagnósticos de estados confusionais nas suas dimensões cognitivas, afetivas e motivacionais revelando decadência aos seus níveis primário-primários, típicos da primeira infância (PIAGET, 1970).

Um exemplo: “A minha cama suja de sangue e esperma” foi a resposta dada, na parte interna da prancha II, por uma mulher traída pelo marido depois de 20 anos de vida conjugal, assim codificada Dd (c)C F ∓ /Sang.

Os processos perceptivos projetivos mobilizados pelo esfumaçado cromático, dentro das manchas, manifesta uma interioridade, uma autonomia da afetividade, dos estados emocionais. Há pessoas cujas afetividades vibram em sintonia e sincronia com o que acontece de fora, mas, quando este não acontece, o emocional silencia.

A segunda formulação acromática na percepção das cores é dada nas formas delineadas pelos esfumaçados, na sua intensidade e com vários tons, como no exemplo: “Dois fetos gêmeos brincando na barriga da mãe”, resposta dada no interior da prancha I por uma mulher no sexto ou sétimo mês de gravidez, evento que ela experienciava com prazer. A codificação dessa percepção, resposta complexa, mas compreensível, é a seguinte: D/Dd (c)clob F+ Ksimb Hdual,

indicando a alegria na convivência amorosa de dois seres in statu nascendi e da mãe, contente e feliz com o brincar deles.

Temos ainda as percepções de textura, codificadas com ctext, e essas também acompanham a determinante forma. O ctext são texturas percebidas na mancha toda ou em partes dela e (c)ctext que são texturas intramaculares, percebidas no interior das manchas, e podem ser vistas tanto nas cromáticas, quanto nas acromáticas.

Essas texturas exigem quase sensações táteis nas percepções das suas variações de tonalidades, que variam em pequenos espaços da mancha, dando a impressão de algo de soft ou, ao contrário, algo de ríspido. Essas percepções estão associadas a conteúdo da própria sensualidade, sensibilidade, não necessariamente de natureza sexual, porém mais próximas do princípio do prazer. Quando as texturas são confusas revelam, sem dúvida, estados mórbidos interiores.

Esta experiência projetada nas percepções das manchas formando texturas se codifica com o sinal (c)clob ctext (textura nas pranchas acromáticas), como no seguinte exemplo: “Uma pele de urso macia...como é bom deitar nela”, na prancha VI, dada por uma mulher apaixonada pelo seu “esposo-parceiro-amante”, que nesse momento perceptivo acariciou com as mãos a prancha, assim codificada: G F+clob/ctext/Ad.

E por última consideração, existem pessoas, especialmente nas pranchas IV e VI, que sentem, quase com “tato dos dedos”, das mãos, da pele com pele, a maciez de um “corpo” no encontro com o próprio corpo; é indicativo de uma sensibilidade e sensualidade que dão prazer aos sentidos; são experiências que contribuem para o estar-junto-com nessa dimensão fundamental de corpo com corpo.

8.2.3.4 Luminosidade: CL

A cor branca que se constitui no fundo das manchas, pode ser percebida como uma cor e, às vezes, se presta como base para as percepções de luminosidade, que se codifica: CL.

No Rorschach, adquiriram muita importância as nuances, especialmente quando várias cores se sobrepõem e se combinam nos seus esfumaçados, contribuindo na formação de formas e imagens. Vejam alguns exemplos de luminosidade: “Raios de sol”, na prancha IX, codifica-se Dbl/D F+CL/Nat; “Relâmpago”, os brancos internos da prancha X e codifica-se (c)Dd/Dbl F± kobj/CL, e “Lâmpada brilhante”, na prancha IX, e codifica-se: D/Dbl F+ Obj/CL.

Em resumo, as cores em Rorschach dividem-se em cores cromáticas, que são as cores do arco-íris e em cores acromáticas, do conjunto das cores pretas e suas variações de intensidade e tonalidades. Entre as cores cromáticas, destaca-se a cor vermelha pela capacidade de mobilizar, na nossa cultura, emoções fortes ligadas, geralmente, a fatos traumáticos e agressivos da corporalidade.

8.3 CONTEÚDOS

Quadro 1 – Conteúdos

■

Temáticos	Abreviação	Conteúdo
VITAIS E DA NATUREZA	H	Figura humana
Hd	Parte figura humana	Olho, cabelo, braço
Hsagr/mist	Humano sagrado e místico.	O Moisés (escult)
(H)virt/mit	Humano mítico e virtual.	Napoleão Bonaparte
A	Figura animal	Cavalo, elefante, etc.
Ad	Parte de figura Animal	Cabeça, corpo, patas
Bot	Botânica	Árvores, plantas
Nat	Natureza	Céu, águas, mar, etc.
Nuv	Nuvem	Nuvem, bruma, etc.
Bot	Botânica	Árvores, plantas
Fen/Nat	Eventos e fenômenos da Natureza	Fenômenos vitais
INSTRUMENTAIS	Obj Guer/paz	Defensivos/Ofer
Obj	Objetos domésticos e decorativos	Mesa, porta, vasos
Obj transp	Transportes	Avião, moto, foguete
Obj tecn	Tecnologia	Computador, impressora
Vest	Vestimenta	Saia, avental, chapéu
Obj sagr	Religião	Crucifixo, hóstia
Art	Arte	Pinturas, esculturas
Arq	Arquitetura	Tudo aquilo construído
Cien	Ciência	Lâmina de microscópio

Ant	Antiguidade	Seres ou objetos
I/C	Abst	Abstração
COMPLEXUAIS	Cat/Nat	Catástrofes da N
Ev Bél	Eventos bélicos	Guerras, armas c
Fog	Fogo	Fogo, fumaça, ex
Sang	Sangue	Sangue, mancha
Anat	Anatomia/Fisiologia	Ossos, esqueleto
Sex	Sexo/Anat	Órgãos genitais c
Másc	Máscara	Máscara, abóbor
Mil	Militar	Espada, punhal,
Map	Mapa	Mapa do Brasil,
Alim	Alimento	Frutas, carnes, le

■

Fonte: o autor

Os conteúdos correspondem às expressões verbais daquilo que o sujeito vê nas manchas. Dentro da classificação das respostas, as manchas nas suas formatações são as categorias sujeitas ao controle consciente.

Os conteúdos são divididos em:

Vitais e da natureza – indicam emoções equilibradas quando esses conteúdos são percebidos com formas bem-vistas;

Instrumentais – indicam emoções neutras quando esses conteúdos são indicativos de potenciais operativos, exigindo também formas bem-vistas;

Complexuais – são conteúdos indicativos de conflitos emocionais, mas sempre exigindo qualidades das formas percebidas, indicativo do controle ideoafetivo para não decair em contaminações e confabulações.

Se fôssemos coerentes com os pressupostos e com os a priori dos métodos fenomenológicos, deveríamos mudar as posições das codificações em uma nova ordem dos códigos: em primeiro lugar deveríamos colocar os conteúdos percebidos, por exemplo: duas pessoas H/H; é quando na dualidade operativa sintônica se sigla com: Hdual K; em segundo lugar, as estruturas e dinâmicas mentais que mobilizaram a apresentação dos conteúdos, por exemplo, formas F,

cores cromáticas C ou acromáticas clob e as várias modalidades de cinestesia: cinestesias humanas K; cinestesias animais Kan, cinestesias de objeto kobj; e, em terceiro lugar, a dimensão do espaço no campo da mancha: G/D/Dd, incluindo os fundos brancos internos e externos Dbl.

Se usássemos esse método no processo de formatação dos códigos indicativos, a seguinte percepção dada na terceira prancha: “Duas pessoas, mulheres, são dançarinas, estão dançando juntas de mãos dadas”, de acordo com o que estou propondo se codificaria: Hdual F+ Ksimb D/DG. Em termos técnicos, nesse caso, é evidente a dualidade humana, no estar-junto a dois, agindo em empatia e sintonia, de duas pessoas percebidas em conjunto de uma atividade lúdica e ocupando a totalidade do espaço na prancha.

Outro exemplo: “Dois elefantinhos de trombas dadas brincando em um circo”, percepção dada na prancha II; nesse novo sistema que proponho com fundamento na Fenomenologia, deveria também se codificar assim: A dual F+ Kan D/D. Sendo que A dual indica uma percepção com forma bem-vista na dualidade lúdica de dois animais, ocupando parte do campo, porque os dois detalhes vermelhos superiores foram excluídos.

A Fenomenologia propõe para os processos perceptivos um saber que se direciona às coisas nas suas realidades concretas: pessoas, objetos, fatos e eventos. O próprio Psicodiagnóstico proposto por Hermann Rorschach é uma atividade perceptiva que Merleau-Ponty (1971) definiu como: “Fenomenologia da Percepção”. É a percepção de uma coisa e de como essa coisa é percebida e intencionalmente administrada e o quanto mobiliza efeitos da mente na afetividade e na memória (BERGSON, 1969). Em um segundo momento, no inquérito, direta ou implicitamente vão se determinando e esclarecendo as operações mentais, cognitivas, emocionais e conativas operantes desses processos representativos: “das coisas vivenciadas no mundo”.

A percepção do humano possui uma significância particular e de extrema

importância no diagnóstico avaliativo da evolução da experiência, da existência e dos processos mentais que a tornam possível nas suas diversas manifestações.

Como já verificado em um sujeito adulto, e não apenas na nossa cultura ocidental, mas também em outras culturas, como eu confirmei na minha tese doutoral com indígenas de várias nações, quando no processo perceptivo da primeira a décima prancha não é dado nenhum conteúdo humano, algo significativo e preocupante está ocorrendo no contexto experiencial comportamental desse sujeito; como também afirmado e confirmado em crianças com três ou quatro anos acima já percebem com convicção figuras humanas.

Infelizmente, o nosso psicologismo, em excesso, condicionou-nos a dar importância a mais aos processos psíquicos e menos aos conteúdos da experiência, da existência humana, ou seja, no seu *modus essendi* e *modus vivendi*. Pouca importância se dá às diferentes maneiras do humano ser vivenciado, representado e verbalizado com nomes qualificantes à sua condição de vida, ao modo de agir e de se relacionar com o seu próprio Eu-Ego (consigo mesmo), com os outros, com as coisas, conectando assuas experiências de vida no tempo passado, presente e futuro.

A seguir, exponho as propostas e legendas mais frequentes e simbólicas das codificações e representações do humano e seus significados; algumas são de uso e conhecimentos comuns e outras têm fundamento na minha prática:

H = percepção do humano na sua individualidade e integridade vivente. Pode ocupar a totalidade do campo (GH), parte significativa do campo (DH) e parte mínima (DdH). Exemplo: “Uma mulher”.

Hd = partes do humano, membros externos do humano. Quando aparece a seguinte configuração no psicograma: $n^{\circ} Hd > n^{\circ} H$, são indicativos de processos

dissociativos. Exemplos: “Duas mãos”; “Uma cabeça”.

Hdual = percepção do humano formando uma dualidade na alteridade do Eu com o Outro, o Tu na intimidade do Eu. A dualidade interativa na alteridade deve ser dada necessariamente na prancha III, na realização da alteridade: “Duas pessoas carregando juntas um peso” e a dualidade na intimidade deve necessariamente ser dada na prancha VII: “Duas meninas brincando felizes”, “Duas mulheres dialogando”. O Hdual pode também ser percebido na prancha II, tanto na dimensão da alteridade quanto na intimidade. Indica a dualidade humana no “estar-junto-com” o outro, não como soma de duas partes, mas como união, construindo algo em comunhão. Outros exemplos: “Duas mulheres cuidando de uma criança no berço”; “Duas meninas brincando numa gangorra”; “Dois guerreiros feridos, sangrando, mas cantando vitórias”.

Hsimb = percepção do humano em uma ação simbólica, construtiva e ética na relação com o outro e consigo mesmo: “Uma mulher orando”; “Dois velhos pajés preocupados com o destino do próprio povo”. Simbólico — esse termo foi proposto por Rollo May, de etimologia grega: simbólico (simballomain), significando construtividade.

Hdiab = percepção do humano em uma ação diabólica, significando destrutividade (diabólico). Essa temática da destrutividade foi usada por Rollo May, porém com o termo: “demoníaco”, que na abordagem dele significa “energia vital”, intencionada para o Mal (energia diabólica). No meu sistema, diabólico significa destrutividade, perversidade e malevolência: o humano como agente do Mal na sua plena consciência.

Hanat = anatomias humanas: “Coração”; “Cérebro”; “Útero”, “Pulmão”, “Rins”, “Fígado”, “Vértebras”. Quando essas representações aparecem no psicograma com a seguinte fórmula: $n^{\circ} Hd + n^{\circ} Hanat > n^{\circ} H$, são indicativas de avançados estados dissociativos catatônicos.

Hdet/desfig = percepção do humano deteriorado, grotesco, deformado, desfigurado, ferido, horrível com perda da dimensão estética. Exemplo: “Dois guerreiros feridos prostrados no chão”. Percepção do humano invadido pela tristeza, pela solidão, pelo sentimento de abandono. Exemplo: “Uma mulher chorando desesperada, em prantos”.

Hdesv = percepção do humano desvitalizado, morto, apenas o corpo inanimado. Essa percepção vem compor a representação thanática, própria da experiência esquizofrênica e intenções e ações de morte, como atores dela ou como vítimas. Exemplo: “Dois corpos mortos no chão”.

Hsagr/mist = humano sagrado na Prece elevando-se na Transcendência: Homo Mysticus, exemplos: “Virgem Maria”, “Sagrado coração de Jesus”, Cristo no Corcovado”, Anjos da Guarda.

(H)mit/virt = o humano em experiência mítica e o humano da mitologia antiga e recente. Exemplos: “Ícaro no seu voo desafiador”; “Napoleão Bonaparte”. Humano virtual, do imaginário virtual: “Drácula”, “Super-homem”, “Batman”. Percepção de humanos virtuais, filmes cinematográficos.

Hnarc = percepção narcísica do humano, o humano narcísico: “Duas pessoas, não, é um homem se olhando no espelho e gostando da sua imagem”, quando a figura humana se colhe no reflexo de um espelho ou de um lago. O diagnóstico de traços narcísicos é significativo na compreensão de um perfil caracterial da personalidade.

A fenomenologia do humano é ampla, diversificada nas suas representações; a lista ainda continua:

Hlud = humano em experiências e ações lúdicas: Homo Ludens.

Hsps = humano construindo o seu saber: Homo Sapiens.

Hfbr = humano fazendo e construindo uma obra: Homo Faber.

Hpltc = o humano dado à militância e à política para o bem da Pólis: Homo Politicus, “Dois guerreiros defendendo uma cidade”.

Hers = quando o humano é percebido em uma experiência ligada ao Eros.

Hesql = humanos esqueléticos, revelando experiências depressivas catatônicas, expressivas de uma morte da alma e do espírito.

Hradg = radiografias humanas, raio X.

Hsmbr = humanos percebidos como sombras no escuro.

Hfant = humanos percebidos como fantasmas, percepções assombrosas de humanos como fantasmas. As percepções de esqueletos e fantasmas projetam experiências de morte, por medo, por desejo deste evento catastrófico final, próprio e característico do estágio terminal, tanto de uma esquizofrenia, quanto da dimensão depressiva da bipolaridade.

Hmstr ou (Hmstr) = humano percebido na sua monstruosidade ou como identidade própria (autor da malevolência) ou como figura diabólica persecutória (como vítima da malevolência alheia). A indicação explícita da monstruosidade necessita da sua própria especificação.

Faço aqui a seguinte observação, pela minha experiência com o Rorschach, que os conteúdos devem ser avaliados pelos seus significados simbólicos, que são vivenciados pelo próprio sujeito e os diversos conteúdos podem se combinar indicando experiências bastante complexas.

Na tradição do Psicodiagnóstico Rorschach, nota-se uma não profundidade devida na atenção quanto à percepção do humano.

Há uma substancial diferença entre as duas formulações seguintes, de acordo com a minha proposta de inversão da ordem dos códigos:

Hdual F+Kdiab D/DG, no sujeito A, prancha III.

Hdual F+kp DG, no sujeito B, prancha III.

Os exemplos anteriores codificados, na prancha III, foram as percepções de dois sujeitos suspeitos de um ato criminoso submetidos ao teste. O sujeito A na avaliação diagnóstica revelou ser o autor do crime, exigindo por isso maior rigor nas investigações periciais. É óbvio que esse tópico, da terceira prancha, oferece-

nos apenas um indício, porém consistente, em razão da codificação: Hdual F+ Kdiab, expressiva de uma intencionalidade perversa na relação com a alteridade do outro. E o sujeito B se revelou “o laranja”, demonstrado na percepção codificada em Hdual F+ kp DG, nesse caso, vítima da perversidade malevolente do sujeito A.

Prestem atenção também às seguintes elaborações perceptivas projetivas codificadas nos sujeitos 1 e 2, ambos da área jurídica (Infância e Juventude, Família e Sucessões), a um juízo de idoneidade para a adoção de uma criança:

Hdesv F \mp D/Sang Cd, no sujeito 1, na prancha III (“Gente morta” e “Sangue no vermelho”);

clobkobj G/Dbl/Cat/Nat, no sujeito 1, prancha VII (“Explosão, cratera”), nessa codificação Cat, significa a abreviatura de catástrofe;

Hdual F+Ksimb D/DG, no sujeito 2, prancha III (“Duas mulheres brincando no berço de uma criança”);

Hdual F+ Ksimb D/D, no sujeito 2, prancha VII (“Duas meninas brincando em um balanço”).

A avaliação diagnóstica dos dois sujeitos candidatos à adoção é assertiva. O sujeito 1 não tem condições psicológicas, maturidade ética nas relações interpessoais e não é absolutamente idôneo para o exercício da adoção. O sujeito 2 é, com certeza idôneo, percebe o outro, demonstra capacidade de cuidado e

apresenta uma capacidade na relação dual, lúdica e afetiva com esse outro percebido, no caso, uma criança.

A percepção do humano deve ser incentivada no inquérito ideoafetivo e semântico, de modo a estimular o examinando a manifestar seus conteúdos afetivos e emocionais, seja na intencionalidade da escolha ou mesmo na indecisão, na ambivalência dos conflitos entre o bem e o mal, entre o lúdico e o terrificante, entre o inocente e o nocivo, entre a vida e a morte, e com quais potenciais mentais, afetivos e operativos se administram estas experiências conflituais da existência.

Níveis psicológicos de eficiência cognitiva conativa, nem sempre são funções e potenciais a serviço da ética. Primitivismo, imaturidade, narcisismo, sadomasoquismo, agressividade maligna destrutiva, perversidades, devaneios e loucuras são experiências e comportamentos que devem ser interpretados nas suas causas, no itinerário do tempo passado, presente e futuro; mas como também os potenciais na eficiência cognitiva-conativa podem ser percebidos e intencionalmente mobilizados e aplicados à dimensão ética para o bem comum.

Se de um lado o mal explode na sua potência perversa, o bem como semente genuína da própria pessoa ainda que retido no seu profundo inconsciente, mas pode estar na Espera de se revelar à própria consciência e atuando eticamente para o bem comum. E esses dinamismos intrapsíquicos do ser humano podem se desvelar e serem colhidos no Rorschach por profissionais dotados também de sensibilidade e interioridade, para além do manejo puramente técnico-teórico.

Essas composições do humanismo nas suas determinantes, forma, cor e cinestesia, serão mais bem apresentadas e analisadas nos seus significados no próximo capítulo, que será dedicado acolher sistematicamente os dados dos processos perceptivos e suas configurações compreensivas no quadro sinóptico denominado de Psicograma.

A fenomenologia das percepções em conteúdo animal codifica-se: A. O conteúdo animal é primordial por ser o primeiro objeto símbolo da vida, que é apresentado ao mundo infantil já nos primeiros meses de vida para ser contemplado e admirado nas suas cores e nos seus simbólicos movimentos.

Há uma identificação profunda da criança com o ser animal vivente, especialmente quando se impregna de lúdico e de afeto. A criança tem um agudo poder sensitivo e intuitivo na leitura dos vultos humanos e animais quando manifestam ternura e alegria, mas também quando exprimem a malevolência.

Os conteúdos animais dados pelas crianças refletem os seus sentimentos vitais, do lúdico e da inocência respeitada ou profanada, de segurança ou de medo, como no exemplo: “Dois coelhinhos feridos, que dor!”; “Dois elefantinhos brincando...”, respostas dadas na prancha II, por crianças diferentes, vivenciando experiências da dor e do prazer. A primeira criança foi vítima de abusos físicos pela madrasta, tanto ela quanto o seu irmãozinho; a segunda, era filha de pais separados, mas que ficaram amigos após a separação, ambos, porém, cuidando recíproca e amorosamente da filha.

De acordo com a minha nova proposta de codificação a primeira resposta, seria assim codificada: A F+ Kan/diab D e a segunda resposta assim: A dual F+ Kan/simb D/D.

No geral, é difícil e complexo avaliar e diagnosticar no Rorschach, definições assertivas de crianças que são acometidas por desejos perversos insinuados explicitamente ou não por adultos; mas depois, no processo interpretativo, as próprias crianças, por mim avaliadas, e, nos casos que eu supervisionei, posso afirmar que o instrumento possibilitou colher dados consistentes validando e confirmando tais vivências catastróficas comprobatórias da malevolência do mundo adulto no entorno da mesma (seja familiar ou social).

A minha experiência me convenceu que a criança é sempre vítima de adultos perversos, autores e atores da malevolência ao dano de todos. O Kan/diab em um protocolo é expressivo de uma primária destrutividade, mas, quando associado ao H Kdiab, é ainda pior, porque a perversidade se realiza e se concretiza intencionalmente por desejos perversos mobilizados por um comportamento malevolente do mundo adulto ao seu redor, traindo e desfazendo a inocência infantil.

Percepções com conteúdos da natureza, codificados com Nat, também são objetos que simbolizam a vida na sua expressão primária, primitiva, ampla e holística: a Água é “matéria-prima” do útero materno quando já está formando uma vida, simbólico mundo in statu nascendi.

Natureza viva, natureza morta: florescência em decadência são expressivas das dramáticas vicissitudes do élan vital. Os conteúdos H, A e Nat representam no Rorschach a fenomenologia da vida, como pirâmide evolutiva nos impulsos instintivos vitais (Nat, kobj e Kan) e como consciência intencional (K).

A lista dos conteúdos dos processos perceptivos continua e, em ordem de significado, chama a atenção os conteúdos expressivos de obras do homem como artífices no mundo e do mundo, como Homo Faber; na sua sabedoria de Homo Sapiens: obras arquitetônicas expressivas de um domínio do espaço (templos, castelos, torres, casas, pontes, muros, estradas), denominações significativas que se prestam para serem objetos simbólicos de emoções, sentimentos, estados existenciais e do espírito.

Alguns exemplos: “Um castelo, dois dragões protegendo uma princesa”, na prancha IV; “Um caminho escuro no fundo de um vale escuro, mas abrindo uma luz ao seu fim!”, na prancha VI; “Uma cachoeira dourada, água correndo formando um lago, com vitórias-régias floridas ao redor”, na prancha X; “Fogo,

labaredas incendiando árvores, animais e casas caindo”, também na prancha X.

A natureza é também uma “obra-prima”, dada ao homem, nas suas mãos, para ser conservada, levantada, sustentada e protegida; mas também pode ser devastada e destruída pelo fogo, venenosos insumos e pelas forças da própria natureza, “obra-prima” traída pela malevolência humana e reivindicando seus cuidados a serviço da vida.

Os objetos percebidos nas suas diversas modalidades projetadas nas dez pranchas podem ser assim classificados: simbólicos do amor, do sagrado, do lúdico, do poético, do musical, mas também do ódio, da inveja, do ciúme, da cobiça e de um saber-fazer voltado para a destrutividade com seus maléficos artefatos. Exemplos: “É um avião subindo nas nuvens”, na prancha II; “É um berço”; “Vejo um alicate”; “São dois violinos”, todas na prancha III; “Uma cruz”, na prancha VI; “Um cálice de cristal”, na prancha IX.

Cada objeto projetado se exprime com um nome e os nomes nos seus atributos são expressivos de comportamentos, por exemplo: “A espada”, que pode ferir, mas também defender (prancha VI). Mais alguns exemplos: “É uma fita, quando o meu pai não faz isso comigo, une os nossos corações, quando o meu pai faz, distancia os dois corações”, foi a percepção, no vermelho central da prancha III, dada por uma menina de 8 anos descrevendo o que sentia quando o seu pai a abusava e nos momentos que não abusava dela. Na prancha VI: “Uma espada no meio de duas fendas iguais pode penetrar nas duas” foi a percepção de um adulto, de sexo masculino, exaltando-se da sua bissexualidade no exercício ativo do seu erotismo.

É importante, no inquérito, estimular e motivar o sujeito a “significar” o objeto percebido em termos de suas experiências existenciais. Acho superficial reduzir a matéria percebida ao puro objeto no processo de codificação com o sinal Obj, sem especificar a sua função operante e significante, mesmo que ainda o significado desse objeto esteja ainda retido no inconsciente do próprio sujeito,

ele poderá se evidenciar até mesmo numa perspectiva eticamente ressignificativa.

Sugiro pelo menos as seguintes categorias: Obj sagrado; Obj lúdico, de lazer; Obj militar/de defesa; Obj doméstico; Obj artístico; Obj arqueológico/histórico; Obj artesanal; Obj tecnológico; como também objetos projetados e interpretados na sua destrutividade diabólica e perversa (Obj diab/dest).

A lista continua, mas é impossível categorizar todos os objetos que a cultura humana construiu e vai construindo; a análise compreensiva e interpretativa dos conteúdos objetos poderia se tornar um campo diagnóstico, a fim de uma avaliação vocacional profissional.

Como conclusão deste capítulo, é útil lembrar que alguns conteúdos nos seus significados experienciais, emocionalmente fortes ou não, tanto na dimensão existencial (individual) quanto existencial (universal), são arquétipos primordiais da psique humana e são fenômenos e experiências registradas na memória na dimensão inconsciente e consciente, reevocadas como acontecimentos na história de vida do sujeito.

Vejam alguns exemplos: “Pedra de rocha caindo”, “Vulcão explodindo”, “Tempestade”, “Escuridão da noite”, “Imensidão do céu”, “Buraco”, “Vazio”, “Queimadas”, “Nascimento”, “Metamorfose”, “Morte” etc.

Indígenas da tribo Avá-Canoeiro em quase todas as pranchas evocaram como sentença a seguinte resposta: “Fim de tudo e tudo acabou”, denunciando com essa resposta a triste realidade vivenciada por eles na invasão e na expropriação das suas terras nativas e seus vilarejos.

Às vezes, as manchas não estimulam objetos, mas representações daquele objeto no mundo: “Luz brilhando”; “Luz se pondo caindo na noite”, como já relatado, foi um comentário na prancha IX, de um adolescente com intenções suicidas. “Sangue!” é uma resposta frequente e significativa em referência à vida e, raramente, com representações emocionais inocentes.

Na maioria das vezes, o conteúdo “sangue” é expressivo de uma dor no corpo e na alma: “Sangue espirrando”, “Manchas de sangue, na parede, no chão, que dor!”: foram as respostas de uma adolescente de 11 anos, vendida pela mãe a uma patroa aristocrata, mas desumana, que, sadicamente, torturava-a, sequestrava-a, maltratando-a até mesmo com alicate na língua, nos dentes, nos lábios e nos dedos.

No Rorschach os conteúdos percebidos e projetados são intensamente significativos, por serem mobilizados por uma memória arquetípica universal, mas como também por experiências pessoais, desde a condição intrauterina até o momento presente do próprio sujeito submetido ao processo interpretativo.

8.4 FENÔMENOS PARTICULARES

A atitude de interpretar formas, pela mediação de um discurso que verbaliza os perceptos (objetos percebidos), não é a única fonte de dados diagnósticos em Rorschach. Existem também outras linguagens, tanto verbais, que acompanham a interpretação de formas com modalidades críticas e comentários de vários gêneros, quanto não verbais, com reações também variadas, como psicofísicas, mímicas, gestuais e comportamentais.

O mais importante fenômeno não verbal é o choque, sinal claro de uma situação de impasse frente ao estímulo. Muitos outros fenômenos particulares são, de fato, maneiras encobertas de administrar esse impasse de natureza emocional.

Há várias maneiras de manifestar choque frente às pranchas, as quais serão abordadas nos itens que se seguem.

8.4.1 Rejeição

O primeiro, mais grave e mais relevante fenômeno, é a rejeição de apenas uma prancha: o que significa que apenas em uma determinada prancha houve a interrupção abrupta da atividade interpretativa, depois desse sujeito ter dado prova de saber executar a tarefa com numerosas interpretações em outras pranchas.

A rejeição, quando dada por sujeitos pouco colaborativos ou de baixo nível mental-cultural, representa o próprio quadro de negativismo, hostilidade ou de pobreza interior, e isso é patológico, quando é comprovada a capacidade e a disposição interpretativa da pessoa em outras pranchas.

Duas ou três rejeições são um claro sinal de sofrimento psíquico e representam um bloqueio dos processos mentais, pródromos de quadros psicóticos iminentes. As pranchas que mais provocam os fenômenos de rejeição são: II, IV, VI e IX. A razão dessa frequência da rejeição está no significado arquetípico delas.

A rejeição da primeira prancha, quando não acompanhada por outras, tem um significado relacionado à ansiedade. Ansiedade típica do homem, quando na sua dimensão social e com fortes e obscuras inclusões existenciais; é a ansiedade provocada pela apresentação e reapresentação de si e da própria imagem de um Mundo, percebido como se fosse um Tribunal, no qual se deve prestar contas, em uma angustiante expectativa de um veredicto de absolvição ou de condenação.

A rejeição das pranchas III, V e X, sucessivamente, é um forte indicador de

esquizofrenia.

A rejeição da prancha III está relacionada à perda da energia vital na relação a dois, formando uma Unidade na Dualidade em empatia e sintonia construtiva e participativa, podendo significar um “autismo idiopático” mobilizador de uma solidão, como escolha consciente de vida, dispensando o outro (Eu-Ego rejeita o Tu-Alter Ego como insignificante).

A rejeição da prancha V declara o fracasso frente ao seu eidos na significância da sua unidade, como sua própria Essência, mas cuja patologia é a desorganização em fragmentos, não mais compatíveis com a originária totalidade na sua unidade.

A rejeição da prancha X, por sua vez, é uma fuga frente às responsabilidades de reconstituir e restaurar uma possível unidade, nas diversidades dos seus múltiplos seres vivos, formando uma globalidade.

8.4.2 Persistência da consciência interpretativa

É um fenômeno particular frequente, associado a uma profunda insegurança e a um desejo quase obsessivo de confirmação do acerto das respostas, mobilizando dúvidas sobre possíveis erros. Sendo assim, a obsessão da consciência interpretativa é dada por indivíduos inseguros, aprisionados por uma doentia coação reflexiva, que os impossibilita para novas experiências criativas e libertadoras.

É necessário, porém, no início, ao apresentar a tarefa interpretativa, definir o caráter lúdico, no seu contínuo processo.

Reflexão e derreflexão são pontos extremos de uma polaridade que, se radicalizada de forma exacerbada, provocando falhas graves no comportamento interpretativo. O excesso de reflexão produz uma neurose obsessiva e o excesso de derreflexão acarreta um quadro de alienação psicótica, nas suas contínuas e obsessivas desistências, configurando-se como uma fuga da realidade rumo a um imaginário delirante e incompatível com as simples dimensões lógicas da realidade acessíveis até mesmo às crianças.

8.4.3 Autocrítica e crítica ao objeto

São dois fenômenos particulares quase próximos: a autocrítica é a expressão de um delírio persecutório em potencial, característica de sujeitos acometidos de um quadro patológico de melancolia; já a constante crítica ao objeto, por sua vez, é o substrato de um quadro paranoico, que leva o sujeito a questionar e acusar insistentemente de inconsistência a clara e evidente lógica comum.

Estes fenômenos particulares são indícios de possíveis quadros psicopatológicos, cujos sintomas são tênues, contudo, assertivos, mesmo que passem despercebidos aos olhos do examinador, que apela para comprovações sintomatológicas mais consistentes e evidentes.

De fato, a psicoterapia normalmente trabalha com configurações finas e discretas de distúrbios mentais, às quais, sem as tempestivas avaliações, podem se deflagrar em quadros clínicos psicopatológicos mais graves, exigindo intervenções de competência neurológica ou psiquiátrica.

8.4.4 Choque à cor vermelha

É uma reação defensiva frente ao impasse provocado pela cor vermelha, especialmente alocada na prancha II. São diferentes maneiras de se defender do que é simbolizado pela cor vermelha: atenção excessiva; desatenção seletiva da própria cor, por exemplo: demorar na resposta sobre o estímulo percebido; mas sem produzir formas, ignorá-lo absolutamente ou manifestando sinais de embaraço ou de pânico, tanto verbais quanto não verbais.

A reação de choque muitas vezes indica uma fragilidade de todo o sistema corporal, que se apresenta como um “teatro representativo psicossomático”. Como vimos, o vermelho na nossa cultura é associado a fatos e fantasias de violência contra a corporalidade, de agressões físicas, como vítima ou como testemunha de episódios de sofrimento, sendo, porém, indicativo de eventos patológicos que requerem cuidados médicos e até mesmo intervenções jurídicas, na área criminal.

Dessa forma, o choque ao vermelho, quando localizado no detalhe vermelho inferior central da prancha II, é uma confissão implícita de um fato violento/dramático ocorrido na infância e que aponta para eventos traumáticos de natureza sexual e com mais frequência vitimizando crianças e mulheres.

É importante confirmar, no seu significado, a percepção do choque ao vermelho na prancha II: “Meu Deus! O que é isso? Que horror!” e “Sangue explodindo da minha vagina violada” foram as respostas no processo perceptivo de uma paciente de 40 anos continuamente abusada pelo próprio esposo, violando seus desejos e sua própria vontade.

Essas percepções se manifestam às vezes nas sucessivas pranchas: VIII, IX e X, porém com mais frequência na prancha III, na qual o vermelho continua perturbando o percebido nas duas regiões da prancha e sendo bastante evidente, na parte central mediana e nas laterais externas superiores, como no exemplo: “Carnes sangrando penduradas”, “Manchas de sangue na parede”.

O choque ao vermelho é elemento significativo de um emocional violado e sacudido por eventos traumáticos que desestruturam a atividade interpretativa na lógica da sua normalidade.

8.4.5 Choque à cor

É também uma reação de defesa frente ao imaginário simbólico das cores. As cores nas pranchas apelam para uma expressão da sintonia, expressiva, por sua vez, de uma abertura afetiva ao mundo, de uma empatia e simpatia com as pessoas, na convivência e nos eventos da vida.

Em um linguajar moderno, diríamos que as percepções das cores indicam uma atitude profundamente ecológica em relação à natureza vivente, aos humanos e ao mundo animal.

O fenômeno de choque à cor manifesta um fechamento defensivo frente às solicitações afetivas do mundo externo e suas emoções, quando os objetos de desejo vitais são negados, declarando um bloqueio emocional e levando o sujeito a fazer opções para uma atividade “puramente cognitiva” e suas técnicas operativas.

O choque à cor em sua forma *sui generis* é característica de pessoas altamente extrovertidas, que precisam de uma mediação de fora para dentro, no controle da sua própria emotividade, quando esta explode por um excesso de sintonia não mais controlada no seu próprio agir.

Alguns sujeitos, na tipologia de normóticos, aproveitam dessa situação de estímulo para aumentar a produção em quantidade e qualidade; outros aumentam a quantidade, mas com perdas da qualidade, como os sujeitos acometidos de sintomas na fase maníaca, e outros se perdem na regressão de operações psíquicas primárias absolutamente não adaptativas, e que, muitas vezes, são de

natureza psicopatológica, como nos tipos psicastênicos, depressivos, compulsivos e epileptoides, alterados por estímulos químicos e físicos (medicamentos em excesso, álcool e outras drogas), por situações e eventos sociais, tornando-se assim sujeitos incapazes de um mínimo de introversão, de autorreflexão e de espera na gestão do tempo acelerando respostas impróprias e imaturas para que no tempo advir, com as devidas intervenções possam social e psicologicamente amadurecer.

8.4.6 Choque ao claro-escuro

Em nossa cultura, a cor preta sempre foi símbolo de eventos e emoções negativas. A nossa linguagem é impregnada dessa semântica do preto, indicando situações ameaçadoras: as ciladas se dão sempre no escuro, as prisões são sombrias, as sombras fazem medo, a escuridão provoca pânico em crianças, as tenebras são infernais e demoníacas...

Frente ao estímulo da cor preta das pranchas, alguns indivíduos entram em pânico, como na frente de um arcano terrificante, novamente reativado. As reações são diferentes: desestruturação das respostas por regressão em níveis primários, da organização psíquica, com rejeição da prancha, diminuição do número de respostas etc.

Frente a uma prancha massivamente escura, por exemplo, na prancha IV, o efeito do choque pode se dar na prancha subsequente, V, que normalmente é imediatamente percebida. Os choques ao claro-escuro podem também ocorrer nas pranchas I, IV, V, VI e VII.

Na segunda prancha, é possível verificar o choque à cor preta no seu claro-escuro e nos vermelhos intramaculares. Esse choque dessas cores combinadas considero expressivo de emoções fortes ligadas a um arquétipo demoníaco-diabólico (energia destrutiva), dado por pessoas com fantasias e vivências contaminadas por esses conteúdos, que podem estar relacionadas a algum tipo de participação em grupos com rituais de magia negra. Esse tipo de choque é sempre um elemento premonitor de possíveis quadros psicóticos, maníaco-depressivos, que apelam para um “morrer” no viver (ideação suicida) e ainda em alguns casos, em crimes de feminicídio.

8.5 RESPOSTAS VULGARES OU BANAIS

As respostas banais ou vulgares são respostas que acontecem com uma frequência muito alta na maioria dos grupos de sujeitos, quando considerados normais. Para diferenciar essas respostas, no final da codificação, sugiro colocar em frente a essas respostas o código: Vulg/Ban.

Lista de vulgares:

Prancha I: borboleta ou morcego (no todo);

Prancha II: animal – urso, cachorro, elefante (no detalhe lateral); figura humana, homem, palhaço, anão (no detalhe lateral com ou sem o detalhe vermelho);

Prancha III: figura humana (no detalhe lateral); laço, gravata, borboleta (no detalhe vermelho central), guitarra (nos vermelhos superiores laterais);

Prancha IV: figura humana ou similar ao humano: monstro, gigante, palhaço (no todo, mesmo sem o detalhe inferior central);

Prancha V: borboleta ou morcego ou animal voador (no todo);

Prancha VI: pele, pelos, couro ou tapete de pele de animal (no todo ou sem o detalhe superior);

Prancha VII: figura humana — geralmente mulher, criança ou índio (apenas nos detalhes superiores ou nos dois detalhes superiores e inferiores, ou na mancha toda);

Prancha VIII: figura animal inteira — canino ou felino (no detalhe lateral);

Prancha IX: figuras animais e da natureza (nas partes superiores, medianas e inferiores) e objetos luminosos (branco interno);

Prancha X: caranguejo ou aranha (no detalhe superior azul) e outros animais (em todos os detalhes da mancha).

As respostas vulgares indicadas nas pranchas III (humano), V (animal voador), VIII (animais quadrúpedes) e X (caranguejos) são as respostas banais principais constituindo-se como TRI (Tipo de Ressonância Íntima), indicando empatia e sintonia com o pensar comum, na sua imediata evidência lógica. Esse termo na sua sigla TRI foi apresentado por Mucchielli (1968). A ausência dessas quatro banalidades é indicativa de uma distonia com o pensar comum, por antítese às suas teses.

CAPÍTULO 9

PSICOGRAMA

Como docente responsável da disciplina em Psicodiagnóstico Rorschach e como supervisor, orientador na elaboração de pareceres e laudos periciais, perguntava sempre aos meus alunos informações sobre quesitos, traços de personalidade do sujeito na avaliação em processos jurídicos e a resposta na maioria das vezes era dada nestes termos: “Desculpe, professor, ainda não codifiquei, pois tenho dificuldades”.

Em parte, os alunos tinham razão. Qual seria a razão dessa afirmação expressando dificuldades e dúvidas diagnósticas?

A compreensão da experiência de vida do sujeito investigado é imediata logo no momento declarativo da percepção da forma nos seus significados expressivos. Quando uma criança de seis anos, na prancha II, declara: “Cara de um gatinho triste chorando”; na prancha III: “Duas bruxas velhas carregando um saco”; na prancha IV: “Um monstro espetando uma criança”, a compreensão diagnóstica desses enunciados perceptivos é imediatamente transparente e reveladora de uma convivência da criança em um contexto familiar social nocivo que a faz chorar de tristeza e de medo.

Quando também uma jovem adulta de 27 anos (vinte e sete) contamina as percepções na terceira, quarta, sexta e sétima pranchas, com conteúdos em partes humanas deterioradas e em parte com animais disformes e grotescos, não é necessário codificar para ter certeza diagnóstica que essa jovem passa por sérios transtornos nas relações interpessoais, na experiência da alteridade e intimidade com o outro e na dimensão do masculino.

O processo perceptivo de formas, a fala, o discurso expressivo dos conteúdos projetivos já são uma revelação, uma manifestação da história de uma existência, nos seus dramas, nas ocorrências entre eventos em conflitos ou em lados opostos ante a realização e o insucesso, entre a plenitude e o vazio, entre a consistência de significados animadores ou suas insignificâncias.

A compreensão desse drama da existência do sujeito submetido às interpretações dos arquétipos ocorre na consciência do profissional no instante dos processos perceptivos do sujeito. A consciência do psicólogo é o seu instrumento interpretativo compreensivo pela sua subjetividade operante, atenta, “intenta” a colher o profundo, o “de dentro” do experienciar da existência do sujeito à sua frente.

O Rorschach é um teatro, um palco onde e durante cenas da vida são apresentadas, às vezes, no seu realismo explícito: “É a bota do meu pai me chutando”, na prancha IV; às vezes, na sua reconstrução significativa: “É um bicho estranho, monstruoso, meio homem, meio animal, pernas enormes, cabeça pequena, braços moles”, na prancha IV, resposta dada por uma mulher casada e em crise conjugal pela convivência com um marido prepotente, “idiota”, preguiçoso e impotente.

O processo de codificação e sistematização das respostas é, porém, importante e necessário para traçar um perfil estrutural e dinâmico das funções mentais que regulamentam, organizam e administram estas experiências de vida.

Possibilita ainda, verificar em quais níveis de consciência, de intencionalidade e de responsabilidade e por quais processos cognitivos, afetivos e conativos as experiências se manifestam no comportamento, nas relações interpessoais e no impacto com as obrigações sociais.

A compreensão da personalidade no seu perfil temperamental/caracterial nas relações sociais, no desempenho das suas funções e na sua previsão comportamental no horizonte temporal, em processos de fixação rígida ou de mudanças, diagnostica-se e se prognostica no psicograma.

O psicograma, em síntese, é uma sequência de dados expressos em porcentagens, em relações e equações numéricas, em composições gráficas dos dados quantitativos, como já afirmado anteriormente: “na linguagem da experiência”. Neste capítulo, permito-me anexar esquemas de formulações que compõem o psicograma no seu itinerário diagnóstico.

A finalidade do psicograma é apresentar um quadro geral sintético, visual e completo, com as codificações das repostas do sujeito com os dados que o perfil do sujeito, compreensivo de estruturas, mecanismos e dinâmicas da personalidade; compreensivo também de temas de vida evidenciadas por nomes e símbolos dados aos conteúdos dos processos perceptivos no teste.

9.1 PROCEDIMENTOS NA AVALIAÇÃO DA PRODUTIVIDADE

Total de respostas: TR → total de respostas dadas em todo o teste, incluindo, contudo, as respostas adicionais recuperadas nos inquéritos estruturais ideoafetivo e semânticos, bem como na repassagem, se houver.

As respostas adicionais (RA) são indicativas de uma gestão do tempo, a favor ou em desfavor do poder psíquico, de progressão ou regressão a níveis inferiores e em relação às temáticas arquetípicas das dez pranchas do teste.

Estabeleci o número 30 como média normativa, sendo 3 (três) respostas, como um quantum possível, que podem ser dados em cada prancha, no itinerário perceptivo de uma global, de um detalhe, de detalhes combinando-se com uma global e no jogo de figura fundo.

Protocolos com um total de respostas menor do que 30, o quantum por mim proposto, são indicativos de uma baixa produtividade, podendo revelar situações conflituais nos processos perceptivos conceituais, cognitivos, emocionais e volitivos do sujeito.

O TR é indicativo de produtividade mental bruta em empreendimentos construtivos e desconstrutivos da realidade. Na exposição da fenomenologia da bipolaridade, por exemplo, um paciente na fase delirante maníaca se perde na inconsciência lógica das suas múltiplas percepções e ideações incoerentes com o princípio de realidade (são muitas respostas, estruturalmente inconsistentes, mas significativas na interpretação do diagnóstico).

9.1.1 Qualidade da produtividade mental no QI (Quociente de Inteligência)

$TR (F+) \times 100 \div TR = QI$ (Quociente de Inteligência). Esse índice indica estruturas dos processos mentais em níveis secundários e terciários, incluindo as percepções originais, tanto na dimensão cognitiva, quanto nas dimensões emocional e conativa-volitiva.

$TR (F\pm) \times 100 \div TR =$ índice que revela potenciais a serem resgatados e reintegrados, reconstituindo os processos mentais secundários pelo próprio sujeito aplicado à sua própria performance.

$TR (F\mp) \times 100 \div TR =$ índice que revela estruturas mentais em risco de decadência ou já decaídas nos seus processos primário-primários que são indicativos de demências a nível sintomático orgânico. Esses processos são típicos nas primeiras etapas da infância, mas na idade adulta devem estar superados, mas que na sua persistência, necessitam, com urgência, de uma assistência profissional multidisciplinar (médica, psicológica, pedagógica e/ou social). As percepções em formas malvistas são dados diagnósticos no psicograma que revelam o quantum de processos primário-primários patológicos desfazem a estrutura mental, sendo estes: detalhes oligofrênicos (Do) e as configurações confabuladas e contaminadas.

$TR (F-) \times 100 \div TR =$ índice indicativo de impotência total na construção significativa e estruturante de objetos da realidade.

Chamo a atenção aqui para que, quando ocorrerem as seguintes equações em protocolos de Rorschach: $TR (F\mp)$ e $TR (F-) > TR (F\pm)$ e $TR (F+)$ e quando TR

(F+) = 0 (zero) são indicativos de quadros sintomáticos demências revelando graves e totais perdas dos controles cognitivos, afetivos e volitivos.

O TR+ é o índice dado pelo somatório de respostas de boa qualidade tanto pela determinante forma, quanto pelas determinantes cores e cinestésias: F+, F+C, F+K, F+Kan, F+kobj, F+clob e compõem e contribuem para o somatório de TR+, ou seja, qualidade da produtividade mental e significativamente diagnóstica e prognóstica da equação: $TR+ > TR$.

Quando a fórmula TR (total de respostas brutas) > TR+ (total de respostas bem elaboradas) indica um desequilíbrio entre a produtividade mental bruta e a qualidade desta produtividade fica aquém do exigido, indicando o predomínio dos processos primário-primários (\mp) e dos primário-primários que estão próximos aos processos secundários (+), em relação aos processos puramente secundários (+), de Piaget (1970) abertos aos processos terciários (+), esses indicativos de mentes superiores, hipotéticas e criativas nas suas originalidades, segundo Arieti (1969).

Essa situação psíquica mental, em nível de processos primário-primários, caracteriza indivíduos acometidos por doenças e transtornos de personalidade, por exemplo, ocorrem em pessoas adoecidas na fase depressiva da bipolaridade ou em comportamentos acelerados da fase maníaca, como também são comuns no déficit de atenção e hiperatividade.

9.1.2 Controle Cognitivo (CCg)

Na minha prática avaliativa diagnóstica, dei muita importância a um dado que denominei de controle cognitivo, que estou indicando no psicograma, com a sigla CCg, colhido nos esquemas: TR (F+), TR (F±), TR (F ∓) e TR (F-), como somatório das qualidades evolutivas das determinantes formas, absolutamente, percebidas e associadas ou dissociadas das componentes cor e cinestesia.

O controle cognitivo é indicativo do Quociente de Inteligência (QI) e é colhido somente nas determinantes F (forma), nos seguintes níveis:

TR F+ = controle cognitivo pleno. Significa altos níveis dos processos mentais secundários, mas abertos também aos níveis terciários e superiores. Recebe pontuação +1.0, se for uma resposta com Ksimb e Hdual, essa pontuação sobe para +5.0 e, melhor ainda, se ela for original e incluir Dbl.

TR F± = atenuação do controle cognitivo, contudo, potencialmente atuante, ou indicativo de possíveis e tênues perdas, em se tratando de sujeitos adultos. Significa potenciais primários em perspectiva evolutiva a nível secundário ou em risco de perda e em decadência aos originais níveis primário-primários. Recebe pontuação +0.5.

TR F ∓ = processos de regressão a estágios primários da mente (detalhes oligofrênicos e percepções contaminadas e confabuladas). Significa fixação aos processos primário-primários. Na fase adulta, indicam perdas dos processos mentais em níveis psicopatológicos, revelando hipóteses diagnósticas sintomáticas de demências. Recebe pontuação -0.5, mas se for uma resposta

contaminada recebe a pontuação -3.0 e ser for uma resposta confabulada recebe -2.0.

TR F- = perda total do controle cognitivo e impotência da mente, mas também pode revelar um total desinteresse consciente do sujeito, o que deve ser devidamente investigado no inquérito. As respostas codificadas como F- são percepções sem nenhuma forma estruturante e são indicativas de uma impotência total, contudo a ser justificada na elaboração do diagnóstico. O valor negativo de -5.0, e se for um Do receberá -4.0.

O quantum de qualidade mental é elaborado no tempo, no itinerário progressivo da prancha I até a prancha X. Os valores obtidos em cada nível dados no tempo da primeira à décima prancha se referem ao Quociente de Inteligência (QI) e seus potenciais atuantes e operativos podem ser mensurados quantitativamente na curva de Gauss e qualitativamente a produtividade mental cognitiva operativa pode ser interpretada seja na sua estabilidade, nas suas oscilações, bem como numa exemplar e contínua elevação que é indicativa do controle do tempo dado a sua própria responsabilidade.

Eventuais perdas nesse itinerário do tempo podem revelar situações conflituais no significado temático existencial da própria prancha.

Dessa forma, o CCg no campo experiencial significa a capacidade do sujeito em atribuir nomes apropriados aos objetos dados à sua percepção (manchas de tinta), revelando, assim, o Quociente Intelectual, também comum em muitos reativos mentais, garantindo dessa forma uma assertividade ideativa e conceitual no domínio das coisas.

9.2 ÍNDICE DE REALIDADE (IR)

Um dado importante e significativo sobre o controle cognitivo no campo perceptivo é indicado por mim com a sigla IR – Índice de Realidade. Reafirmo que esse dado foi proposto por um estudioso do método estruturalista aplicado à compreensão do comportamento humano (MUCCHIELLI, 1974).

O IR é indicativo de um controle cognitivo básico sobre um contexto de realidade; administrado pelo “bom senso do senso comum”, como traço fundamental que regulamenta e ordena a convivência social na gestão perceptiva e de juízo sobre eventos, situações e necessidades reais concretas que exigem um consenso coletivo imediato.

Esse fator IR é dado pela percepção de respostas com altíssimo índice de “frequência popular”, não importando idade, sexo e cultura do nosso mundo ocidental.

O índice de realidade, segundo Mucchielli (1974), é mensurado nas pranchas III, V, VIII e X, respectivamente, com os seguintes conteúdos com formas bem-vistas (F+):

Na prancha III: deve-se perceber, imediatamente, como primeira resposta duas figuras humanas, não importando o sexo e características estéticas operativas. Se essa percepção, denominada aqui como banal ou vulgar, for dada como primeira resposta, o valor do índice de realidade chega a dois (+2.0) pontos; se for dada como segunda resposta, recebe um (+1.0) ponto; e se for dada como terceira ou

sucessivas, ou mesmo como resposta adicional (RA), recebe (+0.5) meio ponto.

Na prancha V: deve-se perceber imediatamente um animal com asas, como nos seguintes exemplos: “Morcego”, “Borboleta”, “Pássaro”, não importam se bonitos, feios, vivos, mortos ou pré-históricos e percebidos na formatação G (global). A pontuação segue os precedentes critérios da prancha III.

Na prancha VIII: a resposta banal se efetua no conteúdo animal quadrúpede, mamífero ou qualquer outro tipo animal, mas dotado de cabeça, corpo, pernas e rabo, percebido nos dois detalhes vermelhos laterais. Também aqui a pontuação segue os mesmos critérios das pranchas anteriores.

Na prancha X: de acordo com o meu sistema, qualquer percepção em grande detalhe (D) com conteúdo animal (A), codificada em DF+A, responde às exigências do índice de realidade e os critérios de pontuação são os mesmos já mencionados anteriormente.

Mucchielli (1974) exige como banalidade na prancha X a percepção de dois caranguejos ou similares, nos dois detalhes azuis laterais superiores, constituindo-se estatisticamente a resposta mais frequente. Eu me permiti considerar banal qualquer percepção em DF+A dada como primeira resposta, em qualquer detalhe da mancha e não somente nesses detalhes azuis laterais superiores.

9.2.1 Cálculo do Índice de Realidade (IR)

O Índice de Realidade (IR) quando alcança o total de 100% é expressivo de uma inteligência concreta na empatia e sintonia como senso comum, no seu pensar coletivo, dado à administração das necessidades básicas, na gestão de si mesmo, na convivência social adaptativa, bem como na condução das normas, regras e leis.

O IR é calculado pelo somatório de pontuações alcançados nas quatro pranchas (III, V, VIII e X) multiplicado por 100 e dividido por 8 (pontuação máxima), da seguinte maneira:

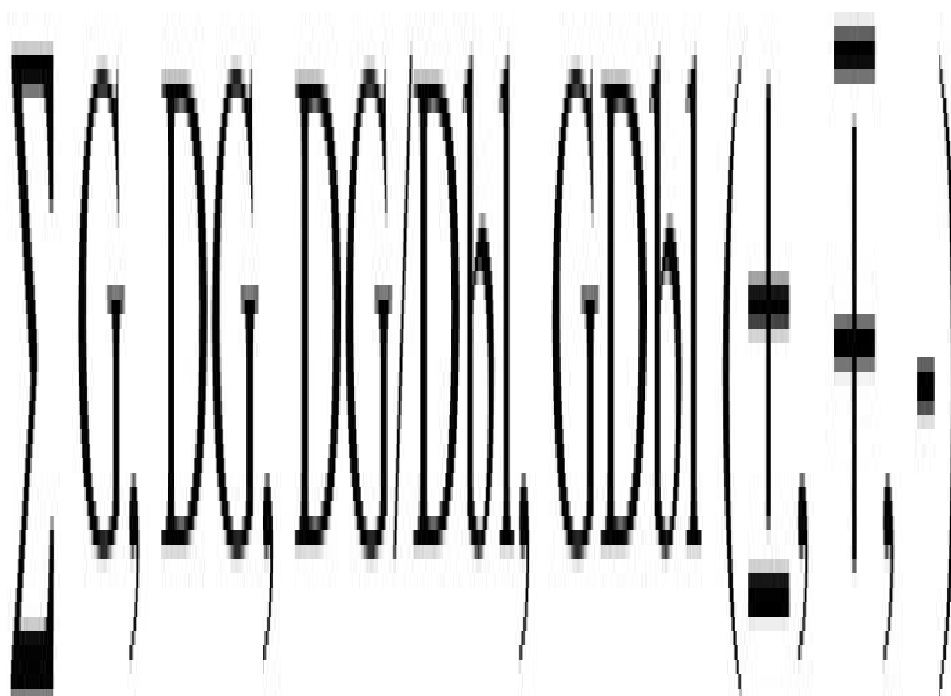
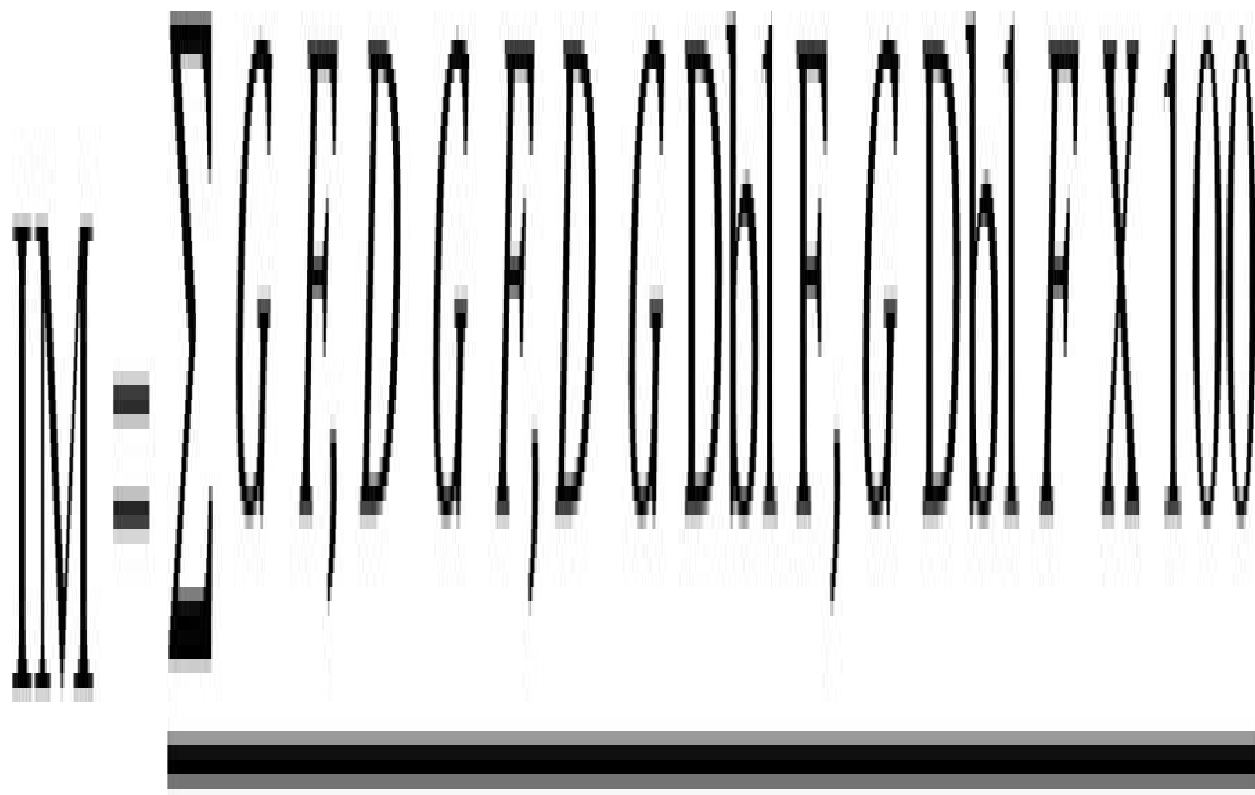
$$\text{IR} = \text{n}^\circ \text{ III} + \text{n}^\circ \text{ V} + \text{n}^\circ \text{ VIII} + \text{n}^\circ \text{ X multiplicado } 100 \div 8$$

Um genitor que disputa a guarda do seu filho menor de poucos meses ou anos de vida, quando em uma avaliação psicológica e no Rorschach, o seu índice de realidade decai para menos de 50%, carece de inteligência prática prognóstica concreta, situação essa que o torna incapaz de administrar os cuidados básicos para a proteção do seu filho. Outro exemplo dado à reflexão: um acusado de crimes em se apropriar furtivamente de bens alheios, em que o IR decai a zero ou próximo de zero, pode ser sentenciado como criminoso no uso da sua plena consciência?

No meu ponto de vista, o quantum do IR abaixo de 50% já declara uma incapacidade do juízo crítico na convivência social e cujo diagnóstico legitima uma impotência e uma deficiência operativa da mente na compreensão de normas e leis.

9.3 ÍNDICE DE INTEGRIDADE MENTAL (IM)

Um dado importante no psicograma por mim apresentado à comunidade rorschachiana foi denominado de Integridade Mental (IM) e é constituído pela equação entre as percepções globais e combinadas globais de boa forma com o somatório das percepções deficitárias em GF, DG F, DG/DbI e GDbI (\pm , \mp , -), como na seguinte fórmula: Somatório das GF+, DG F+, DG/DbI F+ multiplicado por 100 e dividido pela totalidade das G, DG, DG/DbI nos seus déficits formais (\pm , \mp , -).



Porcentagens para cima de 70% indicam um poder da mente frente aos eventos, fatos e ações, com exigências associativas e integrativas, desfazendo um primordial e patológico caráter autístico dissociativo.

Estudos e pesquisas com esquizofrênicos confirmaram a incapacidade deles em perceber e construir unidades na totalidade das suas diversidades no campo experiencial.

O campo perceptivo de um esquizofrênico grave, em estado psicótico, é constituído por falências e ausências de globais bem-vistas (DG F+ e DG F±) e o protocolo desses pacientes são caracterizados por frequentes respostas de detalhes oligofrênicos (Do) e por combinadas deterioradas, contaminadas e confabuladas (DG F ∓).

Um controle cognitivo eficiente (CCg), um índice de realidade elevado (IR) e uma integridade mental alta (IM) tipo DG F+ desfazem quaisquer indícios de um processo de esquizofrenia como evento desestruturante da unidade na sua globalidade e nas partes que a compõem.

9.4 CLASSIFICAÇÃO DAS CINESTESIAS

É importante ressaltar as diferentes formas e modalidades cinestésicas. Em primeiro lugar, e por importância diagnóstica, registram-se as cinestесias humanas extensivas, que manifestam ação humana nos seus potenciais atuantes e operantes. Quando é uma ação indicativa de força atuante operante em todos os campos sigla-se com K, nas suas dimensões construtivas simbólicas ou nas suas dimensões destrutivas diabólicas.

Explicando melhor, quando a atividade tem um significado e uma intencionalidade ética, de responsabilidade, solidariedade, convivência amigável junto-com a determinante K se qualifica com a sigla K_{simb} (simbólico); quando a ação é destrutiva, desconstrutiva expressiva de uma intencionalidade perversa o K se registra com a sigla K_{diab} (diabólico).

Cinestесias expressivas de impotências, de experiências de vitimização, são codificadas, como kp.

No psicograma todas as codificações devem ser enumeradas, incluindo o número 0 (zero), como na seguinte lista hipotética: 2K_{diab}; 3K_{simb}; 0K_{diab}; 1kp.

É importante explicitar a determinante forma e em seguida as determinantes cinestésicas, como neste exemplo: F⁺ A K.

As cinestесias em animais em formas deficitárias e inconsistentes também devem ser enumeradas qualitativamente com as determinantes, desta forma: F[±]

A ou $F \mp A$.

Em seguida, registram-se enumerando as cinestésias de objetos nas suas composições estruturais formais: $F+ kobj$; $F\pm kobj$; $F \mp kobj$; $F- kobj$, numericamente evidenciados.

Na lista dos símbolos do psicograma as determinantes cores cromáticas devem seguir este itinerário: $F+C$; $CF\pm$; $CF \mp$; Cd (cor determinada sem forma) e $Ckobj$ (cor como objeto-matéria), por exemplo, dadas pelos pintores e artistas plásticos.

Devem ser enumeradas quantitativamente também as codificações cromáticas intramaculares: (c) $F+C$; (c) $F\pm C$; (c) $F \mp C$; (c) C .

Na lista também devem ser enumeradas as cores acromáticas:

$F+ clob$; $F\pm clob$; $F \mp clob$; $F- clob$ (Ex.: “Escurecimento da noite”, sem forma).

Na lista também devem ser enumeradas as cores acromáticas intramaculares:

(c) $F+ clob$; (c) $F\pm clob$; (c) $clob F \mp$.

9.5 TIPO DE RESSONÂNCIA ÍNTIMA (TRI)

Segue agora no psicograma um item de grande interesse diagnóstico elaborado por Mucchielli (1974) em sintonia com as teorias de Hermann Rorschach, dando sequência interpretativa aos tipos de ressonância íntima (TRI).

O tipo de vivência ou tipo de ressonância íntima (TRI) proposto por Hermann Rorschach, em 1921, indica como o indivíduo experimenta as suas relações com o mundo e como ressoam no seu mundo interno os estímulos do mundo externo.

Para Trautenberg (1975), o TRI exprime a atitude fundamental da personalidade para consigo mesma, na convivência com os outros e com o mundo exterior.

H. Rorschach estabeleceu basicamente dois tipos de TRI: a intratensão e a extratensão. As respostas de movimento humano (K) são expressivas da intratensão, enquanto as respostas cromáticas (FC, CF, C) expressam a extratensão.

O TRI é o resultado de uma equação comparativa em dois níveis de funcionamento, tecnicamente entre as determinantes cinestésicas e as determinantes cores, indicando a relação e a interação entre os componentes conativos e dinâmicos da personalidade e os componentes afetivos no enfrentamento psicológico e comportamental do Eu com as coisas do Mundo nas suas efetivas realidades.

A intratensão e a extratensão, de acordo com Rorschach, não caracterizam dois

tipos fixos de constituição psíquica, como foi para Jung, que criou os termos: introvertido e extrovertido para se referir a dois tipos psicológicos.

Hermann Rorschach criou os termos “intratensão” e “extratensão” para se referir a algo diferente do que se referiu Jung. De acordo com H. Rorschach, intratensão e extratensão são duas funções psíquicas, coexistindo em graus variáveis de concentração ou de dilatação no mesmo sujeito.

Para Anzieu (1978), o tipo de vivência indicado por Rorschach designa a proporção entre estas duas funções. Andrade (1970) frisa que a intratensão e a extratensão não são qualidades fixas, mas móveis, interativas, um indivíduo intratensivo — mais voltado para o seu próprio mundo interior — pode ter momentos extratensivos, nos quais se volta mais para a realidade exterior.

No tipo intratensivo, algumas funções estão mais desenvolvidas do que no tipo extratensivo e vice-versa. Não são tipos opostos, mas tipos diferentes. O aparelho de vivência com o qual o indivíduo experimenta, é um sistema muito mais amplo do que o aparelho com o qual o indivíduo vive [...]. O tipo de vivência revela a extensão do aparelho com o qual o examinando poderia viver, de acordo com Hermann Rorschach (1967).

O TRI nos dá uma indicação da maneira como o indivíduo poderia viver, mas não forçosamente, as suas reações manifestas, pois os momentos intratensivos e extratensivos não estão completamente mobilizados no presente, eles constituem uma gama modal de recepção e de reação variável, mas não manifestadas com rigor no seu todo e nas suas ambivalências (TRAUBENBERG, 1975).

Os tipos de ressonância íntima A e B constituem as duas regiões do consciente e do inconsciente em constante interação.

Os tipos intratensivo, extratensivo e ambigüal dispõem, em comum, de uma abertura para a vida afetiva (emoções e sentimentos) e volitiva (vontade, desejos, pulsões), mas a maneira como os afetos e as volições são vivenciados por esses tipos é que os diferenciam. Já os tipos coartados e coartativos são caracterizados por um bloqueio (repressão, limitação, restrição) da vida afetiva e volitiva, segundo Anzieu (1978).

O introversivo ou intratensivo adapta-se ao mundo por meio do seu pensamento ou da sua imaginação, a reflexão lhe é mais habitual do que a expressão imediata dos afetos e dos pensamentos. Ele é também mais estável do ponto de vista da motricidade e da afetividade. O contato afetivo é mais contido para o introversivo e mais expansivo para o extratensivo.

Intratensivo ou introversivo: pessoas que têm esse tipo de perfil no TRI possuem vida interior rica e intensa, seus contatos humanos são mais profundos do que numerosos, sua vida afetiva é estável; em termos de ação e vida social, são mais reservados, sentem-se mais desajeitados e tímidos e têm dificuldade para se adaptar ao meio e com reações mais lentas, interiorizadas e duráveis, introduzindo um intervalo de tempo entre a excitação emocional sentida e a resposta que emite. São pessoas que refletem muito antes do seu próprio agir, pois a ressonância afetiva da personalidade se dá no plano mais profundo. Apresentam um sentimento mais agudo do próprio Eu e reagem em função dele e não da situação e seu mundo interior imaginário prevalece sobre a realidade do mundo exterior. Seus contatos sociais e suas relações afetivas com as pessoas são mais seletivos, porém os vínculos estabelecidos são mais intensos, estáveis e profundos, por uma afetividade contida na interioridade criativa e imaginativa. Tais características condizem com uma personalidade adulta estruturada, refletindo um Ego e um Superego organizados. Na psicopatologia, pertencem à tipologia introversiva, na dimensão neurótica, obsessiva e fóbica, como também os esquizofrênicos nas suas dimensões esquizo-paranoides e autísticas. A relação nº K: 0C é típica de um “introversivo puro”, fechado em si mesmo, independente, autônomo, decidido, podendo,

porém, decair num quadro autístico, mobilizado por estados esquizofrênicos com sintomas de perda ou de empobrecimento dos contatos sociais, decaindo no isolamento da sua própria solidão. Pode ser autor também de uma genialidade enxuta, seca, autisticamente intelectualizada. E pode, ainda, caracterizar uma personalidade autoritária, volitiva, mas não afetiva e por isso dura, inflexível tanto nas suas próprias exigências quanto também impostas externamente.

Extratensivo: personalidades sintônicas e expansivas. Em termos de vida social, exteriorizam-se com facilidade, adaptam-se rapidamente ao meio, dispõem de boa capacidade de contato com os outros, mas os vínculos tendem a ser menos duradouros, sendo mais superficiais e instáveis. São pessoas que possuem facilidade de comunicação, vivacidade de reação e espontaneidade. Buscam emoções na vida e as reações afetivas são abundantes. Reagem às estimulações emocionais com imediatismos, transformando as emoções em comportamentos manifestos apresentando facilidade na perda do controle emocional. Possuem mentes pouco criativas e, na psicopatologia, pertencem à tipologia extratensiva como os histéricos, os maníacos e os indivíduos compulsivos nos seus comportamentos também impulsivos e explosivos. A relação 0K: n° C designa um “extratensivo puro”, um extroversivo perdido na sua sintonia com o mundo, característico de uma personalidade alienada, dependente, confusa e sem interioridade; neurologicamente e patologicamente caracteriza um tipo bipolar maníaco-depressivo.

Ambigüal: pessoas que possuem condições de lidar com as coisas do seu mundo interno e com as coisas do mundo externo. Possuem características do tipo intratensivo e do tipo extratensivo. Podem desfrutar da sua vida interior e, ao mesmo tempo, interessar-se e vibrar com os acontecimentos externos. Predisposição para contatos interpessoais e para observações intelectuais, introspecção e criatividade. Para Traubenberg (1975), o tipo ambigüal se encontra nas pessoas dotadas de espírito aberto, que sabem explorar as riquezas do mundo exterior e elaborar os seus próprios recursos, de modo diferenciado e exercem com flexibilidade o controle sobre a exteriorização das descargas afetivas. Essa tipologia pode indicar uma

patologia quando a riqueza e a diversidade das reações impedem a escolha, tornando o equilíbrio difícil e a satisfação inexistente, decaindo em conflitos por estimulações antagônicas e divergentes, é o caso dos neuróticos obsessivos compulsivos. Anzieu (1978) afirmou que o ambigüal, segundo Rorschach, é o tipo ideal, bem equilibrado, encarnando as duas atitudes humanas fundamentais: a volição e a afetividade, no agir e no sentir ao mesmo tempo das experiências da sua história no estar no mundo. Aos poucos, porém, a experiência clínica mostrou que o tipo ambigüal é incapaz de assumir apenas um lado dessas duas dimensões, a intratensão ou a extratensão e nos seus equilíbrios, por bloqueios, indecisões e ambivalências internas, sintomáticas de uma neurose obsessiva, na escolha do certo autêntico e do errado alienante. Por tudo isso, as características do tipo ambigüal são ainda hoje bastante discutidas e na psicopatologia, pertencem a essa tipologia os neuróticos obsessivos e os neuróticos compulsivos. A relação $n^{\circ} K = n^{\circ} C$ indica uma personalidade equilibrada, harmônica, dotada de autonomia e atenta e sensível aos apelos do mundo, dos fatos e dos eventos ao seu redor, mostrando capacidade de sintonia e empatia nas diversidades da experiência de vida.

Coartativo: possui as mesmas características do tipo coartado, contudo essas diferenças são tênues. O tipo coartativo é um coartado, mas não tão rígido quanto à repressão e à defensividade em relação aos estímulos relacionais e afetivos. Seu contato com o meio ambiente e com as pessoas é empobrecido e restrito, porém não bloqueado. Na psicopatologia, pertencem a essa tipologia indivíduos deprimidos e com traços leves de esquizoidia. As seguintes relações:

$n^{\circ} K < n^{\circ} C \rightarrow$ seria um tipo coartativo com tendência à extratensão.

$n^{\circ} K > n^{\circ} C \rightarrow$ seria um tipo coartativo com tendência à intratensão.

Esses são tipos bipolares harmônicos com tendência, porém para um ou outro

polo, acompanhando a tênue diferença dos valores entre um lado e outro, favorecendo a dimensão emocional e atenuando a dimensão decisional e vice-versa.

Coartado: personalidade bloqueada, rígida e que se separou de toda fonte emocional e pulsional. Poucas condições de decisão frente a uma situação de tensão com restrições afetivas e dificuldade no estabelecimento de vínculos, bem como na utilização de recursos motivacionais e dinâmicos, manifestando rigidez nos mecanismos de autodefesa. Indivíduo psiquicamente retraído, submetendo-se a uma disciplina lógica com exacerbação do controle racional e consciente sobre os aspectos da personalidade, ou seja, o pensamento lógico que inibe a exteriorização dos sentimentos e da vida interior. Há uma asfixia da criatividade, da originalidade nas tomadas de decisões, permanecendo no imaginário asfixiante das emoções no contato com o mundo. Emoções frágeis e quase inexistentes, com incapacidade de empatia e de se adaptar espontaneamente ao seu meio. São pessoas muito formais e que sentem mais seguras quando dentro de suas próprias normas de vida impostas rigidamente e pré-estabelecidas, caracterizando grande estereotipia e monotonia, como assinalou Andrade (1970). O coartado e o coartativo são tipos bastante vulneráveis: a restrição das manifestações e os bloqueios reduzem a capacidade de adaptação às situações vigentes e às suas propostas inovações, o que os tornam pouco tolerantes às situações de estresse, em virtude da rigidez dos seus mecanismos de defesa. Na psicopatologia, pertencem ao tipo coartado os depressivos e os indivíduos com déficit da energia vital. A relação 0K: 0C revela uma personalidade coartada, amputada, sem vida interior, sem sintonia com o mundo, caracterizando uma experiência catatônica.

9.5.1 Ressonância Íntima do Tipo A

O primeiro nível, por mim denominado Tipo A, dispensa a sigla primária constituída pelas cinestésias humanas extensivas K, em relação às determinantes cores cromáticas, na seguinte relação formal: $n^{\circ} K > n^{\circ} C$ (quando intratensiva da personalidade dada pela predominância da determinante K, em detrimento da dimensão extratensiva dada pela determinante cor, C, que significa o “puro fazer”, o “puro construir”, sem nada experienciar a nível sentimental, afetivo).

O tipo de ressonância íntima A (TRI A) é construído a partir das somas das cinestésias humanas extensivas, também denominadas protentivas, dadas nas cores cromáticas com os seguintes valores: cada FC vale 0.5, cada CF vale 1.0 e cada C vale 1.5.

Recaptulando: Controle mental eficiente das emoções – FC; perdas significativas do controle mental emocional – CF e perda total do controle mental emocional – C e explosão instintual e impulsividade emocional – Ckobj, este último se atribui 2.0 pontos.

Quando as cinestésias humanas, K, e as cinestésias animais, Kan, manifestam-se positivamente e são dadas em uma relação complementar e simbolicamente construtiva (Ksimb e Kan/simb), a personalidade é enriquecida numa dimensão ética. Quando também as FC têm maior incidência sobre as CF e as C, a personalidade se caracteriza por uma afetividade mais estruturada e em mais sintonia com o belo estético da Natureza.

A intratensão exprime traços de personalidade denominados com vários termos:

energia vital na construção do próprio Eu, força decisória, poder de querer as coisas, volição, entre outros.

A extratensão indica traços de personalidade expressivos de afetividade: sintonia, apego, sensibilidade ao belo das coisas e às suas qualidades e atributos.

As determinantes C e K, quando associadas aos processos perceptivos projetivos, revelam componentes da personalidade na dimensão do belo, do bom e do lúdico, que amenizam as exigências do dever fazer, impostas por um Superego autoritário e culturalmente dirigido por obrigações sociais.

As determinantes C e todas as suas formas e as cinestésias animais, Kan, em relação às determinantes K, representam a espontaneidade da instintualidade diante do intencional, do volitivo, do severo, do rígido, do livre-arbítrio de um sistema controlador de desejos e impositor de obrigações de normas e valores e de coações nos sistemas autoritários, restringendo a liberdade criadora no seu pensar e fazer.

De acordo com os valores quantitativos registrados para cada uma das determinantes K e C, temos, no Tipo A, três modalidades que caracterizam a dimensão da personalidade:

Ambigüal ou harmônico ($n^{\circ} K = n^{\circ} C$);

Intratensivo puro ($n^{\circ} K > n^{\circ} C$ ou $n^{\circ} K: 0C$);

Extratensivo puro (0K: nº C).

O próprio Hermann Rorschach teria dado muita atenção ao TRI, situando essa polaridade no eixo central de um processo diagnóstico.

Ele nos apresentou duas formas de vivências:

1. Primária: ocorre na região externa visível, denunciando manifestações do aqui-agora da personalidade, quase como efeito de uma rápida e efêmera aprendizagem, não ainda assimilada em profundidade. Loosli-Usteri (1965) chama de TRI primário o que inclui apenas as deficientes e residuais cinestésias e as cores cromáticas nas variantes FC, CF e C, como na seguinte relação: K versus C, por exemplo: 1K ou 0K < 7CF, é um tipo com predominância afetiva-emocional nos seus comportamentos, às vezes, absolutas.

2. Secundária: ocorre em segmentos profundos, no inconsciente da personalidade, indicando estruturas e dinâmicas originárias e primitivas, que o processo de adaptação ainda não controlou, representando um produto de escavações arqueológicas (heranças ancestrais) no processo de construção da personalidade. Incluem as pequenas cinestésias e cores acromáticas, como os claros-escuros, como nos seguintes exemplos: 3kp > 2clob F e 0K: 0C.

Jung (1964) denominava o termo introversão como sendo característico de uma personalidade voltada para si mesma e dotada de vitalidade e força criadora a ponto de criar “fertilidade em um deserto”.

Introversão ou intratensão é, essencialmente, o centramento sobre si mesmo, um

egoísmo em um egocentrismo, mas ainda sadio, motivando o Eu como lócus e ponto de partida para uma atividade ética, estética, política e científica, altamente responsável com o seu entorno social e familiar. A introversão saudável, positiva e não autística garante o Homo Sapiens, o Homo Faber e o Homo Politicus nas suas dimensões éticas.

As cores, por outro lado, são indicativas de extroversão ou extratensão e significam uma abertura ao mundo externo. Essa abertura pode ter vários graus de intensidade: máxima abertura, sem limites, quase denunciando um apagamento do mundo interior, contudo uma abertura ponderada, garantindo, porém, a incolumidade da interioridade, como nas relações: $2K < 7C$ ou $3K < 9C$.

Intratensão e extratensão são alegoricamente representáveis pelos movimentos de sístole e diástole do coração: concentração e interioridade versus dilatação e contato expansivo, fora de si.

Para cada K registra-se 1.0 ponto; os pontos atribuídos à determinante cor seguem a seguinte regra: FC vale 0.5 ponto; CF vale 1.0 ponto; C vale 1.5 pontos.

Os pontos da determinante cor nas formulações indicam a intensidade da variável emocional afetiva independentemente da sua modalidade experiencial eufórica, disfórica, sintônica, distônica com a estética ou a desordem das coisas e dos acontecimentos.

Para tanto, o registro do tipo A de ressonância íntima se compreende melhor nos seus significados, quando analisado na seguinte relação: nº K: nº C (FC, CF, C).

O tipo de ressonância íntima mais harmônico pode ser representado na seguinte e possível composição: $3K = 3C$ que significa o tipo ambigüal, onde os valores das determinantes estão em simpatia e sintonia com as exigências da realidade.

O tipo ambigüal é o tipo psicologicamente maduro, compensado afetivamente, dinamicamente integrado com o mundo e responsável pelo seu crescimento. As pequenas diferenças não alteram essa variação nas suas avaliações positivas.

O valor das cinestésias humanas extensivas, representada com K, é indicativo de intratensão, poder e capacidade do controle volitivo. O valor das cores cromáticas (extratensão) no seu significado extratensivo indica uma sintonia afetiva com as pessoas, com os eventos e com coisas do mundo externo.

OK: $n^{\circ} C$ é indicativa de um tipo de ressonância denominada pelo próprio Hermann Rorschach de extratensão alta, que é expressiva de um comportamento com descontrole da afetividade, de uma gliscroidia pura (termo em uso na Psicopatologia Tradicional).

$n^{\circ} K$: $0C$ fórmula oposta que indica o conceito de intratensão intensa e alta dado por Hermann Rorschach, expressiva de um centramento sobre o próprio pensar e agir, um comportamento egoístico e idiopaticamente autístico, quando K não é associado a nenhum Hdual, mas próprio de uma personalidade introvertida, fechada em si mesma, não atenta às exigências do mundo externo.

Essa intratensão intensa é expressiva de uma autonomia volitiva severa nas suas relações interpessoais, motivada pelo princípio do Dever Ético, mas só quando as suas cinestésias manifestam a dimensão simbólica ($H K_{simb}$). Quando, porém, as cinestésias em K forem motivadas por uma intencionalidade diabólica ($H K_{diab}$) significam destrutividade, agressão maligna e competitividade nas relações interpessoais, identificando assim a psicopatia idiopática.

Recapitulando:

INTRATENSÃO = EXTRATENSÃO: essa relação igualitária, indica equilíbrio entre os componentes volitivos e emocionais.

INTRATENSÃO > EXTRATENSÃO: indica domínio cognitivo e volitivo predominante sobre o campo emocional afetivo.

INTRATENSÃO < EXTRATENSÃO: indica uma perda do controle cognitivo e volitivo no campo afetivo emocional.

INTRATENSIVO PURO (nº K: 0C): indica uma personalidade emocionalmente fria.

EXTRATENSIVO PURO (0K: nº C): personalidade emocionalmente descompensada, extravagante (típica de quadros gliscroides maníacos).

9.5.2 Ressonância Íntima do Tipo B

Esse tipo de ressonância íntima indica traços de personalidade na dimensão caracterial primitiva, emocional e dinâmica instintual próprias. O temperamento oculto dessa personalidade é sentido pelo próprio sujeito no seu íntimo e no seu profundo.

É expressivo de eventos psíquicos conativos e afetivo-emocionais próprios de um psiquismo primário-primário, aos confins do secundário, ou de um primário patológico: mecanismos impulsivos, sentimentos profundos e obscuros expressivos de uma genialidade contida e reprimida.

O tipo B é constituído pelas cinestésias humanas menores (kp), pelas cinestésias animais (Kan) e pelas cinestésias do objeto (kobj), nas suas formulações: Fkobj, kobjF e kobj, de um lado, e, de outro, pelas cores acromáticas nas determinantes claro-escuro (clob), esfumados (c) e texturas (ctext), como na seguinte equação:

kp + Fkobj + kobjF + kobj versus Fclob + clobF + clob + F(c) + (c)F + (c) + Fctext + ctextF + ctext

Fórmula aparentemente complexa, mas necessária para uma avaliação diagnóstica mais pormenorizada nos seus significados experienciais e comportamentais. É importante lembrar o significado destas determinantes:

As cinestésias humanas menores são sigladas com kp, como já visto, são

indicativas de impotência, medo, contenção, como na seguinte relação: 0K: 4kp.

As cinestésias percebidas em animais sigladas com Kan, são indicativas de potenciais, de desejo, na espera de uma realização ativa, como na seguinte relação: 3K: 4Kan ou $3K < 4Kan$, mas também numa perda de realizações, como na seguinte relação: 0K: 4Kan ou $0K < 4Kan$, quando, porém, em protocolos de adultos.

Deve-se observar que os dados quantitativos são aleatórios e podem variar de peso e pode-se fazer uso dos símbolos gráficos matemáticos nas correlações:

< indicando algo de menor;

> indicando algo de maior;

= indicando igualdade entre duas configurações.

O tipo B indica a relação entre desejos, impulsos e emoções do profundo em nível de processos primários.

O tipo A e o tipo B configuram a personalidade nos polos extremos e borderline da consciência e do inconsciente, do factual e do potencial, do possível e de um impossível que pode ser realizado. Indicam também a personalidade nas suas interações com o processo primário, secundário e terciário: quando a criatividade é sacrificada à lógica imposta e quando a criatividade enriquece a pura racionalidade.

A relação entre o tipo A e o tipo B é o momento diagnóstico mais profundo da personalidade, exigindo do profissional muita atenção, reflexão e dedicação sobre os dados colhidos, porque, às vezes, os puros imaginários não são expressões de loucura, mas sementes de um pensamento hipotético, criativo e inovativo, como afirmava Gaston Bachelard (1996), no seu livro: A poética do devaneio, transformando-se, então, os devaneios em puras teses epistemológicas, em antítese com as lógicas dominantes.

O quadro sinóptico do psicograma se completa com as apresentações dos conteúdos e das suas modalidades perceptivas e interpretativas iniciando com os conteúdos humanos e, em seguida, com os conteúdos animais, botânicos, natureza, arquiteturas e objetos, e ainda com os conteúdos especiais nos seus evidentes significados, por exemplo: fogo, explosão, terremotos, escuridão, enchentes, entre outros.

Completa também os dados do psicograma fenômenos particulares, expressivos de conteúdos críticos e autocríticos comunicados no comportamento verbal e não verbal (gestos, expressões faciais, silêncios).

Enriquecem o psicograma fórmulas, equações comparativas de traços mentais e comportamentais que colocam em evidência o perfil de personalidade e características do sujeito avaliado.

O tipo de ressonância íntima nas duas formulações A e B é uma equação entre a consistência dos dinamismos volitivos e a expansão da afetividade.

0K: 0C → é um tipo coartado, inerte e emocionalmente apagado, sem intencionalidade, sem impulsos e sem desejos, cuja atividade mental é

puramente de ordem cognitiva 0K: 0C < F, mas comprometida, na sua qualidade, por defeito da componente afetivo-volitiva e, quase certamente, por defeito de originalidade.

2K: 1C ou 1K: 2C ou 1K: 1C → valores baixos, inferiores a 3 pontos, em ambas as regiões, indicam tipos coartativos, padecendo de defeitos, de vitalidade e de energia psíquica.

4K: 0C → é um intratensivo puro, personalidade autocentrada, volitiva, mas insensível aos apelos afetivos do mundo externo.

0K: 5C → é um extratensivo puro, indicando um sujeito sem autocontrole e perdido nos seus estados emocionais.

As composições dessas fórmulas expressivas e comparativas de traços de personalidade respondem às exigências compreensivas e interpretativas do profissional.

De outro lado, os tipos de ressonância 0K: 7C e o inverso 7K: 0C indicam formações deterioradas da psique pelas suas limitações nos seus equilíbrios, anunciando personalidade com evidentes quadros defeituosos nas relações e atuações sociais.

Destaca-se um tipo privilegiado de maturidade, caracterizado por uma personalidade coerente, harmônica e integrada, que se manifesta na seguinte formulação: 6K: 6C, indicando a linearidade entre as duas regiões no esquema horizontal, introversão e extroversão.

As componentes indicativas na lista do psicograma são peças a serem montadas em uma obra como um arquiteto e um engenheiro fazem na construção de um edifício. A montagem das peças indicativas de elementos da psique e do comportamento está na mão da competente “engenharia mental do psicólogo”, no uso do instrumento Rorschach.

Seguem, contudo alguns exemplos esclarecedores:

4K: 0kp fórmula indicativa de um sujeito decidido, volitivo, livre de coações e inibições.

0K: 5kp indica um sujeito constrangido, impedido, impotente frente ao poder alheio, sem qualquer autonomia.

4H Ksimb: 0Hdual Kdiab essa fórmula comparativa se refere a um sujeito cujas relações com a alteridade do outro são respeitadas, construtivas, solidárias, sem nenhuma componente ofensiva, destrutiva e nociva da integridade do outro.

3(H Kdiab): 5kp é uma fórmula que se refere com mais frequência a mulheres e crianças agredidas, abusadas por um adulto violento. A colocação entre parêntese da codificação (H Kdiab) é indicativa da percepção do humano diabólico que não exprime o comportamento do sujeito examinado, mas experiências da pessoa vitimizada, no caso o examinando.

4H Kdiab: 0C é uma fórmula expressiva de um psicopata idiopático nas suas expressões destrutivas intencionais na relação com os outros e com o mundo.

0Hdual: 4Hnarcs é uma fórmula claramente expressiva de um sujeito narcisista, lembrando que a sigla Hnarcs é própria da percepção de um self centrado sobre si mesmo, dado para a admiração dos outros, um Eu acometido de um autismo egoístico.

0H: n° A, n° Nat é uma fórmula indicativa de níveis de imaturidade psíquica experiencial na percepção e na relação com o outro, sinalizando um primitivismo psíquico e ético. Nas culturas indígenas, porém, são comuns essas percepções, pela dimensão ética da sua espiritualidade, justificada pela identificação desta cultura com a natureza, sendo essa o seu próprio Tu, finalizando-se como um Nós todos.

0H: n° Hd, n° Hdet, n° Hdesv, n° Hrad, n° Hsmbr é uma fórmula com evidência de uma configuração de catatonia esquizoide depressiva.

Como exemplos, observem estas formulações comparativas colhidas em dois sujeitos detidos por um assalto a banco:

Sujeito A: CCg (Controle Cognitivo) 90%

IR (Índice de Realidade) 100%

4H Kdiab: 0kp

Sujeito B: CCg (Controle Cognitivo) 60%

IR (Índice de Realidade) 50%

0H K: 6kp

Quesito: dos dois sujeitos, quem exerce a liderança, a programação e o planejamento da ação criminosa?

Resposta: com certeza o sujeito A foi o mandante do crime e o sujeito B o seu comparsa coagido à ação criminosa.

Respostas aos quesitos jurídicos em demandas periciais psicológicas, nas diversas searas cíveis e criminais, devem ser exigidas e direcionadas aos profissionais da psicologia que possuem domínio e competência no uso do Rorschach.

Vejam outro exemplo: duas candidatas A e B concorrem para a adoção de uma criança apresentando as seguintes formulações:

Candidata A 0H K: nº kp, nº Hd, nº Hdet

Candidata B 4Hdual Ksimb/Lud: 5HKan/simb

Com certeza a candidata B tem idoneidade estrutural e ética para a adoção ao

contrário da candidata A, que talvez procure adoção para compensar uma possível síndrome do ninho vazio.

Outro exemplo: um paciente de Caps recebeu um diagnóstico de esquizofrenia formulado pelo psiquiatra, mas submetido ao Rorschach, no psicograma foram colhidas as seguintes configurações: TR F+ (nível cognitivo eficiente 60%); IR (índice de realidade 75%); IM (índice de integridade mental 80%).

Os dados diagnósticos dispensam uma sentença de patologia esquizofrênica e justificam um parecer psicológico diferencial e divergente ao parecer psiquiátrico nas seguintes possibilidades:

Ou o sujeito foi acometido por apenas um surto momentâneo esquizofrênico em uma determinada situação, desencadeando uma resposta imediata reativa;

Ou se de fato é um esquizofrênico sintomático e os cuidados psiquiátricos e psicossociais da Instituição que o assiste estão sendo efetivos no tratamento oferecido.

Foram elaboradas e apresentadas, como exemplo, as fórmulas sistêmicas anteriores complementando o psicograma, respondendo aos quesitos e às hipóteses de profissionais que exerciam uma responsabilidade social ao paciente e às hipóteses diagnósticas do próprio avaliador do teste.

É útil relembrar as pontuações já propostas: um ponto para cada K e, em relação às cores, os pontos se atribuem da seguinte forma: 0.5 para cada FC percebida,

1.0 para cada CF, 1.5 para cada C pura e 2.0 para cada Ckobj.

Como supracitado, o quantum de K são indicadores de comportamentos autônomos, capacidade de escolha, tomadas de posição, manutenção de motivações, retomada e continuação de projetos. Enfim, indicam toda a força da interioridade da pessoa frente aos inúmeros obstáculos do meio ambiente.

Outros dados do psicograma que enriquecem a compreensão do perfil estrutural da personalidade:

$TR\ G, DG, DG/DbI \times 100 \div TR$ = indicador de um sujeito que apresenta qualidade da “presença” no campo perceptivo, quando plena e de qualidade ou quando confusa, dependendo das valências F (+ ± ∓ -).

$TR\ D \times 100 \div TR$ = indicador de um sujeito que apresenta qualidade da “presença” com atenção às diferenças nas suas diversidades das coisas existentes.

$TR\ Dd \times 100 \div TR$ = é o indicador de uma atenção aos mínimos detalhes (variável mental que qualifica o perito nos seus processos investigativos).

$TR\ DbI \times 100 \div TR$ = é o indicador do pensamento divergente hipotético, alternativo ao pensamento convergente, dogmático impostos pelos sistemas culturais.

$TR\ Do$ (detalhe oligofrênico) $\times 100 \div TR$ = indicador do quantum de

esquizofrenia afeta a personalidade na sua dimensão sintomática ou idiopática.

$TR\ DG\ (contaminada\ e\ confabulada\ F \mp) \times 100 \div TR =$ é o indicador do quantum de estados de confusão dos processos mentais.

9.5.3 Cálculo do TRI

O TRI se constitui por meio da relação mútua existente entre as respostas de grandes cinestésias humanas, K, e as respostas de cor cromática, C (FC, CF, C). A fórmula utilizada para o cálculo do TRI é composta pelo somatório das K, comparado ao somatório ponderado das respostas de cor, ou seja, $\sum K : \sum C$.

Para avaliar qual o tipo de ressonância íntima (TRI) predominante no indivíduo, efetua-se o seguinte cálculo:

Soma-se o total de cinestésias K que o sujeito forneceu em todo o teste, tendo cada K o valor 1.0 ponto.

Procede-se a essa soma as respostas de cor cromática, da seguinte forma:

Cada FC vale meio ponto (0.5)

Cada CF vale um ponto (1.0)

Cada C vale um ponto e meio (1.5)

9.5.4 Perfis do TRI

Existem cinco tipologias do TRI, como já descrito, que são as seguintes:

Tipo intratensivo: $n^{\circ} K > n^{\circ} C$

Tipo extratensivo: $n^{\circ} K < n^{\circ} C$

Tipo ambiguo: $n^{\circ} K = n^{\circ} C$ (desde que não seja $0 = 0$ nem $1 = 1$)

Tipo coartativo: $1K = 1C$

$1K > 0C$

$0K < 1C$

Tipo coartado: $0K = 0C$

1) TRI (A) $\rightarrow 0K: n^{\circ} C$

TRI (B) → n° kp: n° (c)

As duas tipologias são indicativas de uma personalidade com perda total dos controles sobre os impulsos, fantasias, sensações e emoções, caracterizando de uma forma mais assertiva os quadros sintomatológicos de neuropatias epiléticas e formas maníacas nos transtornos de déficit de atenção e hiperatividade.

2) TRI (A) → n° K: 0C

TRI (B) → 0kp: 0(c)

Tipologias de personalidades formalistas, ritualistas e realizadoras de um superego moralista, mas sem convicções profundas, sem fundamentos no sentir as coisas no corpo e na alma. Ego e Superego se identificam e eliminam o Id nos seus desejos primários e nas suas dimensões afetivas.

3) TRI (A) → n° K: n° C

TRI (B) → 0kp: 0(c)

São tipologias de personalidades harmônicas, equilibradas, autênticas, integradas e coerentes. São pessoas que vivem, administram e disciplinam o seu mundo interior, alimentando as suas obras estéticas, poéticas, místicas com expressões criativas, belas e originais. A seguir, apresento um quadro sinóptico que poderá ser usado para a construção do psicograma, que foi elaborado, por mim, a partir

do modelo da Escola Romana de Rorschach.

Quadro 2 – Psicograma

[illegible]

[illegible]

-
-

PSICOGRAMA:	
Índice de produtividade (IP)	$TR \times 100 / 30$
Qualidade da produtividade (QP)	$RF+ : TR(+) \times 100 / TR$
Controle cognitivo (QI) CCg	$TR(+) \times 100 / TF$
Índice de realidade (IR)	III Pontos:
Índice de integridade mental (IM)	$T(G \ F+) + T(DG \ F+) + T(DG/DbI \ F+) + T(G/$

■

Fonte: o autor com base na Escola Romana Rorschach

CAPÍTULO 10

POSSÍVEL REVISÃO DO SISTEMA DE CODIFICAÇÃO

Um psicologismo ainda operante na avaliação dos dados de maior importância às operações psíquicas operantes na representação do mundo das coisas, no espaço que elas ocupam e nas funções mentais determinantes da percepção vêm nas siglas da abrangência do objeto no campo perceptivo: G, D, Dd, D/D, D/G, Dbl, D/Dbl, DG/Dbl, G/Dbl.

Em seguida, vêm as determinantes F, K e C e, por último, os conteúdos H, A, Nat, Obj etc.

É frequente um psicologismo dar pouca importância aos conteúdos e seus diversos significados. Já uma Psicologia fenomênico-realista dá muita importância aos conteúdos e seus significados, como experiências de vida.

O grande jurista e filósofo romano Catão lançou uma sentença: “Rem tene, verba sequentur”, cuja tradução é: “trata-se de possuir o conteúdo; as coisas na mão e as palavras seguirão”. E para mim muito profundo de significado: “sinta e experimente e depois declare, anuncie do que se trata”.

Nesse sentido, as determinantes acompanham os significados das coisas, dos conteúdos, como eles são experienciados na vida, no cotidiano, nos dramas do dia a dia, no inevitável confronto do claro e do obscuro, do autêntico e do decadente, das teses e das antíteses existenciais, enfim, do bem e do mal.

Eis alguns exemplos para uma proposta corretiva de codificação das respostas dadas fenomenologicamente orientadas:

Hdual Ksimb DG F+ → corresponde à codificação da seguinte percepção: “Duas bailarinas juntas dançando numa festa” (prancha III).

O conteúdo vem em primeiro lugar (Hdual), depois a determinante cinestesia em segundo lugar (Ksimb) e a extensão forma com sua qualidade no espaço global em terceiro lugar da codificação (DG F+).

Hdual Kdiab DG F+ → “Dois assassinos festejando o sucesso de um propósito de vingança” (prancha II).

(Hdual/Ksimb) → ← kp/(H Kdiab) DG F+ → “Dois anjos da guarda protegendo uma mulher grávida perseguida” (prancha I).

Analisando a experiência de vida dessa pessoa, ela me revelou o seguinte: “O meu namorado e os meus pais me pressionam para que eu aborte, mas pessoas amigas da minha igreja me estimulam a não fazer isso e para eu rezar e pedir a proteção divina”.

Analisando e interpretando esse caso:

(Ksimb) refere-se às pessoas amigas que a aconselham a não abortar;

(Kdiab) refere-se às pressões psicológicas do namorado e dos seus pais para que ela aborte;

kp revela a angústia entre as dúvidas dessa mulher, entre o medo pelo pecado de um lado e de outro por uma maternidade ameaçada e negada pelo namorado e sua família.

Hdual indica uma percepção do humano nas suas dimensões de alteridade constituída na dualidade, de um lado construtiva (Hdual) (Ksimb), os anjos da guarda de um lado e de outro destrutiva kp (H Kdiab); as setas $\rightarrow \leftarrow$ indicam o impacto destas duas dinâmicas: do simbólico (Ksimb) e do diabólico (Kdiab).

H Ksimb D F+ \rightarrow “Uma mulher pedindo ao alto proteção a Deus e força para ela proteger a sua filha” é assim codificada (prancha I).

A mulher sozinha H busca força e coragem para defender a sua filha ameaçada e está conseguindo Ksimb e está fora dos parênteses, porque é ela a protagonista vitoriosa.

O personagem diabólico ou simbólico não necessariamente deve estar percebido explicitamente na forma; muitas vezes é apenas projetar uma presença interna na intencionalidade construtiva ou destrutiva, nas suas dúvidas.

Um exemplo: “É um monstro, um homem correndo atrás de crianças com medo”, resposta dada por criança vítima de violência física e psicológica por parte do seu padrasto, na prancha IV. A codificação é a seguinte: Hmstr (monstruoso) (Kdiab) kp G F+.

(Kdiab) se refere à violência do padrasto explicitamente e formalmente percebida.

O kp é o sujeito, no caso a criança vitimizada, não percebida formalmente, mas na sua consciência denunciando atos abusivos.

No inquérito ideoafetivo anamnésico, a menina de cinco anos conduzida à clínica-escola de uma universidade por um comportamento compulsivamente masturbatório declara: “Toda noite, um monstro... é este aqui, entra no meu quarto e mexe comigo, e eu morro de medo” (prancha IV).

A psicóloga supervisionada por mim, ao perguntar à criança quem seria o monstro, obteve a seguinte resposta: “Está escuro e eu fecho os olhos e não o vejo”. Era o próprio padrasto que, com a desculpa de dar assistência, levantava-se toda noite para abusar da criança e a mãe da menina acreditava nas “boas intenções” do companheiro.

O Rorschach em perícias, tanto na área cível, de família, quanto na área criminal exige que se determine com a maior certeza possível quem, em uma relação conjugal e ou parental, é o responsável pela ruptura de um vínculo, quem dos pais tem a competência ética de assumir a guarda dos filhos menores, numa decisão judicial.

Em casos de pedidos de adoção, o Rorschach verifica com segurança se os candidatos possuem idoneidade para o exercício de poder familiar e avalia, ainda, quem, na ocorrência de um crime, pode ser acometido por déficit psíquico, transtornos de caráter ou perversão da personalidade, que possam inabilitá-lo para assumir as responsabilidades adotivas e afetivas de uma criança.

10.1 O CONCEITO E O SIGNIFICADO DA DUALIDADE

O eidos essencial e significativo da dualidade é quando o Eu com o seu Tu no estar junto não se alienam reciprocamente nas próprias identidades mas se constituem como uma unidade operante, construtiva e ética no próprio pensar, sentir e agir como uma Terceira pessoa síntese harmônica das duas: “Nós dois”.

A experiência na vivência operante e uma dualidade no respeito a uma alteridade não apenas marca um altíssimo nível de maturidade psicológica, como também revela uma abertura ética que dá significado e plenitude à existência, especialmente quando a dualidade se manifesta no lúdico, no Eros, na ação ética. Socialmente produtiva e cooperativa de ideias e de artefatos, contemplativa mística em uma visão holística de matéria, energia e espírito, que une natureza, vida animal, humana e as suas obras técnico-culturais.

A incapacidade de perceber a figura humana na prancha III nas formas das manchas do Rorschach, constituindo-se alteridade na dualidade, é expressiva de um primitivismo, não apenas psicológico, cultural, social e ético, mas às vezes, filogenético.

Na lógica da matemática, um mais um é igual a dois. Na lógica existencial e psicológica não é sempre assim: “Duas pessoas, uma é o reflexo da outra” (prancha III). Essas duas pessoas não constituem a dualidade. Aqui, o processo perceptivo projeta um narcisismo. Neste outro exemplo também não há dualidade, mas se configura um estar junto reciprocamente na destrutividade: “Duas pessoas se encarando com raiva” (prancha III).

As codificações dessas percepções e projeções do Eu serão as seguintes:

Percepção dos humanos reflexos: sigla-se Hnarcs — humano narcísico reflexo, Hnarcs F+ G, não codificando uma DG. A codificação em DG nesta minha proposta se justifica quando a dualidade das pessoas é dada explicitamente.

A codificação da resposta: “Duas pessoas se encarando com raiva” é: H/H Kdiab G. A sigla H/H registra a percepção de duas pessoas, porém o Kdiab desfaz uma possível dualidade, ocupando a totalidade do campo, justificando a sigla G.

Outra proposta é codificar com DD a dualidade humana e o conteúdo animal, quando se referem apenas a partes do campo perceptivo, mas que se articulam no estar junto a dois: “Duas crianças brincando” (prancha VII), nesta proposta a codificação é: Hdual Ksimb D/D.

Quando esta fórmula é registrada no psicograma: $n^{\circ} H < n^{\circ} (H)_{mit/virt}$, significa uma solidão compensada por humanos imaginários, virtuais e míticos, revelando uma perda do humano autêntico, real e vivente da integridade corpo e alma (DOLTO, 1998).

Atualmente, crianças e adolescentes que passam horas e horas na diversão virtual podem correr o risco de alimentar uma perversão ética, dada por uma perda de simpatia e empatia com o humano real, vivente ao nosso lado, de carne e osso, mente e espírito, como pais, amigos e namorados.

O humano é um ser de muitas dimensões e experiências existenciais. Entre as mais recorrentes são aquelas que revelam a religiosidade contemplativa, mística orante. Revela o amor, a alegria de viver, o lúdico, os desejos e as ações na

construção das obras da ciência, da tecnologia, da política, como nesse autêntico exemplo: “Dois velhos pajés reunidos para decidir a sorte das suas aldeias”, resposta dada por um índio Xavante, na prancha III.

A representação do humano no Rorschach revela no homem, sujeito submetido ao teste, o seu “mundo vivido”, o seu élan vital, a sua história de vida interior, o seu imaginário, os significados dados aos acontecimentos, às pessoas escolhidas ou chamadas à convivência, à colaboração solidária e construtiva.

Não apenas o simbólico, mas também o diabólico destrutivo e os seus efeitos desconstrutivos se revelam na percepção e na representação do humano. O autismo esquizofrênico, as neuroses narcísicas, fóbico-obsessivas, a visão paranoica dos outros e do mundo, a malícia, o ciúme, a inveja, a cobiça, constituintes do lado obscuro do homem (BERKE, 1992), tudo isso pode ser projetado na percepção e construção do humano e suas diversas modalidades de ser e de agir.

A luta entre o bem e o mal, entre a potência e a impotência, entre a Esperança e o desespero, entre a vida e a morte, são os dramas da existência humana.

O humano pode ser percebido de diferentes formas nas seguintes pranchas como por exemplo:

“Uma mulher orando”, prancha I, DF+ Ksimb;

“Dois anjos da guarda protegendo uma mulher”, prancha I, D/DG F+ Ksimb
Hmist/sagr;

“Dois palhaços brincando”, prancha II, D/D F+ Ksimb Hdual;

“Dois guerreiros juntos lutando, sangrando, mas cantando vitória”, prancha II, D/DG F+ Ckobj Ksimb Hdual;

“Duas mulheres cuidando de uma criança no berço”, prancha III, D/DG F+ Ksimb Hdual;

“Um gigante, pés enormes, cabeça pequena, braços finos”, prancha IV, GF+ kp Hdet;

“Um motoqueiro com sua moto H. Davison”, prancha IV, DG F+ H/Obj transp;

“Dois faunos dançando”, prancha V, DG F+ Ksimb (H)mit;

“Uma baiana rebolando”, prancha V, G F+ Ksimb H;

“Dois condenados amarrados em uma árvore”, prancha VI, D/DG F+ kp H/H;

“Duas crianças em uma gangorra”, prancha VII, D/DG F+ Ksimb Hdual/Lud;

“Um gênio saindo da lâmpada do Aladim”, prancha VIII, D/D F+ Ksimb (H)mit;

“Dois tocadores de flauta”, prancha IX, D/D F+ Ksimb Hdual Obj/Lud;

“Dois mergulhadores no fundo do mar com suas lanternas em mãos”, prancha X, D/D F+ Ksimb Hdual/Nat;

“O menino Jesus”, prancha X, Dd F+ Hsagr.

A meu ver, o conteúdo humano deve ser dominante e privilegiado em relação aos demais conteúdos em sujeitos adultos psicologicamente e socialmente relacionados; ou pelo menos presentes na maioria das pranchas, como nestas proporções: $H > A$ ou $H = A$; ou por uma diferença compatível a favor dos conteúdos em H. Sendo que conteúdos animais são mais frequentes em crianças, $H < A$.

Com certeza, uma configuração no psicograma que afirme essa tendência ($n^{\circ} A > n^{\circ} H$) em pessoas adultas candidatas a funções de gerência em instituições e organizações de trabalho poderá ser contraindicada para as referidas atividades nas suas responsabilidades.

O conteúdo humano em Rorschach vem se qualificando pela determinante forma, mas especialmente pela determinante cinestesia.

H F+: humano vivente bem-visto na sua identidade única, no seu gênero estético, na diversidade de suas fases evolutivas: criança, jovem, adulto e ancião.

H K: humano, homem ou mulher ativos, operantes, intencionados, volitivos tanto para o bem quanto para o mal.

H Ksimb: humano, cujas energias vitais e psíquicas são dadas para uma ação ética.

H Kdiab: humano perversamente intencionado a operar o mal, destruindo a vida, os vínculos, a esperança alheia, podendo caracterizar traços de psicopatia de uma personalidade (psicopata idiopático).

Hdual Ksimb $\rightarrow \leftarrow$ Kdiab: essa relação revela conflitos de consciência e de comportamento entre ações perversas e ações éticas. É expressiva das tensões psíquicas entre o bem e o mal: perdoar e punir, compreender e condenar, resgatar e abandonar, valorizar e desprezar; é a eterna luta do Eros e Thanatos.

Ksimb $\rightarrow \leftarrow$ kp: é o símbolo da relação entre potência e impotência, coragem e medo, avanços e recessos.

(Kdiab) $\rightarrow \leftarrow$ kp: é uma estrutura relacional entre a vítima e o seu agressor. A vítima, kp, denuncia um agressor — protagonista da cena e a vítima, em pânico, abandona a cena. É frequente em crianças vítimas de violências no corpo, na mente e na alma.

Hdual $\rightarrow \leftarrow$ Hnarcs: é indicativa de uma relação de conflito entre um narcisismo residual autístico e a abertura na alteridade e intimidade com o outro.

H Bot/Nat A: é uma percepção aparentemente contaminada no seu conteúdo, como na seguinte resposta: “É uma mulher, meio mulher, meio árvore, meio pedra, meio borboleta”, na prancha VII, dada por um sujeito que se considerava poeta e filósofo, assim codificada: DG F \mp Hd/Ad Bot/Nat.

Mentes superiores que vivem nas sublimes regiões da estética, da mística, da ciência, realizam e operam níveis dos processos terciários, produzem essas construções simbólicas do processo primário-primário, mas não patológicos, são locus originários da genialidade e da criatividade da subjetividade dessas pessoas.

Essa resposta, aparentemente patológica pela evidente, mas questionável perda da ordem da lógica comum, responde às exigências do inefável e do indizível.

O experienciar humano da existência, pelas recorrentes e inevitáveis absurdas e paradoxais condições do seu design é tão intenso, denso, que um simples e ingênuo discurso que defende uma presumida verdade objetiva, é impotente para expressar com palavras essa dimensão misteriosa e divina: o “sintático” precisa ter consciência da sua demência, frente a um “paratático” profeta de uma subjetividade desarmada, frente a esse indizível.

O Rorschach como tese de ser e estar presente revela uma presença do sujeito com ele mesmo, com o outro e com mundo, nas dimensões da alteridade e da intimidade, na dualidade.

Um alto índice de formas bem-vistas na globalidade do campo perceptivo ou nos seus grandes e pequenos detalhes, respectivamente codificados em: G F+, D F+ e Dd F+ confirmam uma presença cognitiva eficiente e operante na organização

das coisas nas suas variadas dimensões que ocupam o mundo.

Formas bem-vistas que agregam esteticamente cores intensas (F+C) e cores que perdem um quantum de consistência (F±C) na relação com as específicas formas codificadas, confirmam uma presença em sintonia afetivo-emocional com as coisas do mundo.

O mundo é um ser vivente que chama para a vida e para uma comunhão com a vida. “Sangue vivo, brilhante para fazer uma cirurgia estética na minha paciente”: resposta dada na prancha II por uma cirurgiã plástica.

Formas cinestésicas percebidas tanto em humanos, quanto em animais e objetos confirmam uma presença conativa de um agir impulsivo-volitivo, quando instintivo imediato e quando deliberado e organizado no tempo, de acordo com necessidades e exigências do mundo real, da realidade física e cultural, psicológica, social e moral.

A Presença, categoria a priori da Existência para Heidegger (1953) e para Binswanger (1970) é autêntica não quando na plenitude de uma perfeição, existencialmente impossível a ser alcançada, mas quando no cotidiano resgata a sua imperfeição, a sua decadência pelos seus inevitáveis erros, pelas suas culpas ou pelos seus pecados.

O Rorschach é um teatro e um palco do drama de uma presença incorporante, um Eu na sua recorrente dialética, nos seus modos de viver e conduzir a sua existência, no seu ser e estar presente no tempo e no mundo, na relação intencional consigo mesmo, com os outros e com as coisas que lhe são dadas a viver.

Uma competência a priori do profissional com o teste Rorschach, psiquiatras ousados e psicólogos experientes, é colher compreensivamente a presença do sujeito, mediada pelos nomes, imagens, símbolos, pelo discurso expressivo de experiências de vida, reduzindo, em seguida, esses conteúdos existêntivos captados em configurações e categorias existenciais, e, após, interpretar esta compreensão existencial no processo de codificação (psicograma).

Vejam este exemplo:

“Dois bruxos, um bruxo e uma bruxa mexendo um caldeirão de maldades e uma borboleta está caindo nele”, resposta dada na prancha III por uma jovem que se queixava do comportamento dos pais em contínuas e recíprocas agressões e maledicências. Essa jovem paciente estava perdendo desejos e esperança nas possíveis relações amorosas futuras, um descrédito na realização de casamentos e na constituição de famílias.

Como codificar essa complexa, perigosa e chamativa presença lançada sem defesa a um diabólico operante? DG H/H Kdiab → ← kp, onde:

kp é o indivíduo fragilizado, impotente e em situação séria de perda nos desejos e na esperança do amor por dois humanos perversamente associados em intentos destrutivos H/H Kdiab e DG, indicando a totalidade do campo experiencial do sujeito, nesse caso, a jovem filha.

Essa experiência de vida tem também uma relevância jurídica, porque diagnostica e codifica no teste Rorschach a síndrome de alienação parental, que ocorre quando um filho menor sofre quando um genitor desfaz e desqualifica a representação do outro genitor. Essa síndrome é mais grave quando os dois genitores reciprocamente se desfazem como seres humanos dignos e éticos.

Esses sentimentos descrevem a vida no cotidiano das relações de convivência com os pais e com os amigos, mas em outra região compreensiva se tornam os existêntivos de uma categoria existencial que se refere ao estar-junto-com, na alternativa entre autenticidade e decadência.

O estar-junto-com autêntico é dado por uma alteridade aberta a uma dualidade, reciprocamente construtiva. Quando um ser frágil, inocente entra como vítima nessas relações decadentes e destrutivas, corre-se o sério risco de se desconstruir mentalmente e espiritualmente pela perda de desejos e esperança no amor.

Outro exemplo:

“Um gigante com manta preta correndo atrás de mim”, na prancha IV. Foi a resposta dada por uma adolescente continuamente castigada, psicologicamente oprimida por um pai severo e punitivo, cuja profissão era juiz de Direito. O efeito comportamental dessa relação com a figura paterna constituía nessa jovem o que o CID 10 e o DSM 5 definem como síndrome do pânico, existencialmente interpretada como paralisação da ação pela frustração na realização dos desejos, na perda da esperança, enfim, decadência do élan vital.

Como codificar esses existêntivos reduzidos fenomenologicamente aos seus existenciais?

DG/ H Kdiab $\rightarrow \leftarrow$ kp clobF, onde o H se refere ao agressor pai, indicado com a determinante Kdiab; a vítima, a adolescente, é indicada com a determinante kp; o clobF indica ansiedade e medo frente a um terrificante operante. O Kdiab $\rightarrow \leftarrow$ kp indica a recorrência de uma relação entre um frágil ser inocente com um operante ser prepotente diabólico.

Uma criança de apenas dois anos de idade exclamou com entusiasmo e alegria na percepção da prancha III: “Papai e mamãe se beijando”. Essa verbalização foi o bastante para se representar o nível de maturidade psicológica e ética da relação conjugal dos genitores transmitindo ao filho a experiência de um estar-junto a dois com prazer e alegria, justificando os melhores prognósticos na condução evolutiva, afetiva e emocional dessa criança, sendo assim codificada: G F+ Ksimb Hdual.

10.2 SIGNIFICADO DA DUALIDADE NAS CULTURAS INDÍGENAS

Na minha tese doutoral como já citada, o instrumento Rorschach foi utilizado para delinear e classificar diferenciados processos cognitivos e em tribos indígenas brasileiras da região Centro-Oeste. Todos os sujeitos, adolescentes e adultos, homens e mulheres, perceberam pelo menos uma vez a figura humana em representações estéticas (Karajá), bélicas, guerreiras (Xavante) e matriarcais (Krahô). Para proceder a uma avaliação dos resultados, a partir de uma metodologia comparativa, foi escolhida como controle, uma tribo indígena que ainda não tinha tido contactada com os brancos e que a Funai, na época, a estava considerando como selvagens e muito primitivas, tratava-se da tribo Uru-Eu-Wau-Wau.

O que ficou de lição para mim como pesquisador sobre os índios Uru-Eu-Wau-Wau foi a seguinte afirmação por mim formulada: “Primitivo não é quem come cru, anda nu e vive nas selvas; primitivo é quem não se percebe como humano e não se apresenta como singularidade na alteridade da dualidade nas relações Eu-Ego e Tu-Alter Ego”. Os indígenas, considerados por nós como primitivos, os Uru-Eu-Wau-Wau, vivem como pessoa, como povo a relação com a Natureza, na autêntica dualidade, do Eu-Ego e Tu-Alter Ego, amada e por isso preservada.

É na pós-modernidade em que vivemos que com certeza há, de fato, muitos primitivos, nos significados simbólicos dos seus “colarinhos brancos”, ocupando e habitando palácios, fóruns, templos, auditórios e academias das ciências. Um sujeito adulto, de etnia branca, que não percebe a dualidade expressiva de uma relação a dois respeitosa, colaborativa e íntima, e nenhuma figura humana em nenhuma das dez pranchas, com certeza é um autêntico primitivo, nas dimensões éticas e morais do humano existir, revelando uma incapacidade de empatia e sintonia na convivência com os outros e com a Natureza.

A Natureza é o primeiro e verdadeiro espaço de “vida a dois” que deve ser preservado como os pressupostos primitivos índios nos ensinaram e nos ensinam ainda hoje. Os nossos índios são primitivos e selvagens?

“O mundo, para o povo indígena, é vivente. Homem e animal fazem comunidade no espaço comum da natureza, numa relação profunda. Natureza e homem se respeitam e convivem em harmonia” (OLIVEIRA, 2015). Como também podemos ver neste depoimento inflamado de Irani Makuxi, de Roraima, em 12 de abril de 2000:

[...] como se os brancos que se dizem donos da sabedoria, soubessem de tudo. Eles não sabem de nada. Guardam seus papéis ou jogam numa lata de lixo, que não serve para nada. Cadê a sabedoria de vocês? Vocês estudam tanto e só vejo rios poluídos, os peixes que não podem mais respirar, porque o rio está poluído. Nós não fazemos isso. Nós povos indígenas, sabemos lidar com as pessoas e com a natureza, não sabemos destruir. (MARCHA E CONFERÊNCIA INDÍGENA, 2000, p. 43).

Depois dessas declarações respondo ao dilema enunciado anteriormente: o primitivismo no seu profundo significado está adoecendo a nossa cultura branca, que fere e ofende o habitat em que vive, planeta Terra, é preciso que saibamos atingir o nível mais elevado que Bateson (1986) propõe como a “Mente Ecológica”: pensar como a Natureza pensa, essa é a mente indígena.

CAPÍTULO 11

OS PROCESSOS PSICOLÓGICOS E A TEMPORALIDADE MOBILIZADOS NO CONTINUUM PERCEPTIVO- PROJETIVO E TEMÁTICO DO TESTE

As minhas propostas metodológicas com base na Filosofia se fundamentam na Fenomenologia, que eu entendo como epistemologia das epistemologias que se aplicam ao estudo e à compreensão da experiência e do comportamento humano nas suas múltiplas dimensões.

Neste capítulo, as minhas reflexões se concentram sobre o seguinte tema-questito: o que me oferece o Rorschach como dados constitutivos da dimensão experiencial e ontológica do ser humano existente?

Às vezes, ocorre que na elaboração de dados que vem designando um perfil de personalidade para uma avaliação clínica psicológica, psiquiátrica terapêutica, também para fins periciais, educacionais, o profissional da Psicologia Diagnóstica se perde na multiplicidade das variáveis e sente falta de grandes categorias abrangentes e consistentes.

Em centenas de cursos administrados por mim, em nível de graduação e pós-graduação, sempre como costume em minhas aulas, eu acrescento, completo, modifico algumas variáveis, não por ter caído em contradições, mas porque na área das ciências humanas o fenômeno “contradição” muitas vezes é efeito da complexidade e da evolução significativa dos eventos na dialética da sua própria história. Por outro lado, o saber é uma busca constante da inalcançável e indubitável Verdade e por isso deve privilegiar a dialética no itinerário: tese, antítese e síntese, dispensando o dogmatismo de um saber em si mesmo paralisado, estagnado.

A Fenomenologia proporciona essa dimensão dialética, por ser uma ciência que conduz aos extremos, possíveis existenciais de inúmeros existativos dispersos nas experiências de vida do sujeito e seus efetivos comportamentos, que podem ser criteriosamente compreensivos na avaliação da sua personalidade como projeto de vida.

Navegando e remando nas leituras dos grandes teóricos da Fenomenologia Existencial, tais como Heidegger (1953), Husserl (1959) e grandes psiquiatras a eles ligados como Binswanger (1970) e Minkowski (1961), que eu considero meus mestres e aos quais me refiro constantemente, eu também me deparei e me reencontrei em sintonia com eles, nesta valiosa e assertiva expressão: “A Presença é a categoria a priori da Existência”, que ressalto sempre em meus ensinamentos.

Essa é uma sentença paradigmática que a Psicologia em todas as suas variantes sistêmicas, teóricas e metodológicas deveria adotar por ser, como já dito, maximamente compreensiva do comportamento, inclusive nas suas componentes experienciais íntimas.

“Existe quem é, e está presente” e atuante na Presença: “Actio sequitur esse”, afirmava Aristóteles; esse Actio é a Presença operante que qualifica, normaliza o ator na sua autenticidade ontológica.

A Presença, grande categoria da Existência, é possível reduzi-la em três subcategorias, quais sejam: a Consciência, a Intencionalidade e a Responsabilidade.

Nas minhas aulas, dou grande importância para que o profissional se oriente por

esses três significativos e específicos horizontes diagnósticos que fecham e completam o processo compreensivo interpretativo, operativo e avaliativo da personalidade, não apenas em termos modais qualitativos, como também em termos quantitativos como veremos mais adiante. Quanto de Consciência? Quanto de Intencionalidade? Quanto de Responsabilidade? São quesitos importantes e frequentes, especialmente exigidos na área jurídica.

Consciência é a modalidade, nos seus níveis operativos, que qualifica a inteligência humana, como afirmava Bateson (1986), que todos os seres vivos são inteligentes, mas só os humanos são conscientes do seu próprio ato intelectual que se dirige às coisas do mundo no seu campo imediato de experiência e ao campo experiencial na sua expansão cósmica.

É a Consciência que nos aproxima por semelhança ao Ente Absoluto Preexistente, Consciência de si como identidade única, como singularidade incomparável, como subjetividade inalienável.

As pranchas do Rorschach se oferecem para um processo perceptivo interpretativo de formas a serem construídas sobre os confins lineares internos e externos das manchas, na combinação figura-fundo e na combinação dos esfumaçados entre as cores cromáticas e acromáticas.

Quando essas formas percebidas recebem um nome que indica um objeto inconfundível com outro objeto e quando essas formas denominadas se justificam por elementos lineares estruturais da forma na mancha e são aprovadas pelo consenso do bom senso comum, são expressivas da categoria da Consciência. Formas bem-vistas se codificam com F+, determinante indicativo de uma consciência em altos níveis de competência e eficiência.

Intencionalidade, termo que foi proposto por Brentano (1874) psicólogo e mestre

de Husserl e, em seguida, de Heidegger.

A Consciência por natureza é intencional, sendo mobilizada por uma energia vital - élan vital - de Minkowski, que a dirige às coisas, aos eventos da história, à relação com os outros e com o mundo, criando, transformando, construindo, reconstruindo e colaborando.

A Intencionalidade é a dimensão atuante operante da Presença, que se lança aceitando como decisão própria o decreto de vir a existir, o Dasein, do nada para a liberdade, do ser-ou-não-ser, mas precipitando novamente no nada, como Sartre, que no seu desespero afirmava que, se assim for, a Presença decreta o nada para si mesma. Há, porém, outro risco e ameaça ao nosso dano e ao dano da humanidade: a perversão da Presença, quando ela se dirige conscientemente ao mal. Apresentarei mais adiante reflexões sobre a fenomenologia da psicopatia suas dimensões e proporções que podem ser colhidas no Rorschach.

Essa Presença operante como importante categoria se projeta nos processos perceptivos e projetivos, nas cinestesias e seus conteúdos codificados com K, determinante indicativa, no comportamento humano, de ação voluntária, expressiva de um livre-arbítrio, de uma intratensão poderosa na realização de desejos, nos projetos tanto construtivos quanto destrutivos e na relação com os outros, com as coisas do mundo e de comportamentos e experiências que ocorrem na sua interioridade nas dimensões: Homo Faber, Homo Ludens, Homo Sapiens, Homo Politicus, Homo Eticus, mas também como Homo Diabolicus. Explicitadas nestas percepções: “Duas africanas tocando tambor”, na prancha III (Ksimb Hdual); “Dois velhos pajés sentados planejando o destino da aldeia ameaçada”, na prancha III (Ksimb Hdual); “Dois guerreiros dançando e cantando vitória”, na prancha II (Ksimb Hdual); “Uma mulher orando”, na prancha I (H Ksimb); “Duas meninas brincando”, na prancha VII (Ksimb Hdual). Todas essas percepções recebem a codificação em K, expressivas de intencionalidade, inclusive, lúdica, política e construtiva, mas a seguinte percepção: “Dois assassinos planejando um genocídio”, na prancha II (Kdiab H/H).

A Responsabilidade é um termo que me permito apresentar condensando nele o que Minkowski (1956) descreveu como “Ação Ética”. Nesse termo, densamente pregnante, a minha experiência clínica e pericial, agrega múltiplos conceitos, sentimentos e comportamentos:

Aceitação do outro como diferença e identidade ontológica.

Valoração do outro nas suas manifestações biológicas, corporais, psicológicas, culturais, sociais e étnicas.

Solidariedade com os intentos do outro quando, porém, éticos.

Simpatia com o destino do outro que, de uma forma direta ou indireta, interfere no meu destino, como também o meu destino interfere no destino do outro; todos nós somos partícipes e autores da história da humanidade na reta final da vida ou da morte, do Eros e do Thanatos, Simbólico e do Diabólico.

Enfim, a Ação Ética alcança a sua perfeição e autenticidade na dimensão religiosa; mas Durkheim interpretava essa experiência como uma ligação, um vínculo entre seres da mesma ordem; os Humanos formam uma ordem; os Animais formam uma ordem, a Natureza forma também uma ordem ligada a uma ordem maior, a humanidade. Cada pessoa deve ser cultuada; os animais e a natureza devem ser cultuados e não idolatrados; cultuados como algo que tem valor, preciosidade e que exige respeito e amor, mas não, porém, idolatrados.

Amar a vida é o início e fundamenta a atividade, na dimensão ética, aplicando-se em defesa da vida em todas as suas ordens, como se define a Ação Ética.

Minkowski na Segunda Guerra Mundial se organizou, clandestinamente, e com altos riscos para pôr a salvo da paranoica e da psicopata fúria nazista, centenas de crianças acometidas por doenças e inferioridades irreparáveis, mas também crianças saudáveis de etnia hebraica.

A Ação Ética que confirma a categoria da Responsabilidade se colhe no Rorschach não apenas nas cinestésias humanas valorativas dos outros como alteridade e na intimidade com essa alteridade; mas também na percepção de cinestésias animais que manifestam cuidados, relações lúdicas e amorosas, como no seguinte exemplo: “Um pássaro cuidando de dois filhotes no ninho”, na prancha I; “Dois elefantinhos brincando no circo”, na prancha II; “Dois ursos procurando comida na floresta”, na prancha VIII. A dimensão ética se manifesta em percepções que valorizam a natureza como algo de bonito e exuberante, exaltando a vida.

O Rorschach oferece no seu diagnóstico avaliativo todos esses paradigmas compreensivos da personalidade nos seus constitutivos estruturais e dinâmicos não apenas psicológicos, mas ontológicos existenciais e éticos.

Permito-me, ainda, apresentar outro conjunto de categorias interpretativas da personalidade, da sua presença experiente e operante no mundo e no tempo; esse conjunto de categorias foi dado por Minkowski (1961), no seu livro: O Tempo Vivido; essas categorias se aplicam à compreensão da Presença no tempo e como ele é vivenciado na sua duração, na integridade dos seus constitutivos: passado, presente e futuro; nas suas perspectivas de evolução e involução decadente.

A primeira dessas categorias que estrutura o tempo, em ordem progressiva, evolutiva e maturativa, é o Desejo. Interpreto essa componente da personalidade em poder do Eu como um dado imediato, originário do élan vital que impulsiona o ser vivente à valoração da vida em todas as suas funções e manifestações que

as realizam e as tornam consistentes na sua duração.

Desejo de si, das coisas e dos outros, desejar-se como ser vivente, como proposta, projeto único da existência, desejo de si como ideia, identidade original como valor e saber, fazer, amar, cuidar, brincar, lutar, sonhar, orar, construir relações, levantar pesos e superar obstáculos, não apenas de objetos materiais, mas pesos e obstáculos na ordem moral existencial.

A origem última do Desejo está no Absoluto Essente Preexistente, Deus como faísca de um Luminoso Imenso, lançada no tempo e no mundo para se tornar uma chama que ilumina e aquece.

Os conteúdos animais percebidos com amor à vida nas suas múltiplas formas expressivas e que nesse sistema se codificam com Kan/simb, cinestesia animal, confirmam a categoria do Desejo como élan vital in statu nascendi, fundamentalmente em crianças, mas também em adultos.

A segunda categoria proposta por Minkowski como traço de personalidade que domina o tempo na sua correnteza rumo ao futuro e rumo ao eterno é a Espera. A Espera é a gestora dos desejos na tensão, para eles se efetuarem realizando obras na ordem material, tecnológica, cultural e Espiritual. A Espera para Minkowski é a própria energia vital retida com atenção e tensão dos momentos certos para os desejos se realizarem, impedindo a frustração deles.

A Espera é uma virtude psicológica, como já dito; é uma tensão vibrante, física e psíquica, atenta às circunstâncias, aos acontecimentos, às oportunidades; é disciplina, é planejamento da ação projetada no tempo. Sempre, na explicação do significado da Espera, nas minhas aulas e conferências, ofereço um exemplo de grande evidência estrutural fisiológica: os atletas recolhidos instantes antes na espera de um sinal que dará início explosivo à prova e à competição: os

músculos vibram por uma energia retida e contida e a atenção é concentrada e todos os sentidos são direcionados à captação do sinal visível ou auditivo.

No Rorschach, esta categoria do tempo vivido se colhe nas cinestésias humanas extensivas atuantes F+ K H e nas cinestésias de objetos bem estruturadas determinante forma F+ kobj; mas também se manifesta nas percepções das cores com prévio controle cognitivo F+C ou F+ (c) ou F+clob, indicativos de controles emocionais e da própria ansiedade.

A terceira categoria que estrutura dinamicamente e intencionalmente o tempo vivido é para Minkowski (1961) a Ação. É ativo o sujeito que realiza as ideias; não basta ter ideias, não é suficiente ser um idealista; as ideias devem fomentar ações. As ações devem realizar ideias, valores, desejos criando obras e fazendo história.

Esse componente da personalidade colhe-se no Rorschach, nas cinestésias extensivas codificadas em K, e coincide com a categoria da intencionalidade atuante, anteriormente apresentada.

A quarta categoria de Minkowski estruturante do tempo vivido, que o qualifica na sua duração, nas dimensões constitutivas de passado, presente e futuro é a Esperança.

A Esperança é uma virtude, energia, força que dá sustentação ao tempo, fazendo do tempo uma história, que recolhe o passado, o ressignificando no presente e o profetiza antecipando o futuro. A Esperança faz do tempo uma antecipação da eternidade; condensa a eternidade em um instante! A Esperança não é apenas uma virtude da teologia cristã que acredita em uma dimensão além do tempo, na “Eternidade”; a Esperança é uma virtude que interessa também à Psicologia, como ciência humana; nas minhas falas com educadores e pais simplifico a

Esperança com estas reflexões: “agora foi melhor que antes, depois será melhor que agora”; “hoje foi melhor que ontem, amanhã será melhor que hoje”; “o presente deve ser melhor que o passado, o futuro será melhor que o presente”.

Uma das primeiras dissertações de mestrado, da qual fui orientador, o tema foi o seguinte: “Fenomenologia da Temporalidade no Psicodiagnóstico de Rorschach” (CECHIN, 1985); foi de fato o primeiro trabalho diagnóstico analítico sobre a Esperança quando, em cada prancha as respostas tendem a melhorar como qualidade confirmada pelas determinantes forma, cinestesia e cor, quando a tendência da melhora acompanha a sequência das dez pranchas e quando o reteste, na sua totalidade, evolui em relação à primeira aplicação dias, semanas, meses antes; a Esperança se revela, tornando-se o fundamento assertivo de prognósticos favoráveis.

A Fenomenologia da Esperança em Rorschach se apresenta no decorrer destas escritas, com gráficos e dados quantitativos, dando assim razão a Bachelard (1996) quando declarava que “números são poesia”: a poesia da Esperança. A quinta categoria de Minkowski (1961) como indicativa, em uma imaginária pirâmide da evolução da personalidade que diferencia o humano de qualquer outra espécie vivente é a Ação-Ética.

A Ação Ética, para Minkowski (1961), é toda pessoa que investe a sua plena energia vital operacionalizada e materializada nas suas competências profissionais e técnico- científicas, para a promoção da humanidade no seu crescimento cultural, moral, na sua saúde física e mental, no acesso aos direitos fundamentais e aos bens básicos exigidos como garantias da dignidade e, especialmente, na promoção da liberdade de ser, cada pessoa e cada grupo nas suas diferenças.

A Responsabilidade e a Ação Ética são os fundamentos psicológicos e sociais da experiência e do comportamento religioso, como também declarou Jesus Cristo, Ideia Divina, Desejo e “Paixão para a humanidade”; contudo quem vive e faz da

sua vida um projeto ético corre sérios riscos de sobrevivência no corpo, na mente e no Espírito; perseguições, aprisionamentos, confinamentos, exclusões, execuções, traições de amantes e amigos são muitas vezes as consequências de quem vive e pratica a Ação Ética.

Minskowski (1961) nos deu uma última categoria como remédio para dar Coragem à Existência, cuja presença é ameaçada pelo Diabólico: a Prece, que nas minhas reflexões é assim vivenciada:

A Prece

Momento de máxima interioridade

De expansão sem limites

Aos confins extremos

Do Tempo e do Mundo

Momento de encontros

De “Tudo que está em Baixo”

Com “Tudo que está em Cima”

Da Imanência com a Transcendência

Momento intenso

Quando no aqui-agora

De um presente vivo operante
Concentra-se todo o passado
E se antecipa todo o futuro
Realizando em um instante
A sublime experiência da Eternidade

Na Prece o Eu se afirma
Como pessoa singular
Se confirma em uma Presença
Que supera a sua individualidade
Sentindo-se parte responsável
Do destino da Humanidade
Na Prece o Eu resolve as dúvidas
Compõe em sintonia os opostos
Vence o medo
Penetra nos mistérios
Lança-se em alto
Sempre mais em alto
Ao encontro com os “Espíritos”
Com as “Essências”
Ao encontro com Deus

Presença infinita
Presença amorosa
Em um diálogo inefável
Não traduzível em palavras
Que ilumina

Dá energia-força-Coragem
Para o enfrentamento
Da Ação Ética
Momento final forte
Fortíssimo do Eu
Quando o Simbólico
Vence o Diabólico
Quando o Bem
Vence o Mal

Realizando Fé Esperança
Na Liberdade do Amor
Dado à Humanidade.

(Rodolfo Petrelli, 2000)

Desisto da tentativa de colher na dimensão dos dados Rorschach, no nosso Imanente sensível e mensurável, esse último momento compreensivo de uma Existência, que alcançou uma dimensão Transcendente. Estabeleço as cinco categorias para a compreensão e a avaliação da personalidade na eficiência da sua maturidade psicológica, social e ética.

11.1 TEMPORALIDADE: A ESPERANÇA NO ITINERÁRIO DO TEMPO VIVIDO

A dimensão temporal é constitutiva do ser humano, da sua existência e da sua vida. O homem é um Ente jogado no tempo; nasce, cresce e morre como ser biológico; mas, como Espírito, evolui até o fim da vida, nem sempre acompanhando o degrado físico. O conflito entre esses dois destinos que atingem simultaneamente o homem na sua dualidade mente-corpo ora em sintonia, ora em oposição, faz a trama da temporalidade.

O corpo cresce e a mente fica presa, condicionada por malformações congênitas ou por eventos de uma história de vida altamente dramáticos; o corpo sofre e padece pelo devir físico, mas a mente deve ao Espírito um vigor de pensamentos, de emoções e de atos volitivos surpreendentemente firmes e corajosos e sempre atuantes.

A preocupação de todo indivíduo na nossa sociedade é de se manter sempre jovem, há uma ansiedade que se torna angústia em não perder a sua apresentação na estética, na eficiência, na qualidade e na habilidade, chegando muitas vezes a simular o que não se tem e dissimular, por exemplo, sinais de um tempo que, inexoravelmente, desfaz tudo o que já se fez, como uma maré que, no seu recuar, recolhe consigo tudo que estava construído na frágil areia da beira-mar.

Binswanger (1970), em sua alegoria da maré, apresenta em Melancolia e Mania, dois momentos da temporalidade: o momento protentivo, a maré alta, e o momento retentivo, a maré baixa. A temporalidade protentiva é Ação, Desejo, Esperança, expansão, prossecução, volta por cima; de outro lado, a temporalidade retentiva é uma espera passiva, um retorno, uma parada, uma retirada, um constrangimento, uma derrota sem chance de vitória.

A temporalidade retentiva, às vezes, é um efeito de um corpo defeituoso, doente, dobrado pelos limites e pelas agressões da vida, às vezes, é consequência de uma perda de energia do Espírito, de uma perda de horizontes, mas por qualquer causa, a temporalidade retentiva atinge a totalidade do viver e do existir como a descida em um poço no fundo do qual se encontra, às vezes, um tûmulo, o seu próprio tûmulo.

Avaliar o direcionamento da temporalidade é parte integrante de um Psicodiagnóstico no seu prognóstico bem construído; dados apenas quantitativos sobre estruturas e configurações da personalidade não são fatores por si satisfatórios e completos de informações; é necessário saber o que vai provavelmente acontecer no tempo advir, que será dado ao sujeito em avaliação nas suas reflexões.

A tendência ou é uma regressão contínua como uma volta para trás, ou um permanecer nos níveis já alcançados, como limites da eficiência possível, ou, por último, progredir melhorando continuamente as próprias possibilidades. Esses são dilemas no itinerário dos processos perceptivos-projetivos e suas formações quanti e qualitativas do tempo em Rorschach.

A avaliação da temporalidade deve se tornar uma exigência de qualquer, sério e completo Psicodiagnóstico, integrando métodos intuitivo-compreensivos e métodos matemático-quantitativos que ajudem numa avaliação comparativa e qualitativa que possam dar uma dimensão concreta, exata e assertiva da regressão ou da progressão, assim como da estabilidade na eficiência ou na deficiência.

Para uma avaliação da temporalidade, é útil um processo de quantificação na redução da qualidade de um nível mental em símbolos quanti-matemáticos. Para tanto, apresentarei técnicas de quantificação das respostas atribuindo valores

tanto positivos quanto negativos, para cada ato interpretativo de formas e para algumas importantes reações comportamentais, por exemplo, a rejeição da tarefa interpretativa, o tempo de latência indicativo de uma situação de choque.

Os valores variam de mais cinco pontos (+5.0) a menos cinco pontos (-5.0) para cada resposta dada e por prancha, ressaltando as codificações de maiores relevâncias no protocolo, ou seja, expressivas da evolução da mente do examinando. Sendo que os valores negativos são atribuídos para as respostas que evidenciem níveis mentais primordiais ou patológicos na sua evolução (vide tabelas no Capítulo 13). Nessa perspectiva, por exemplo, um Do receberá -4.0; e a uma cinestesia humana expressiva de uma dualidade interativa, serão atribuídos cinco pontos positivos (+5.0).

Assim, os valores dos processos perceptivos projetivos nas suas formações se distribuem em um continuum temporal, que se apresenta nas pranchas avaliando a diferença entre os valores dados da primeira à quinta, e com os valores efetuados da sexta à décima prancha, sendo que essas diferenças expressas em números poderiam se comparar dando como produto um índice, um coeficiente ou qualquer outro símbolo matemático equivalente.

Também é possível comparar diferenças de valores entre as cinco primeiras pranchas e cinco últimas, avaliando fenômenos de regressão (retentividade) ou de progressão (protentividade) ou de manutenção do quantum de ineficiência ou de eficiência.

A norma entre adultos isentos de quadros psicopatológicos é a conservação dos níveis de competência e de eficiência interpretativa. A retentividade e a protentividade são fatores que interessam à história de uma patologia, assim como de uma cura que se administra a um paciente.

Assim, a avaliação da temporalidade representa um fator primordial que pode ser medido ou no teste e reteste aplicado depois de um período razoável de psicoterapia, durante o qual eventos terapêuticos ocorreram com efetividade, ou simplesmente no protocolo e nos dados colhidos no itinerário das dez pranchas numa única aplicação, mensurando estabilidades, regressões ou evoluções quanti-qualitativas na normalidade ou na patologia, nas seguintes possíveis representações.

No quadro, A é a execução apresentada do sujeito, no primeiro teste, na prancha III, e no B é a execução do mesmo sujeito em situação de reteste também na mesma prancha, nove meses depois; no intervalo, contudo, houve um processo de psicoterapia, cujos efeitos podem ser verificados as seguintes avaliações comparativas:

Quadro 3 – Continuum temporal

■

A (TESTE) 1ª resposta: Do F \mp Hd/desv 2ª resposta: D C F \mp /Cont/Anat 3ª resp
A: Muita disforia e tempo de latência (TL) significativamente demorado. B: Segi

■

Fonte: o autor

Aplicando-se agora os critérios avaliativos de atribuição de pontuações valotivas a diferença da temporalidade e a passagem de uma retentividade para uma protentividade torna-se quantitativamente mensurável, como demonstrada no seguinte quadro:

Quadro 4 – Exemplo do critério quantitativo da temporalidade

■

A -5.0 -5.0 -5.0 +1.5 Total: -13.5	B +5.0 +3.0 +1.0 +4.0 Total: +13.0
------------------------------------	------------------------------------

■

Fonte: o autor

Dessa forma, o Psicodiagnóstico Rorschach é um instrumento de controle e de avaliação do desenvolvimento na evolução da personalidade em uma perspectiva temporal, como superação de regressões, fixações, bloqueios, retenção, para uma expansão da atividade psíquica.

CAPÍTULO 12

PROCESSOS PSÍQUICOS SUPERIORES

Há muita discrepância entre o quanto dos estudos do Rorschach tem se aplicado para a investigação da patologia psíquica e o quanto tem se dedicado para estudar, por exemplo, a criatividade. Sou radicalmente contra as tendências dos Psicodiagnósticos que enfatizam mais a psicopatologia e menos as operações psíquicas que exigem altos níveis de maturidade da mente.

O Rorschach oferece dados bastante confiáveis para uma análise e avaliação das potencialidades do sujeito que se submete ao Psicodiagnóstico.

Os processos psíquicos superiores que aqui se identificam também como processos terciários da psique são elaborações complexas que podem confundir um psicólogo não experiente e não familiarizado com o instrumento. De fato, é próprio da natureza dos processos psíquicos superiores apresentar mecanismos residuais de processos primários, os quais se aproximam às configurações próprias da infância, mas também caracterizadas e diferenciadas dos processos primários psicóticos esquizofrênicos sintomáticos e idiopáticos.

Falando de processo terciário, o próprio termo pressupõe que exista já tanto um processo primário quanto um processo secundário, cujas referências diretas e explícitas nos conduzem à Psicanálise.

Os processos primários são todas aquelas operações psíquicas governadas pelas necessidades do Id pela sua instintualidade originária; já os processos secundários são todas aquelas operações psíquicas, processos cognitivos, afetivos, motivacionais e conativos que obedecem às exigências do Ego.

Por um tempo, a Psicanálise defendeu um dualismo radical: Id versus Ego com a hegemonia do Id sobre o Ego; tempos depois, dentro da própria Psicanálise, com Hartmann (1966) e Kris (1967), foram evidenciadas as regiões do Ego isentas de conflitos e de demandas do Id, propondo a organização de um Superego, exercendo adequados controles e, às vezes, severos, sobre o Id.

Na primeira organização, no domínio do Id, é garantido o prazer, mas o risco é o degrado ético como acontece na psicopatia onde o Ego regride para ser função e instrumento do Id e como acontece na transformação psicótica onde todo o sistema perceptivo imaginativo cognitivo se incompatibiliza com as regras da lógica comum.

Na segunda organização, no domínio do Ego, é garantida a moral da ordem social, mas a consequência é um ressecamento do élan vital, uma perda da evolução criadora. Talvez, naquele tempo, a Psicanálise sofria da dicotomia cartesiana da res extensa, exigências do Id, e da res cogitans, exigências do Ego, faltando-lhe aquele elemento conectivo-integrador que orienta o pensar não mais em termos disjuntivos: “ou isso ou aquilo”; e sim em termos conjuntivos: “e isso e aquilo” (BATESON, 1972).

O processo terciário situa-se como superação desta histórica dicotomia: o Id e o Ego reconciliados, solidários, promovendo a expressão da consciência e da atividade, unindo na Esperança as necessidades dos instintos, desejos e valores se compondo em sintonia.

O processo terciário nasce já no secundário, mas não se identifica com esse, pelo contrário, diferencia-se qualitativamente como uma região de vértice da experiência e da maturidade humana.

Outras referências científicas do processo terciário podem ser encontradas na Teoria da Conservação, de Piaget (1972), de Bruner (1972), e ainda, na Teoria de Werner (1970).

O termo de processo terciário foi, contudo, proposto e lançado por Silvano Arieti (1969) em seu livro *The Intrapsychic Self*. Recentemente, Bateson (1961) vem se preocupando com uma “Mente que pensa como a Natureza pensa”. Bateson acusa o distanciamento entre dois sistemas pensantes inteligentes: o sistema mental humano e o sistema mental da Natureza.

A mente humana sofreu uma cisão intrínseca entre as partes que fazem “um ser, que veio a ser”, constituindo, partindo de Aristóteles, por epistemes isoladas e antagônicas: a Natureza pensa sistematicamente-conectivamente como um sistema total composto de subsistemas, qualquer evento que atinge um subsistema mesmo situado em uma região distante, atinge a totalidade.

Enfim, referenciais ao processo terciário, considerando o aspecto temporal da vida, podem ser encontrados em Minkowski (1961), no seu clássico livro: *Le Temp Veçu* (O Tempo Vivido). Minkowski convida a superar tanto a posição melancólica-depressiva quanto a posição maníaca, que são patologias da temporalidade, afirmando um presente que abrange regiões sempre mais remotas e vastas, situadas no passado e no futuro, pela energia vital da Esperança.

Defini, eu mesmo, esse modelo de temporalidade de Minkowski com o termo pendular:

[...] o braço do pêndulo, falando aqui figurativamente se lança rumo ao passado, na sua esquerda, movido pelo desejo, e carregado de coisas boas, volta ao centro, seu presente imediato, na Espera, de onde vai motivado pela Esperança rumo ao futuro, à sua direita, pleno de possibilidades (PETRELLI, 1973, s/p.).

O Presente minkowskiano, a temporalidade a nível terciário, reúne em uma única intencionalidade partes distantes do tempo: da infância à senilidade, da primeira à terceira idade, da idade da pedra à idade do átomo e de uma idade ainda advir.

Sintetizando todos esses mestres e as suas propostas, entende-se, aqui, por processos terciários todos aqueles comportamentos maximamente integrativos do Ego consigo mesmo, com a sua história de vida e com o seu meio ambiente; comportamentos integrativos do Homem com a Natureza, de um acontecimento pessoal com a história de um grupo e de uma cultura, de eventos de uma cultura com eventos de uma outra cultura, de eventos provindos de uma ciência, com eventos de outra ciência, e de outras mais.

Nesses comportamentos integrativos vemos a essência e o significado do comportamento ecológico: Ecologia é saber, é ciência, é ação que integra as partes em um Todo, visto como Unidade.

Personalidade ecológica é uma personalidade integrativa e, por isso, situa-se nos níveis dos processos terciários, como a mente indígena, que pensa como a Natureza pensa (BATESON, 1961).

Ecologia da mente e ecologia da saúde mental são expressões que nascem da consciência de um erro substancial cometido pela nossa própria cultura na negação de perceber e sentir a realidade como totalidade e unidade de tempo, de espaço na convivência coletiva: a Natureza convive conosco em harmonia, e nós com ela em desarmonia.

Se a ecologia da mente apela para uma interdisciplinaridade da ciência, a

ecologia da saúde mental propõe para o homem adulto pragmatista, cientista e político sério, uma recuperação das dimensões perdidas não apenas lúdico-eróticas, mas sim estéticas, éticas e místicas.

A proposta é resgatar o significado de maturidade humana, liberá-la da visão das exigências do processo secundário e projetá-la no horizonte do processo terciário.

O Psicodiagnóstico Rorschach, no seu uso comum, é programado apenas para detectar o primário e o secundário e fica ainda despreparado para compreender e avaliar o processo terciário, na sua transcendência experiencial, por isso, muitas vezes negado e reduzido a um primário inocente, quanto também a uma dimensão patológica.

12.1 CARACTERÍSTICAS DOS PROCESSOS PSÍQUICOS SUPERIORES

Os processos perceptivos em nível terciário têm características próprias e a mais representativa delas é a dimensão estética. Entende-se por estética o equilíbrio, a proporção, a distribuição harmônica das partes, concorrendo na construção de inteiros e de conjuntos de uma forma compatível com a realidade e com o senso comum, demonstrativo do belo e do harmônico da natureza.

Refiro-me apenas a atos da percepção, ou seja, os fenômenos perceptivos. É de conhecimento quase que unânime a importância da percepção no desenvolvimento da personalidade. Em um único ato perceptivo se convergem e se articulam operações cognitivas, emocionais e conativas. Convergem-se também mecanismos inconscientes, assim como tentativas de interpretações com finalidades de ocultamento ou de exibição.

Uma segunda característica do processo terciário é a criatividade, que, por sua vez, é saturada pela originalidade. Ser original nada tem a ver com raridades estatísticas, extravagâncias, excentricidade; menos ainda com construções aberrantes, grotescas, incompatíveis com a lógica e a estética.

Originalidade tem a ver com a capacidade de voltar às origens, conservando e integrando estruturas e esquemas operativos da infância com construções mentais e comportamentais da idade adulta. São atividades altamente integrativas de síntese, tanto na organização do tempo quanto do espaço. É a atividade de síntese na ordem da imaginação e da lógica, do desejo e da realidade, do que já foi, do que é hoje e do que pode vir a ser amanhã.

A originalidade postula uma atividade transformadora do Eu como centro consciente de autorreferências e de responsabilidades em relação à história, ao mundo e aos outros. É a qualidade da personalidade madura na excelência da sua evolução psíquica social.

Essa forma excelente de originalidade deve ser diferenciada de uma originalidade negativa, a qual mais se aproxima às produções sincréticas, aberrantes, grotescas, que produzem no observador um sentimento de mal-estar e de perplexidade frente a um juízo de valor, como ocorre nas percepções contaminadas e confabuladas.

Ao contrário, uma boa originalidade envolve imediatamente o sentimento estético do observador em um raptó de prazer. O problema se dá quando o observador carece dessa dimensão estética, emitindo por isso um diagnóstico equivocado de processos psicóticos do sujeito.

Da mesma maneira, como observava Hermann Rorschach, um avaliador do Psicodiagnóstico não consegue captar as grandes cinestésias, quando ele próprio é carente de élan vital, sobram apenas os critérios estatísticos comparativos, que são limitados para uma compreensão profunda e intuitiva na sua ascendência dos processos mentais.

12.2 FENOMENOLOGIA DO PROCESSO TERCIÁRIO EM RORSCHACH

Os processos terciários se dão em todos os campos da experiência humana: a arte é uma região privilegiada, mas os processos terciários são possíveis na ciência mediados pelo pensamento hipotético e divergente; na política também podem se manifestar comportamentos inovativos, contestativos e revolucionários, tornando os processos terciários um progresso qualitativo da sociedade, isso eu defendo no meu livro: *Constatazione e Speranza: una nuova teoria dell'educazione* (PETRELLI, 1973), ainda no idioma italiano (está sendo por mim traduzido).

O processo terciário tem início no ato da percepção, ocupa os processos cognitivos ideativos, investe nas emoções e nas motivações, estendendo-se em comportamentos complexos.

A essência do processo terciário, de acordo com Arieti (1969), está em uma combinação funcional adaptativa e estética de esquemas arcaicos do comportamento, com esquemas secundários mais tardios e recentes. Com Sullivan (1968), diríamos uma combinação entre o mundo do proto e paratáxico com o mundo sintáxico das regras do senso comum.

A reificação e a concretização ativa são, dentre outras expressões desses modelos arcaicos presentes, constituindo a patologia dos processos mentais, que são definidas nos esquizofrênicos, mas presentes também na produção de interessantes formas literárias como nas metáforas e nas alegorias.

O que define e constitui a diferença entre o nível regressivo, patológico e a qualidade original é a natureza da modalidade da combinação e o seu produto final, sempre compatível com uma série de exigências tanto lógicas quanto funcionais estéticas e tanto subjetivas pessoais quanto objetivas coletivas.

A cultura também restringindo ou ampliando a tolerância, legaliza, oficializa ou discrimina condenando e negando estas combinações.

Culturas, instituições, que se organizam de acordo com as exigências do processo secundário, exigindo na ortodoxia, uma obediência cega ao sistema em vigor imposto, sempre considerados como comportamentos “adaptativos”, são intolerantes frente às manifestações do processo terciário; assim é a nossa cultura que privilegia a adaptação “por médias”, a quantidade e a produção dos objetivos precedentemente planejados e as coisas “certas”, claras e distintas, rejeitando a heterodoxia, como qualidade dos procedimentos, e os acontecimentos eventuais e espontâneos, em sintonia com a imaginação e a criatividade.

Em Rorschach, poderíamos distinguir entre um processo primário-patológico, por fixação e regressão, e um primário simplesmente primário, indicativo de estruturas potencialmente abertas. O primário, nesse sentido, longe de conotações negativas, manifesta uma região de possibilidades e de potenciais energéticos psíquicos constitutivos ainda por impulsos, dinamismos absolutos, operações pré-lógicas e pré-éticas. A presença desse primário-primário não deveria prejudicar o diagnóstico do sujeito, muito pelo contrário, coexistindo com formações do secundário e garantidas por alguns D ou G F+ A, G F+ H, D F+/Obj, representam núcleos dinâmicos que poderão evoluir aos processos terciários.

Defendo em Rorschach um primário absolutamente livre de patologia; o problema se dá na hora da codificação e da atribuição dos valores quantitativos.

Observem, por exemplo, as seguintes percepções verbalizadas nas seguintes expressões:

“Lagoa cristalina protegida por uma formação rochosa, árvores e fogo”, na prancha IX, assim codificada: DG/DbI F±C/Nat/Bot.

“Praias do rio Araguaia quando os Karajá desovam milhares de animaizinhos”, na prancha VI, assim codificada: G/D F±clob/A/Nat.

“Uma anta de noite fazendo estragos em uma roça de milho”, na prancha IV, assim codificada: G/D F±clob/Kan/diab/A/Nat.

“Um pênis de um homem quando penetra dói como um dente de onça no pescoço de um veado”, na prancha VI, assim codificada: D F+ Hd kp/diab/Anat.

“Coxa de veado, só os homens comem as coxas, quando voltam da caça dividem em pedaços e para nós mulheres só fica a cabeça, eu ganhei uma coxa só uma vez, foi meu filho quem me deu, gostosa!”, resposta dada por uma indígena da tribo Avá-Canoeiro, da região da Serra da Mesa, na prancha V, assim codificada: G F± Ad/Alim.

“A região, esfera da luz para onde a pessoa vai e de onde vem purificada nesta Terra”, na prancha VII, “o branco central é a esfera da luz, o escuro ao redor é a Terra”, assim codificada: DG/DbI F± clob/Nat/Orig.

“Os maus pensamentos negativos, pesadelos das minhas noites”, na prancha VI, assim codificada: G F-clob/Abst.

Como codificaríamos essas percepções? São complexas, mas atribuo o F+ apenas na resposta 4, em razão de uma anatomia bem-vista no arquétipo da prancha VI, porém na resposta 5, atribuo F±, na prancha V, pela indefinição estrutural anatômica do percebido. A resposta 7 é uma percepção de pura abstração na prancha VI, produzida por um sujeito assediado por traições no âmbito empresarial, não se tratando de uma patologia estruturada, mas expressiva de ansiedade e angústia. Na resposta 6, atribuo F ∓ por considerar expressiva de estados confusionais, contudo não patológicos. Os demais exemplos recebem F± indicativos de potenciais a serem alcançados ao nível secundário.

Descrevendo o comportamento mental, Werner (1970) fala de uma fase difusa massiva e de uma fase diferenciada; fala também de uma fase sincrética e de uma fase articulada, não se trata apenas de fases progressivas, mas de polaridades.

Há, todavia, um processo primário-patológico, percebido sensitivamente e intuitivamente, por sobreposição da nossa experiência, com a experiência do outro, nosso paciente.

No processo primário-patológico, há algo que quebra a sintonia com a nossa harmonia estética e ética no nosso equilíbrio; não se trata apenas de um pré-lógico, mas de um não lógico que ofende o senso comum, a koinonia, de Binswanger (1970).

Eis uma das percepções colhidas entre pacientes de um hospital psiquiátrico, todos com uma história de vida ferida pelo terrificante de violência:

“Uma mulher com a vagina aberta e as pernas sangrando”, na prancha II, assim codificada: G Dbl CF \mp kp Hd Ckobj.

“Uma caveira, todas caveiras, tantas caveiras separadas dos ossos, gente que se transforma em osso”, na prancha IV, assim codificada: G F \mp clob/kobj Hdesv/det.

“Duas pessoas de chifre, nazistas, gente que mata, briga e quando morre vai andando, perdidas no fogo”, na prancha IX, assim codificada: GD F \mp Kdiab H/H.

“Cabeça de boi com uma fita vermelha, os dentes parecem da minha esposa, aqui o sangue, é o espírito da minha esposa, é uma tentação como o dente de escorpião”, na prancha III, assim codificada: GD/ Dbl/ CF \mp /Sang Hanat/Ad/Conf.

É imediata a patologia, a deteriorização, a perda do élan vital, a dimensão macabra e um absurdo de mau gosto. Quem está em sintonia com a vida sente quando a morte se aproxima. O próprio H. Rorschach afirmava que as cinestésias colhidas nas respostas dos pacientes são empaticamente percebidas no protocolo por sintonia cinestésica do próprio psicólogo aplicador.

12.3 CODIFICAÇÃO DO PROCESSO TERCIÁRIO

O processo terciário se manifesta tanto nos atos da percepção, na produção de formas, quanto na temática e no discurso. A análise do comportamento verbal deveria chamar mais a atenção dos aplicadores, pela sua relevância no processo investigativo e avaliativo da construção do diagnóstico. Podemos ter apenas um fenômeno perceptivo a nível do processo terciário, mas, quando há um conjunto de modalidades terciárias em Rorschach, é indicativo de uma personalidade que opera decididamente nos níveis superiores.

A percepção a nível dos processos terciários não se apresenta sempre perfeita, mas é regional, gradual e progressiva, podendo se limitar apenas à abrangência da localização, ou às determinantes, ou à região dos conteúdos. Pequenos detalhes, grandes detalhes, figura e fundo se combinam até ocupar a extensão total da mancha com formas globais DD/DDbl/DG/Dbl: é o espaço tridimensional total, cuja construção indica uma plena Presença no mundo, atuada pelo sujeito e são muito comuns na prancha VIII, integrando figuras de animais ativos alimentando filhotes no espaço da natureza, nas suas múltiplas configurações.

As percepções em DF+ e em GF+ são importantes, mas ainda indicam organizações do espaço lideradas pelos processos secundários; já as DG/Dbl, são organizações do espaço lideradas pelos processos terciários: síntese de partes de perspectivas e de horizontes diferentes, contudo sem negar que algumas GF+ sejam expressões de sínteses extremamente rápidas e possíveis, quando há um alto grau de intuição.

Quando o terciário entra na região das determinantes psíquicas, cria-se várias possibilidades de interação e de articulação: F+C, F+K, F+clob, F+Kan, F+kobj.

O importante nessas articulações, a fim de garantir o nível terciário, é que o processo seja conduzido por uma estrutura do processo secundário, cuja estrutura típica é uma F+.

Antecipo a título de exemplo que determinadas tribos indígenas elaboram no decorrer do tempo, modalidades próprias da relação sujeito-objeto, relações objetais na relação Eu-mundo e nas relações espaciais com os espaços vividos na natureza; como também elaboram modalidades próprias da relação Ego-Alter Ego. O índio não é egóico, egocêntrico, não usa o pronome na primeira pessoa Eu, ele fala como um sujeito no coletivo: o Índio vê, o Índio sente, o Índio faz, porque Um são Todos e Todos são Um, termos expressivos e significantes de uma coletividade vivenciada como uma autêntica Unidade.

Enfim, o processo terciário se afirma na região dos conteúdos com uma visão de mundo sempre mais ampla e conexa: Homem-Natureza, Homem e Objeto-cultura, Homem e Animal, todos associados por interações significativas.

A fenomenologia do humano no processo terciário apresenta também todas as modalidades de ser, como as mundanidades de Heidegger: Homo Ludens, Homo Sapiens, Homo Faber, Homo Politicus, Homo Eticus, Homo Mysticus. Neste exemplo: “Duas pessoas orando”, na prancha III, seria um K ou um kp? Com clareza e indubitavelmente é um Ksimb, expressivo de élan vital a nível superior.

Idealmente uma percepção do processo terciário teria esta apresentação DGDBl/ Ksimb/F+C/Hdual/ Ksimb F+ H/Hmit/ Kan/simb F+ A/Nat/Obj /F+kobj/Orig, onde:

DG/DBl é indicativa de operações perceptivas integrativas de partes articulando-se entre a figura e o fundo, ocupando, por uma presença ativa da mente, toda

uma extensão do campo: tudo é observado, tudo é relacionado, concorrendo à construção de um todo sistêmico. Uma abrangência do campo perceptivo que integra figura-fundo e partes construindo um todo significativo.

Ksimb F+C/Hdual se refere a operações psíquicas em que a função intelectual há sempre uma F+, na produção de um movimento humano (Hdual) ativo-extensivo que orienta e ilumina energias psíquicas do élan vital, suscitadas por uma profunda sintonia e ressonância interior, do Eu com o mundo que é a própria afetividade da pessoa: as percepções de cor integradas com formas bem-vistas, F+C, são indicativas desta afetividade. Uma articulação entre fatores conativos superiores, Ksimb, com fatores emocionais controlados por processos cognitivos de nível conceitual F+C.

Ksimb F+ H/Hmit/ Kan/simb F+ A/Nat/Obj essa composição, no processo terciário, indica uma articulação estético-funcional dos “entes” mesmo pertencendo a categorias ontológicas diferentes: há sempre uma conexão possível entre um leão, uma mulher, um anjo etc., tanto na ordem da lógica, quanto do imaginário ou como síntese, também no mitológico. Uma Weltanschauung, visão de mundo, conceito consagrado por Heidegger (1953) que conecta a figura humana dominante com o mundo animal e da natureza.

F+kobj/Orig e essa codificação qualifica como criativa a possível composição estrutural temática do ato perceptivo.

Esse tipo de percepção em Rorschach não é frequente. Em um protocolo normal de 30 respostas, duas, talvez três dessas percepções do processo terciário satisfarão as exigências para conotar indícios de criatividade em uma personalidade.

O destino da humanidade, o destino do nosso planeta Terra é consequência do destino da mente do homem! De um lado temos as Mentes esquizoides-esquizofrênicas que dividem, separam, opõem por categorias, classes, nações, conduzindo o homem contra a natureza e contra si mesmo e de outro as Mentes que integram recuperando dualidades e diferenças na unidade de partes com o todo, representando, na Esperança, a salvação do planeta Terra; esta última considerada uma personalidade madura, na superdotação não se reduz na direção de uma mente que divide, mas sim no rumo de uma mente que conecta e que integra.

Nessa ótica dos processos terciários, proponho o seguinte continuum evolutivo que de um lado se presta para indicar diferentes tipos de personalidade nos seus degrados e de outro registra os níveis de maturidade:

1a – Configuração esquizoide (oligofrênica);

2a – Configuração difusa (massiva-holofrástica);

3a – Configuração sincrética (confusa);

4a – Configuração diferenciada (discreta taxonômica);

5a – Configuração articulada (partes em conexões sistêmicas);

6a – Configuração integrada (megassistêmica).

O processo primário se estende do 1o ao 3o nível e o processo secundário inicia no 4o e progride até no 5o nível e o 6o nível corresponde ao processo terciário, de uma mente integrada sistêmica e megassistêmica.

São possíveis polaridades, correlações, especialmente quando se trata de um processo primário, por exemplo, polaridade esquizoide-diferenciada, polaridade difusa-diferenciada, polaridade sincrética-articulada, polaridade articulada-integrada; isso acontece quando o processo primário está aberto ao processo secundário e progressivamente ao terciário, indicando itinerários maturativos da mente.

CAPÍTULO 13

PARADIGMAS NO CONTINUUM PATOLOGIA-NORMALIDADE-EXCELÊNCIA EM RORSCHACH

A mente é um sistema dinâmico em contínua evolução e transformação. Usando a terminologia combinada de Freud (1969), Werner (1970) e Arieti (1969), a mente como conjunto de funções psíquicas que procede progredindo, como também regredindo, do nível primário ao nível secundário e aberta para um nível superior que Arieti denominou de terciário, síntese articulada operante de forma original-criativa dos dois processos antecedentes.

A normalidade se situa nas funções psíquicas do processo secundário que respondem à percepção, à compreensão e ao comportamento adaptativo à realidade objetiva como ela é, no seu “em si”, na sua própria essência específica e como ela é organizada, administrada de acordo com a experiência, a lógica, a ordem, a estética do senso comum.

A patologia é dada por uma fixação ou uma regressão temporária ou definitiva psíquica incompatível com a lógica objetiva realista e com as “regras” e convenções sociais.

Werner (1970) define a patologia como um retorno a fases evolutivas antecedentes e características dos primeiros meses de vida das crianças; são elas: 1) a percepção confusa da realidade; 2) a percepção e a conseqüentemente construção esquizoide da realidade; 3) as combinações sincréticas, confabuladas, contaminadas, expressivas, de acordo com Sullivan da organização prototática e paratática da realidade incompatível com a ordem comum das coisas do pensamento, do discurso e do comportamento.

Nessa configuração teórica de Werner, a demência é própria da fase confusa da experiência; a esquizofrenia representa uma evolução da fase esquizoide e os delírios psicóticos, que coincidem com as organizações proto e paratáxicas de Sullivan (1962), são expressivas da fase e dos processos sincréticos.

O nome “cretino” que indica um “demente”, incapaz de organizar a realidade lhe dando um sentido aceitável, veio dos atenienses habitantes de Atenas, gente culta que consideravam os habitantes de Creta, dementes e idiotas a motivo das ideias pobres, curtas e mesquinhas. De fato, os habitantes de Creta sofriam de hipotireoidismo, patologia cujos sintomas apresentam níveis de deficiência mental. Sincrético indica a forma de combinar (sin) as coisas, as ideias, como costumavam fazer os habitantes de Creta (os cretenses).

A excelência mental é dada por processos mentais que excedem a normalidade por construções psíquicas e por obras excepcionais, para acima da média, expressivas de uma “genialidade” original criativa incomum, mas dotadas de estética, de potencialidades e possibilidades alternativas, abrindo caminhos para a compreensão da complexidade e do mistério da experiência humana e da realidade que nos circunda, para que a própria cultura humana possa avançar superando o já vivido, o já experienciado, o já definido e contido nas teorias, nas leis, nas normas e nos “dogmas”.

O processo terciário se manifesta pela capacidade de combinar, articular, integrar não apenas partes e diferenças, mas também partes opostas, sem desfazer uma ordem dada e aceita, propondo novas ordens e novos sistemas na organização da realidade. A regressão aos níveis primários como possíveis potenciais dos processos terciários pode ser confundida e sentenciada ao nível patológico, especialmente quando os próprios estudiosos e profissionais da saúde mental interditam para si mesmos experiências sublimes do mundo da transcendência, da estética, da mística e do Eros, reduzindo tudo isso a neuroticismos e delírios.

O conjunto perceptivo-projetivo-temático dado pelo Psicodiagnóstico de

Hermann Rorschach vem formar um campo psicológico bastante expressivo da evolução mental e experiencial do sujeito submetido ao teste, no itinerário do processo primário ao processo terciário passando pelo processo secundário.

Antecipando como exemplo demonstrativo dos presentes critérios paradigmáticos na avaliação do continuum patológico-normalidade-excelência dos processos e dos níveis da mente e consequentemente do comportamento, darei os seguintes juízos sobre algumas frequentes formulações codificadas nos protocolos Rorschach, aplicados tanto a sujeitos considerados normais quanto a sujeitos acometidos de transtornos mentais. Vejam:

G F+A → codificada no conteúdo “morcego” na prancha V, é um paradigma da “normalidade”, em nível do processo secundário.

G F±A → codificada no conteúdo “bicho” dado por um adulto, na prancha I, é paradigma do processo primário-secundário, expressivo de uma perda parcial ou de um atraso no controle cognitivo da realidade.

Do F ∓ (Hd) → detalhe oligofrênico, dado na prancha IV, no conteúdo “perna de gigante”, mas negando a percepção do gigante dado na sua evidente “G” (globalidade), é paradigma do processo primário patológico, expressivo de um retorno à fase esquizoide como possibilidade, a ser confirmada, como um quadro esquizofrênico.

DG F ∓ Hd/Ad/cont → codificada no conteúdo “ramuca”, na prancha III, é paradigma do processo primário patológico expressivo de um retorno à fase sincrética: “ra-mu-ca” é uma combinação incompatível de um inteiro contaminado, dado por segmentos de outras unidades: cabeça de rato, corpo de mulher e pernas de cabra. É uma construção que obedece a uma ordem primária

paratáxica, organização psíquica de experiências “autísticas” estranhas à ordem sintática, que controla e disciplina experiências e comportamento comuns em sintonia com a realidade concreta e objetiva dada ao senso comum.

Aprofundarei, em seguida, esses paradigmas para a compreensão da normalidade na avaliação dos dados Rorschach.

Os critérios avaliativos são, porém mais amplos e analíticos e se distribuem nos campos fenomenológicos do Psicodiagnóstico, da seguinte forma: no primeiro campo se avalia a “presença” desvelada e dada pelas formas, maneiras de controlar e organizar os “objetos” distribuídos no campo e que vêm construindo e constituindo o “campo” como unidade, como partes em si significativas, como partes que se combinam formando unidades e totalidades e como pontes percebidas em pequenos detalhes que fogem aos olhares da maioria.

Qualquer campo físico, psíquico e social é também construído por dois fenômenos ou dimensões; uma indicada como nome de “figura” e outra com o nome “fundo”. O fundo não é simplesmente o “nada” e nem apenas o suporte da figura, pode vir a ser uma alternativa, uma possibilidade consistente de algo nem sempre considerada, mas que atenta a ser algo novo, surpreendente e original.

A normalidade, nesse campo, é dada pelas seguintes e competentes funções:

1) Abrangências da totalidade como unidade imediatamente e intuitivamente percebida, em decorrência desse ato, as partes são percebidas e significadas em relação à unidade significativa. Como: “Um morcego”, percebido no tempo de latência de um segundo, “aqui as asas, o corpinho, os pés e as anteninhas... bonito, está voando!”. A percepção da totalidade como unidade se codifica com G (global), que para ser uma estrutura e uma função normal competente deve ser

associada a determinantes positivas que indicam um controle cognitivo, afetivo e conativo pleno.

A forma G F+ deve estar presente em uma frequência de 20% a 30% no psicograma. Quando um sujeito manifesta esta função, absolutamente, está isento ou resiste a uma ameaça esquizofrênica. De fato, um esquizofrênico entra em pânico frente à visão da unidade, que tende a percebê-la em fragmentos e quando tenta construí-la ou reconstruí-la o faz de uma forma incompatível, antiestética, desordenada, contudo, significativa na tentativa de superar a sua própria experiência esquizofrênica.

Prestem atenção ao significado das seguintes fórmulas:

$0G F+ < n^{\circ} Dd F+$ = esquizoidismo não patológico: o sujeito percebe, registra milhares de árvores, mas não conclui que está em uma floresta!

$0G < n^{\circ} Dd F \mp$ = o esquizoidismo é agravado por uma demência; já é um sintoma de esquizofrenia.

$n^{\circ} G F+ > n^{\circ} G F \mp$ = como já afirmado indica uma capacidade de resistência à invasão esquizofrênica.

$n^{\circ} G F+ : 0G F \mp$ = justifica a inconsistência de um diagnóstico que acuse esquizofrenia; nesse caso ou o sujeito simulou uma esquizofrenia nas suas queixas com o psiquiatra ou a “cura” está tendo efeitos reparadores o tratamento realizado, a esquizofrenia está controlada.

$n^{\circ} Do > n^{\circ} G$ ou $n^{\circ} Do: n^{\circ} G F \mp =$ o diagnóstico de esquizofrenia tem fundamento neste caso.

2) Combinações de partes que constituem uma totalidade. Por exemplo: “Dois leões sagrados estão protegendo uma virgem assediada”, percepção dada na prancha I por uma jovem mulher (os dois leões foram percebidos nas duas partes laterais e a mulher no meio). As formas percebidas são detalhes em si significativos. Um sujeito esquizoide, no seu processo perceptivo construiria o campo da seguinte forma: “Um leão ao lado esquerdo da mancha, outro leão ao lado direito, uma mulher no centro”, resultando por isso três respostas, duas codificadas em $D F+ A$ e uma em $D F+ H$; três processos psíquicos os quais de acordo com a escala evolutiva de Werner (1970) se situam na configuração definida por ele como: discreta prototípica paradigmática do processo secundário. A percepção da jovem, postulante a uma experiência religiosa de vida consagrada ao celibato, codifica-se assim: $DG Kan/simb kp H/A$ que revela, estruturalmente na presença do campo, não apenas um processo de simples associação, mas de articulação de diferentes partes estabelecendo relações, sistemas, correlações de textos e contextos. Com essa estrutura funcional que se associa combinando, articulando e integrando o processo secundário se abre ao processo terciário, no qual as associações, as articulações de partes nas suas diferenças abrangem regiões não apenas diversas, mas distantes e opostas da existência e dos campos de experiências; são as concretizações na realidade sensível, perceptível e atuante das regiões que Husserl (1959) denominava como “ontológica”; a “Ecologia” é uma ciência rigorosamente articuladora e integradora de partes, de diferenças e de sistemas.

Para uma avaliação qualitativa no campo da abrangência, define o continuum patologia-normalidade-excelência, a presença de 30% de $G F+$ e 70% de $D F+$ ou $DG F+$ como percentuais ótimas no protocolo.

Variações quantitativas caracterizam os seguintes tipos mentais: o tipo intuitivo

que percebe a unidade de um objeto tanto na globalidade (G) quanto em partes grandes (D ou D/D) e pequenas (Dd) do campo constitutivo ontológico das “coisas” e dos fatos e o tipo analítico que desvela intencionalmente partes do objeto justificando a unidade na sua globalidade, contudo, neste caso, pode ser percebida tanto na G F+ quanto na D F+. O tipo analítico investiga detalhadamente partes que constituem a unidade nos seus pequenos detalhes.

É importante que as G F+ e as D F+ e Dd F+ se combinem entre si, quando isso ocorre, confirmam-se o tipo “sistêmico” e “megassistêmico” do uso da presença no campo perceptivo. Esse tipo de inteligência é fundamental e caracteriza a “mente ecológica” que percebe e organiza as diferenças, que demonstra contextos, complexidades e sistemas. É o tipo de inteligência que deve ocupar a gestão das ciências nas instituições do saber de todo mundo e deve orientar a construção das epistemologias.

Os processos perceptivos em Rorschach que revelam essa “mente ecológica” são dados pelas seguintes codificações, dentro da abrangência do campo fenomenológico:

Dd Dbl F+ = pequenos detalhes percebidos como figuras no branco com formas bem estruturadas internas ou externas.

D/Dbl F+ = parte percebida como figura e parte do detalhe branco percebido como fundo.

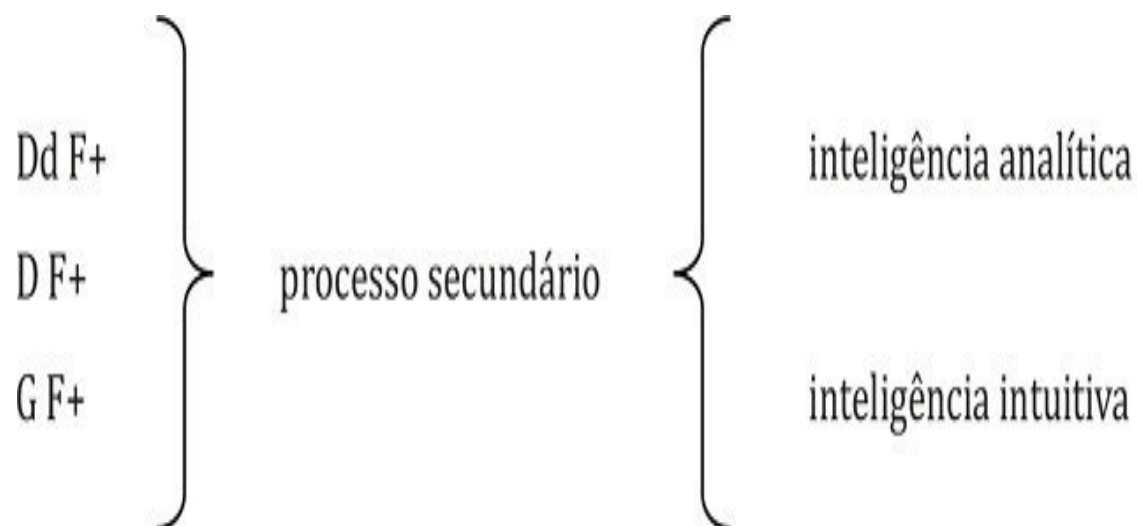
G/Dbl F+ = percepção global como figura e detalhe branco como fundo.

DG F+ = partes como figura formando uma globalidade na sua totalidade.

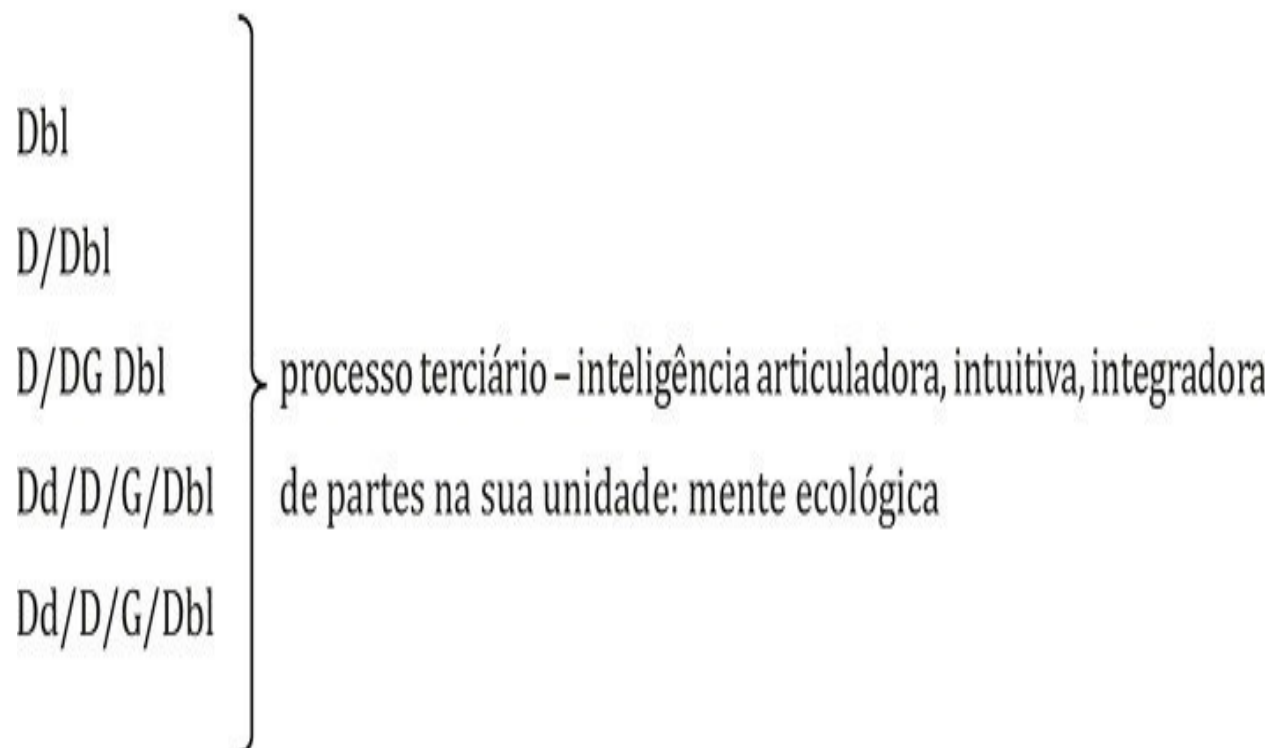
DG/Dbl F+ = partes da figura com partes do detalhe branco como fundo formando uma totalidade na globalidade.

Essa última fórmula é expressiva do mais alto nível de capacidade perceptiva e construtiva do campo e no continuum evolutivo que está na ordem da excelência. Operativamente é própria de uma mente organizadora, articuladora e integradora de diferenças; própria de uma mente sistêmica, de uma mente ecológica, antitética da mente esquizofrênica incapaz não apenas de perceber a unidade das coisas e dos eventos como também incapaz de construir totalidades combinando partes, diferenças e opostos.

Em síntese:



DG → início do processo terciário



13.1 FENOMENOLOGIA DOS PROCESSOS PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS E TERCIÁRIOS

O processo primário é a organização do campo mental das experiências de vida no domínio das exigências de um Id, não ainda controlado pelo Eu-Ego, constituindo-se como Superego.

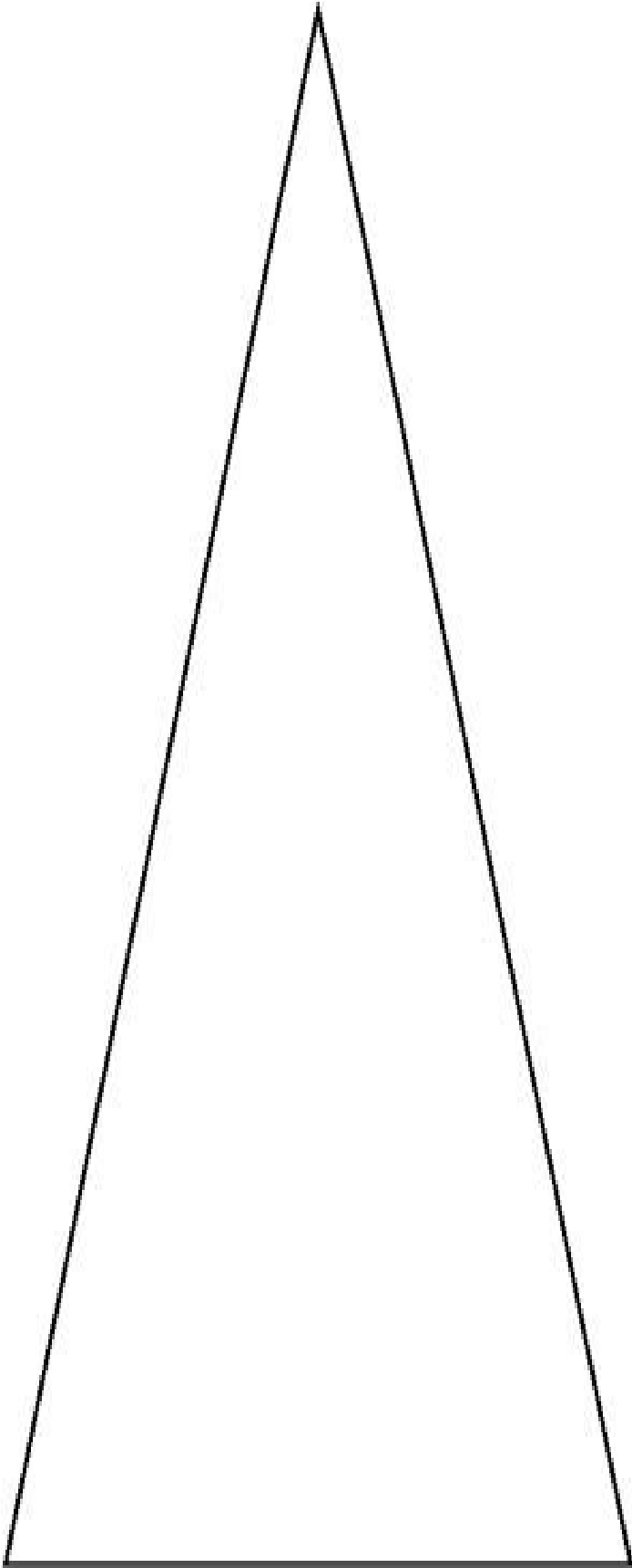
É um estado psíquico dominado apenas por um “Egomet”, que significa um Eu-Ego voltado apenas para si mesmo, ignorando as percepções do Outro na realidade objetiva.

Entendo por Ego o princípio de realidade, o diálogo entre o indivíduo, as suas necessidades de vida, de “afirmação” e as regras sociais objetivas expressas e indicativas de uma convivência tolerante-respeitosa das exigências dos direitos dos outros indivíduos organizados em comunidades e instituições sociais.

Entendo como Superego do Eu, o diálogo entre o próprio Eu-Ego em sintonia com as instâncias éticas superiores e os valores de uma razão numa posição dialética com as razões desse Eu-Ego, na sua singularidade.

A personalidade se configura na seguinte pirâmide:

Figura 5 – A mente no vértice operativo intencional da trilogia Corpo-Mente-Espírito



Superego



Ego



Id

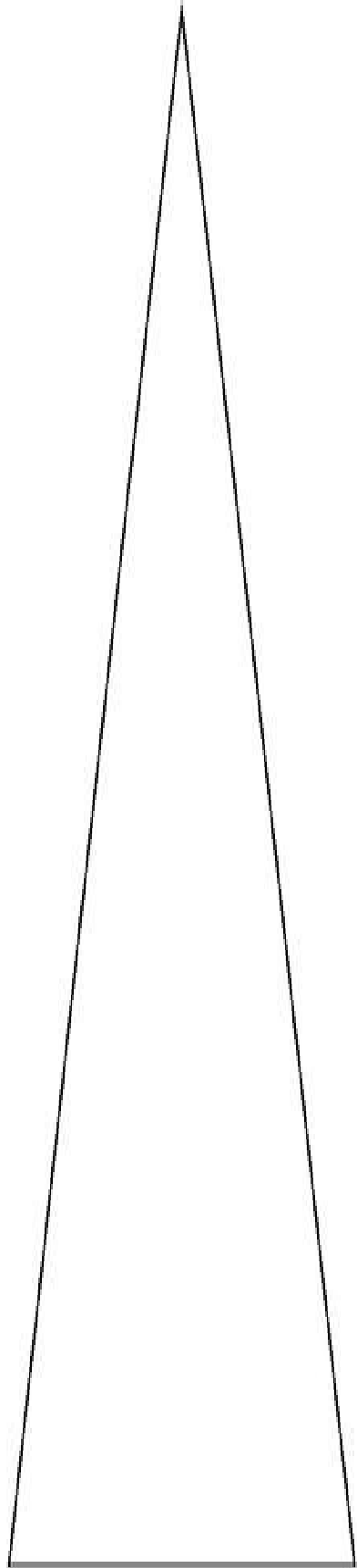


Fonte: o autor

O processo secundário é a instância psíquica expressa em experiências e comportamentos que administram objetivamente as relações objetais, pelo respeito às dimensões ontológicas, sociais e culturais na alteridade das diversidades, constituindo-se como normalidade.

O processo secundário tem início com a percepção objetiva do “em si” do próprio objeto, percebido também por uma maioria no padrão de normalidade e do bom senso comum, que no seu vértice é definida como normas e leis.

Figura 6 – A mente na sua estrutura piramidal motivacional



Superego - a percepção da realidade na dimensão do
"para Outrem"

Ego - a percepção do Outro na realidade do "em si"

Id - a percepção do Outro no imaginário "tudo para mim"

Fonte: o autor

O processo terciário é dado pela empatia, sintonia e sincronia do processo secundário com o processo primário, que se fundem, articulam-se e se integram para uma possível dimensão de um Outrem “universal”, ou seja, o Eu-Ego, o Outro-Tu, Alter Ego e os Outros em diálogo “alternativo, original e criativo”, nas possibilidades da Existência articulando o Eros, o lúdico, o lógico, o tecnológico, o estético, o político na elevação ao místico transcendente.

É possível identificar esses dados psíquicos dos processos primários, secundários e terciários no Rorschach a partir da construção dos objetos percebidos no campo da experiência do sujeito, expressivos de uma Presença, diagnosticada no domínio do espaço e da realidade dada ao seu entorno.

A presença do Eu no campo é administrada pelo espaço colhido imediatamente como unidade na totalidade ou em suas partes.

Essa operação perceptiva da Presença se codifica em G (global).

A percepção em partes do espaço (campo), cada uma na sua especificidade e na sua ordem. Essa percepção se codifica em D (grande detalhe).

Quando for uma parte pequena, pouco relevante, um pequeno detalhe, codifica-se em Dd.

Os objetos que fazem o campo são dados “um para o outro” formando relações:

4.1. parte com parte em relação D/D;

4.2. parte com parte formando uma totalidade em relação, D/DG ou D/G.

* Essas percepções do campo, como já descritas, podem ser agregadas ao conteúdo humano (H) e animal vivente (A) e no meu sistema recebe a siglatura “dual” que significa a dualidade, no estar-junto-com em sintonia e simpatia nas experiências de vida.

Resumindo, os sinais da Presença:

G: Eu-Ego presente na totalidade do campo.

D: Eu presente em parte do campo.

Dd: Eu presente em uma pequena parte do campo.

D/D: presença de um Eu construindo relações e articulando partes em dualidades possíveis.

D/DG ou D/G: a presença do Eu articulando partes em relação e formando unidades.

Dbl: o poder do Eu frente ao nada, mobilizado a ser algo na sua possível significância, na percepção do fundo e partes em branco:

* pode ser percebido como unidades em si absolutas;

* pode ser percebido como fundo que se articula com figura.

Nestes códigos: Dbl; D/Dbl; DG/Dbl; G/Dbl; Dd/Dbl.

13.2 FIGURAS E TABELAS REPRESENTATIVAS DO NÍVEL DE MATURIDADE DA PRESENÇA NO CAMPO EXPERIENCIAL

Figura 7 – Tabela representativa do nível de maturidade da Presença no campo experiencial

$D^0 F^{\mp}$	$DG F^{\mp} \text{Cont}$	$DG F^{\mp} \text{Conf}$	$DG F^{\mp}$	$DG F^{\mp}$	$D F^{\pm}/GF^{\pm}$	$D F^{+}/GF^{+}$	D/DF^{+}	$DG F^{+}$	$D/Dbl F^{+}$	$GDbl F^{+}$	$DG Dbl F^{+}$
pr pr patológico	pr pr patológico	pr pr patológico	pr pr primário	pr pr primário	pr secundário	pr secundário	pr secundário	pr secundário	pr terciário	pr terciário	pr terciário

Fonte: o autor

Nessa Figura 7 os processos perceptivos da abrangência do campo são situados na curva de Gauss. Do lado extremo esquerdo da curva são postos os processos primários patológicos, indicativos de um psiquismo aos seus estágios primitivos mentais, compatíveis em crianças, mas quando em adultos são expressivos de transtornos e patologias.

Do lado central mediano são situados os processos psíquicos de nível secundário que confirmam a maturidade mental do controle e domínio do campo por operações diferenciais das partes nas totalidades e unidades “em si” significativas.

Do lado extremo direito da curva de Gauss são situados os processos psíquicos gradualmente sempre mais articulados e integrativos das partes, figuras e fundos que vêm a formar totalidades em unidades significativas e expressivas de uma mente “ecológica” e “criativa sistêmica”, hipotética e megassistêmica que percebe, organiza e administra diferenças formando um todo funcional, operativo e estético e às vezes com êxitos alternativos e críticos nos sistemas vigentes.

Quadro 8 – Níveis de estruturas psíquicas e suas configurações avaliativas

■

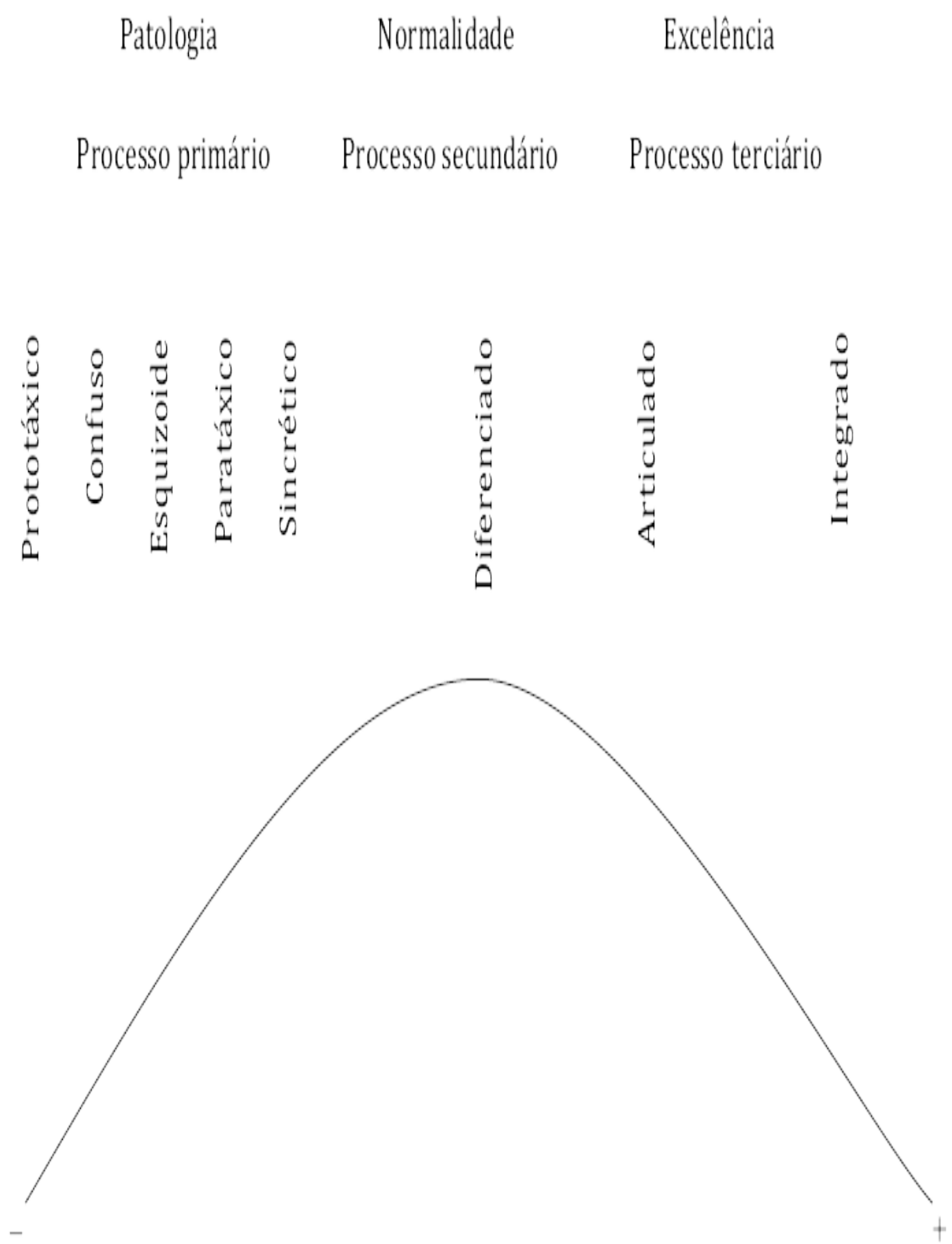
Níveis de Estruturas Psíquicas		
Sullivan	Werner	Piaget Freud Arieti
Sintático	Integrado Articulado	*Processo terciário *Pro

Paratático	Diferenciado Sincrético	*Processo secundário *P
Prototático	Esquizo Confuso	*Processo primário *Pro

■

Fonte: o autor

Figura 9 – Códigos da curva de Gauss indicativos de patologia, normalidade e excelência no campo das determinantes



Fonte: o autor

As determinantes são códigos que indicam os processos psíquicos que concorrem à construção e representação da realidade como ela é, como se dá a subjetividade e a consciência do “percipiente” em empatia e sintonia com o sentir e o pensar comum.

O F+ codifica simbolicamente o controle cognitivo sobre o campo de experiência; indica a capacidade taxinômica categorizante à diversidade, à multiplicidade das “coisas” dadas em uma aparente dispersão no campo. Indica, também, a capacidade de organizar o “caos” inicial, no qual as coisas parecem ter sido jogadas pelo acaso, contudo, porém quando associadas às cinestésias eficientes (K ou Kan ou/e kobj).

A competência cognitiva conceitual se codifica em F+, formulação em código, indicativa do domínio categorial ideativo em ordens e classes especiais dos objetos dados à experiência comum.

O domínio ideativo categorial é garantia de um controle operativo por meio de ações e interações diferenciadas e apropriadas. O controle cognitivo sobre o campo acompanha na eficiência o itinerário de uma maturidade em evolução do primário ao secundário indicado pelas seguintes variações: 1) $F \mp$; 2) $F \pm$; 3) $F+$; 4) $F+$ Dbl resposta original, acompanhando as formulações como já apresentadas nos gráficos.

Na curva de Gauss, as formas (F), em relação às suas eficiências se distribuem num continuum e progressivo itinerário evolutivo e maturativo.

As respostas $F \mp$ e as respostas $F \pm$ indicam níveis e operações cognitivas em fase evolutiva tratando-se de crianças; em adultos, indicam o início de um processo regressivo das funções cognitivas ou um retorno temporário e funcional ao primário “caótico” que é quase sempre uma fonte e vertente de possibilidades e de alternativas, na busca de uma genialidade e originalidade.

Arieti (1969) no seu estudo sobre a criatividade conclui que ela nem sempre emerge por uma intuição imediata, mas é fruto de um processo de retorno a um primário caótico que também pode abrigar uma genialidade originária.

O artista faz isso nos sonhos, como também todos nós fazemos nos delírios de olhos abertos e como costumava fazer Gaston Bachelard nos seus devaneios ao entardecer, degustando seu vinho, mas ao amanhecer transformava-os em construções epistemológicas na sua rigorosa “filosofia sintáctica do sim e do não”, questionando a imposta lógica do pensar comum.

As respostas $F+Dbl$ originais são raras, são como uma “preciosidade” no meio de banalidades e no meio de mediocridades dadas pelas $F \mp$ e $F \pm$.

Isso faz com que os dados de um protocolo Rorschach de um artista e de uma mente criativa e megassistêmica possam ser confundidos com a mente de um esquizofrênico delirante.

A diferença entre um esquizofrênico e uma mente criativa dotada de uma estética original pode ser comparada a esta fantasiosa analogia: “o esquizofrênico sobe aos céus, ao encontro dos astros brilhantes, mas não consegue descer no planeta Terra, e quando desce não consegue desvelar, discernir e descrever as brilhantes intuições da sua mente aos ‘normais’, que são retidos na lógica do imediato e

evidente poder convincente dos sentidos. Já a mente brilhante e megassistêmica de um artista, poeta, filósofo e místico vai aos céus, sempre mais em alto ao encontro das estrelas, com os astros e com até com os Espíritos, mas ao descer a Terra, consegue revelar, descrever e comunicar o ‘indizível’, o ‘sublime’, o ‘mistério’, o ‘inefável’ de uma forma intuitivamente sensível e compreensível, como propostas hipotéticas e criativas”.

O protocolo de uma mente criativa e brilhante registra um contingente de F^+ na proporção entre 60% e 70%, ao lado de um significativo contingente de F^\pm e F^\mp na proporção de 15% e 25% aproximadamente e, por último, na proporção média de 10% e 15% são dadas as percepções em F^+Dbl originais, em DG, D e Dd.

13.3 PATOLOGIA-NORMALIDADE-EXCELÊNCIA NO CAMPO DA DETERMINANTE COR

13.3.1 Análise das cores cromáticas

Responder emocionalmente e afetivamente aos eventos, às coisas do dia a dia e do nosso entorno desvela dimensões importantes do nosso psiquismo que vêm a caracterizar e influenciar o nosso comportamento.

Existem pessoas frias, sem sensibilidade, apagadas, que não reagem ao belo, não entram em sintonia com eventos tristes, eventos alegres, com a vida que faz vibrar a matéria, com a morte que apaga a luz. E existem pessoas que não apenas conhecem, mas sentem em si mesmas as coisas, como partes da própria existência, manifestando uma sintonia na empatia, revelando um misticismo que une cada um a todos e ao todo no seu entorno.

No processo perceptivo projetivo das manchas de Rorschach, traços do temperamento, do caráter e da personalidade se manifestam pela sensibilidade às cores cromáticas e acromáticas.

Tudo isso já é de conhecimento dos estudiosos do Rorschach: “as cores e suas combinações com as determinantes formas e cinestésias são indicadoras de como a mente administra as emoções”; sendo, contudo, um campo fundamental e que apela para novas investigações e pesquisas avaliando se essas articulações se dão em nível do processo primário patológico, primário-primário, secundário ou até mesmo terciário.

Por uma exigência de coerência com a curva de Gauss já apresentada como modelo indicativo da distribuição, na população de uma variável como qualidade física, psicológica e social, as cores cromáticas se organizam na sequência a

seguir, indicativa dos seus níveis de maturidade:



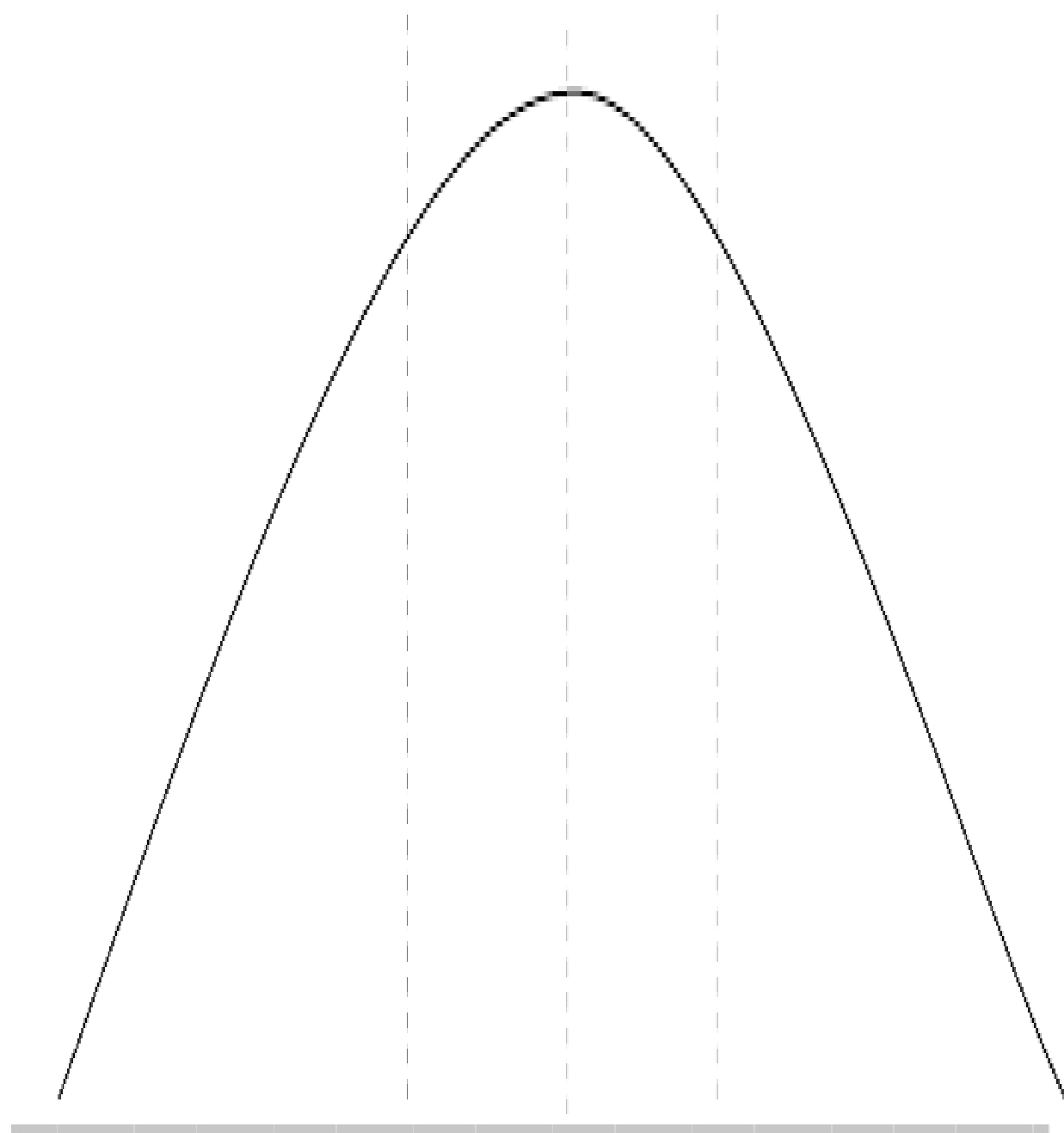
$F+C, F\pm C =$ forma cor

$CF\pm, CF\overline{\pm} =$ cor forma

$C =$ cor sem forma

$Cd =$ cor puro objeto, como instrumento de trabalho

Figura 10 – Reduzindo na curva de Gauss as determinantes das cores cromáticas distribuídas por frequência e qualidade



Cd
 C
 CF^+
 CF^-
 F^+C
 F^-C

Fonte: o autor

São evidentes, porém, os limites da codificação da determinante cor em relação à sua articulação com a determinante forma. As percepções em Cd e C são sempre desprovidas de formas, como já explicitado.

A ausência ou a presença da determinante forma afirma a ausência ou a presença de um controle cognitivo, com certeza um fator progressivo de maturidade psíquica dos processos afetivo-emocionais, abrindo-se, porém, um dilema avaliativo sobre a qualidade e a intensidade estética, erótica e mística das emoções, quando limitadas e ameaçadas por um poder apenas racional, na sua severidade lógica.

“Sangue”, “Vermelho sangue” podem ser nomes e símbolos de vida, de amor, de energia, como também podem ser expressivos de morte, de violência, vingança ou doença. Como já citado uma médica, cirurgiã plástica, submetida ao teste exclamou com entusiasmo, percebendo e interpretando a prancha III: “Sangue vivo, brilhante, dá para operar!”. E um paciente hemofílico submetido ao teste, na prancha II usou a seguinte expressão na resposta: “É o meu sangue doente”.

As duas percepções de acordo com as regras tradicionais se codificam com a sigla C, indicando uma atenção à cor sem forma. No psicograma, no campo referente ao tipo de ressonância íntima (TRI), as duas C teriam o peso de 1.5 pontos, do ponto de vista quantitativo, porém qualitativamente falando, no caso da médica cirurgiã, a variante C tem um quantum qualitativo como valor sintônico na simpatia com o seu sentir na afetividade. No caso do paciente hemofílico, há uma distonia sem simpatia com o objeto percebido revelando uma grande perda do controle emocional na dimensão da sintonia, há a perda do quantum qualitativo, indicativo de uma perda do controle total sobre as emoções e uma dependência aos eventos externos.

O controle cognitivo não é o único fator no diagnóstico da maturidade afetiva, a dualidade das emoções tem peso nesse juízo, cujos paradigmas estão nas regiões da vida, da estética, do belo, do Eros e da mística. A semiótica das codificações fica ainda muito aquém frente ao dizível e ao indizível, frente às diversidades na intensidade e transcendência do experienciar humano.

Como já foi explicitado no registro das cores, devem ser agregados os sinais em suas codificações, para indicar o nível da qualidade: a codificação FC receberá sempre o sinal + pela sua significação estética que combina, por exemplo, a “matéria” cor vermelha com a “forma” de uma rosa. Também as codificações CF e C podem se qualificar com o sinal +, quando expressivos de vida, beleza, alegria, paixão e amor, decaindo aos poucos em CF_{\pm} , CF_{\mp} e CF_{-} , indicando o quantum simbólico e significativo desses valores.

13.3.2 Análise das cores acromáticas

A cor escura, símbolo da cultura do noturno, codifica-se com clob, significando o claro-obsuro, como já mencionado, e os seus efeitos nas estruturas e dinâmicas das emoções. O escuro pertence à noite, à falta de luz, às tenebras onde se escondem os ladrões, os traidores, os sicários, os parceiros de um “demoníaco diabólico”, seres malevolentes encontrados nos dilemas da vida. O escuro é o locus do mistério, da incerteza, da espera angustiante, do medo que às vezes explode em terror e pânico.

A percepção de formas às quais contém esteticamente o claro-obsuro se codifica em Fclob e indica um poder de controle não apenas cognitivo, mas emocional sobre o noturno e as suas manifestações psíquicas. Indica também um poder de transformar em poesias as chamas da vida e em melodias os lamentos do luto, vejam esse exemplo: “Um papiro carregado de anos nas cavernas de Qumrán, próximas ao Mar Morto na Palestina”. O escuro do papiro indica a sua origem secular, é uma preciosidade arqueológica histórica guardada na escuridão das cavernas.

Essa percepção dada na prancha IV por um jovem arqueólogo, pesquisador de antigos documentos sagrados, desvela traços de personalidade que não apenas resistem, mas ressignificam o dramático da existência, assim codificada: G F+clob/Obj arql.

“Uma árvore seca”, na prancha IV, foi a percepção dada por uma jovem mulher em luto, traída e abandonada, a codificação é a seguinte: GF± clob/Bot, pois exprime a sua desolação frente aos dilemas da existência e à fragilidade dos seus recursos psicológicos.

“Uma noite obscura”, percepções dadas nas pranchas VI e VII por um homem acusado injustamente por um crime que não cometeu, assim codificada: G clobF-/Nat, expressivo do sentimento de pessimismo na injustiça, “a justiça se apagou!”.

As percepções de formas dadas pelas variações cromáticas na intensidade e na compenetração das cores dentro das manchas, tanto cromáticas quanto acromáticas, codificam-se com (c) e, na combinação com a determinante F, indicando sempre o controle cognitivo, configuram-se em F(c), (c)F e simplesmente (c) indicando esta última codificação uma “mancha dentro de uma mancha” formando ou não uma figura.

Artistas, mulheres mais do que os homens, “profetas” e pessoas meditativas, mediunicamente dotadas têm e manifestam esse potencial da mente e do “espírito”. F+(c) é sempre um processo perceptivo de grande qualidade; (c)F e (c) atribuídas às suas valências de qualidade (+) (\pm) (\mp), de acordo com os critérios anteriormente propostos.

13.3.3 Patologia-normalidade-excelência no campo das cinestésias

O próprio Hermann Rorschach se preocupou com a capacidade dos seus alunos e profissionais que estavam se preparando ao uso do teste em “sentir a dimensão cinestésica do ato perceptivo no sujeito submetido à interpretação”, ou seja, quem não sente e não vive dentro de si a cinestesia não tem como percebê-la ao seu redor.

Nem tudo que tem movimento exprime cinestesia na sua essência; como também pode haver cinestésias em uma postura de aparente imobilidade. Um atleta, momentos e segundos antes, em situação de espera do “sinal” que libera a partida na corrida dos 100 metros rasos, por exemplo, é aparentemente imóvel, visto de longe, estático como uma estátua, mas se pudéssemos chegar perto dele e tocar os seus braços e as pernas, ele apesar de imóvel, estaria “vibrando” de energia “contida” na iminência de uma explosão de velocidade. Esse é um exemplo da essência da cinestesia mesmo na sua aparente imobilidade.

No campo psicológico, cinestesia significa energia, que, por sua vez, é uma potencialidade para a ação como desejo e, no sentido filosófico-existencial, significa “dinamismos vitais”, interesses como Presença operante no mundo e ainda com uma “intencionalidade”, palavra essa ligada à Fenomenologia, que agrega outros significados como direcionamentos, buscas, Espera na Esperança.

Todas essas dimensões superam e transcendem o simples movimento fisiológico do corpo e de suas partes. A cinestesia no seu eidos ético significativo é uma atividade do Espírito em prol da vida e da Existência, mas também, infelizmente, a serviço da morte, na decadência da Existência, na destruição dos valores que a significam esteticamente, eticamente e religiosamente.

“Dois homens juntos levantando com força uma pedra”, resposta dada na prancha III por um jovem candidato num processo seletivo de emprego. É um exemplo de cinestesia, pois exprime um estar-junto-com revelando uma “dualidade solidária” na produtividade na reciprocidade a ser efetuada, assim codificada: DG F+ Ksimb Hdual.

“Duas mulheres, comadres fofocando a vida alheia, rindo e criticando as vizinhas”, na prancha VII, também é expressiva de uma cinestesia, embora as mulheres estejam paradas sentadas apenas conversando. Assim codificada: D/D F+ H/H Kdiab.

“Uma mulher orando”, resposta dada na prancha I por uma mulher de meia idade de bem com a vida e enfrentando com coragem as suas dificuldades. Nesse exemplo, há uma cinestesia plena, pois indica uma relação profunda com um Ser Transcendente. Uma cinestesia efetiva, portanto não é movimento em si, mas componentes psíquicos afetivos e volitivos que se integram numa palavra: “Intencionalidade”.

“Um pássaro voando”, resposta frequente na prancha V. A rigor, de acordo com a tese da intencionalidade, não é uma cinestesia plena, porque pássaro instintivamente voa; como também na percepção: “Uma águia voando entre os picos das montanhas brancas de neve”. Todas são expressivas de uma força natural não dirigida pela intencionalidade, mas pela instintividade primária vital, siglando-se, por isso, com Kan, indicando potenciais de desejos ainda não realizados. Sendo Kan/simb são os desejos autênticos e éticos e Kan/diab desejos perversos e malevolentes: ciúme, inveja e cobiça.

As cinestesias estão situadas em um continuum de dois polos: potência-impotência, efeito das forças retentivas ou protentivas nas suas possibilidades e como a pessoa deve, no decorrer da sua existência, aprender a administrá-las.

Instintos, necessidades, valores e as suas modalidades dialéticas expressivas de impulsos, condicionamentos, escolhas, determinação, volição se confluem no teste Rorschach pelas cinestésias.

Rollo May (1973) em seu livro Eros e Repressão, denomina o termo demoníaco como a energia vital, o élan vital, de Bergson (1969) e Minkowski (1961), mas foi o próprio Rollo May que distinguiu em duas dimensões e duas intencionalidades os efeitos do daemon (demoníaco) como simbólico (simbalomain) e diabólico (diabalomain), palavras de origem grega, sendo que a primeira indica ações e obras construtivas, e a segunda indica ações e obras destrutivas.

13.4 CRITÉRIOS AVALIATIVOS DA PATOLOGIA-NORMALIDADE-EXCELÊNCIA NO RORSCHACH

Como já ressaltado, a finalidade do psicograma é apresentar um quadro sinóptico (visual completo) em códigos do perfil da personalidade do sujeito e suas estruturas psicodinâmicas compreensivas também de temas de vida analisados por nomes e símbolos dados como conteúdos dos processos perceptivos projetivos, já bem detalhados no Capítulo 9.

No psicograma dos conteúdos, a fenomenologia do humano, siglada como H, deve ser devidamente registrada com rigor nas suas modalidades: humano inteiro vivente, humano na dualidade, construtiva simbólica, mítica e mística, como também o humano com outro humano em ações diabólicas e destrutivas, humano desvitalizado, deteriorado e anatômicos, tornando-se compreensivas ou na construção ou destruição de vínculos.

O mesmo vale para os conteúdos animais, A e Kan. A análise fenomenológica deve incluir também as respostas de conteúdo natureza, Nat e botânica, Bot, com as suas qualificações tanto simbólicas quanto diabólicas.

Os critérios avaliativos seguem as teorias evolutivas de Werner (1970), também as teorias do processo primário, secundário e terciário, de Freud (1969) e Arieti (1969), processos esses que são, nas suas diferentes terminologias, explicativos e descritivos do itinerário evolutivo da psique e do comportamento, como também dos processos involutivos e regressivos na fixação a estágios intermediários e muito primários, quando são de natureza patológica.

Os processos perceptivos com maior peso negativo se referem aos processos primários patológicos, quando em adultos e coincidem com a organização esquizoide, sincrética, apresentada por Werner (1970). Os processos primário-primários coincidem com a organização confusa-confabulada e indefinida de acordo com Werner (1970).

Os processos secundários coincidem e iniciam com os processos de percepção definida, discreta, clara, distinta, unívoca e não equívoca, também de Werner (1970), abertos para construções e articulações sempre mais abrangentes, que são definidas pelos processos terciários.

DG/Dbl F+C Ksimb H/Nat Orig → essa é uma estrutura protótipa do processo terciário e de máxima articulação de partes com o todo, de figura e fundo e da determinante forma, cor e cinestesia de conteúdo que combinam esteticamente conteúdo humano e da natureza de forma original. Essa combinação perceptiva receberá o valor +5.

DG/Dbl F+C Kan/simb A/Nat Orig → essa é uma estrutura protótipa do processo terciário e de máxima articulação de partes com o todo, de figura e fundo e das determinantes forma, cor e cinestesia de conteúdo que combinam esteticamente conteúdo animal e da natureza de forma original. Essa estrutura receberá o valor +4.5.

As demais codificações devem incluir nessa escala progressiva, pontuações que variam de +5.0 até -5.0.

A extensão da pontuação dos valores é passível de revisão, podendo subir para +6 ou para +10 e descer para -6 e para -10; contudo e pela minha experiência, acho suficiente a primeira extensão proposta (que varia de +5.0 até -5.0).

A atribuição de valores progride de +0.5 para mais, de acordo com cada processo de articulação tanto na região da abrangência do campo, quanto na região das determinantes, como também nos conteúdos.

Se a estrutura D F+ H vale +1.0 ponto, DG F+ H terá o valor de +1.5, porque trata-se do processo de articulação de uma parte com outra parte, que vem formando um todo unido e significativo como unidade, como na construção perceptiva na prancha II: “Dois palhaços de mãos dadas”. E se essa articulação inclui na combinação DG/Dbl F+ terá uma pontuação maior e valerá +2.0.

Como na combinação G/Dbl F+A da seguinte percepção: “Uma cara de raposa com os seus dois olhos grandes e a sua boca aberta”, na prancha I, que vale +2.0 pela combinação figura-fundo bem-vista na globalidade em G.

Numa percepção G/Dbl F+ Kan/A dual a pontuação é +4.0 ($2.0 + 1.5 + 0.5 = +4.0$).

Numa percepção G/Dbl F+ Ksimb/H dual valerá +5.0 ($2.0 + 2.0 + 1.0 = +5.0$).

As percepções em D F+C/Bot/Nat valem +1.5, por articular forma-cor com domínio de uma forma bem-vista (F+).

As percepções em DG F+C/Nat somam dois processos de articulação, sendo o primeiro na região da abrangência DG e o segundo F+C na região das determinantes, acompanhando o seguinte procedimento de pontuações:

D F+ vale um ponto (+1.0), mas articulado com G recebe mais +0.5, articulada com mais C e com F± recebe mais +0.5, totalizando +2.0 (+1.0 +0.5 +0.5).

Pelos mesmos critérios as codificações em DG/DbI/ F+C/Bot vale +3.5, indicando as seguintes construções: parte com parte, figura e fundo (DG/DbI vale +3.0), formas bem-vistas associadas à cor (F+C vale +1.5) formando um todo significativo e estético (G globalidade), totalizando +4.5.

Considerações devem ser feitas sobre os critérios de atribuições de valores às percepções com determinantes cinestésicas de conteúdo humano (K) e de conteúdo animal (Kan): K e Kan.

D ou G em K tem mais valor do que D ou G em Kan.

A percepção da vida animal é antecedente à percepção da vida humana. As crianças projetam as suas tensões psíquicas em animais, só mais tarde se identificam com humanos, contudo perceber combinando forma e cinestesia manifesta um processo cognitivo em nível secundário, quando dado em animais em relação ativa vale +1.5, quando projetado em humanos vale +2.0 (dois pontos).

O humano em relação dual como também animais percebidos na dualidade são indicativos de uma maturidade psíquica, estrutural e dinâmica, situação que justifica um valor agregado de +0.5 para a dualidade animal e +1.0 para a dualidade humana.

“Dois ursinhos brincando”, na prancha II, codificada DG F+ Kan/simb A dual, cinestesia animal em uma relação de dualidade simbólica lúdica, nesse caso são agregados os seguintes valores:

Quadro 11 – Valorações quantitativas e suas pontuações

■

+1.5	+1.5	+0.5	+3.5
DG	F+Kan/simb	A dual	Σ

■

Fonte: o autor

As cinestésias humanas projetadas e percebidas numa combinação figura-fundo bem-vistas na globalidade agregam um valor maior e quando o conteúdo é percebido numa forma bem estruturada e em relação atuante na dualidade, receberá valoração ainda maior, totalizando a pontuação máxima de +5.0 pontos, em razão da dualidade humana.

DG F+Ksimb Hdual/Lud, prancha II, na percepção: “Dois guerreiros dançando em um ritual” agrega os seguintes valores: DG (+1.5) F+Ksimb (+2.0) Hdual/Lud (+1.0) = +4.5.

Nas pranchas VIII e VII, a percepção do humano em uma relação dual construtiva, no seu importante significado dogmático e prognóstico recebem os seguintes valores:

Na prancha VIII, na posição invertida, a seguinte percepção: “Dois duendes sentados ao redor de uma mesa esfregando a lâmpada de Aladim, saindo um gênio bondoso distribuindo alimentos para a população”, codificada DG/Dbl F+Ksimb Hdual/Mit/Alim, recebe a pontuação +5.0 pontos. Sendo DG articulado com Dbl (+2.0) somado com F+Ksimb (+2.0) e somado Hdual (+1.0), totalizando +5.0. Essa construção perceptiva, considerada a melhor, recebendo a maior pontuação nesse sistema avaliativo.

Quadro 12 – Valorações quantitativas e suas pontuações

■

+2.0	+2.0	+1.0	+5.0
G/DG/Dbl	F+Ksimb	Hdual	Σ

■

Fonte: o autor

Na prancha VII, a percepção: “Duas meninas felizes balançando numa gangorra”, codificada em D/DG F+ Ksimb Hdual, recebe a pontuação de +4.0 pontos, da seguinte forma: D/DG vale +1.5, somado com F+Ksimb +2.0 e somado Hdual +1.0, totalizando +4.5.

Quadro 13 – Valorações quantitativas e suas pontuações

■

+1.5	+2.0	+1.0	+4.5
D/DG	F+Ksimb	Hdual	Σ

■

Fonte: o autor

A determinante forma (F) quando bem-vistas elevam as cinestesias ao nível do processo secundário, mas quando a forma é indefinida, indicando uma perda do controle cognitivo e cinestésico de conteúdo animal, regridem dos níveis dos processos secundários aos processos secundário-primários como no seguinte exemplo: DF± Kan/ det A, nesse caso a pontuação será +1.5, pois recebe (+1.0 + (-0.5) + 1.0) que totaliza +1.5.

Quadro 14 – Valorações quantitativas e suas pontuações

■

+1.0	-0.5	+1.0	+1.5
D	F± Kan/det	A	Σ

■

Fonte: o autor

As cinestésias humanas retentivas, codificadas em kp, entram na região dos processos primários recebendo o valor de -1.5 como na percepção: “Duas mãos pedindo socorro”, no pequeno detalhe central superior da prancha I. A codificação é a seguinte: Dd F+ Hd kp. Nesse caso, a pontuação será +1.0.

Quadro 15 – Valorações quantitativas e suas pontuações

■

+0.5	+1.0	-0.5	+1.0
Dd	F+ Hd	kp	Σ

■

Fonte: o autor

As cinestésias contendo objeto quando combinadas com formas bem-vistas, codificadas em F^+ kobj entram na região dos processos secundários e se atribuem o valor de +1.5, como no exemplo: “Um peão rolando no chão”, no detalhe branco da prancha II; quando combinadas com formas confusas, não bem definidas, codificadas em kobj $F \mp$, recebem um valor negativo de -1.5.

O conteúdo objeto sem forma nenhuma (F^-), ou seja, cinestésias sem forma, como nas percepções: “Explosão”, “Terremoto”, indicando projeções de sentimentos e ideias destrutivas, recebem valor negativo de -5.0.

Todas as respostas em Do recebem valor negativo de -4.0.

As percepções mal estruturadas em suas formas consideradas contaminadas recebem valor negativo de -3.0.

E as percepções confabuladas recebem valor o negativo de -2.0.

Embora as respostas codificadas em Do, contaminadas e confabuladas, recebam pontuações negativas diferentes, vale reafirmar que nestas três modalidades perceptivas se aplica a sigla $F \mp$.

Finalizando, a sigla $F \pm$, os valores variam entre -0.5 e +0.5. Em relação ao F^+ ,

esse vale +1.0

É uma tarefa árdua e extenuante quantificar todas as inúmeras codificações possíveis; o importante é ter critérios teoricamente fundamentados. A redução quantitativa dos processos perceptivos tem grande utilidade para avaliar e estabelecer os níveis de maturidade psicológica pela distribuição das operações psíquicas nas regiões dos três níveis progressivos da maturidade psíquica, como já explicitados: processo primário, processo secundário e processo terciário e suas graduações.

Desta forma, apresento um modelo de tabela, onde poderão ser anotadas as codificações na coluna Estruturas Dinâmicas da Personalidade Codificadas, que justifiquem as pontuações dadas nas dez pranchas, conforme os critérios avaliativos dos níveis de desenvolvimento e da organização psíquica, de acordo com as teorias evolutivas de Werner (1970) e as modalidades expressivas do processo primário, secundário e terciário de Freud (1969), Piaget (1970) e Arieti (1969).

Tabela 16 – Estruturas dinâmicas da personalidade

■

Níveis de desenvolvimento e da organização psíquica	Pontuação	Estrutura
Freud/ Piaget/ S. Arieti	H. Werner	
Terciário Superior	Integrado	+ 5.0
		+ 4.5
		+ 4.0
		+ 3.5
Terciário	Articulado	+ 3.0

(criatividade)		
	Discreto	+ 2.0
Secundário	Discreto	+ 1.0
(princ. de realidade)		+ 0.5
Primário	Difuso/ Confuso	- 1.0
(neurose)		
	Sincrético	- 2.0
Primário-Primário	Sincrético	- 3.0
	Sincrético	- 4.0
Primário-Patológico	Esquizoide	- 5.0
(psicose)		

■

Fonte: o autor

Exponho aqui as seguintes observações sobre os processos de codificação nas dimensões quanti-qualitativas do conjunto de respostas dadas no itinerário perceptivo projetivo.

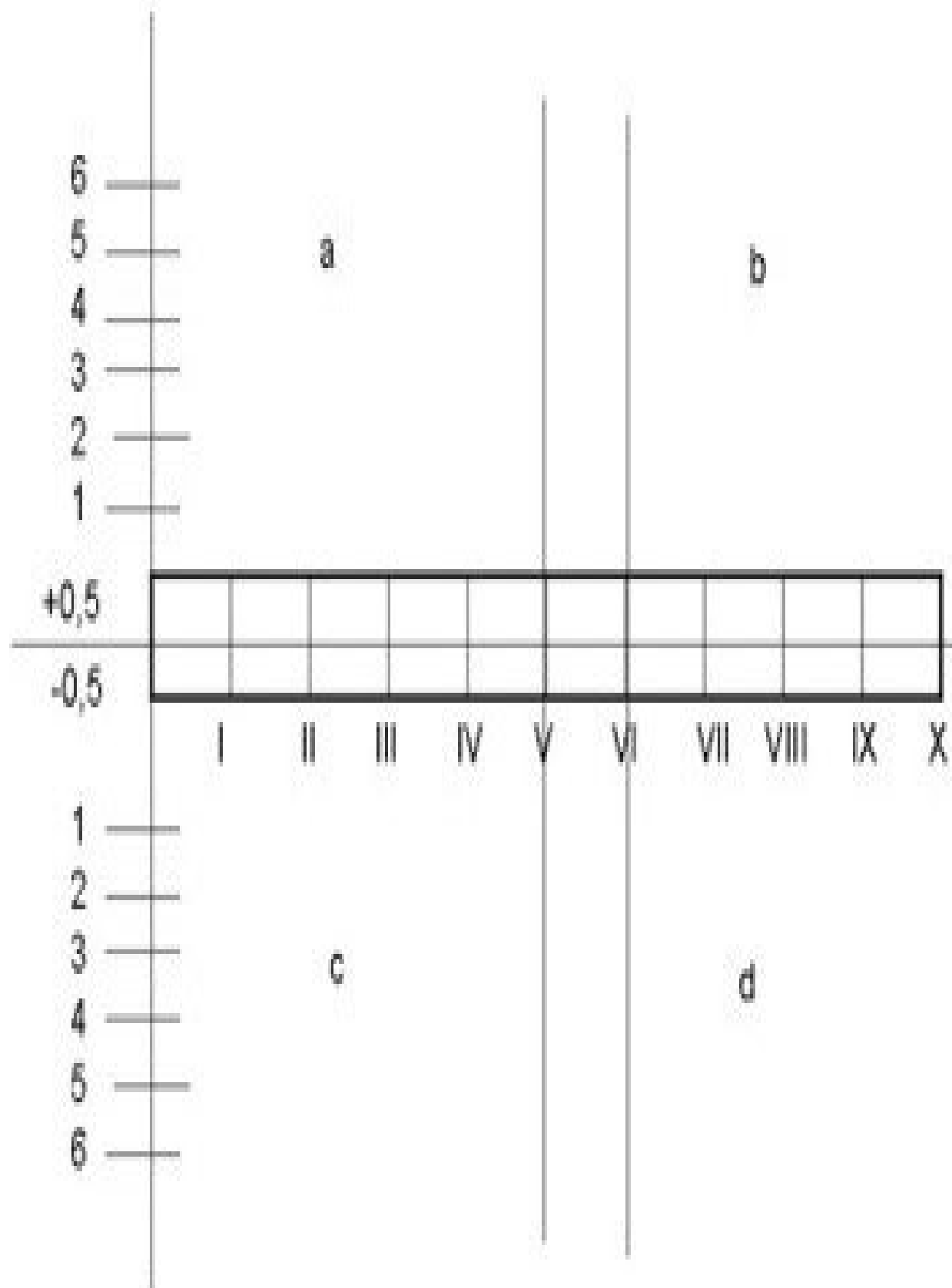
As medidas quanti-qualitativas desses processos perceptivos das manchas nem sempre respondem ao exigido pelas complexas modalidades do pensar, do sentir e do fazer das personalidades, onde e quando normalidades se combinam com quadros patológicos como também podem se combinar com quadros de excelência indicativos dos itinerários dos processos psicológicos do nível primário-primário que se elevam aos processos primários-secundários e gradativamente aos processos terciários expressivos este último de criatividade e de originalidade.

São dados, nesta minha obra, alguns modelos, como também esse último quadro proposto como uma amostragem possível, ficando aberta para alternativas de padronização, estudos e pesquisas futuras. Contudo, as formulações quantitativas nem sempre são suficientes para uma compreensão global dos processos, na dimensão da consciência e do inconsciente, na história de vida de cada pessoa, nos seus múltiplos e complexos mistérios.

13.5 UTILIZAÇÃO DOS DADOS QUANTITATIVOS NOS POSSÍVEIS GRÁFICOS REPRESENTATIVOS

Estou propondo um novo esquema de psicograma sem contudo, dispensar o psicograma tradicional. Nesse esquema, os dados são colocados no gráfico a seguir, composto por duas retas: a coordenada e a abscissa, formatando áreas de experiências nos níveis primários, secundários e terciários.

Figura 17 – Gráfico do quanti-qualitativo no itinerário perceptivo



Fonte: o autor

Na coordenada que corresponde à linha horizontal, posicionam-se as dez pranchas. Nas duas abscissas, linhas verticais, superior e inferior, registram-se os valores positivos e negativos, respectivamente, acumulados em cada prancha que se referem ao processo secundário e terciário (a, b), sendo que na região inferior (c, d) se referem aos processos primário-primários e primário-patológicos.

As linhas divisórias que passam nas pranchas V e VI dividem o gráfico em quatro regiões: a, b, c, d.

As regiões “a” e “b” situadas na parte superior representam os processos secundários e terciários no itinerário de um tempo contínuo antecedente, na região “a” e subsequente na região “b” e são as regiões consideradas positivas no prognóstico interpretativo e do quantum de maturidade mental do sujeito avaliado.

As regiões “c” e “d” representam os processos primário-primários e os processos primário-patológicos e como quantitativamente se distribuem no itinerário de um tempo e são as regiões consideradas negativas no prognóstico interpretativo e do quantum de patológico manifesto nas estruturas mentais em efetuação.

Dessa forma, é possível mensurar a performance no tempo, variável ou fator psicológico que responde à temporalidade, experiência relevante na compreensão do comportamento humano, quando lançado para frente, ou seja, protentivamente ou quando fixado, preso e retido, retentivamente, no passado ou em um presente imóvel, estagnado.

Outro procedimento para a compreensão da Fenomenologia da temporalidade é comparar quantitativamente o total algébrico, o quantum de respostas dadas na primeira metade das dez pranchas (da prancha I até V) com a segunda metade (da prancha VI até a X). Se a primeira metade registrar valores maiores e a segunda metade de valores menores, é indicativo de uma decadência do comportamento na experiência do tempo vivido, contudo se a primeira metade registrar valores menores e a segunda metade valores maiores, é indicativo no perfil da personalidade de uma progressão evolutiva e maturativa no enfrentamento do tempo, na dimensão da Esperança.

$n^{\circ} a = n^{\circ} b \rightarrow$ estabilidade dos processos secundários e terciários.

$n^{\circ} a > n^{\circ} b \rightarrow$ indicativo de decadência dos processos secundários e terciários.

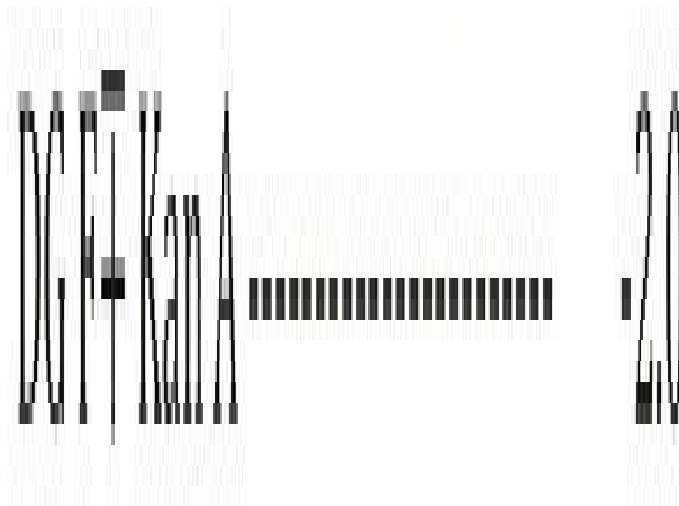
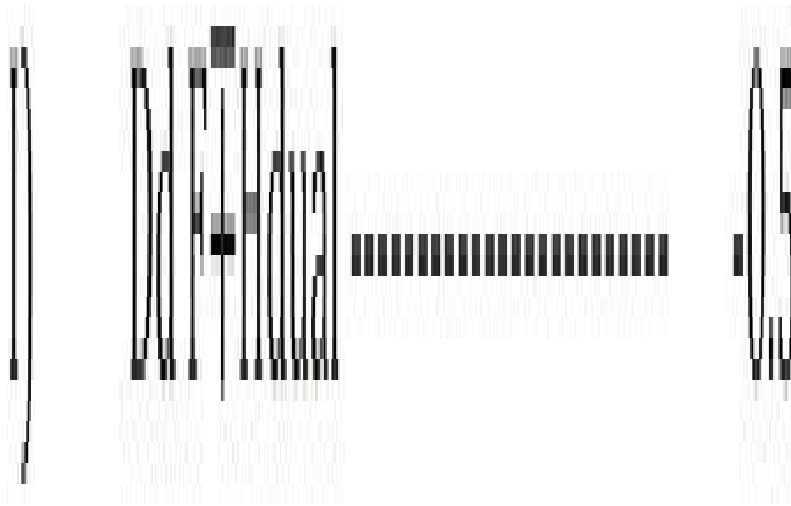
$n^{\circ} a < n^{\circ} b \rightarrow$ indicativo de progressão no tempo dos processos secundários e terciários.

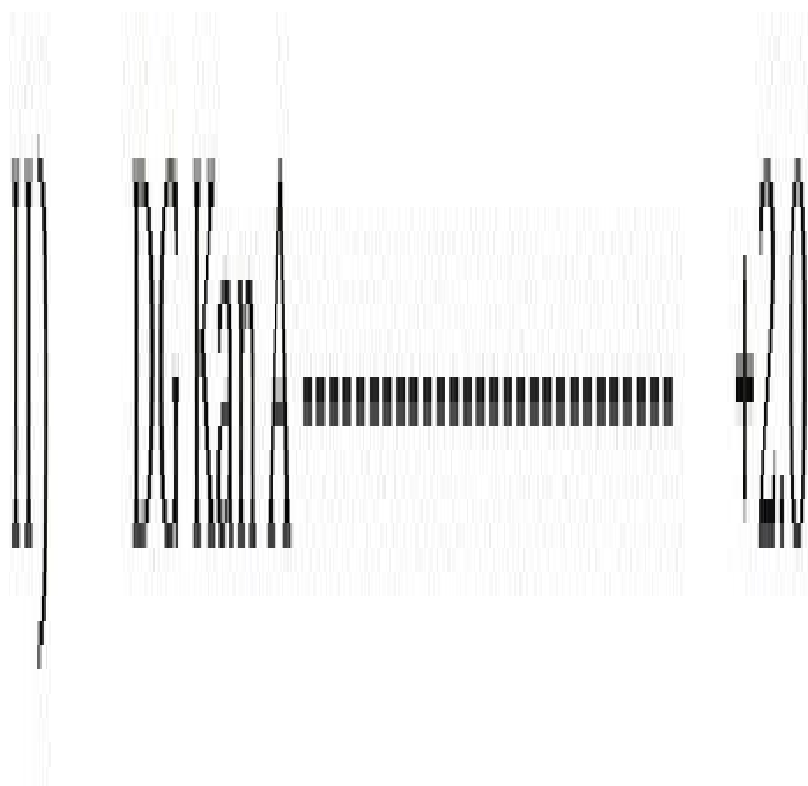
$n^{\circ} c = n^{\circ} d \rightarrow$ indicativo de uma estabilidade na linha dos processos primário-patológicos e primário-primários.

$n^{\circ} c > n^{\circ} d \rightarrow$ indicativo de uma melhora na linha dos processos primário-patológicos e primário-primários.

$n^{\circ} c < n^{\circ} d \rightarrow$ indicativo de um agravamento da dimensão patológica mental dos processos primário-patológicos e primário-primários.

13.6 UTILIZAÇÃO DOS DADOS QUANTITATIVOS: OUTRA PROPOSTA

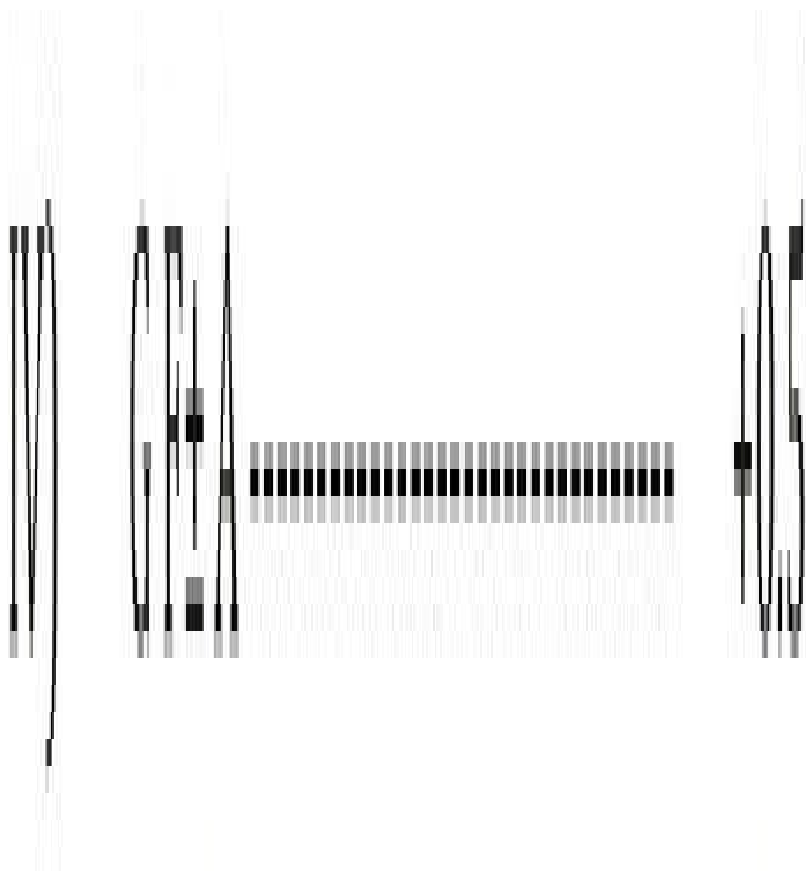


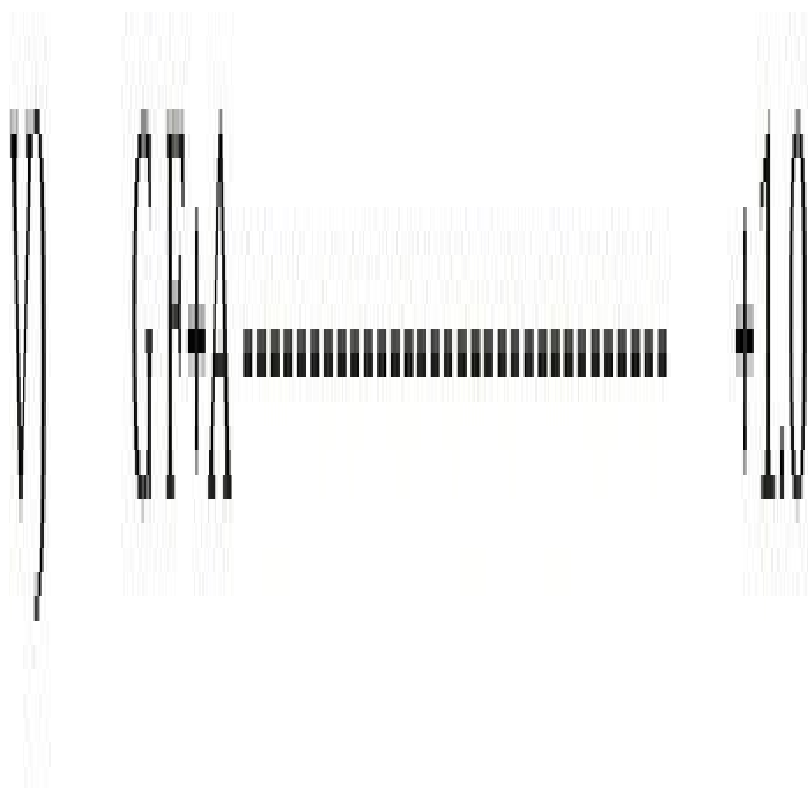


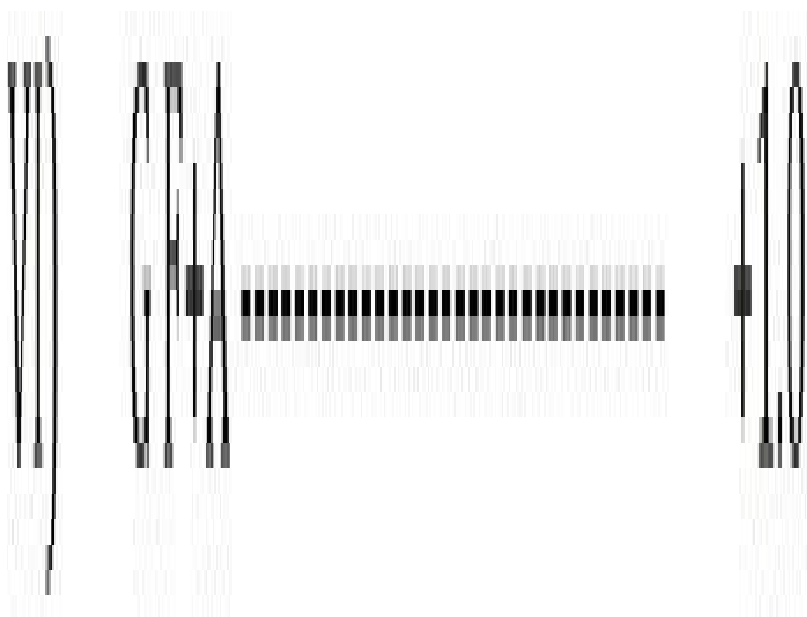
$$\text{III) } \text{DF} + \text{A} \text{-----} +10$$

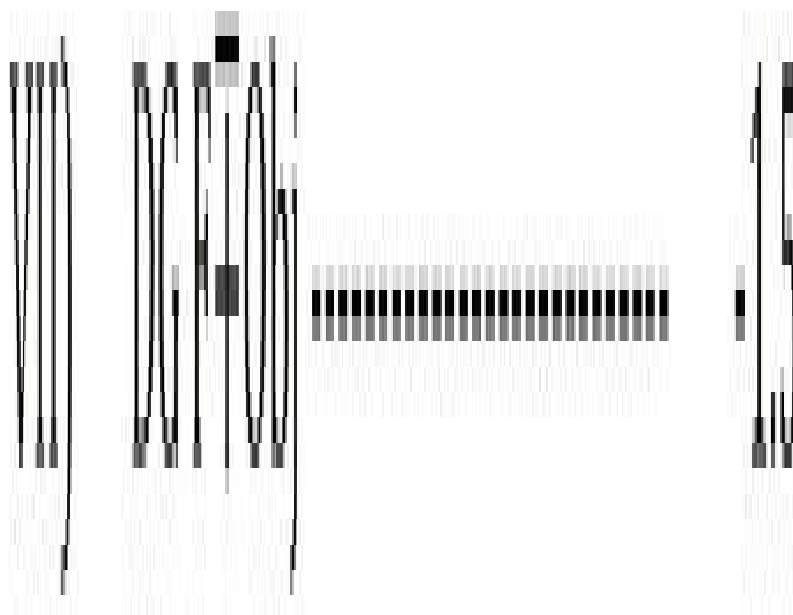
$$\text{DF} + \text{A} \text{-----} +10$$

$$\text{DG F} + \text{dob H/desv} \text{-----} -30$$









VIII) DGF-C/Nat 20

IX) DGF-C/Nat 05

$$\text{IX) } D/D(F+Obj) \cdots \cdots \cdots +15$$

$$D F+C kobj \cdots \cdots \cdots +10$$

$$D F+Ksimb(H)mit \cdots \cdots \cdots +20$$

X)

DF+A

.....

+1.0

DF+A

.....

+1.0

DF+A

.....

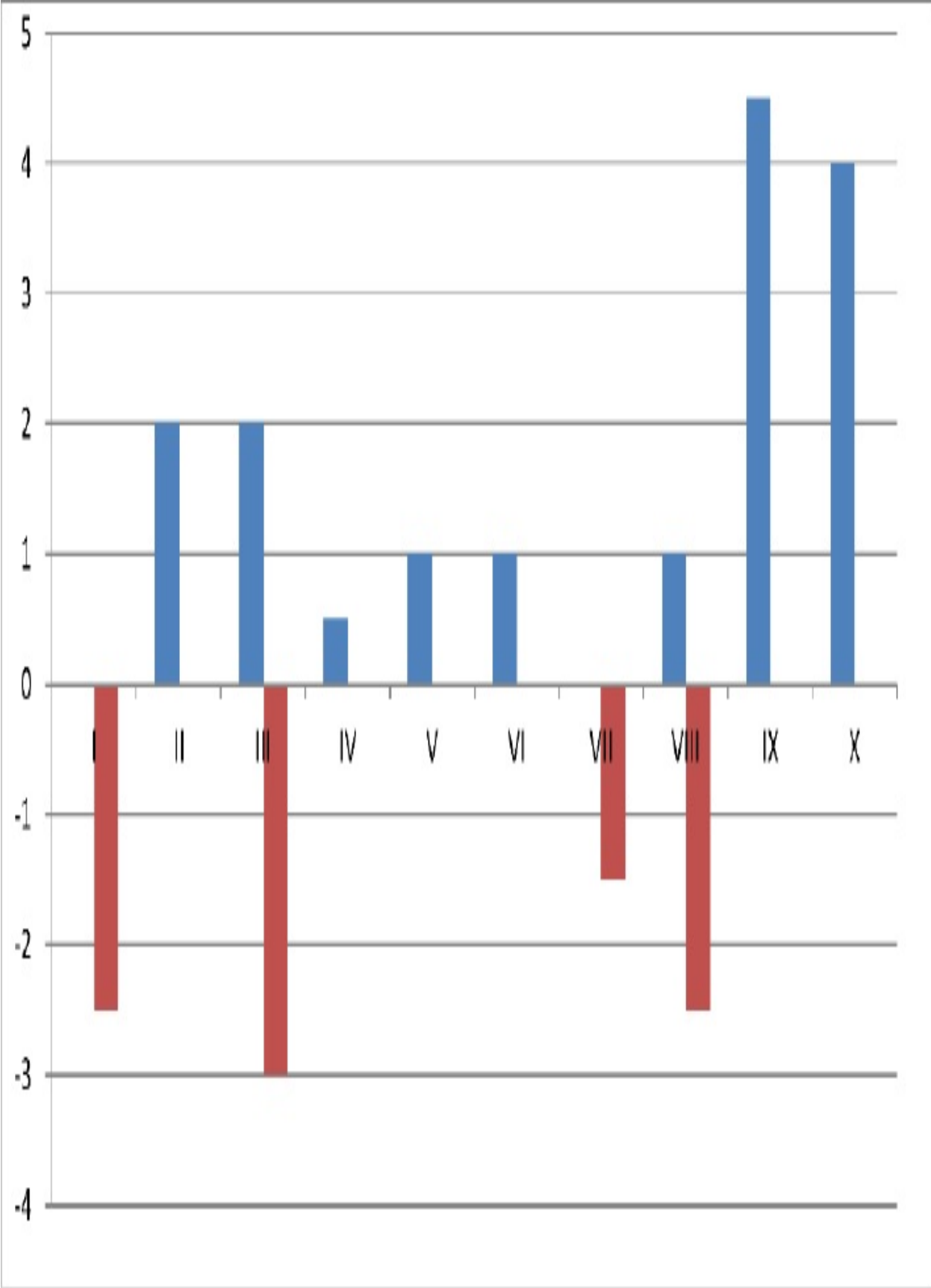
+1.0

DF+A

.....

+1.0

Figura 18 – Tabela representativa nos processos perceptivos e projetivos quantitativos no itinerário do tempo da primeira à décima prancha



Fonte: o autor

13.7 CRITÉRIOS DE NORMALIDADE NA RELAÇÃO ENTRE OS PROCESSOS PRIMÁRIO, SECUNDÁRIO E TERCIÁRIO

O processo secundário deve ser dominante porque indica um gerenciamento da realidade competente, expressando lógica, objetividade, razão, sensibilidade, comunicação e empreendimentos operativos.

Em fórmulas proporcionais, 2/3 das estruturas psíquicas deveriam pertencer aos processos secundários em elevação ao nível terciário, compreensivos das percepções de nível discreto e articulado, de acordo com as proposições de Werner (1970); 1/3 das restantes estruturas se dividem entre o nível dos processos primários e os processos terciários de grande integração associativa, partes com partes constituindo um todo, forma — cinestesia — cor percebidas, constituindo figura e fundo e melhor quando dotadas de originalidade (Dbl F+ intra ou extramacular).

O conteúdo humano deve se realizar necessariamente nas pranchas II, III e VII, mas se qualificando construtivamente nos símbolos H_{dual}/K_{simb}.

As fórmulas H K_{diab} ou H/H K_{diab} na dimensão ética são paradoxais, indicando uma energia psíquica intencionalmente dirigida e aplicada à execução de atos perversos, destrutivos da vida e de vínculos, nas relações interpessoais.

Os conteúdos animais (A) acompanham, no processo de avaliação diagnóstica, as formulações dos conteúdos humanos, ressaltando, porém, que para um diagnóstico positivo e de qualidade ética, esses conteúdos devem manifestar tendências e desejos construtivos: lúdicos, ternurosos, de amizade e

solidariedade, assim codificadas: A Kan/simb. Podendo ainda, agregar-se e enriquecer esse diagnóstico positivo a percepção da dualidade no conteúdo animal: A dual Kan/simb, expressivo de potencialidades, muito comuns em protocolos de crianças e num processo educativo, ético e amoroso.

Os conteúdos natureza devem expressar vitalidade exuberante, estética, e isso só se dá quando combinados com cores cromáticas, mas também acromáticas, desde que essas últimas não expressem experiências de um noturno carregado de violência e de terror. Composições grotescas de humanos, animais e natureza são expressivas de uma experiência confusa, caótica e degradada.

Os conteúdos de objetos não devem manifestar agressividade destrutiva, desorganização, desordem, catástrofes, como objetos contundentes, perfurocortantes, objetos explosivos, de demolição, inconsistentes e em queda. Devem ser denominados com clareza nas suas ordens, nas suas tecnologias e nos seus efeitos quando construtivos, defensivos, curativos e com finalidades benéficas.

CAPÍTULO 14

FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO COMPREENSIVO DO RORSCHACH

A Fenomenologia não é uma filosofia, mas é um método para conduzir o pensar filosófico, especialmente quando esse pensar tem como objeto as essências das coisas nas suas formas singulares de existência.

O Existencialismo fez esta exigência apelando para as epistemologias a sua própria episteme; nasceu assim a Fenomenologia Existencial, e na estruturação rigorosa dos seus procedimentos metodológicos estão grandes mestres: Von Brentano, Husserl, o seu discípulo Heidegger, os psiquiatras K. Jaspers, Binswanger e Minkowski, o psicólogo Merleau-Ponty e, mais recentemente, Gaston Bachelard.

A Fenomenologia como método não se aplica apenas à filosofia existencial, mas a todas as ciências que têm interesse ao homem, às suas experiências interiores, ao seu comportamento, às suas formas de viver, à sua cultura e à sua história tanto singular quanto como autor e efeito de uma História maior.

A Fenomenologia é método eletivo para todas as ciências humanas: a Psicologia, a Psicopatologia, as Ciências Forenses, as Ciências Sociais e as Ciências que se aplicam à educação do homem.

Nós psicólogos, estamos à espera de que também a Psiquiatria dialogue com a Psicopatologia e a Psicologia Existencial, porque se está comprovado o dito latino, do filósofo Juvenal: “mens sana in corpore sano”, significando que nessa definição o corpo é a variável independente e a mente é a variável dependente;

vale também e está comprovado o inverso: “corpus sano in mente sana”, que significa afirmar que a mente é a variável independente e o corpo é a variável dependente, dito meu, como fenomenólogo.

As duas dimensões operativas devem sempre estar em sintonia e diálogo, apelando para uma Transepistemologia.

14.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA FENOMENOLOGIA

É consciência intencional aquilo que se dirige ao íntimo, ao profundo das coisas, às suas essências singulares, individualizantes, às suas estruturas constitutivas; mas também é consciência intencional o que se dirige à compreensão de uma coisa com outra coisa, de um sistema, articulando-se com outros sistemas, constituindo-se em sistemas maiores, formando Unidades na Totalidade das partes que a constituem.

A Fenomenologia é ciência compreensiva e não apenas ciência puramente interpretativa a mando de uma subjetividade egocêntrica.

Para a Fenomenologia, interpretar é apenas um revelar o “em-si” do objeto percebido; a consciência intencional torna-se consciência do objeto até no seu inconsciente.

Nós humanos, diria Bateson (1986), somos consciência de todos os seres do planeta Terra e do cosmo; esse mestre também deve ser considerado um fenomenólogo. A Ecologia, como ciência que estuda sistemas e relações de sistemas, é pura Fenomenologia; o Estruturalismo antropológico, antropométrico de Strauss (1976), é também impregnado, nos seus procedimentos metodológicos, de Fenomenologia.

O ato, no momento compreensivo, exige a suspensão de todo o a priori interpretativo da consciência intencional do sujeito que se dirige à coisa, a fim de não a contaminar com o seu subjetivismo, com a sua singular forma mentis, com o seu tipo lógico, com as categorias lógicas do seu âmbito cultural, social,

ideológico e epistemológico-teórico e dogmático também.

Cada coisa, cada objeto da realidade, ocupa sua própria região significativa; Husserl (1959) diria que cada “ente existente, vivente” ocupa diferentes regiões ontológicas reveladoras de significados; mas que, e por isso, cada coisa no seu próprio “em-si” exige a sua específica abordagem compreensiva.

Perceber, por exemplo, as manchas vermelhas na prancha II e III e interpretá-las com o nome: “Sangue” pode significar diferentes situações experienciais-emocionais em diferentes sujeitos: efeito de um ato violento e sangrento para um e alegria mobilizada por um símbolo expresso da vida, no seu renascer, para outro. Como já referido em falas anteriores deste meu texto é significativo relembrar as seguintes percepções.

Uma criança de cinco anos vítima de atentado violento ao pudor exclamou horrorizada ao perceber o vermelho na prancha II: “Sangue! Dói tanto, que dor!”. Na prancha IX, a mesma criança interpretou as manchas verdes contaminadas pelos esfumaçados amarelos com esta expressão: “Sangue podre! Nojo!”. Na perícia judicial se confirmou ter sido vítima de abuso sexual desde os três anos de idade.

Interpretando as manchas vermelhas na prancha II e na prancha III, uma cirurgiã plástica exclamou com alegria e entusiasmo: “Sangue vivo... dá para fazer a plástica!”.

Coisas iguais podem mobilizar sentimentos diferentes, de acordo ou em sintonia com diferentes histórias de vida.

O método fenomenológico exige que o processo compreensivo de estruturas dinâmicas e temáticas dos dados seja iluminado pela transparência de uma história de vida e dentro desse contexto. A história de vida do sujeito deve ser um a priori no início do processo interpretativo compreensivo diagnóstico.

Os símbolos e os nomes que os indicam são manifestações de experiências existências únicas da singularidade do sujeito. Como exemplo: “Espada”, percepção frequente na prancha VI, “...fincada na rocha...”, como comentário descritivo, significa tanto em um contexto “simbólico” quanto em um contexto “diabólico”, como instrumento defensivo protetivo e como instrumento agressivo destrutivo.

Essas diferenças radicalmente opostas são colhidas no contexto de uma história de vida interior, pela intuição sensível do profissional, aberto e fundamentado por uma abordagem fenomenológica analítico-existencial, aplicada às experiências de vida do sujeito submetido ao diagnóstico.

Nesse procedimento, próprio da Fenomenologia, os dados colhidos no Rorschach iluminam compreensivamente a história de vida; há também o recíproco: os significados emergentes de uma história de vida aprofundam a compreensão dos dados obtidos em cada prancha.

A percepção do humano é uma categoria expressiva de um existencial maximamente abrangente, mas os seus existências como vivências próprias singulares são indicativos de diferentes experiências, por exemplo: o humano no seu belo estético vivente; o humano, em pedaços, membros e anatomias; o humano grotesco; o humano narcísico; o humano em sua relação dual, construtiva, solidária na dualidade ou antagônica destrutiva competitiva (H/H).

Lamentamos o costume de generalizar as percepções do humano apenas com

restritas codificações em Hd, Hdesv, Hdet... desconsiderando as múltiplas maneiras de viver e de operar, como: Homo Ludens, Homo Sapiens, Homo Faber, Homo Politicus, Homo Eticus; englobando todas as possíveis regiões ontológicas de um experienciar o humano nas suas múltiplas possibilidades significativas.

A Fenomenologia é a ciência da intuição e propõe por isso uma compreensão da determinante cinestesia, de acordo também com o próprio Hermann Rorschach que questionava a redução das cinestesias a puro movimento muscular ou gravitacional, propulsivo dos corpos.

Cinestesia, no seu eidos significativo, é intencionalidade, é desejo, disposição, tensão, abertura (H Ksimb) e, infelizmente é também a perversão de todas essas dimensões e os seus efeitos desconstrutivos ou como “vítima” do agente “diabólico” (kp) ou mesmo como autor da destrutividade (H Kdiab).

O experienciar humano para a Fenomenologia da existência é denso, intenso, amplo e abrangente. A dimensão do infinito e do misterioso não pode ser apenas contida nas palavras dadas à nossa comunicação.

O indizível, o inefável, o silêncio e suas expressões corporais (mímicas, fisionômicas) são a linguagem do indizível; contudo nós profissionais devemos fazer de tudo na interpretação e compreensão destes comportamentos, para além dos limites das nossas possibilidades.

Conter o indizível em palavras, em novas palavras nos seus neologismos ou em códigos, simbolicamente impregnados, é um esforço ímpar e, ao final, pode se reconhecer a sua impotência; por isso é importante, à medida que evolui e se aprofunda a nossa capacidade intuitiva, propor inovações ao processo de codificação.

Para essa tarefa, a Fenomenologia orienta para o seguinte procedimento: codificam-se os contextos dos processos compreensivos, articulando a abrangência da Presença na percepção de formas colhidas apenas nas figuras cromáticas e acromáticas e/ou colhidas na combinação com o fundo branco; ou percebidas apenas no branco e tudo isso agregando a compreensão dos processos cognitivos, emocional-afetivos e conativos com fundamentos nos conteúdos das formas percebidas.

A Fenomenologia compreende a mente nos seus estágios evolutivos e nas suas estruturas e dinâmicas psíquicas, diferenciando as suas fases e os seus estágios. O estágio de uma Presença aos seus inícios, é confusa, indefinida como se e quando a realidade e os objetos que a determinam perambulassem nas neblinas dos amanheceres à espera da luz do sol.

Seguem os processos de uma Presença esquizoide quando também a realidade se revela composta em fragmentos, de apenas um fragmento, ou por uma miríade de fragmentos sem nexos, sem relações e interações e que confundem a Presença e a deixam na impotência originária.

Seguem os processos de uma Presença sincrética como incipiente tentativa de unir fragmentos e partes de um Todo preexistente como Unidade “a priori dada”, e que exige ser aceita, mas que, nesse início, as combinações são incompatíveis, esteticamente e funcionalmente absurdas, estruturalmente contaminadas e temporalmente confabuladas.

São contudo, para uma mente ao seu amanhecer, processos preparatórios de uma Presença operante na sua maturidade biopsicossocial; esses processos iniciais da formação da mente e da experiência constituem-se como processos primários, que caracterizam a mente de qualquer criança nos seus primeiros meses e anos de vida.

Na fase adulta, quando a mente regride a esses estágios iniciais, decai nas configurações que caracterizam a psicopatologia tanto por um adoecer sintomático mental, quanto por transtornos psíquicos e éticos da personalidade, na sua fase adulta.

A mente, na fase operante da sua maturidade, controla cognitivamente, intencionalmente e volitivamente cada objeto da realidade, percebendo-o e intuindo as suas estruturas, suas características, exigências, e potencialidades relacionais.

A Presença domina o campo operando com consciência, inteligência, intencionalidade e responsabilidade, respeitando a ordem natural das coisas e aberta às suas necessidades e exigências. Vale lembrar uma sentença de Heidegger (1953): “a Presença é a categoria a priori da Existência”, como já falado.

“Rem tene, verba sequentur”, afirmava Catão, jurista e advogado romano, cuja tradução ad litteram é: “a coisa na mão, as palavras vem em seguida”. Dar nomes apropriados às coisas indica também a competência em interagir com elas, discriminar, discernir, colher as diferenças; essa é a função da inteligência analítica no controle da realidade, que eleva o psiquismo em um nível ainda superior do antecedente, e assim é denominado com o termo “processo secundário”.

Esse nível de controle cognitivo da realidade não é o último, contudo, é o básico para a mente se elevar a níveis operativos superiores: articulando, combinando, compondo, integrando diferenças e opostos, criando sistemas em relação com mais sistemas, formando sistemas maiores, próprios dos processos mentais até aos níveis terciários.

O processo secundário se abre para esses processos mais elevados pelos quais a inteligência penetra na complexidade da realidade e na compreensão também das suas, nem sempre previsíveis, mutações e transformações, aproximando-se com os seus potenciais a um pensamento hipotético imaginário e criativo, nas dimensões não apenas complexas, mas misteriosas da realidade, aos limiares extremos da Imanência com a Transcendência e seus mistérios.

A Fenomenologia exige atenção a esses itinerários da Presença como mente operante. Foi o psiquiatra Arieti (1969), que denominou esses processos com o termo terciário, superando a bipolaridade dos processos primários e secundários, de Piaget (1976).

Esse processo terciário, maximamente integrativo, manifesta-se com a seguinte codificação: DG/Dbl/F+C/Ksimb Hdual/A/Nat/Obj, indicando articulações sistêmicas e sistemáticas dos objetos do campo perceptivo, partes com partes, figuras e fundos, polaridades opostas e distantes, formando um Todo na ordem funcional e estética da Unidade, intervindo simultaneamente com os processos cognitivos, conativos e emocionais, agregando seres e entes existentes nas suas diversidades do mundo humano, animal e da natureza vivente e com objetos da tecnologia e da arte, numa dimensão construtiva e defensiva.

No instrumento Rorschach, reduzir, simplificar, decompor percepções complexas em duas ou três percepções simples significam um desrespeito a uma inteligência superior, capaz não apenas de analisar diferenças, mas de agregá-las, em conjuntos sistêmicos estéticos, significativos, próprios de uma mente megassistêmica.

Diria Bateson (1986) que essa inteligência é própria de uma Mente Ecológica, aos opostos de uma mente analítica, microanalítica, e na sua patologia de uma mente esquizoide.

A Fenomenologia, contudo, tem maior cuidado com a singularidade da unicidade incomparável e significativa do Ente existente, do humano, na sua subjetividade e singularidade.

A consciência intencional se dirige com atenção a essas dimensões existências do sujeito existente, dispensando ou retraindo procedimentos comparativos e normativos, classificatórios para favorecer a compreensão do íntimo experiencial, individual, único e incomparável. Essa abordagem tem uma leitura não apenas do complexo, mas também do existencial, individual-singular, mesmo quando o indizível, o inefável constringe o sujeito a um discurso confabulado.

A verdade não tem na sua pura lógica formal a garantia única da sua afirmação e preservação; os loucos têm também uma razão para a sua própria loucura, porque nela pode se esconder uma verdade e até sua causalidade, no segredo das suas histórias de vida; mas proibida para os adeptos e defensores de uma rigorosa, severa e punitiva lógica da pura razão, pois “Veritas filia temporis”, sentença da sabedoria clássica que significa: “a Verdade é filha do tempo”, no seu itinerário autenticamente vivenciado.

Diria o já mencionado Bachelard (1989), confirmado por Bateson (1986), que: o que nós, na nossa maioria normotípica e impositiva, denominamos de loucura, são apenas “tipos lógicos” alternativos dominantes.

Artistas, poetas, místicos, profetas, em avaliações psicológicas ou até submetidos aos Rorschach, foram muitas vezes classificados pelas suas exaltações e seus devaneios, rotulados de sintomas esquizoides e às vezes até de esquizofrenia. Dessa forma, saliento que a Fenomenologia respeita as diferenças quando expressivas de visão de mundos culturais e sociais próprias; valorizando-as, quando reveladoras de algo alternativo e significativo, dispondo-se e abrindo-

se para relações respeitadas, solidárias e colaborativas.

Quando apresentei os relatórios dos dados Rorschach, da minha tese doutoral, aplicada às tribos indígenas do Brasil, fiquei perplexo frente a juízos e avaliações sumariamente desclassificatórias na comparação com os “parâmetros” das populações brancas europeias.

Os indígenas das tribos Xavante, nos processos perceptivos, projetivos e compreensivos das manchas de tinta do teste de Rorschach, nas suas construções cognitivas emocionais e conativas, com evidência, diferenciam-se quando comparados com os mesmos processos de outras tribos, entre tantas: Yanomami, Avá-Canoeiro, Pataxó, Potiguára, Guarari, Caingangues, Terena, Guajajara, Karajá, Krahô e os Uru-Eu-Wau-Wau, esta última tribo considerada como primitiva; é de fato primitiva por não terem declarado nenhuma percepção de humanos, a prevalência exclusiva eram conteúdos animais e da natureza.

Cada etnia indígena, na sua própria região, mobiliza suas memórias ainda atuantes de herança e tradição secular; dispondo de uma própria forma mentis operante em sintonia com os seus mitos, ritos e costumes, satisfazendo suas necessidades e exigências nas experiências da vida.

O antropólogo Geertz (1988) deve ter sido orientado pelo significado orientativos dos fundamentos da Fenomenologia para uma compreensão empática das culturas indígenas do planeta Terra. O Rorschach, na sua perspectiva Fenomenológica, dispõe-se e se abre para as interpretações em várias linhas teóricas e metodológicas da Psicologia entre elas: Behaviorismo, Psicanálise, Estruturalismo, Gestalt-terapia e Cognitivismo, em sintonia com as teorias médico-psiquiátricas, dirigidas também por válidos e consistentes pensamentos filosóficos.

A Fenomenologia convida os profissionais da saúde mental para um diálogo multidisciplinar e reciprocamente colaborativo, na compreensão sistêmica dos dados e seus casos, articulando métodos quantitativos com métodos qualitativos, produzidos por suas diferentes e próprias abordagens.

Essa linha teórica, nas suas abordagens, como método transdisciplinar, é insubstituível no uso do Rorschach, na interpretação, na compreensão e, com muita propriedade, na avaliação diagnóstica do sujeito, seja na condução psicoterapêutica resolutiva de casos com suas específicas demandas, como também nas áreas jurídicas e periciais, sendo estas últimas muito complexas e desafiadoras para nós psicólogos, na atualidade, exigindo uma sistematização e um rigor na solução dos seus múltiplos dilemas.

CAPÍTULO 15

NORMALIDADE E PATOLOGIA NO RORSCHACH

15.1 FENOMENOLOGIA DA PATOLOGIA

Uma expressão quase universal e muito esclarecedora para esta temática é: “Uma andorinha só não faz verão”, isso significa que um diagnóstico em psicopatologia se constrói aos poucos, relacionando partes com partes, definindo, correlacionando estruturas para esclarecer conjuntos impróprios nos níveis temperamentais, caracteriais e intencionais da personalidade.

A esquizofrenia, por exemplo, tem sua própria configuração, que a distingue da epilepsia; mas um elemento de uma configuração pode estar presente em uma outra, por isso, qualquer diagnóstico finalizado ao reconhecimento específico de quadros psicopatológicos exige um estudo assertivo de correlações entre fenômenos perceptivos e projetivos e seu enunciado.

Não se pode deixar de considerar no Rorschach uma variedade ampla e muito importante de categorias, denominadas “fenômenos particulares”, nos seus profundos significados, quais sejam: as reações de choque nos seus variados tipos; a rejeição da prancha; queda abrupta do poder interpretativo; aumento significativo do tempo de latência; baixo número de respostas; abstrações deliroides e confabuladas e as percepções de detalhes oligofrênicos desconstruindo a unidade na sua globalidade.

O elemento psicopatológico em Rorschach é a codificação de uma operação mental considerada imprópria e defeituosa, quando comparada e considerada com a média dessas operações dadas por sujeitos normais e colhidas em seus protocolos.

Já foram dados indicadores de psicopatologia, agora convém aqui relembrá-los, apresentando-os como elementos negativos que podem ser compensados ou neutralizados por outros elementos estruturantes, como apresento a seguir:

$F \mp \rightarrow$ é uma forma indefinida, equivocada, indicativa de uma atividade intelectual cognitiva desadaptada e pobre, provocando percepções contaminadas e confabuladas e os chamados, detalhes oligofrênicos (Do). Esse elemento, $F \mp$ entra também em tantas outras estruturas psicopatológicas, lembrando que, quando o sistema intelectivo-cognitivo é atingido e invalidado, todos os processos mentais padecem, porque a função mental dominante é a cognitiva, assim atinge também com isso as estruturas emocionais, afetivas e volitivas da personalidade.

Apenas uma forma malvista, não pode ser considerada indicativa de um quadro de déficit mental; mas será, quando configurado na seguinte proporção e relação:

$\Sigma F \pm F \mp > \Sigma F+$ \rightarrow essa relação de estruturas no protocolo concorre na definição assertiva de uma pobreza mental e cultural, em nível patológico; quando, porém, trata-se de crianças e adolescentes, pode ser indicativa de uma gradual evolução, nas suas etapas de desenvolvimento e de um estágio progressivo no amadurecimento cognitivo e mental da personalidade.

Porcentagens altas de $F \mp$ ou $F-$ (negação de formas) por si se configuram como estruturas indicativas de demência nos efetivos déficits mentais, por exemplo, indicativos de específicos quadros esquizofrênicos, ainda em efetuação ou já estruturados.

$G F \mp \rightarrow$ é a resposta global, associada à uma forma malvista. Indica uma queda da inteligência categorial-dedutiva no seu déficit penetrativo e intuitivo de partes que se integram estruturalmente formando uma unidade na sua significativa

globalidade; são respostas indicativas de processos dissociativos e desintegrativos, próprios da esquizofrenia, codificando-se em Do.

$\mathbb{G} \rightarrow$ é também mais um elemento que caracteriza os processos iniciais de desestruturação das unidades da realidade. O total de resposta \mathbb{G} se apresenta como uma estrutura patológica de uma mente, que, no seu déficit, exclui e elimina partes estruturantes de uma unidade que se forma como tal, com evidência imediata em uma mente isenta de transtornos.

$D F \mp \rightarrow$ quando se caracteriza a proporção: $\Sigma D F \mp$ e $\Sigma D F \pm > \Sigma D F +$ trata-se de uma estrutura que evidencia deficiências dos processos analíticos, nas suas combinações, com as seguintes outras estruturas: $\Sigma G F \pm \Sigma G F \mp > \Sigma G F +$ e $\Sigma D F +$, manifestando em todas estas uma perda da inteligência prática pragmática e operativa.

$Dbl F-/Dbl F \mp \rightarrow$ são elementos básicos para a compreensão de uma inteligência antagonica, antitética, reativa por oposição e por visão contrária e sem consistência ao sentir e ao pensar comum. $Dbl F-/Dbl F \mp$ com outros elementos e em outros contextos negativos, indicam também reações a experiências de perdas incompatíveis com as normas e uma fuga da realidade comum. O delirante negativismo esquizofrênico se constrói como configuração partindo da seguinte codificação: $Dbl F-/Dbl F \mp$.

Do \rightarrow muito já foi dito sobre este elemento, o qual anuncia com convicção algo de patológico nos processos mentais e psíquicos em um protocolo. $Do F \mp$ é um elemento antagonico à $G F +$ e por alguma razão ao K. Por si mesmo, pode tanto indicar um bloqueio do sistema perceptivo construtivo, consequente a situações e fatores traumáticos, quanto também pode indicar uma lesão cerebral.

O Do só pode ser avaliado em um contexto geral agregado a outros elementos

patológicos que, geralmente, compõem quadros mais graves, especialmente, quando não é compensado por elementos e estruturas restaurativas, tais como uma G F+ ou uma D F+, de preferência na mesma prancha ou no itinerário perceptivo das demais pranchas, como já mencionado.

Também um K dentro da mesma prancha compensa e restaura o Do; duas respostas K e um bom sistema de G F+ excluem um quadro diagnóstico estruturante da dimensão psicótica.

kp → é indicativo de energias e dinamismos bloqueados, retidos, fortemente controlados por forças externas diabólicas (Kdiab) ou por mecanismos deficitários internos (impotência).

kp e Do em conexão agravam o diagnóstico de psicopatologia na direção de um quadro quase catatônico da Esquizofrenia ou um quadro grave de neurose compulsiva; o contexto geral do psicograma confirma essa hipótese diagnóstica de configuração patológica.

CF \mp e CF- → essas codificações, tipo uma percepção de cor associada a uma forma malvista ou dominante à própria forma ou dissociada da forma são sempre indicativas de alterações e deteriorações da personalidade, na dimensão da afetividade, orientando, normalmente, para estruturas e configurações psicossomáticas e psiconeuróticas. Percepções em F+C são elementos que compensam os indicativos psicopatológicos das CF \mp e das CF-, como na seguinte relação: $\Sigma CF+ > \Sigma CF \mp$ e CF-.

Esta sequência indica uma gravidade progressiva em um protocolo nesta dimensão da afetividade: CF \mp < CF- < Cd (cor determinada); e conduzem a uma patologia da dimensão emocional afetiva.

kobj F_{\pm} e kobj F_{\mp} → são elementos indicativos de movimentos impulsivos internos, com escasso ou nenhum controle efetivo volitivo, manifestando reações de um curto-circuito das ações, coartando o potencial do tempo de espera, por deficiente controle do SNC cortical (sistema nervoso central).

Quanto mais a forma (F) é desqualificada ou totalmente ausente tanto mais a impulsividade foge do controle. A seguinte proporção: Kobj F_{\pm} e kobj F_{\mp} > K, nesse caso, maior e mais grave é a frequência do “curto-circuito mental”, delineando temperamentos e caracteres impulsivos, podendo mobilizar atos infracionais involuntários.

Uma das estruturas psicopatológicas é dada pela combinação Ckobj como na resposta: “Fogo avançando e destruindo a selva” (prancha IX, DG F_{\mp} C kobj). Essa estrutura é sempre associada a comportamentos com deficiente aparato do controle psicomotor, justificando muitos acting-out agressivos e transgressivos, como ocorrem nos quadros de piromania (pirômanos).

A sigla clob é o elemento indicador da angústia geradora de ansiedade; quando associado a uma boa forma, a ansiedade dispõe de um controle prévio cognitivo. Se a forma, aos poucos, deteriora-se, é sinal de que a ansiedade está tomando conta dos processos psíquicos e do comportamento e quando o clob é associado à cinestesia de objetos (kobj) essa angústia pode mobilizar comportamentos impulsivos de autoextermínio do sujeito (suicídio).

Por isso deve ser considerada preocupante essa combinação do clob com kobj, indicando uma invasão da ansiedade que se aproxima a uma angústia de natureza psicossomática autodestrutiva, o que requer maior atenção do avaliador para urgentes providências interventivas.

(c) → são elementos relacionados às emoções profundas, de natureza da sensualidade, são consideradas não controladas quando relacionados a formas malvistas (c)F \mp ou (c)F⁻; mas ao contrário, validamente protegidas pela consciência e controladas pela cultura e o meio ambiente, quando relacionadas às formas bem-vistas (c)F⁺, (c)F \pm .

Dbl CL/simb (luminosidade benevolente) → A percepção do Dbl CL/simb elimina a obscuridade do clob, indicando sinal de Esperança. A dimensão profunda do significado desse elemento (relação CL versus clob) são propostas ainda de pesquisas futuras.

15.2 FENOMENOLOGIA DA NORMALIDADE

Antes de proceder para esta configuração é necessário esclarecer o conceito e a definição do termo “normalidade”. O conceito constituinte dessa palavra é claro, não equívoco, normas, mas também chamativa de outras palavras, tais como: regras, leis, consenso, obediência, submissão, condicionamentos etc.

O problema é dado pelo questionamento da legitimidade das normas, das leis e das autoridades que as administram, que as estabelecem e as promulgam. De outro lado, porém, apenas uma maioria, que lhe dá o consenso pode ser constituída por uma massa, uma multidão induzida, convencida e constrangida por demagogos inescrupulosos e interessados à realização das próprias ideologias, a serviço dos seus interesses políticos e mercantilistas, fortalecendo, assim, uma prepotente hegemonia.

O conceito de normalidade necessita de outros paradigmas de natureza ética, bioética, filosófica-ontológica, que levantam a seguinte pergunta: “o que significa ser Homem?”, na sua essência ontológica-ética, significa transcender diferenças culturais, individuais, modais e de épocas históricas e que se configuram em estruturas valorativas universais e estáveis; mas em contínua evolução e transformação?

Essas dimensões transcendentais e constitutivas do conceito de normalidade são dadas pelos seguintes traços, maximamente, compreensivos e abrangentes por mim categorizados: Consciência – Intencionalidade – Responsabilidade: categorias a priori da humana Existência na sua Presença com referência a Heidegger (1953).

A Consciência revela uma Presença inteligente, atenta, no campo experiencial existencial, psicológico, sociocultural e ideológico.

A Intencionalidade é uma consciência atuante, operante, que se dirige ao mundo das coisas, aos fatos, percebendo e estabelecendo relações nas suas interações. A Intencionalidade revela também, na personalidade, uma atitude de busca intelectual da natureza das coisas, na essência significativa delas; nesse sentido a Intencionalidade é indicativa de uma Presença operante, atuante, ativa, investigativa e articuladora das diferenças.

A Responsabilidade é indicativa de uma dimensão e qualificação ética da Intencionalidade, que se manifesta nas relações empáticas, numa sintonia simpática, afetiva, lógica, mística, solidária e colaborativa com uma Alteridade representativa do mundo humano nos seus contextos familiares, comunitários e sociais.

Nessa perspectiva ontológica-existencial da normalidade, é “normal” quem, no seu cotidiano, vive e se comporta “normalmente” na sua Autenticidade com consciência intencional e responsável, ocupando-se e preocupando-se, não apenas consigo mesmo como pessoa, mas com os outros, com o Mundo e com as coisas ao seu entorno.

É normal aquele indivíduo que se conforma às regras, porque percebe e sente que são justas, que o dirigem e o motivam a um comportamento ético na aceitação, no respeito para com os direitos dos outros, da comunidade, da sociedade; mas também é normal aquele indivíduo que questiona e transgrede as leis quando elas são injustas.

É normal, também, o indivíduo que pensa como todo mundo pensa e se comunica com adesão total à lógica comum, mas com criatividade e

originalidade, tornando a normalidade excelente, quando exalta a singularidade, a unicidade incomparável da individualidade inalienável da pessoa, na sua irreduzível subjetividade existencial.

Quando a normalidade imposta apaga a originalidade criadora, torna-se um agente patogênico (phatos) e ela se caracteriza e se degrada como: “Normose”, mobilizando, gradativamente, comportamentos depressivos, reprimindo desejos e interesses na busca de coisas novas, concretas e consistentes, restando-lhe apenas algo de fátuo e efímero como alternativa nos seus *modus vivendi*.

Quando a “Normose” impera, no conformismo e no seu comodismo, sendo reforçada por um contexto cultural, mentes brilhantes, poetas, artistas, gênios e místicos são considerados loucos.

É também significativo para o filósofo Heidegger (1953) a compreensão do conceito de normalidade, que é tal, quando indicativa de maturidade na dimensão ética da personalidade: é normal quem é eticamente atuante na desobediência civil. Essa sentença ética é reforçada e está em sintonia com o pensar filosófico do historiador, naturalista e poeta Thoreau (1997) que conscientizou e motivou a revoltada etnia negra, escravizada nos Estados Unidos, para a conquista da sua liberdade, legitimando, assim, eticamente a desobediência civil.

De acordo com Heidegger (1953), alcançar a perfeição é impossível, por nós sermos ontologicamente finitos; nós somos imperfeitos; a perfeição está na busca constante de si mesma, contudo, é uma meta inatingível, na sua plenitude.

Estes constitutivos, de uma maturidade expressiva e de uma “normalidade psicológica e ética” da personalidade podem ser colhidos no Rorschach e na história de vida do sujeito, mobilizada pelos significados arquetípicos das

próprias manchas, nas suas formatações de entes e de objetos da realidade.

Seguem como exemplo algumas configurações de dados expressivos e paradigmáticos da ideia de “normalidade” que acabei de definir:

TR = total de respostas dadas nos processos perceptivos no itinerário interpretativo das dez pranchas, deve se aproximar a 30 e superar esse valor dado, a livre vontade do sujeito. A meu ver, esse quantum proposto, de três respostas por prancha, é a média mínima que uma pessoa psicologicamente normal pode produzir.

TR F+ = total de respostas com qualidade, com formas bem-vistas, é indicativo de altos níveis dos processos mentais perceptivos, cognitivos, operativos e expressivos da maturidade do Eu-Ego, no controle da realidade.

O valor em porcentagem normativo a ser alcançado deve estar entre 75% e 100%, indicando uma mente operante com consciência e com qualidade que interpreta objetivamente a realidade, relacionando-se construtivamente com ela, no domínio cognitivo, na sintonia efetiva, com os objetos vivenciados e na capacidade construtiva deles. Contudo o valor 100% indica a excelência; os níveis inferiores ao valor médio de 75%, manifestam uma decadência da normalidade cognitiva; a tolerância de processos primários que se combinam com os processos secundários, dados pelas siglas: TF±, TF ∓, TF-, não podem extrapolar a contingência dos 25% e 30% em todo o teste.

As codificações em G F+ que são as respostas da totalidade do campo percebidas como unidade única; as DG F+ são partes, nas estruturas que se constituem, como unidade significativas; DG/Dbl F+, figuras nos seus fundos brancos e partes estruturais no entorno da mancha se constituem como unidade, numa combinação estética, funcional e criativa, sendo todas estas codificações

expressivas de uma função mental articuladora, integradora e construtiva de significativos sistemas, em um sujeito a ser considerado normal nos seus potenciais articuladores e integradores da realidade, alcançando um índice excelente de valoração, de pelo menos no quantum de 30% a 40%, sobre o total das respostas dadas nas dez pranchas.

As codificações em D F+, Dd F+, Dbl F+, D/Dbl F+ devem ocupar o restante das respostas dadas, indicando, nos processos perceptivos dos sujeitos considerados normais, uma inteligência concreta, analítica observadora de diferenças, ficando aproximadamente entre os valores de 70% a 60%, de acordo com as específicas tipologias da mente, operando nos processos indutivos-dedutivos e convergentes-divergentes; lembrando que os Dbl são sempre indicativos de mentes hipotéticas originais e criativas, em antítese com as teses do pensar comum.

O índice de realidade (IR), como já mencionado anteriormente, nas suas formulações banais, e apresentado nas seguintes pranchas: III, V, VIII e X, é expressivo de uma “lógica comum” na percepção e adesão às normas e às regras mínimas e fundamentais, garantindo um entendimento básico das necessidades que administram a convivência comum dentro de um espaço social aberto a todos.

O valor do IR deve alcançar 100%, mas pode ser tolerado até no índice de 70%, desde que essa diferença se justifique por produções perceptivas, sensitivas e efetivas em nível de processos primário-primários, que indicam, porém, a necessidade do psiquismo descer nas suas regiões prototáticas e paratáticas de uma experiência de vida ainda na fase embrionária fetal e neonatal, necessárias para construir configurações mentais, características de um processo terciário, nos seus potenciais, expressivos da criatividade do sujeito; inclusive uma ou mais dessas configurações devem aparecer como resíduo dos devaneios da infância que reemergem também nos conteúdos oníricos, conforme Bachelard (1996) e Fromm (1964).

O tipo de ressonância íntima A (TRI A) é dado pela presença harmônica, equilibrada e significativa, no seu conjunto perceptivo, da determinante K e da determinante C. Como exemplo, ideal da proporção: 4K: 4C ou, aproximadamente, sempre com formas bem-vistas (F+); que indica uma relação integrada entre dinamismos internos e apelos externos; entre intratensão e extratensão, nos seus dinamismos internos, cognitivos, afetivos e conativos.

Tipos A, de ressonância íntima, assim codificados: 0K: 5C ou, o oposto, 5K: 0C revelam sujeitos acometidos com déficits de personalidade, na capacidade de se relacionar com o mundo e com os outros, por ser a primeira relação totalmente extratensiva (5C), incapaz de autocontrole (0K); e por ser a segunda, totalmente introversiva, incapaz de se sensibilizar afetivamente, emocionalmente com pessoas e eventos do mundo externo.

TRI B, as determinantes do tipo B, indicam estruturas e dinamismos psíquicos dos processos primários; são componentes de heranças genéticas e de condicionamentos caracteriais por comportamentos impostos desde a infância, sem controle da própria consciência.

Tipos B, de ressonância íntima, assim codificados 5kp: 0C; esse primeiro exemplo revela um sujeito impotente e afetivamente mortificado. Já o segundo exemplo é o oposto, 5Ckobj: 0K; é uma afetividade explosiva, emocional e incontrolável.

H = A região dos conteúdos, a análise qualitativa dos mesmos oferece significativos indicadores da “normalidade” psicológica e ética da personalidade.

Um indivíduo adulto submetido ao Rorschach deve produzir numerosas, significativas e válidas representações do humano, percebidas na integridade corporal vivente, no seu vigor físico, mental e social e na capacidade de perceber

o outro na dimensão da Alteridade e na Dualidade construtiva da intimidade.

Percepções que assim se codificam:

H F+ = humano na sua integridade corporal vivente.

H F+ Ksimb = humano no vigor da sua energia vital benevolente.

Hdual F+ Ksimb = humano percebido nas relações duais construtivas em sintonia ética.

Não perceber o humano nas pranchas III e VII, nas modalidades anteriormente indicadas, legitima a hipótese diagnóstica de uma “anormalidade” psicológica e ética, na relação com o outro.

A percepção de humanos desmembrados (Hd), de humanos anatômicos (Hnat), humanos desvitalizados (Hdesv), grotescos, esqueléticos, percebidos em radiografias, como sombras e raios X são indicativos de uma imaturidade da personalidade, nos seus processos doentios: corpo e mente nas suas relações de inferioridade e de impotência e de doenças que devem ser melhor investigados. Quando esses conteúdos se manifestam em profissionais da área da saúde, partes anatômicas são consideradas normais.

A, Nat, Bot, Obj, Arql, Arq e os conteúdos de animais e da natureza devem manifestar a beleza da vida, os cuidados com a vida, a exuberância da sua riqueza, bela, bonita, rica e amorosa na inocência do lúdico, na sua capacidade

de se reproduzir e de se expandir, dando sombras, amparo, frutos, satisfação, alegria e paz.

O homem não é apenas um ser lúdico, é um ser faber que transforma a matéria, criando, por isso, instrumentos e ferramentas para as suas obras tecnológicas, plásticas e arquitetônicas.

Os conteúdos de objetos revelam as tendências profissionais, o uso ativo, defensivo ou perverso do objeto percebido: “Uma espada!”, na prancha VI, a pergunta significativa é: “para ferir alguém”, ou “pela qual você foi transpassado com violência”, ou “para se defender ou defender alguém”? “Um castelo erguido nas rochas de uma montanha”, a pergunta significativa é: “para proteger uma inocente donzela ou para prendê-la e aprisioná-la?”.

Conteúdos terrificantes, grotescos, diabólicos, expressivos de violência, de catástrofe, de desordem rebaixam os juízos de normalidade da maturidade psicológica e ética do sujeito.

CAPÍTULO 16

FENOMENOLOGIA DA PSICOPATOLOGIA NOS PROCESSOS PERCEPTIVOS E PROJETIVOS

Sobre a compreensão da psicopatologia há muito a ser dito, pois são numerosos os construtos nosográficos dados a nossa consideração nestes últimos anos. São variações de Escolas, nas visões teóricas e políticas e nas suas organizações tradicionais e revisões, a motivos de novas descobertas no campo.

Deveríamos privilegiar aquelas representações que subsidiam e justificam uma interação de intervenções terapêuticas, respeitando as exclusividades e as hierarquias, mas que abrangem também espaços para uma cura solidária entre as dimensões da mente e as dimensões do corpo, tão profundamente correlatas: “mens sana in corpore sano” e seu inverso: “corpus sanum in mente sana”, do filósofo e poeta Juvenal, como já mencionado.

O psiquiatra Frankl (1970) apresentou um quadro sinóptico-comparativo dos distúrbios mentais, correlacionando duas ordens de variáveis na etiologia e na sintomatologia e duas ordens de fatores: o somático e o psíquico. De acordo com a apresentação do logoterapeuta Frankl (1962), assim elaborei as quatro subconfigurações da psicopatologia como na seguinte tabela:

Quadro 19 – Representações nosográficas da psicopatologia e suas configurações

■

	SINTOMATOLOGIA
SOMÁTICA	PSÍQUICA

O R G	A Doença Física	B Psi
P S I Q	C Neurose (stricto sensu), histeria ou quadro psicossomático	D Ne

■

Fonte: o autor

Configuração A: trata-se de um adoecer do corpo, das suas funções, dos seus segmentos por um distúrbio genético-infectivo e traumático-físico. O estado de doença não necessariamente e nem sempre condiciona a mente, apesar da profunda e estreita relação. O profissional competente da cura do doente é o médico e o psicólogo, como auxiliar quando for preciso e solicitado.

Configuração B: a psicose é um distúrbio fundamentalmente orgânico que atinge o sistema nervoso, mas cujos fenômenos ocorrem no comportamento mental perturbando os processos ideativo-simbólicos, emocionais e volitivos.

A rigor, uma epilepsia deveria ser considerada uma psicose, quando e na medida em que encontra déficits nas circulações bioelétricas entre as células nervosas, como uma das causas explicativas; como também a queda das taxas de lítio que provoca uma desordem nos processos perceptivo-simbólico-ideativos e, conseqüentemente, relacionais: essas duas complexas síndromes de etiologias e sintomatologias são protótipas exemplares dos quadros psicóticos dados a cura prioritária na área médica, nas suas especializações.

O Psicodiagnóstico Rorschach aplica-se como instrumento de análise diferencial, tanto na psicose médica de etiologia orgânica, quanto em uma psicose livre de causas orgânicas plausíveis, esta última caracterizando-se como um adoecer da mente por carências ideativas nos processos primário-primários, formativos e educativos nos seus condicionamentos, gerando a seguir, no comportamento, confusões incompatíveis com a lógica e o bom senso comum, que podem ser considerados e avaliados no diagnóstico, nos seus níveis como demência ou loucura.

O profissional competente na administração do cuidado e da assistência de um sujeito psicótico, stricto sensu é o médico psiquiatra e, subordinadamente, o psicólogo terapeuta comportamental, pois garante aqueles condicionamentos necessários compensativos das perdas das funções mentais. As psicoses apenas sintomáticas, mas livres de etiologia orgânica, são de competência do psicólogo clínico, contudo auxiliado por um médico psiquiatra ou neurologista, nas intervenções medicamentosas adequadas.

Configuração C: trata-se da categoria dos distúrbios chamados psicossomáticos, a conduta mental é normal, mas, aparentemente, a fenomenologia da patologia é somática, o sujeito acusa as mais variadas doenças funcionais e orgânicas: enxaquecas, gastrite, paralisia, dores que afetam um ou outro segmento, impotência sexual, cardiopatias etc. Ao diagnóstico específico médico nada se confirma, absolutamente negativo.

No Rorschach, é possível perceber e diagnosticar as tramas patológicas na história de vida, que se projetam nos fenômenos perceptivos e interpretativos, também nas dimensões oníricas; os quadros psicossomáticos da histeria continuam sendo assim, objetos de investigação e avaliação específica do Rorschach.

O profissional competente sobre a condução terapêutica desses quadros histéricos e psicossomáticos é o próprio psicólogo, psicanalista, psicoterapeuta e colaborativamente, o neuropsiquiatra.

Configuração D: é dada por todos aqueles distúrbios que afetam o Espírito: sentimentos de finitude, de inferioridade, mas também de onipotência, pela perda de significados nos campos da estética, da intimidade na dualidade interpessoal e da mística na dimensão da sua Transcendência. Todos esses dramas se projetam como História de vida interior no discurso perceptivo-projetivo do Rorschach.

16.1 PRÓDROMOS DA PSICOPATOLOGIA

Na formação em Rorschach, é importante adquirir a sensibilidade imediata quase por intuição sobre a condição da mente que se projeta na percepção das formas.

Darei alguns critérios diagnósticos discriminativos de uma patologia ainda não específica, mas indicativa e orientativa para ulteriores diferenciações que assim seguem:

Rejeição de uma ou mais pranchas, não por má vontade, mas por impotência interpretativa.

Poucas respostas em relação à média das respostas: 10 respostas sobre 30 respostas consideradas produção média, é um indicador de patologia.

Porcentagem de G maior ou menor em relação à média, que é de 30%, sobre o total das respostas, significativamente, aquém ou além da média.

As descrições e os comentários disfóricos ou eufóricos substituem quase pela totalidade as respostas interpretativas de formas.

Repetidas autorreferências que ocorrem quando o sujeito se põe como protagonista temático dos comentários.

Abstrações e insistentes conceitualizações na verbalização das percepções.

O choque de latência e elevação acima da média nos tempos de reação.

Ausência de banalidades nas pranchas: III, V, VIII e X.

Ausência total das grandes cinestésias.

Ausência total de respostas cor, e a presença de respostas de cor explícita (Cd) ou dissociada de qualquer forma (CF-).

Um tipo de ressonância íntima nesta relação OK: OC indicando uma severa coartação, do agir e do sentir no campo experiencial.

Porcentagem de F+ inferior a 75%.

Um Do pode ser significativo, mas dois são demais, especialmente quando dados nas pranchas III, IV e V.

Síndrome de Petrelli, inversão na prancha V e X, é indicativa clara de esquizofrenia, explicação: na prancha V, ausência na percepção da banalidade na sua unidade única G F+A, substituída por múltiplos Dd F \mp , e na prancha X, os múltiplos DF+, nos seus vários conteúdos: H, A, Nat, Bot, substituídos por uma

G F 7.

Percepções contaminadas, indicativas de distúrbios da percepção do espaço.

Percepções confabuladas, indicativas das relações causais perturbadas.

Excessivos conteúdos humanos percebidos de forma desintegrada e desvitalizada (macabra, extravagante, absurda).

16.2 IMPULSIVIDADE E COMPULSIVIDADE

Nesse campo da psicopatologia, falarei sobre a fenomenologia da impulsividade e da compulsividade nas suas diferentes composições estruturais e dinâmicas, que vem se constituindo de acordo com fatores de várias ordens: biológica, psíquica e cultural.

Impulsividade significa um agir nos impulsos de maneira imediata tanto na forma, quanto no tempo e por impulso, entendemos uma energia ou uma força psíquica não orientada cognitivamente e intencionalmente.

Os impulsos são irracionais, cegos; de fato, são tendências que provêm de segmentos instintivos do comportamento humano ou de antigas experiências primária-primárias, mas não elaboradas, que se alocam na região do inconsciente; por exemplo, temos impulsos: destrutivos, libidinosos, eróticos, de dependência, independência, de afiliação, de solidão, de masoquismo, de sadismo... É claro que há impulsos para também a garantia da vida, da cultura; nesse sentido, são mecanismos bem orientados nas suas dimensões éticas.

A compulsividade é mais difícil de se definir conceitualmente; podemos entendê-la melhor descritivamente de várias maneiras: uma pessoa é compulsiva quando, mesmo que internamente mobilizada por tendências, retém a resposta motora, acumulando porém, tensões psíquicas intensas até que, em um determinado momento, o sistema defensivo perde o seu poder e os seus controles internos enfraquecem, tornando assim, o material tensivo interno literalmente, explodindo com respostas verbais externas, motoras corporais, desproporcionais, ao último estímulo provocador.

E quando um sujeito com as características de paciência e tolerância não suporta mais a última provocação ofensiva sensitiva, explode com ato extremamente violento contra o outro, suposto como provocador; diante desse comportamento, são naturais comentários assim: “ninguém esperava isso dele”, “era tão calmo!”. Não, eram apenas frágeis tentativas de bloquear as suas impulsividades na compulsividade, sendo, por isso, uma retenção momentânea, mas que às vezes, prolonga-se nos percursos da vida, retendo os impulsos no seu agir; e quando há uma resposta, um acting-out desproporcional torna-se explosivo e assim o sistema comportamental se define como a impulsividade-compulsiva.

São necessárias correções interpretativas aos seguintes dizeres comuns: compulsividade a comer, consumidor compulsivo, fumante compulsivo, comprador compulsivo; em todas essas expressões, trata-se de um agir aos respectivos impulsos, sem mais controles internos eficientes do próprio sujeito por defeitos dos externos sistemas controladores.

Falando agora do fumante compulsivo, é aquele que gostaria de fumar, mas não fuma por proibições impostas, tanto assimiladas no seu interior quanto decretadas por normas e leis ao seu entorno social; quando porém, o sujeito, até então retido, mas na perda do sistema de controle exterior, desencadeia uma incontrolável impulsividade no consumo abusivo do fumo.

Os sujeitos acometidos por uma impulsividade instintiva correm o risco de serem transgressores pela irracionalidade das respostas comportamentais; os mesmos acometidos de compulsividade, correm o risco de se autoagredirem, lesionando-se por uma transmutação somática dos próprios impulsos quando retidos e frustrados.

A impulsividade no Rorschach estrutura-se com os seguintes elementos:

kobj F-, quando se repete várias vezes, duas ou três vezes, indica mobilização a um curto-circuito, as respostas não são mediadas por nenhuma ideação.

CF- em alto número e absolutamente privadas de formas, pois tais respostas de cor manifestam um emocional sem nenhuma articulação com a dimensão cognitiva.

CF \mp revela um controle cognitivo, porém frágil e insuficiente.

(c) é um indicador de tensões internas preexistentes aos estímulos externos criando um potencial explosivo e submerso, quando na percepção de um (c) kobj.

Quando dois ou três desses elementos se combinam em uma mesma resposta como na sequência DG CF \pm kobj/Vulcão, a impulsividade é mais iminente e mais perigosa no seu acontecer.

Quando os elementos da impulsividade ficam separados, um elemento em uma resposta e um segundo em outra resposta, a impulsividade está em formação.

Sem nenhuma resposta codificável em F+ K, as estruturas acima mencionadas, tornam-se ainda mais preocupantes, indicando um comportamento absolutamente descontrolado; cuja gravidade é maior, se o índice de realidade é baixo (IR), e pior, quando próximo a zero.

Se a porcentagem das respostas de boa forma também é baixa, inferior a 70%, descompensada por percepções em kobj F \mp e CF \mp declara a presença de um demente impulsivo compulsivo. Conteúdos humanos deteriorados, desvitalizados e diabólicos conotam atos impulsivos de características antiéticas e agressivas contra a dignidade da figura humana.

Frequentemente, conteúdos sexuais dados quase que obsessivamente, mantendo-se na mesma estrutura compulsiva de risco C kobj F \mp , desvela-se em Rorschach um perigoso maníaco sexual, mas quando associado nesse contexto F+ K, trata-se de um psicopata que conduz intencionalmente os propósitos da sua agressão e perversão.

A sigla Ksimb, quando presente, compensa geralmente a impulsividade garantindo uma dimensão do controle ético sobre os impulsos, mas em um contexto de conteúdos antiéticos, o próprio Kdiab realiza o que Arieti (1969) chama de perversão da motivação consciente.

A compulsividade em Rorschach estrutura-se por sua vez com os seguintes elementos:

kp é um indicador de dinamismos impedidos, bloqueados, de operações limitadas e de impotência.

Choque cinestésico em duas ou três vezes no protocolo, já indica uma impotência em deixar fluir construtivamente as energias interiores.

Apenas um Do já é bastante para agravar a compulsividade.

Redução da sigla G tanto em qualidade, degradando-se em $G F \mp$, quanto em quantidade, deixando prevalecer as percepções em D e Dd.

A falta de K agrava o quadro da impulsividade nesta progressão: $k_p > K$ e $K = 0$.

Redução do número total das respostas e perda de qualidade delas nas percepções das codificações em $F \mp$ e $F-$.

Quando os dois quadros aqui apresentados se compenetraram, temos o que denominamos de indivíduos impulsivos-compulsivos.

16.3 COMPENSAÇÕES PSICOPATOLÓGICAS

Por compensações psicopatológicas entendemos elementos e estruturas antagônicas e positivas que corrigem o juízo diagnóstico quando invalidado por elementos e estruturas negativas.

Um Do realmente pesa como elemento desfavorável no conjunto dos processos perceptivos, mesmo que não esteja claro em qual configuração específica a dimensão psicopatológica virá a se estruturar; mas o Do é sempre expressivo, como sintoma, de um processo esquizofrênico; indicando simplesmente um bloqueio parcial, momentâneo ou permanente da inteligência. Por si, contudo, apenas um Do legitima uma reserva, uma cautela, sobre a condição mental do sujeito em avaliação na condução das suas experiências de vida.

Pode ocorrer, porém, que em um contexto perceptivo, na mesma prancha ou em pranchas significativamente vinculadas por indicarem situações experienciais análogas, quando forem dadas respostas em G F+ associadas a um K e em sequência, de duas ou três vezes, há uma redução da patologia do sujeito na sua percepção do Do. Evidentemente, o estado de alerta, com a reserva de uma possível psicopatologia, também pode ser indicado em apenas um Do como incidente e uma reação transitória a um evento perturbador.

Eis alguns elementos que compensam, fazendo o contraponto aos dados psicopatológicos do protocolo:

Um conjunto de G F+, 30% sobre as respostas totais, controla um Do; o controle

será mais garantido se junto se registra um K ou Ksimb.

Um bom número de G F+ e D F+ dotadas de originalidade, compensam uma ou outra DG F \mp (confabulada ou contaminada).

As siglas K ou Ksimb no quantum de 4 ou 5 vezes, compensam as projeções em kp, Kan/diab e kobj.

É preciso um bom contingente de CF+ para neutralizar percepções em CF \pm e CF \mp , talvez o próprio Hermann Rorschach na minha interpretação, nos teria dado esses critérios matemáticos como possibilidades. Assim, cada CF+ tem um peso em extroversão expresso em +1.0 ponto; cada CF \pm recebe +0.5 ponto e cada CF \mp recebe -1.0 ponto e cada CF- recebe -1.5 pontos.

Ressalto que não temos ainda e talvez não seja possível ter critérios matemáticos rigorosos e totalmente assertivos que definam a relação de compensação; portanto consideramos suficientes os critérios empíricos e intuitivos propostos sobre as pesquisas e estudos já realizados, bem como sólidas bases das experiências clínicas realizadas até hoje.

São necessários pelo menos dois CF+ para neutralizar um CF \pm ; e são necessários três CF+ para neutralizar uma CF \mp . O nosso entendimento é que a compensação, nesse caso, exija muito mais que uma simples operação matemática de neutralização. As codificações em CF+ na porcentagem de excelência já é uma boa estrutura de compensação; as Dbl F \mp são compensadas pelas Dbl F+, nesta proporção: Dbl F+ > Dbl F-.

Em resumo, dispomos no Rorschach de um contingente de fatores de compensação que consideramos fundamentais. São estes:

G F+ no conjunto;

F+ em uma porcentagem de 85% a 95%;

K em número de três ou quatro no protocolo;

F+C numericamente dominante;

Pelo menos duas ou três F+ originais em um protocolo e melhor quando projetadas em Dbl.

Dispomos também de outros indicadores, porém, não mais no nível de elementos, mas sim de estruturas; seguem as mais frequentes e conhecidas:

$(H \text{ e } A) > (Hd \text{ e } Ad)$.

$n^{\circ} K > n^{\circ} C$ e $n^{\circ} K = n^{\circ} C \rightarrow$ de tipo ambigüal, referindo-se a uma ressonância íntima com valores altos e ponderados ou paritários tanto para esquerda quanto para direita, indicando um equilíbrio entre dinamismos operativos e tendências mobilizadoras emocionais.

A nossa prática clínica nos ajudou a evidenciar um grande fator de compensação no Psicodiagnóstico Rorschach que chamamos de progressão protentiva no continuum do processo perceptivo; esse fenômeno se dá quando é clara a tendência de recuperar a qualidade das respostas tendo como referência a primeira parte da tarefa perceptiva e a segunda dentro de uma mesma prancha e entre as primeiras partes das dez pranchas (I a V) e a segunda parte (VI a X), entre os valores do primeiro teste comparados aos valores do reteste.

Dados dos dois protocolos com uma tendência de melhora nos processos perceptivos de um teste no itinerário das dez pranchas comparado com os dados do reteste, por si definem processos recuperativos e reconstrutivos eliminando definições de patologias antecedentes e compensando qualquer psicopatologia.

16.4 FENOMENOLOGIA DA EPILEPSIA

O reconhecimento tempestivo da epilepsia se realiza em dois diagnósticos, o sintomático, expressivo da desorganização das células em um dos hemisférios do cérebro, provocando fadiga ou desmaio no corpo e outros sintomas; e temos também a epilepsia idiopática caracterizada por transtornos específicos comportamentais de excitação e de impulsividade mobilizado pela retenção dos seus desejos a serem realizados no tempo do aqui e agora. Nessa configuração idiopática, esses transtornos são provocados por carências pedagógicas nas primeiras fases do desenvolvimento humano no nível educacional, comportamental e social.

A Psicologia Diagnóstica contribui na compreensão de diferentes e vários distúrbios mentais para solução de graves problemas sociais, entre eles, a epilepsia idiopática, pois quando se compõem, nas suas causas, outras dimensões e estigmas sociais, por exemplo, a subcultura, a pobreza, a inferioridade de raça, também se explicam as causas dos comportamentos impulsivos, transgressivos, contestativos, explosivos, agressivos.

Contudo são interpretados, equivocadamente, com frequência como delinquência e criminalidade, por sistemas sociais autoritários, seletivos e punitivos, não se importando com as verdadeiras causas dessas atitudes transgressivas; por essa razão se faz necessária a intervenção do psicólogo jurídico, bem como nos exames criminológicos, a contribuição da Psicologia para os entendimentos dessa patologia epiléptica idiopática, mas sempre em diálogo com uma equipe multiprofissional, gerenciado na compreensão e condução da saúde mental.

É impressionante o número de portadores de distúrbios neurológicos entre

menores presos por atos delinquentiais, porque nem sempre o quadro epiléptico se desvela em toda a sua sintomatologia clínica das convulsões e das ausências da consciência. Quando falo das duas síndromes do quadro epiléptico, no seu diagnóstico, o tratamento não é difícil quando administrado ao sujeito-paciente, sendo sempre prioritário um itinerário multidisciplinar: médico, psicológico, pedagógico e social.

O risco do diagnóstico da epilepsia idiopática está na ausência dos evidentes sintomas macro, substituídos por uma sintomatologia fina de natureza temperamental e caracterial. Muitos verdadeiros epilépticos idiopáticos são considerados indivíduos caracteropáticos impulsivos, irascíveis, imaturos e delinquentes, especialmente quando pertencentes às baixas classes socioculturais.

O teste Rorschach é um instrumento válido no diagnóstico preventivo da epilepsia idiopática, quando apenas motivada por distúrbios caracteriais no comportamento, por perdas dos níveis de consciência nos seus déficits mentais; podendo porém, realizar o exame do eletroencefalograma apenas para uma confirmação do diagnóstico da ausência de uma epilepsia sintomática, que é definida nas suas causas como uma desorganização estrutural e funcional orgânica-biológica das células dos hemisférios cerebrais; evitando, assim, as sequelas dos processos incriminatórios muito equivocados.

A epilepsia tanto a sintomática quanto a idiopática, apesar das suas múltiplas manifestações, e como distúrbio bioelétrico do sistema nervoso e como comportamento adquirido impulsivo e transgressivo, pode ser reconduzida como um comportamento observável e registrável, a uma fragilidade do limiar biopsíquico e psicológico frente à intensidade nas suas diversidades dos estímulos que mobilizam as respostas dadas pelo sujeito; essas respostas, tanto mentais quanto de ordem física cinestésica dos epilépticos, são de natureza imediata não adequada, as respostas concretas, não elaboradas simbolicamente e, por isso, muitas vezes não ocorrem conforme às expectativas e aos modelos sociais.

O sujeito epiléptico carece de um sistema de controle ativo, de inibição efetiva de atos impulsivos e atos mecânicos e automáticos que, quando desencadeados, procedem por inércia.

O sujeito epiléptico não consegue interromper um processo e uma sequência comportamental. Mesmo ausente na condução intencional de uma série de atos e de movimentos, a conduta parece obedecer a esquemas automáticos e repetitivos exatamente como acontece no delírio de um quadro maníaco.

Quando a consciência é apagada, o comportamento deve se manifestar por exigências mecânicas e, na ausência de um condutor inteligente, a mente opera mediante esquemas antecedentes assimilados. Por essas razões, a epilepsia poderia ser considerada para todos os efeitos, uma psicose, de acordo com as definições do neuropsiquiatra Frankl (1970), que considerava a psicose um distúrbio de etiologia orgânica e de sintomatologia psíquica.

A epilepsia é uma disfunção das conduções dos potenciais elétricos neurais nas suas sinapses provocando curtos-circuitos e alterações na transmissão dos sinais que orientam o “comportamento motorio” e a “atividade da consciência” (FRANKL, 1970).

Os efeitos desses distúrbios atingem a configuração motória e psicológica de “estímulo-resposta”: a resposta ao estímulo é rápida e imediatamente concomitante, não dando tempo para a inteligência e os seus controles cognitivos avaliarem a natureza e as exigências dos próprios estímulos.

Em sintonia com Fromm (1964), as respostas dadas aos estímulos comportamentais respondem às necessidades biológicas, psicológicas primárias,

ligadas aos instintos de preservação da vida, nas suas polaridades de defesa, ataque, fuga e agressão.

A motivo desse acting-out, no contexto sociocultural organizado em regras e leis, as respostas são impróprias e transgressivas, especialmente para indivíduos carentes, desinformados, excluídos dos benefícios dos programas de assistência à saúde e à educação; podendo essas respostas criminalmente delinquir em sintonia com as teses do psiquiatra e filósofo Cesare Lombroso.

Uma criança acometida de uma epilepsia sintomática, mas não compensada farmacologicamente, habitualmente é agitada, indisciplinada, briguenta e outros distúrbios apresentados, e esses comportamentos acontecem também em um adulto, especialmente se o quadro epiléptico é agravado por adição de drogas e álcool. Outro efeito da epilepsia é dado pela latência da consciência que não ocorre apenas nas fases convulsivas, mas sim nos aparentes e simulados comportamentos de atenção.

A consciência entra em um estado de letargia, contudo continuando a fazer as coisas da rotina mobilizada, porém por automatismos comportamentais assimilados na repetição contínua do dia a dia, como se fosse acometido por sonambulismo.

Esse estado de inconsciência e de semiconsciência pode durar minutos, horas e talvez mais; diferente do estado de total inconsciência associado sintomaticamente ao fenômeno convulsivo que tem duração de instantes.

A responsabilidade nas suas consequências tem como efeito estados de diminuição ou ausência da consciência, assumindo as mesmas proporções, assim como na imputabilidade nos seus graus de semi-imputabilidade, não imputabilidade; nesses estados de fragilidade da consciência, como já afirmado,

os comportamentos são mobilizados pelos impulsos dos processos primários do Id, segundo Freud (1969); mas são também “chips” semicondutores de comportamentos internalizados na assistência passiva, continuada em programas visuais, como se fossem respostas já programadas a priori, e então, não crítica aos estímulos do meio ambiente, sociocultural.

Quando esses “chips” são programados por uma subcultura violenta, agressiva e transgressiva, as respostas comportamentais aos estímulos externos serão da mesma natureza perversa, associal e antissocial.

A epilepsia é um distúrbio, é um adoecer do cérebro na condução dos seus potenciais elétricos, cujo tratamento e a competência é da área médica, da Neurologia, contudo não se dispensam cuidados psicossociais e pedagógicos comportamentais.

Os efeitos no comportamento, a avaliação deles, no contexto jurídico-forense, é de competência não apenas médica, mas psicológica também. A epilepsia não é efeito de uma perversão do Espírito, mas essa dimensão dialética da Existência pode se combinar com uma mente doentia, tornando a simples transgressão, perversamente criminosa e homicida.

Os efeitos comportamentais da epilepsia podem ter outras causas. O psiquiatra Minkowski (1961) diria que são efeitos da incapacidade na “Espera”. A Espera é um “traço”, uma estrutura no perfil da personalidade, que a habilita a se organizar administrando o tempo, uma multiplicidade de estímulos, de tentações, de propostas, de necessidades, de chamadas nos seus apelos.

A Espera é a capacidade de estruturar dinamicamente o tempo nas suas dimensões de passado, presente e futuro, ou em momentos na reta, curta ou longa, do antes, do aqui-e-agora e do depois. Quando alguns sujeitos não

possuem esta capacidade, os acontecimentos tumultuam ao redor e no seu pensar, provocando uma desorganização caótica, próxima ao estado maníaco grave de agitação paratáxica.

A Espera se aprende nos primeiros meses e anos de vida na relação mãe-criança, criança-pai, no sistema familiar, dando reforço à Espera no atendimento de pedidos não urgentes por não serem, de imediato, necessários para os cuidados fundamentais, na alimentação, na higiene e no sono.

Hoje não! Amanhã sim! Agora não! Depois sim! São as palavras de ordens para a formação da atitude da Espera, compensando porém, com qualidade ética as inevitáveis frustrações da Espera.

Quando a epilepsia nas suas duas configurações, como doença, combina-se com a impotência na Espera e com a perversão ética, o comportamento é catastrófico e destrutivo. Compete à psicopatologia diagnóstica a avaliação dessas complexas configurações da epilepsia, sendo o Rorschach um instrumental de grande utilidade nas suas avaliações diagnósticas e prognósticas.

Os indicadores da epilepsia idiopática em Rorschach, como introdução ao psicograma do quadro epiléptico, exigem as necessárias considerações reflexivas abordadas a seguir.

A epilepsia em si não é demência; contudo, um epiléptico pode sofrer de demência, e um demente pode ser atingido pela epilepsia, ou por herança patológica genética, ou pós-traumática.

Nos estados de inconsciência se efetuam comportamentos mentais a nível de

processos cognitivos, idênticos às demências; mas essa configuração se alterna com processos cognitivos declaradamente em nível secundário, com percepções e nomeações objetivas das coisas presentes no campo experiencial, incompatíveis com a demência, cuja fixação está no nível primário com percepções confusas, sincréticas ou impotentes de se expressar na linguagem comum, sendo constante e sem qualquer evolução.

Poderíamos traçar uma configuração epiléptica idiopática paralela em Rorschach nos seguintes elementos estruturais:

Baixa resistência aos estímulos físicos, emocionais e sociais do ambiente;

Respostas com defeito de mediação no tempo de espera;

Respostas não elaboradas e contra as expectativas éticas e sociais;

Ausências compensadas por automatismos mentais;

Dificuldades para fechar comportamentos e liquidar situações não mais produtivas;

Compulsão a repetir esquemas;

Viscosidade geral do comportamento.

Nos indicadores codificados no psicograma se registram as seguintes configurações:

Compatível porcentagem de F^+ , cujo índice entre 60% e 75% é impossível de ser alcançado por um demente;

As formas malvistas $F \mp$ são efeitos de dois fenômenos perceptivos: a estereotipia perceptiva e a perseveração.

O primeiro fenômeno é dado pela repetição de uma forma percebida em uma mesma prancha ou em pranchas sucessivas; o segundo fenômeno é expressivo de um processo associativo — automático que ocorre quando dado por um elemento de um contexto que se evocam os demais elementos situados naquele contexto, mesmo quando estes elementos não estão de fato neste contexto.

Estereotipia e perseveração são ambos os efeitos de uma dormência momentânea da consciência e da ação, como síndrome característica da epilepsia sintomática e idiopática.

A falta da espera registrada nos processos perceptivos, também sintomático do quadro epiléptico idiopático, colhe-se no psicograma dos dados codificados pelas seguintes configurações e equações:

Choque ao vermelho e choque à cor, com defeito de elaboração formal predominando respostas CF-, CF \mp .

$K < k_p \rightarrow$ indicando a impotência, ou a fragilidade dos controles conativos e volitivos.

$K < K_{an} \rightarrow$ indica a incapacidade de administrar desejos, reduzida apenas a percepção de animais; mas quando a relação sinestésica é intencional é expressiva da autenticidade nos seus desejos como na sigla $K > K_{an}$.

$K < k_{obj}$ e $F \mp k_{obj} \rightarrow$ é uma relação que indica a impotência da componente mental e volitiva frente ao quantum de impulsos mobilizados pela carga instintiva.

DG $F \mp \rightarrow$ contaminações extravagantes quase deliroides nas perseverações de formas anatômicas humanas ou de animais, não mais percebidas com referências objetivas aos estímulos, mas sim por simples associação, manifestam um concreto sinal do automatismo mental, como mecanismos que estão na base dos processos delirantes.

Alta produção de respostas, mas a motivo das perseverações, a qualidade dela regride incidindo sobre a porcentagem das $F^+ < F \mp$.

Tempo de reação prolongado do sujeito, constituído por silêncios demorados que não conseguem fechar o processo perceptivo em razão de estados confusionais que constroem o terapeuta a intervir, indicando comportamentos viscosos característicos da epilepsia sintomática e idiopática.

CF+ < CF ∓ e CF- → essas composições indicam o descontrole emocional por parte do fator cognitivo, sempre menos operante no contínuo perceptivo, justificado por percepções de cores sem formas ou com formas indefinidas, expressivas de uma perda progressiva por ausência da componente do controle cognitivo.

A presença persistente nas pranchas com cores cromáticas nas determinantes CF-kobj, indicando cor e cinestesia sem formas de objetos associados em um único conteúdo perceptivo, como nas respostas: “Explosão; Gases explodindo; Fogo subindo nas alturas” são indicativas de uma incontinência afetiva, instintiva que revela a alta carga impulsiva do epilético nas suas duas configurações patológicas.

Por último e sintetizando o comportamento altamente impulsivo do epilético no tipo de ressonância íntima, nas duas modalidades A e B resulta o seguinte quadro:

A) 0K: nº C = extratensivo puro

B) nº kobj, nº kp, nº Kan: nº (c)clob, nº (c)ctext

O Psicodiagnóstico Rorschach aplicado ao estudo e avaliação da epilepsia nas suas configurações sintomáticas e idiopáticas, contribui com os pareceres emitidos nas áreas clínica, escolar, organizacional e jurídica, sendo que nesta última muito colabora nas perícias psicológicas e exames criminológicos. O teste poderá auxiliar muito o psicólogo a se manifestar acerca da gravidade do quadro, o grau de periculosidade no contexto forense, em diagnósticos diferenciais,

auxiliando a equipe multidisciplinar e evitando assim, inúteis estresses pelo uso de substâncias excitantes desnecessárias.

16.5 FENOMENOLOGIA DA ANSIEDADE

A ansiedade é essencialmente um estado de insegurança, de incerteza, de impotência de como interpretar e administrar situações e eventos de grande e relevante significado em relação ao bem-estar físico e psicológico do indivíduo.

Esse estado angustiante vem se construindo na primeiríssima infância, logo após o nascimento, quando a criança está ainda totalmente dependente dos cuidados psicológicos, nutricionais e higiênicos da figura materna.

Afastamentos precoces do bebê do seio materno nas seguintes relações de duplo vínculo entre “seio-bom e mãe-mau”, tendo como conceito que a mãe é dotada de um bom seio repleto de leite, mas rejeita amamentar; e “seio-mau e mãe-bom”, tendo como conceito o inverso, a mãe é dotada de ternura e afeto, mas seu órgão anatômico, na sua fisiologia não dispõe da produção do leite e “mãe-mau e seio-mau”, que, por último, é a mais agravante relação mãe-bebê, quando a mãe não quer amamentar o filho mesmo tendo leite e o rejeita tanto em suprir amamentação quanto com os cuidados básicos.

Essas correlações estão em sintonia com as falas da psicanalista Klein (1981), deixando a criança desamparada e insegura, contudo uma mãe-bom, com defeitos anatômicos e fisiológicos do seio, compensa pela sua ternura e cuidados, as possíveis sequelas patológicas na síndrome de ansiedade de danos ao seu filho.

Quando os sinais que a criança lança como apelo para ser atendida, não são ouvidos ou são mal interpretados, aumentam a sua ansiedade com comportamentos depressivos ou de irritação.

Sucessivamente, na primeira e segunda infância, a ansiedade é provocada por conflitos entre uma busca progressiva de autonomia e independência na exploração do espaço, e no manuseio dos objetos em conflitos com os próprios desejos e na terceira infância sucessivamente, quando a relação com amigos é determinada e imposta no âmbito familiar, escolar e social, como disciplina nas suas exigências e ordens dadas na obediência plena, às vezes impostas com autoritarismo explícito ou às vezes camuflada com um disfarce de autopiedade.

Nas etapas evolutivas da infância e da adolescência, a insegurança que bloqueia a identidade, na incapacidade de lidar com os desejos, com os imaginários, com as pulsões profundas, e na fragilidade pela tomada de decisões, e suas frustrações na realização de projetos, tudo isso desencadeia um estado de ansiedade que pode se agravar na experiência da angústia como patologia, castigando o corpo nas suas funções e no seu comportamento.

Há também uma ansiedade, às vezes, profundamente angustiante, mas não de origem psicológica, e que fere a mente e o corpo e cujas razões compreensivas estão na dimensão da Espiritualidade, como impotência a dar significados à Existência nas suas exigências, que apelam para uma evolução superior do ser humano, no Tempo e no Espaço, definindo-se como insegurança ontológica frente a uma liberdade presa no paradoxo da potência e da impotência, da finitude e da infinitude, de uma razão quando na sua limitada lógica, é impedida de penetrar e iluminar o Mistério, no qual estão presas às nossas origens e ao nosso destino final.

Essa ansiedade é inelutável e deve ser enfrentada com Coragem; ou no estoicismo dos filósofos Materialistas, ou na Esperança dos Existencialistas abertos a uma dimensão Transcendente da Existência.

Não se pode ignorar também a dimensão concreta do nosso estar neste Mundo e

neste Tempo, por sermos contaminados por uma cultura da concorrência desleal e pelo poder de acesso à supremacia, ao lucro, à uma hierarquia e por uma hegemonia excludente: os “inferiores”, os “submissos”, os “anormais”, os “deficientes”, os “inconformistas”.

O campo experiencial psicológico e social é um campo de lutas, de batalhas e não apenas de paz. Já os sujeitos psicopatas não são acometidos pela ansiedade; só padecem de insegurança e medo, frente a pessoas e sistemas sociais éticos mais poderosos e organizados.

Pessoas sábias, espiritualmente evoluídas, sabem administrar a ansiedade e transformá-la criativamente em potenciais culturais.

A ansiedade e a angústia interferem nos processos mentais distorcendo, retendo o Eu na condução da sua experiência de vida, mas também nos seus processos mentais cognitivos, afetivos e conativos.

No processo perceptivo interpretativo, o indivíduo ansioso entra com os seguintes comportamentos:

Quando submetido ao teste, pergunta com insistência como deve proceder nos processos perceptivos interpretativos manifestando sinais de incerteza, de preocupação nas tentativas de se garantir a aprovação do profissional, como um pedido de socorro e ajuda;

Manifesta continuamente resistência em pegar e reter as pranchas nas mãos, ou se fixar em apenas uma posição dada, ou submetê-las às contínuas “reviravoltas”

sem, contudo, nada interpretar;

Os tempos de latência prolongados ocorrem especialmente, nas pranchas I, VII e IX e nas pranchas IV e VI, cujos arquétipos são o maternal feminino e o paternal masculino, que mobilizam estados de ansiedade; como também nas pranchas I, IV, V, VI, VII, por serem intensamente e densamente escuras, em certas pessoas a escuridão agrava a ansiedade em pânico;

As recorrentes dúvidas nos processos interpretativos do sujeito com a preposição disjuntiva e duvidosa do “ou”, são expressivas da ansiedade;

As reações psicossomáticas de vários tipos: mãos e pernas tremendo, tiques nervosos, balbucias, face hiperemiadas, olhares ausentes e sudoreses;

Reticências nas possíveis afirmações: “é, não é”, “parece, não parece”, “sim, mas...”. Exclamações guturais e verbais, tipo: “ichi!” “Humm!” “Vixe Maria”.

Todos esses comportamentos são indicativos de insegurança, traços sintomáticos da personalidade que caracterizam o sujeito ansioso.

O diagnóstico de ansiedade no psicograma se concentra nos dois tipos de Ressonância Íntima A e B:

Tipo A: $0K / 1K < n^{\circ} C$

Tipo B: nº K / kp / Kan / kobj = nº C / Fclob / clob(c) / F(c)

Significando que o sujeito acometido de ansiedade tem poucos e frágeis recursos de controle 0-1 K / nº kp, sobre o montante dos estímulos externos, C e dos estímulos internos clob e (c), claro-escuro e cor no esfumado.

A síndrome da ansiedade é dada por um conjunto de sintomas psicossomáticos mentais e comportamentais que revelam uma impotência da pessoa em administrar não apenas conflitos entre o Id e o Superego com o Ego, como também em administrar experiências de vida, vínculos nas relações com os outros que se opõem dialeticamente como teses e antíteses e, às vezes, como exigências de valores alternativos.

Em uma avaliação do controle da ansiedade por meio da técnica do teste e do reteste do Rorschach, o diagnóstico é favorável quando as relações entre os dois tipos de Ressonância Íntima se revelam nas seguintes proporções:

Tipo A (2, 3 ou 4) K: (2, 3 ou 4) F+C

Tipo B (2, 3 ou 4) F Kan / Fkobj: (2, 3 ou 4) Fclob / F (c)

Nesta formulação do tipo A, não há apenas um significativo aumento das grandes cinestésias codificadas em K; é evidente também um controle cognitivo

sobre os estímulos afetivos externos, codificados em F+C, e sobre o imaginário intratensivo codificado em Fclob / F(c).

Na formulação do tipo B, as cinestesias, para confirmar o controle da ansiedade devem ser expressivas de desejos com as siglas Kan / Fkobj, simbólicos de controle dos impulsos, dispensando porém, cinestesias em kp, que são indicadoras de impotência.

K = cinestesia percebida em humanos expressiva de ação de intencionalidade, de autodomínio no controle dos instintos e na realização dos desejos (Ksimb), como também na destruição da vida e dos valores (Kdiab).

Essa variável de personalidade é ausente tanto no perfil psicológico do maníaco, quanto do depressivo; as cinestesias dominantes na configuração bipolar são kp, Kan e kobj.

kp = cinestesias humanas parciais, flexivas, passivas que indicam perda, retenção da volição, do querer fazer, do poder realizar; é uma determinante indicativa de catatonia, quando com conteúdos humanos desvitalizados, por isso caracteriza a experiência interior e o comportamento de ambos os polos, tanto do maníaco na sua impotência em dar uma ordem aos estímulos, às solicitações do mundo externo, quanto do depressivo na sua perda progressiva do élan vital.

Kan = é a determinante que codifica cinestesias animais indicativas de dinâmicas primárias próprias da infância; contudo, na fase evolutiva adulta, manifesta apenas tendências, possibilidades, desejos, como representadas nestas seguintes formulações OK: nº kp, nº Kan e $K < kp$ e Kan indicam com evidência a impotência ou a dificuldade de ter um controle, ou de realizar desejos pelo resgate de uma energia vital em decadência.

kobj = é a determinante que codifica a cinestesia objeto, indicativa de cargas impulsivas de conteúdo instintual; no maníaco se caracteriza nestas formulações: $F-kobj/kobj \ F \mp > F+ \ kobj > K$. Essas formulações são expressivas do sujeito maníaco no descontrole pulsional e na sua impotência a dirigir construtivamente uma possível carga energética.

A afetividade do depressivo, nas suas manifestações emocionais, é perturbada pela ansiedade, às vezes intensas, agravando-se na angústia. No depressivo as percepções das cores cromáticas dão espaço às cores acromáticas significando a invasão no profundo de um noturno emocional; as noites para a nossa cultura do diurno são momentos e lugares do nada, do vazio, da perda da luz no final do túnel, da perda da Esperança.

O maníaco não tem capacidade de espera, OK: nº kp, nº Kan, nº kobj; o deprimido perdeu a Esperança no presente e no futuro $TR \ F+ < TR \ F\pm$, $TR \ F \mp$, $TR \ F-$; esta última formulação indica, no processo perceptivo de formas, uma perda contínua e progressiva da Presença, dos Desejos e da Ação.

A bipolaridade maníaco-depressiva, como já exposto, manifesta-se em modalidades diferentes; às vezes, os dois polos se alternam em tempos breves, brevíssimos; às vezes um polo, maníaco ou depressivo pode ter duração a vida inteira: às vezes meses, semanas, dias e até horas.

Estas variações confundem os dados do Psicodiagnóstico, sendo então necessário muita atenção do profissional às variações das performances interpretativas na mesma prancha ou em pranchas diferentes, que refletem a síndrome dos distúrbios de humor, traços característicos da bipolaridade.

Os conteúdos humanos, animais e da natureza e outros refletem, de um lado, o ciclo da exaltação eufórica e de outro, o ciclo catatônico, “Fogos de artifícios”, na prancha X; “Explosão de um vulcão”, na prancha IX; “Petróleo jorrando do chão”, na prancha IX; “Tornado, está derrubando postos árvores e casas”, na prancha VII; todos esses exemplos são percepções típicas das fugas desordenadas dos maníacos.

“Duas mulheres prostradas”, na prancha III; “Um gigante derrotado”, na prancha IV; “Duas mãos pedindo socorro”, na prancha I; “Uma montanha desabando para baixo”, na prancha IV, todas essas percepções são típicas do colapso depressivo da síndrome bipolar ou reais e, de fato, eventos catastróficos da natureza nos seus efeitos destrutivos da malevolência humana, politicamente, culturalmente e diabolicamente organizada?

Os dados Rorschach, em uma avaliação quantitativa, podem aferir a relação conflitual entre os dois polos maníacos e depressivos, como no exemplo a seguir: $kobj\ F \mp /Kan/(c)$ e $kobj\ F- > F+/K/CF+$, nessa formulação o momento maníaco ($F+/K/CF+$) é dominante sobre o momento depressivo ($kobj\ F \mp /Kan/(c)$ e $kobj\ F-$).

16.6 ESQUIZOFRENIA E SUAS SINTOMATOLOGIAS PSICODINÂMICAS

Há muita divergência sobre o conceito de esquizofrenia, até sobre a validade do próprio nome. No entanto, proponho a definição que se encontra no Blackiston's New Gould Medical Dictionary, sendo porém, uma definição mais descritiva na sintomatologia e compreensiva das essências do que explicativa; mesmo assim tem um grande valor pragmático no diagnóstico.

De outro lado, lembramos que a Fenomenologia é ciência descritiva de fenômenos e comportamentos humanos, constituindo um campo fenomênico da vida organizada e consciente, na sua intencionalidade.

A reação esquizofrênica, que faz parte do quadro psicótico e que frequentemente tem início imediatamente após a adolescência, ou no decorrer da idade jovem e adulta, caracteriza-se por transtornos básicos nas relações com a realidade, na formação dos conceitos, nos distúrbios da afetividade e suas variadas intensidades no comportamento.

Essas reações são caracterizadas pela tendência a se retrair da realidade, pelo humor bizarro, por distúrbios imprevisíveis nos processos de formação das ideias, por tendências regressivas até chegar a uma profunda deterioração por quadros delirantes e alucinatórios e, por fim, por processos catatônicos.

16.6.1 Panorama histórico da esquizofrenia

Kraepelin (1905) foi o primeiro em psicopatologia a trabalhar com o conceito de “demência precoce”, termo porém, proposto por Morel (1860), a fim de caracterizar um caso da estupidez juvenil.

Kahlbaum (1863) psiquiatra alemão chamou de “paraphrenia hebética” uma perda de inteligência que se manifestava frequentemente na puberdade e, em 1874, descreveu o comportamento catatônico com o termo *Spannungsirresein*, mas foi Kraepelin (1898) que oficializou o termo “demência precoce”, sintetizando assim todos esses fenômenos, incluindo não apenas a catatonia de Kahlbaum (1863) a hebefrenia, a “vesania típica” também descrita por Kahlbaum (1863) caracterizada por alucinações auditivas e delírios de perseguição.

Nesses quadros clínicos diferenciados na sua evolução,

Kraepelin (1918) construiu duas classes nosográficas: a demência como fenômeno de decadência progressiva de todo o sistema psíquico e o quadro maníaco-depressivo no qual a demência não era progressiva.

Bleuler (1911) ampliou a nosologia de Kraepelin incluindo no rol das demências outros distúrbios como os da personalidade psicopática, das alucinações alcoólicas e outras formas de psicoses latentes. Bleuler (1911) também considerou a síndrome de Kraepelin (1905) como uma forma que não necessariamente tinha que evoluir definitivamente na demência, mas como um distúrbio caracterizado principalmente por uma alteração das capacidades de associação e por uma dissociação das funções fundamentais da personalidade.

A motivo disso, Bleuler (1911) sugeriu que o termo demência fosse substituído pelo termo esquizofrenia, que significa ad litteram, rompimento, fragmentação da mente.

Bleuler (1911) teve o mérito de incluir no conceito de demência de Kraepelin (1905) a evolução do conceito de esquizofrenia, nas concepções dinâmicas de Freud (1969) com o intuito de explicar esses processos formais.

Para Bleuler (1911), o mecanismo formal básico de todos os sintomas esquizofrênicos é constituído por uma dissolução das associações das funções da mente nas suas efetuações intelectivas, afetivas e volitivas.

Bleuler (1911) incluiu no conceito de esquizofrenia a síndrome autística. De fato, o pensamento autístico reproduz e interpreta não a realidade externa na sua objetividade e no significado do “mundo comum”, mas de acordo com um mundo fantasmagórico dominado por desejos e medos e mediado por processos simbólicos proto e paratáxicos.

De acordo com Bleuler (1911), os processos autísticos são frequentes como reação a estados emocionais violentos; também aparecem em processos criativos, artísticos, nos jogos da infância, nas experiências místicas e de forma evidente e caracterizante, mas deteriorada na esquizofrenia.

Outra grande figura histórica na compreensão da esquizofrenia foi o psiquiatra Meyer (1951); além de um estudo transversal do funcionamento mental, Meyer (1951) propunha um estudo longitudinal dado no decorrer do tempo de vida do sujeito. A esquizofrenia então, é mais uma reação esquizofrênica como desconstrução contínua que se desvela na maneira de viver os maus hábitos, por

exemplo, os comportamentos anancásticos obsessivos, a fuga nas fantasias, a perda progressiva de interesses vitais, a insignificância frente aos valores da ética, das normas do mundo comum; todos esses comportamentos parecem à primeira vista como subterfúgios banais e às vezes, inocentes para garantir um espaço de liberdade e de originalidade para o indivíduo, mas no decorrer do tempo, serão substituídos por comportamentos incompatíveis e, enfim, transformar-se-ão em sintomas declaradamente esquizofrênicos.

Apesar da importância da abordagem longitudinal, ela deixou pontos em questionamentos. Meyer (1951) desconsiderou a importância da ansiedade, não aprofundou o significado como matriz dos maus hábitos e não se preocupou com a qualidade específica da esquizofrenia, ou seja, com a sua estrutura.

16.6.2 A contribuição da Psicanálise na compreensão da esquizofrenia

Freud (1972), na Interpretação dos sonhos, descreve muitos processos que podem se aplicar à esquizofrenia. Os conteúdos oníricos, simbólicos e as formas arcaicas dos sonhos fazem parte da sintomatologia esquizofrênica.

O conceito de incôscio de Freud é aplicável à esquizofrenia não apenas pela ausência da autoconsciência, mas pela incapacidade de aproveitar do mecanismo do próprio inconsciente, como defesa para a integridade do próprio Eu. O esquizofrênico, de fato, atualiza no comportamento manifesto todos os seus conteúdos inconscientes.

Jung, em 1906, foi o primeiro que aplicou os conceitos psicanalíticos à esquizofrenia. Ele estava convencido que os delírios, as alucinações e outros sintomas da esquizofrenia eram devidos à atividade do “complexo autóctone”, na sua única e exclusiva singularidade que se refere a um grupo de ideias que motivam com fortíssima carga emotiva, a remoção da consciência, mantendo uma existência absolutamente desligada do mundo comum na sua total autóctona independência.

Jung (1906), em seus artigos escreveu que, se quem sonha se comportasse e agisse como se estivesse em estado vígil, teríamos imediatamente o quadro clínico da demência esquizofrênica.

Mais tarde, Jung (1964) equiparou o comportamento esquizofrênico aos arquétipos do inconsciente coletivo; também propôs a ideia de que o indivíduo que se caracteriza por uma personalidade fortemente introvertida e na sua

transformação patológica torna-se um esquizofrênico.

Sullivan (1962) deu uma importantíssima contribuição à explicação e à gênese das configurações da psicopatologia e em especial maneira da esquizofrenia transferindo o mecanismo genético do campo intrapsíquico e intrapessoal para o campo interpessoal. Sua obra, Teoria interpessoal da psiquiatria, orientou numerosos estudos sucessivos contribuindo ao nascimento do movimento da antipsiquiatria com Basaglia (1964-1980), Laing (1969), Jones (1972), da psiquiatria social, Szasz (1986) e Cooper (1989).

Para Sullivan (1962), a esquizofrenia é o resultado indireto de relações interpessoais anormais entre a criança e os seus pais que são para ela as primeiras personificações do mundo.

Relações interpessoais distorcidas não permitem que se formem na criança esquemas de respostas que neutralizam a ansiedade, impossibilitando assim, na criança a construção de um self como núcleo de um Eu-Ego consciente e operante.

Essa criança quando adulta deve recorrer sempre a interpretações deformadas das situações interpessoais que Sullivan (1962) denomina de distorções paratáxicas, chegando por isso a perder a “convalidação consensual” e o reconhecimento por parte dos outros e da comunidade inteira das suas afirmações e dos seus comportamentos.

Quando a ansiedade aumenta e foge dos controles mentais e emocionais, explode e se expande em um estado de pânico psicótico que reativa e mobiliza as primitivas experiências terrificantes, que constituíam o não Eu, que tinham sido precariamente neutralizadas no inconsciente e que vem se organizando de forma simbólica, mas incompatível com a lógica, com a razão, com a ética, com a

ordem e com a estética do mundo comum.

Sobre o encaminhamento fenomênico existencial, no momento darei apenas algumas informações, deixando a análise mais aprofundada em um próximo estudo.

A Escola Fenomenológica Existencialista teve e tem muita consideração para com os estudiosos da esquizofrenia nos países da Europa, Alemanha, França, Itália, como também no Japão, mas pouco interesse suscitou nos Estados Unidos. Entre esses estudiosos, grande destaque e influência tiveram Binswanger e Minkowski.

Binswanger (1945-1946) dedicou à esquizofrenia quatro importantes trabalhos que consistem em quatro estudos clínicos sobre quatro pacientes aos quais deu nome de Lola Voss, Ilse, Ellen West e Suzanne Urban. Nessas histórias, Binswanger não se aplicava apenas a colher as formas constitucionais, psicodinâmicas, simbólicas, categoriológicas, mas as dimensões estruturais básicas antes da doença e que explicam a maneira de ser-no-mundo do paciente, as suas reservas patológicas, na singularidade e unicidade das suas experiências.

Binswanger procura explicar o mundo delirante do paciente como evolução de um tema de terror no caso, por exemplo, de Suzanne, retida no seu mundo de terror.

O medo de encher o próprio corpo de “entulhos” e de engordar para compensar uma existência vazia é o tema do caso de Ellen West.

Essas perspectivas contribuem e muito à compreensão do doente esquizofrênico,

mas exigem a complementação de estudos psicodinâmicos, formais e psicossomáticos apesar de que Binswanger era mais preocupado com as estruturas essenciais da doença, e menos com as causas; mas para fins da cura o conhecimento das causas, contudo é imprescindível.

Minkowski era amigo de Binswanger, os dois tinham acesso a Husserl. Binswanger se correspondia com Freud, e Minkowski tinha H. Bergson no seu horizonte filosófico. Os trabalhos mais importantes de Minkowski (1933) foram *La schizophrénie*, escrito com a colaboração da sua esposa Françoise Minkowska, e *Le temps vécu*.

Para Minkowski (1933), o ponto crucial da esquizofrenia está na perda do contato vital com a realidade; está na perda do élan vital, de Bergson (1999); o paciente quando perde a “propulsão para frente”, perde coesão, consistência, firmeza, desagrega-se, fragmenta-se e cai em pedaços.

16.6.3 Sintomatologia clínica: análise fenomênico existencial da esquizofrenia

É composta de múltiplas anomalias do comportamento que iniciam entre a puberdade e os trinta anos e, menos frequentemente, em outras idades.

Pródromos dessas anomalias são dados por comportamentos bizarros na infância que porém, passam despercebidos nessa fase e que insidiosamente, aos poucos tomam conta do comportamento caracterizando-o na configuração esquizofrênica:

O paciente manifesta pouco interesse para a vida real dedicando-se obsessivamente a problemas específicos abstratos ou irreais contrariando o senso comum e o bom senso dos familiares e amigos;

Distancia-se dos significados e dos valores que mantém a sociedade unida e produtiva em um consenso de longa data. É a crise da “insignificância”;

Convence-se que determinadas ideias, juízos, lhe se referem diretamente e tem significados especiais: são chamadas de ideias de autorreferência, ideias persecutórias, complôs contra a sua pessoa, processos onde é julgada e condenada; tudo isso vem a compor um conjunto de delírios de natureza negativa;

Às vezes, o paciente justifica estes delírios de perseguição porque é convencido

de ser uma personagem de destaque: rei, rainha, atriz, presidente; constituem ideias de grandeza e megalomanias;

As funções perceptivas são alteradas por ilusões que não permitem identificar os objetos como são na realidade; por alucinações que são percepções sem estímulos concretos, físicos; o paciente ouve vozes que o acusam de ser um homossexual, um assassino, um espião; as alucinações atingem todos os sentidos, mas especialmente a audição;

Pouco frequentes, se registram também sintomas que no início parecem pertencer aos quadros neuróticos como, por exemplo: hipocondrias, histerias, fobias, e fenômenos obsessivos;

Frequentes são maneirismos, gestos estereotipados, automáticos repetitivos, às vezes impulsivos;

O humor é profundamente alterado, são frequentes estados de irritação; o paciente é suspeito, cínico, especialmente quando se refere aos seus complexos delirantes; emocionalmente incongruente, sem conexão, e às vezes em oposição às situações reais de estímulo. Frequente é a frigidez emocional que chega até à apatia completa;

Aos poucos vem retirando a sua leben, o seu corpo vivente do mundo comum, dos espaços sociais, fechando-se em espaços sempre mais angustos que limitam os seus movimentos, quase a um estado de hibernação, de hipoatividade, de extremo desinteresse, transcurando a alimentação, a higiene e a estética do corpo;

O processo da linguagem é afetado profundamente, alterando-se de uma forma característica, regredindo a formas primitivas prototáticas endoceituais.

Além de formas expressivas tipo salada de palavras, são frequentes as estereotípias, as perseverações e, especialmente, os neologismos.

O paciente pode também cair em um estado de mutismo por um bloqueio quase autístico.

Quando o paciente esquizofrênico é consciente da anormalidade desses sintomas, a sua esquizofrenia é leve; é, por ele mesmo, administrável, dando-lhe significado como diferencial cultural existencial; mas na proporção da intolerância da sociedade há um sofrimento progressivo que, por sua vez, é fator agravante e precipitante da doença.

É importante ter presente que são três as matrizes da esquizofrenia: a matriz orgânico-genética, a matriz anômica e a matriz diabólica; quando as três configurações concorrem o existir esquizofrênico se aprofunda, amplia-se, conota-se clinicamente como psicose entendendo, neste momento, a psicose como uma perda total da Presença do Eu no tempo e no mundo.

Uma síndrome específica da esquizofrenia é a paranoide, quando progride na dimensão psicótica é chamada de esquizofrenia paranoica. Esse quadro pode ter início precocemente, mas normalmente se manifesta aos 30, 40 e 50 anos de idade. Os pacientes desse quadro apresentam níveis elevados de inteligência: coléricos, suspeitosos, negativistas e oposicionistas; impiedosos no julgamento e na punição com a vítima e com quem lhe é submisso por ofício, parecendo ter incorporado a personalidade do justiceiro ou do anjo vingador.

São frequentes delírios persecutórios; de fato, esses pacientes se consideram “eleitos” para cumprir missões de porta universal, profética, messiânica.

O sistema ideativo no início pode aparecer filosoficamente, ideologicamente coerente; mas no decorrer dos anos vem se deteriorando, quando as contradições, as incoerências chegam a ser absurdas e paradoxais e o delírio totalmente insustentável.

A paranoia alimenta, como dimensão patológica, a personalidade visionária; o sucesso social dessas personalidades é alimentado por um estado de carência, de frustração generalizada no meio de populações oprimidas e escravizadas.

Contudo, não se quer negar o surgimento, na presença de líderes e profetas autênticos; basta um pouco de bom senso, de senso crítico, de maturidade histórica para não confundir um visionário-paranoico demagogo, com um autêntico profeta e líder.

As formas da esquizofrenia são típicas: a hebefrênica, o tipo paranoide, o tipo catatônico, o tipo oligossintomático, o tipo simples, às vezes, todas essas modalidades se contaminam uma com a outra complicando o diagnóstico; mas a natureza profunda da esquizofrenia é inconfundível: a ruptura do Eu na ruptura do Espaço e do “Tempo vivido”.

O grande fator responsável, desencadeador da esquizofrenia, é a ansiedade, a experiência de iminentes acontecimentos catastróficos, apocalípticos de fim de mundo, experiências de eventos terrificantes reais ou imaginários.

A síndrome esquizofrênica parece estar aumentando em todas as partes; a maior incidência porém, é registrada nas zonas urbanas, especialmente nos bairros periféricos, onde também a desorganização social é fortemente operante, onde o indivíduo vive solitário no meio da multidão; a esquizofrenia é mais incidente nas populações constrangidas ao êxodo para lugares e culturas estranhas; é altíssima entre imigrantes, entre grupos subculturais e de minorias étnicas.

A esquizofrenia é frequente nas sociedades altamente e autoritariamente organizadas e com severos códigos morais.

Para a compreensão da esquizofrenia é importante conhecer alguns mecanismos formais operantes nos processos de desorganização psíquica.

16.6.4 A progressiva regressão teleológica da esquizofrenia

Por “regressione” esquizofrênica não se entende apenas um retorno a níveis primários de adaptação ao meio, como Freud (1969) pensava; mas de acordo com Jackson, entende-se uma regressão a níveis filogeneticamente primitivos. O esquizofrênico tenta adaptar um conteúdo superior da experiência a uma forma inferior, menos psicologicamente e estrategicamente exigente e aparentemente mais defensiva contra as ameaças, os perigos e a ansiedade. É o caso daquelas espécies animais que simulam a morte, na imobilidade do corpo para escapar dos agressores ou que desenvolveram uma aparente regressão de classe se mimetizando em folhas, ganchos, até pedras, e fundos.

A regressão teleológica se dá nas seguintes operações:

1) A concretização do conceito regressão teleológica:

Consiste na redução de uma experiência e de um conceito abstrato em um objeto concreto. Caracteriza o tipo paranoico da esquizofrenia. Antes do estágio psicótico, o indivíduo paranoide experimenta sensações e sentimentos de desespero, de fracasso, de hostilidade generalizada. O mundo lhe é hostil; a humanidade é inimiga.

Tenta reagir pensando e fantasiando novos desafios, mas já com a sensação antecedente de derrota, fracasso, mas não a motivo da sua incompetência ou pela extravagância dos seus projetos, mas porque alguém de carne e osso o persegue, o espia, o trai e lhe quer mal. Nesses momentos, o indivíduo já entrou no quadro “psicótico da paranoia”. De uma ideia abstrata à percepção de algo concreto,

mais fácil de ser controlado e manipulado para convencer a opinião pública, quando esse objeto concreto foge à percepção real, torna-se objeto alucinatório.

Estabelece-se assim o seguinte itinerário:

sensações negativas generalizadas, abstratas;

concretização delirante;

alucinações.

O esquizofrênico, segundo Goldstein, abandona o domínio do abstrato e retira-se no concreto, transformando o abstrato em concreto: “a vida é amarga”, “alguém está pondo veneno na minha sopa”, “todas as noites vem uma mulher vestida de preto, entra em casa, e deixa um frasco de veneno”, exemplos da evolução da experiência esquizofrênica delirante alucinatória.

2) O pensamento paleológico:

Von Domarus, um estudioso da esquizofrenia, identificou nos processos de pensamento dos esquizofrênicos uma lógica sui generis, denominada como “princípio de Von Domarus” que consiste em construir uma identidade não como base à “substância”, e sim como base aos “predicados”.

Uma vez, um casal e uma criança de 3 anos passeavam em uma praia do lado de fora de um recinto que vetava a visão até a altura média de pessoas adultas. O recinto protegia a intimidade de uma praia de nudismo. Os pais curiosos levantaram a filhinha para cima das cabeças deles lhe perguntando quem estava lá, a criança disse: “é gente!”. “Mas homens ou mulheres?”, replicaram os pais. E a criança concluiu: “não sei, estão todos nus”. A criança na sua idade identificava os gêneros pela roupa (predicado) não pela substância (a genitalidade)!

Essa lógica sui generis, paleológica ou lógica primária é responsável por atos e comportamentos delinquenciais e criminosos. Como no caso de um serial killer de mulheres ruivas, porque a sua babá quando criança o torturava por frequentes e pequenas maldades, desencadeou uma “fobia genital feminina primária”, mas limitada ao predicado “ruivo” (SULLIVAN, 1962).

O princípio de Von Domarus entra na dinâmica e na dialética entre símbolo e realidade, entre significado e significante, confundindo o sentido e a função real da relação e tornando-se também causa de comportamentos criminosos.

Um adolescente esquizofrênico foi preso por ter matado seu pai com o seu machado, decepando-o. O pai trabalhava cortando árvores nos bosques dos Alpes. Era casado, morava com a esposa, uma filha e ele, o filho. O pai era bruto, agressivo e batia na mulher. O filho amava o pai e o ajudava no serviço. A família morava em uma casa, na montanha. O inverno era severo pelo frio intenso. Uma árvore frente à janela da sala impedia que o pouco sol entrasse aquecendo e temperando o frio. A mãe se queixava continuamente com o filho de duas “desgraças”: a brutalidade do marido e a “Grande Árvore” que impedia o sol de entrar. Um dia o rapaz leva o almoço ao pai falando para a mãe que ficaria a tarde toda na montanha cortando árvores com o pai. Ao entardecer, volta para casa sozinho e quando abraça a mãe, fala-lhe assim: “mãe, agora o sol vai entrar em casa esquentando a senhora, derrubei a ‘Grande Árvore!’”. A mãe subiu correndo as ladeiras e viu o marido decepado. O filho, quando o pai depois do almoço deitou apoiando a cabeça em um pequeno tronco enquanto dormia,

destroncou-lhe a cabeça com o seu próprio machado. Na delegacia, negava ter matado o pai, pois o amava. Entre a “Grande Árvore” que proibia o sol entrar e o pai bruto tinha um elemento em comum, a “desgraça”, causas do sofrimento da mãe. O filho caiu em um terrível equívoco, pensou que o pai fosse a “Grande Árvore”, efeito de um processo de “des-simbolização”, de ruptura da “lógica comum” entre as relações representativas do símbolo com a realidade.

16.6.5 Fenomenologia da esquizofrenia

A esquizofrenia é um distúrbio que afeta o cérebro e se revela no comportamento; pode também ter como causa transtornos das experiências da existência nos seus primeiros momentos ao vir ao mundo.

A saúde da mente depende da saúde do “corpo-cérebro”; vale também o inverso: a saúde do corpo-cérebro depende da saúde da mente, como capacidade de enfrentar o mundo no espaço a ser vivido nas suas múltiplas relações, do Eu consigo mesmo na integridade das suas funções, das suas operações, nas dimensões da sua identidade e nas relações com os outros e com as coisas do mundo.

Os fatores orgânicos causadores da esquizofrenia já estão sob controle da Psiquiatria e nas suas operações restaurativas medicamentosas, que sendo sempre mais eficientes conseguem revertê-los ou pelo menos contê-los nos seus efeitos dissociativos catatônicos ou de exaltação paranoica delirante.

Os fatores existenciais que provocam o comportamento esquizofrênico são de diversas ordens e naturezas experienciais, psicológica social, e estão na competência profissional também da Psicologia como objeto de estudo na área da psicopatologia nos compromissos terapêuticos.

As configurações experienciais indutoras de comportamentos característicos da esquizofrenia são defesas frente a um evento denominado por Sullivan com o termo “terrificante” pelo qual o mundo é vivenciado, desde os primeiros momentos da existência como hostil, inimigo, inóspito, destruidor, enfim

diabólico.

A primeira experiência é de um mundo percebido em situação catastrófica, caindo em pedaços, tanto o mundo externo, quanto o mundo interno; tudo se separa, rompe-se, fragmenta-se, divide-se de fora e de dentro, do próprio Eu, consigo mesmo e nas suas relações de coisa com coisa e nos vínculos de pessoas com pessoas.

O esquizofrênico se sente culpado como autor dessa imane catástrofe e foge, esconde-se, de todos e de si mesmo; foge do seu próprio corpo, sentindo-se, em parte, culpado como autor e por isso punido, pela sua exclusão e em parte fugindo dos olhares impiedosos do mundo, olhares esses que o sentenciam, acusam-o e que o condenam.

A paranoia do esquizofrênico significa a extrema e última tentativa de defesa e de proteção frente aos juízes impiedosos.

Interpretando o sentir profundo de um esquizofrênico no seu inconsciente, essas seriam as suas falas, por mim, assim elaboradas: “tudo que importa e interessa para vocês! Nada disso importa e interessa para mim”; “o meu mundo não é o vosso mundo”, a motivo disso, o esquizofrênico é um “andarilho” dos asfaltos, nas nossas estradas, e um andarilho na busca de outros ideais, em outras lógicas e outra razão.

O esquizofrênico nessa sua busca de ideias utópicas é considerado excêntrico, extravagante, derrubado pelos seus próprios delírios e por nós; por isso o esquizofrênico é considerado um louco, um demente, um estranho excluído da convivência comum, na convivência amorosa.

A solidão é a solidária amiga do esquizofrênico; que sempre vive com ele, de dia e de noite, até quando perdido nas multidões, nas ruas, nas praças, nos teatros, nos shoppings das grandes cidades; coisa perdida, resto jogado no lixo, derrelito de um naufrágio, árvore abatida por um tornado; é assim que se sente um esquizofrênico e é assim que vive o seu morrer sem fim.

16.6.5.1 Dados da esquizofrenia no Psicograma

A esquizofrenia não é apenas uma demência; é uma lógica diferente como alternativa à lógica dominante: tipo lógico incomum, contudo expressiva de uma verdade para nós misteriosa e expressiva de um esforço imane para recompor um mundo novo e em uma nova unidade das coisas do velho mundo, para o esquizofrênico dispersas em fragmentos.

Do $F \mp$ → o detalhe oligofrênico representa os fragmentos do velho mundo e DG $F \mp$ com percepções contaminadas e confabuladas representam as fracassadas tentativas de reconstruir uma nova unidade para um mundo novo.

$F \mp$ em Do → detalhe oligofrênico e $F \mp$ em DG contaminada $F \mp$ em DG confabuladas são indicadores da esquizofrenia; G $F \mp$ na prancha V é também um importante e significativo indicador de esquizofrenia.

Do $F \mp$ e G $F \mp$ na prancha V, acusam uma esquizofrenia na sintomatologia diagnosticada como doença orgânica mental.

DG/ $F \mp$ contaminada e confabulada na prancha X reforçam o diagnóstico de esquizofrenia sintomática, elaborado na prancha V.

A impotência na interpretação das figuras e formas nas pranchas, bem como a rejeição delas é sintomática da esquizofrenia, manifestando a insignificância dos nossos símbolos, da nossa cultura, do nosso mundo.

O baixo nível do índice de realidade avaliado nas respostas banais das pranchas III, V, VIII e X é também expressivo não de demência, mas de alienação do bom senso e do senso comum.

Nem todos os esquizofrênicos resistem à rejeição do mundo, no abandono à solidão, e ao se sentirem condenados pelos fóruns da lógica na nossa normose não resistem aos sentimentos de culpa: a morte então é um alívio. Nos conteúdos das respostas dadas às formas, a perda da energia vital é sintomática e expressiva do apelo à morte, como última amiga.

A percepção do humano é um itinerário ao sarcófago:

Hdesv = desvitalizado, sem energia vital, sem vínculos

Hdet = deteriorado sem beleza, sem estética

Hd = humano reduzido a anatomias sem vida

Hesql = esquelético

Hradiog = radiografia

Hsomb ou Hfant = sombra fantasma

Esse conjunto de percepções são significados da morte se aproximando, de uma vida sem desejos, sem Esperança, sem ação que se resume nos dois tipos de Ressonância Íntima como a seguir:

TRI

A) OK: OC = coartado, sem desejos e sem ação

B) n^o kp: n^o clob = impotência frente à angústia mortal

Uma mente brilhante desconsiderada, desprezada, excluída do consenso e da convivência, deixadas às margens e às noites, encontra na esquizofrenia seu único e amigo refúgio.

Várias configurações experienciais provocam a configuração esquizofrênica.

A primeira experiência que perturba o existir é a experiência do terrificante. O trágico da Existência, o absurdo, o paradoxo da experiência, é uma sensação trágica da Existência, de um mundo gerenciado pelo diabólico.

A segunda experiência é a sensação da catástrofe, do fim de mundo, quando tudo desaba, declarando sentimentos de falência da Existência.

Todos esses sentimentos podem caracterizar um psiquismo prototáxico e paratáxico.

Prototáxico: representações determinadas por mecanismos filogenéticos hereditários.

Paratáxico: representações do mundo construídas na primeira infância, ainda no período de simbiose com a mãe, onde há apenas a própria visão de mundo.

A terceira experiência que leva à esquizofrenia é o desamparo, o sentir-se como derrelito, como um naufrago na vida.

Para compensar a falência o sujeito esquizofrênico, utiliza-se do maneirismo, da sofisticação exagerada, do autoexaltação, como meio de compensar a experiência do nada, sentindo-se acima de tudo.

Quando um líder padece de esquizofrenia? Quando ele se sente acima de seus subordinados, considerados incapazes, anunciando assim: “os meus subordinados se desfazem na impotência pela minha ausência”. Essa afirmação é um exemplo de um exaltado esquizofrênico quando na sua autoridade assume o poder nas instituições.

A seguir, outras modalidades e afirmações do sujeito esquizofrênico, entre várias, uma é expressiva do sentimento de culpa, sentindo-se o tempo todo imputável e condenado, e por isso utiliza-se das verbalizações sempre “negando algo”, que dizem: “não sou Eu o responsável!”, “são os outros totalmente culpados e não Eu!”.

Outra modalidade do sujeito esquizofrênico é, em suas andanças, onde se torna um andarilho pelo mundo na busca de algo utópico e nunca alcançado.

Qual é o Existencial do próprio Existente andarilho? É uma busca para mostrar que a existência é uma viagem; é o se sentir exilado e não hóspede, mas forasteiro, em uma terra que não lhe pertence, onde nada de valorativo e significativo encontra neste mundo.

Como esses Existenciais se projetam “existentivamente” no Rorschach: há três dimensões que podem dar um diagnóstico de esquizofrenia: a localização, as determinantes e os conteúdos.

A esquizofrenia como Presença frágil no campo não possui nenhuma capacidade de abrangência significativa na unidade dos seus componentes:

Nas rejeições totais de respostas se confirma o constituinte da insignificância nas experiências de vida.

Muitas vezes a afirmação repetida com várias negações, confirma um indício prodrômico da esquizofrenia.

Ausência de $G F+$, $DG F+$, substituídas por $G F \mp$, $DG F \mp$, indicando contaminações e confabulações.

Do $F \mp$ é expressivo de processos dissociativos desintegrativos da realidade como unidade, quando o mundo se apresenta ao esquizofrênico em pedaços, percebendo tudo como coisas divididas, separadas, não conseguindo ver partes como partes, formando unidades.

Desconstrução do humano.

Desvitalização e desagregação das coisas. Sentimento de falência da experiência.

Atração pelo escuro.

Conteúdos terrificantes persecutórios.

Ausência de F+C.

↓ Índice de realidade.

Ausência de K.

Desagregação da prancha V nos seus detalhes oligofrênicos.

Tenta reconstruir unidades absurdas contaminadas e confabuladas na prancha X.

Um indivíduo pode ser considerado esquizofrênico, quando não se relaciona com os outros e não percebe os contextos vitais comunitários.

Os conteúdos do humano na sua Existência:

Duas pessoas juntas, construtivamente, operativamente, solidariamente. Uma investindo na outra: Hdual Ksimb, isto desfaz qualquer hipótese de esquizofrenia.

Quando o humano inteiro e vivente está numa relação dual e solidária: Hdual. A palavra “junto” é praticamente impossível para um esquizofrênico. A experiência

do estar-junto não é própria do esquizofrênico.

Quando o humano é autêntico a nível de processos secundário e terciário: H F+.

Um significativo fenômeno da esquizofrenia é a perda da vitalidade:

(H)mit/mist: humano figurativo, imaginário no seu apenas perfil-silhueta, sem consistência vital.

Hd: braço, perna, pescoço. Partes humanas nos seus fragmentos anatómicos.

(H)mit/mist: humano figurativo, imaginário no seu apenas perfil-silhueta, sem consistência vital.

Hdesv: humano desvitalizado, pessoa sem vida.

Hesql: percepção de humanos esqueléticos.

Hfant: percepção de humanos fantasmagóricos. Inconsistente.

O agenciador de toda essa configuração esquizofrênica é o H/H Kdiab, pois o sujeito esquizofrênico apresenta momentos e partes desconstrutivas.

Essas categorias de esquizofrenia são empregadas também no conteúdo animal e indicam síndrome esquizofrênica destrutiva que se instalou ainda na infância. Exemplos: animais mortos, desfigurados, deformados, desvitalizados, monstruosos, esqueléticos etc. E se aplica também na percepção da natureza, como morta, contaminada, destruída.

O esquizofrênico não é produtor da morte na sua plena consciência, mas sentindo-se vítima, no seu delírio de um morrer que lhe é imposto. Ele foi lançado na sujeira, na desordem, objeto de um terrificante operante contra ele mesmo. Sente-se preso, quer fugir, foge negando, mas como autodefesa destrói tudo que está no seu entorno vital, como impacto da impotência frente ao diabólico prepotente ao seu redor.

Não existe esquizofrênico autor de sua esquizofrenia, mas produto de sua ambiência esquizogenética.

É o indivíduo mais frágil, desamparado, sensível, inocente e como incapaz de reagir ao mal.

16.6.5.2 A esquizofrenia na região das determinantes

Perda do controle cognitivo, pois suas elaborações oligofrênicas e sincréticas contaminadas lhe custam à perda deste controle cognitivo: $F \mp$. Por isso a esquizofrenia pode ser considerada uma regressão, uma perda cognitiva, uma perda do índice de realidade.

Não vive as cores. Não responde às cores cromáticas. Há um embotamento afetivo, $0C$: $n^o F \mp$. A percepção das cores exprime uma sintonia profunda com o mundo, uma sensibilidade, sensitividade, e uma fusão com os objetos, não se sente junto com o todo existente.

O esquizofrênico não vive as cores, não possuindo nenhuma $F+C$, e nenhuma $CF \pm$, e se tiver, o conteúdo é grotesco, sarcástico, nocivo. Na percepção das cores cromáticas, o esquizofrênico não possui uma estética. Pode ter uma cor pura, mas com conteúdo nocivo, sangrento, cruel na vivência do terrificante, com experiências de crueldade. Vive as cores escuras e é dominado pelo noturno, inúmeras respostas em clob, no noturno, ele não é visto, não é percebido, é apenas uma sombra junto com as demais sombras. Não são agenciadores do terror noturno, mas vítimas, jogadas no noturno infernal.

Não possui K , apenas kp e Kan desvitalizados. No TRI é um coartado (sem K e sem C).

Na comunicação, quando é perguntado, rejeita falar explicitamente das suas experiências de vida.

Quando está numa fase delirante, sem consistência com os fatos da realidade, ele produz confabulações e percepções contaminadas, indicativas de um retorno ou fixação aos estágios sincréticos e prototáticos.

O esquizofrênico tem perda significativa da realidade, o controle dela, no seu QI, desce aos níveis de 30% e menos ainda, esta perda é um índice quanti-qualitativo demencial da esquizofrenia.

A esquizofrenia tem momentos de confusão, de elaboração, de combinações inconsistentes. O momento sincrético prototático em Rorschach são as confabuladas e as contaminadas, como incapacidade de perceber relações e correlações significativas.

16.6.5.3 A esquizofrenia nas suas configurações episódicas ou crônicas

Psicose é quando a relação com o mundo e sua percepção e seus processamentos experienciais com as coisas do mundo são de naturezas confusas e sincréticas desorganizadas; quando o sujeito não é consciente dos seus estados e comportamentos mentais. Entende-se por psicose um distúrbio do comportamento e das experiências, da história de vida do sujeito, tendo como efeito doenças sintomáticas do cérebro, justificada por várias Escolas Psiquiátricas.

Hipótese 1: por psicose entende-se qualquer transtorno mental ou de comportamento como efeito de uma causa cerebral. Hipótese sustentada por Escolas Organicistas Médico-psiquiátricas.

Hipótese 2: as Escolas Psicanalíticas entendem por psicose a queda do princípio de realidade regressiva nos seus níveis primário-primários.

Hipótese 3: as Escolas Cognitivistas entendem por psicose a regressão de operações mentais do nível sintático para os níveis paratático e prototático.

Esquizofrenia: quando o indivíduo tem níveis de consciência da sua esquizofrenia, isso é neurose esquizofrênica e não psicose.

O esquizofrênico pode decair em estados catatônicos sempre mais graves anunciando o seu próprio morrer.

O esquizofrênico não é um psicopata, mas a perversão pode ser agregada à estrutura esquizofrênica como iremos ver a seguir na Fenomenologia da psicopatia.

16.7 FENOMENOLOGIA DA PSICOPATIA

As Escolas Psiquiátricas entendem também a psicopatia como doença mental, ou seja, o sujeito não é imputável quando porém, na dimensão sintomática. Há ainda hoje muita confusão do significado na terminologia explicativa de configurações da psicopatologia na Psiquiatria, isso a motivo dos diferentes sistemas epistemológicos, teórico-metodológicos das Escolas na interpretação e comunicação de definições científicas conclusivas de estudos.

O conceito de psicose é diversamente interpretado entre as Escolas de Psiquiatria e as Escolas Psicanalíticas da Psicopatologia. O conceito médico de psicose se refere a um distúrbio do comportamento como efeito de causas orgânico-cerebrais e quaisquer transtornos de personalidade com perda parcial ou total de consciência na dimensão atuante da responsabilidade é definida como psicose. Por outro lado, a corrente psicanalítica aplicada aos eventos da psicopatologia, em um comportamento definido como psicótico ocorre quando o sujeito perde totalmente e intencionalmente o princípio e o juízo de realidade confundindo a mesma com o seu imaginário delirante-paranoico, excêntrico, catastrófico sem contudo, o sujeito ser acometido por doenças mentais.

O termo psicopatia decaiu também nesta ambiguidade interpretativa, quando idiopática, na sua plena e perversa consciência, e quando sintomática indicando com essa terminologia, comportamentos agressivos hediondos, perversos antissociais mobilizados por doenças cerebrais.

A Psicopatologia Fenomenológica entende por psicopatia idiopática comportamentos motivados por uma decadência intencional da moral e da ética da própria pessoa, psicologicamente eficiente, inteligente e volitiva, mas egoisticamente sádica e espiritualmente maligna. Arieti (1969), um expoente

psiquiatra, em relação à psicopatia, propõe uma distinção teórica objetivamente aderente aos fatos de experiência.

Esse autor propõe dois paradigmas explicativos e compreensivos desta patologia, assim denominados:

Psicopatia Sintomática;

Psicopatia Idiopática.

Com a primeira formulação se compreendem todos os tipos e os modos de comportamentos agressivos, destrutivos, amorais, transgressivos e hediondos, cuja causa é clinicamente e medicamente comprovada e justificada por uma doença do cérebro; por malformações involutivas e evolutivas, acometido por eventos infecciosos, traumáticos, por dependência alcoólica e de outras drogas com sequelas degenerativas irreversíveis.

Com a segunda formulação se definem todos os comportamentos acima já referidos, mas realizados com plena consciência, plena intencionalidade e efetuados com plena determinação, não por impulsos instintivos primários, mas para uma execução de projetos perversos destrutivos de valores em relação à vida, à sua saúde física-psicológica-social e em relação à Existência e a sua consistência nos significados que respeitam e valorizam a ontológica dignidade humana.

Na origem, a dimensão diabólica da mente tem os seus fundamentos e

explicações em um evidente e comprovado primitivismo filogenético, cuja configuração mental e comportamental pode ser reduzida ao dito baconiano: Homo Homini Lupus, cuja tradução pode assim ser expressa: “os homens entre si se relacionam como se fossem lobos ferozes”.

A ferocidade foi uma característica da humanidade primitiva, na relação de indivíduo com indivíduo, de manadas com manadas, de tribo com tribo.

Em tempos e espaços da época glacial, na escassez de alimentos, homens comiam mulheres velhas. O canibalismo, em épocas primitivas, não era expressão simbólica de um rito religioso, era uma prática alimentar cotidiana.

A massa paleoencefálica do nosso cérebro é um arquivo vivente e operante dessa primitiva ferocidade da espécie humana, contida hoje, e com dificuldade por um frágil neoencéfalo, sede anatômica dos comportamentos repressivos e controladores dos instintos violentos.

Um doente mental, um sujeito acometido pela demência, pela epilepsia, a motivo de uma esquizofrenia orgânica de dimensões paranoicas psicóticas pode ser acometido por impulsos destrutivos, mas na proporção do seu adoecer cerebral ele não responde moral e psicologicamente pelos seus comportamentos; o frágil córtex neoencefálico não suporta as pressões instintuais agressivas destrutivas subjacentes.

As heranças filogenéticas remotas e recentes de gerações passadas quando também se combinam, na primeira infância e na adolescência com aprendizagem da violência no espaço familiar, social e cultural próximo, reforçam-se reciprocamente dando à violência um domínio total sobre o comportamento do indivíduo absolutamente indefeso. A violência no descontrole mental pela doença define em psicopatologia o psicopata sintomático; esse sujeito é um

pobre ser humano que precisa de cuidados psiquiátricos, mas também de rigorosos e eficazes controles sociais que podem legitimar o retorno na convivência social, com medidas socioeducativas em defesa da população.

O psicopata idiopático é dotado de um alto nível cognitivo (QI), por essa razão descarta qualquer hipótese de um quadro sintomático na sua formação mental. Arieti (1969) define essa síndrome de psicopatia idiopática, como um processo de inversão perversa da motivação consciente, indicando com isso o retorno consciente, já na fase adulta, a comportamentos que na infância se caracterizavam por uma autopercepção narcisista de onipotência hedonista e egoísta, em benefício próprio e ao dano dos outros; na fase adulta da personalidade, na sua plena consciência, o comportamento onipotente narcisista é sempre ofensivo, delinquencial, criminoso, e o sujeito autor é, a priori, responsável e imputável, pois esse processo inversivo regressivo perverso é volitivamente programado como projeto, e estilo de vida imoral e amoral.

Eu, Rodolfo Petrelli, autor destas observações, permito-me acrescentar e diferenciar outro tipo de psicopatia idiopática que indico com a definição de “perversão da motivação consciente”.

Esse tipo de psicopata não é acometido pelo narcisismo, nem por um sentimento de onipotência egocêntrico, mas é motivado por um desejo perverso de destruição dos valores da vida em todas as suas manifestações e dimensões: físicas, psicológicas, sociais e existenciais.

Esse tipo de psicopata dispõe de um altíssimo nível de inteligência e de volição; domina o tempo planejando as ações a curto, médio e longo prazo. Deve ter sido um psicopata desse tipo que lançou este dito: “a vingança é um prato que se come frio”, indicando com essa expressão o domínio do tempo no controle dos impulsos, que quando não organizados e não planejados, poderiam frustrar a realização do seu plano diabólico ou deixar flagrantes em seu desfavor.

Esse tipo de psicopata incorporou no seu Eu-Ego a maldade, cuja realização lhe dá o máximo dos prazeres; quanto mais dispõe de inteligência tanto mais o seu sadismo se aperfeiçoa mascarando-se de filantropia, educação, religiosidade, responsabilidade, justiça e de amor, em sintonia com a fenomenologia da máscara, de Kuhn (1957).

O psicopata perverso é emocionalmente frio, dispõe de uma surpreendente capacidade empática na avaliação da sua vítima, que está na sua mão como um livro aberto da primeira à última página, podendo com isso conduzi-la no “patíbulo” gradativamente, nunca a executando, mas a deixando na espera da execução como o mítico condenado a ser executado pela espada de Dâmocles, pesada, afiada e pendurada por um fio.

Como no Rorschach identificar essa complexa tipologia da psicopatia é o que tentarei explicar a seguir.

Quanto mais inteligente, astuto, perspicaz e dotado de expertise é o sujeito com suspeita de uma personalidade psicopática na sua idiopatia, tanto mais ele escapa da malha fina diagnóstica numa avaliação psicológica.

Lapsos, atos falhos deixam entrever por parte do aplicador traços de uma personalidade perversa manipuladora e mascarada; comportamentos sedutores, intimidatórios evasivos da tarefa interpretativa concorrem para esta interpretação diagnóstica.

Descrições exageradas sobre formas de imediato e evidente significado banal e, ao contrário, simplificar configurações complexas, por exemplo, nas pranchas VIII e IX, são também sinais dos traços manipulativos do psicopata idiopático,

como tentativas de esconder flagrantes que possam incriminá-los.

Nas operações defensivas o psicopata idiopático pode entrar na construção de confabuladas bem elaboradas, mas desnecessárias, e isso, por um excesso indevido e exagerado da sua inteligência.

O perfil psicológico do psicopata idiopático pode se resumir nas duas seguintes configurações do tipo de Ressonância Íntima A e B:

A) Tipo A $\rightarrow n^{\circ} K_{diab} > 0FC$ = intratensivo puro a nível de consciência nos seus processos secundários e terciários, indicando uma personalidade perversa.

B) Tipo B $\rightarrow n^{\circ} F+/kobj > 0FC$ = intratensivo puro a nível de impulsividade, mas sempre na perversidade nos seus processos primários.

Tipo B $\rightarrow n^{\circ} F+ Kan/diab A > 0FC$ = intratensivo puro a nível primário, expressivo de desejos perversos.

A configuração do tipo A indica um alto poder volitivo administrado, porém, por um humano narcísico, diabólico (Hnargs, H/Hdiab), que na situação de alteridade rompe e destrói vínculos: “Dois homens brigando, um querendo ganhar do outro”, na prancha II, assim codificada: DG F+ Kdiab H/H; “Duas bruxas mexendo em um caldeirão”, na prancha III, assim codificada: DG F+ Kdiab H/Hvirt/Obj.

Codificação das respostas e seus significados:

DG = visão de partes integrando a globalidade do campo percebido.

F+ = percepção com forma bem-vista e estruturada.

Kdiab H/H = ação diabólica destrutiva, malevolente na sua plena consciência na percepção do humano, um mais um, fazendo algo de destrutivo (não há dualidade).

Kdiab H/Hvirt = interação de humanos virtuais, um com o outro em ação de malevolência, destrutividade e diabolicidade (não há vínculo construtivo, por isso não é considerado dualidade-dual).

A configuração do Tipo B indica um controle dos impulsos instintivos F+kobj, impulsos de natureza destrutiva, no Kan/diab manifesta-se a perversidade na latência dos processos primários.

Kan/diab = o conteúdo A refere-se às relações primárias próprias da infância; o psicopata idiopático tem uma história de maldades desde os primeiros anos de vida, mas a motivo também de heranças genéticas e por condicionamentos familiares e sociais na relação com os irmãos, com os amigos e gradualmente, assumidos na vida adulta, com plena consciência na sua intencionalidade operante e perversas nas relações sociais, inclusive como esposo ou esposa, como mãe, como pai e na relação com os filhos.

Se a psicopatia, como modo de ser da pessoa, como projeto de vida com suas normas próprias e individuais, é passível de uma inversão da rota na sua perversidade e intencionalidade, se é possível a “conversão do psicopata idiopático”, afirmo que não há um consenso teórico sobre isso e trata-se de uma questão muito complexa e ainda misteriosa.

Operações cirúrgicas e controles farmacológicos junto às medidas de segurança pública contêm a liberdade na ação perversa do psicopata sintomático e idiopático; também contextos sociais de uma cidadania consciente, participativa, exigente frustram as ações destes doentes, por meio de um vigiar atento, preventivo, mas também exigindo nesse “controle” implementações de políticas públicas, no âmbito da saúde mental, bem organizadas e adequadas.

O problema está na possibilidade de uma conversão ética da consciência e da intencionalidade do psicopata idiopático.

A ciência da Psicologia é cética, pessimista, e tem as suas razões; mas uma Psicologia Humanista espiritualista mobilizada pela Esperança e pela Fé no impossível acreditam nesse “milagre” restaurativo.

Como defesa dessa utópica possibilidade se relatam, neste restrito espaço, as seguintes relações de dados:

nº F+ Kan/simb: nº F+ Kan/diab → nessa relação é evidente um conflito a nível dos processos secundários dos desejos benevolentes na dimensão diabólica (Kan/diab) e na dimensão simbólica (Kan/simb);

$n^{\circ} F \pm Kan/simb: n^{\circ} F + Kdiab \rightarrow$ nessa segunda relação o conflito ocorre entre um inconsciente lúdico e amoroso a nível primário e uma malevolência consciente e operante do comportamento manifesto a nível secundário-terciário;

$n^{\circ} F + Ksimb = n^{\circ} F + Kdiab \rightarrow$ essa terceira relação evidencia o conflito claro e distinto entre o Bem e o Mal a nível dos processos secundários do Eu-Ego benevolente com um Tu-Alter Ego malevolente.

Se caso, no sistema Jurídico, a Esperança não é uma variável relevante, para o psicólogo terapeuta que cuida da Mente-Espírito, a Esperança é uma “Virtude Ética” como “Desejo” conversão transmitida ao seu paciente psicopata, mesmo que isso possa vir a acontecer nos últimos instantes da sua vida: Caim também era filho de Deus como o seu inocente Abel. O seu crime hediondo de fraticida foi um misterioso decreto da Providência para que a Humanidade adquirisse a virtude do perdão, não como fragilidade, mas como exemplo de um Amor Divino.

É difícil um psicopata idiopático no seu pleno poder mental, social e político, e nos seus “colarinhos brancos”, decair nos flagrantes dos seus crimes e ser preso; os laranjas o substituem lotando as celas. Um perfeito psicopata idiopático não transgride a lei nos seus códigos escritos e verbais; mas transgride com plena consciência o “Espírito da lei”, como afirmava o meu caríssimo amigo e nobre desembargador Dr. Paulo Teles.

Na sua perspicácia diabólica, para o tormento da sua vítima, o psicopata idiopático faz uso de ideologias, de leis e até de mandamentos, para confundir os seus submissos laranjas; na malha fina sentencial da Justiça, com frequência, são punidos e aprisionados os impotentes, pobres, negros, analfabetos do terceiro, quarto escalão, todos esses “Miseráveis”, em sintonia com as teses de Hugo (2020), podem ter sido gerados por falhas nos processos educativos, reeducativos, corretivos e por descasos omissivos das políticas na Saúde Pública.

O Psicodiagnóstico Rorschach é um válido instrumento na avaliação de doenças e transtornos de personalidade, nas configurações patológicas da psicopatia, demência, epilepsia, esquizofrenia, bipolaridade, histeria que se revelam com evidência surpreendente no teste; contudo a psicopatia idiopática resiste ao diagnóstico objetivo do teste, talvez pela subjetividade do aplicador na sua intuição imediata sensível. Mas quando o terapeuta na sua profunda empatia Espiritual consegue com frequência penetrar no mistério profundo do seu paciente, lhe arrancando as máscaras da mentira, que usa nas suas “comédias” diabólicas ou quando descobrindo no fundo do poço das suas maldades, sementes da árvore da bondade, com a convicção e consenso do paciente, a serem replantadas na Esperança, para um renascer.

Colegas psicoterapeutas, no uso do teste de Hermann Rorschach, cuidem-se na abordagem e na construção de um diagnóstico assertivo de um paciente psicopata idiopático para não serem aprisionados pela sua diabólica malha fina e enganados pelas suas mentirosas e maravilhosas máscaras.

16.8 FENOMENOLOGIA DA MELANCOLIA

A Psicopatologia Existencial se nega a compreender a experiência da alienação apenas em termos biológicos, buscando uma compreensão em termos humanos investigando as funções transcendentais da Presença e onde essas funções faliram, comprometendo a continuidade e a autenticidade da Presença, quando o tempo é desestruturado e quando o espaço se encolhe em ilhas infinitamente pequenas, perdidas nos oceanos e inacessíveis às visitas dos homens, e quando o mundo esvazia-se das coisas reais enchendo-se de fantasmas produzidos pela decadência do Eu, na sua inconsistência Existencial.

A depressão melancólica abrange uma vasta área do comportamento configurando-se como psicose, neurose nos transtornos da personalidade e nos distúrbios do humor. O caráter distinto do melancólico é dado por sentimentos de perdas na orientação e seu vazio no enfraquecimento do élan vital, por uma diminuição das relações interpessoais, e por um empobrecimento emocional-afetivo, expressivo de uma queda na quantidade e qualidade dos processos mentais, intelectuais na sua concatenação.

Esses fenômenos são acompanhados pela consciência do sujeito provocando nele grande sofrimento, sendo espectador da sua própria impotência psicológica e “profeta” do seu próprio morrer. Jaspers (1959) descreveu a melancolia e eu assim a interpretei: o núcleo melancólico é constituído por uma aparentemente imotivada e profunda tristeza, acompanhado por uma inibição de toda a atividade psíquica, dolorosamente constatada tanto pelo próprio sujeito no seu poder ser, pelas pessoas ao seu entorno e explicitamente manifestada e que pode ser medida. Todas as pulsões instintuais são bloqueadas e inibidas.

O melancólico não se interessa por nada mais e expressa um desinteresse por

tudo na dimensão dos seus desejos, não agindo por vontade própria, mobilizado por automatismos e mecanismos impulsivos, reativo, preso a uma “instintualidade” primitiva, numa apatia e inércia, anunciada já, ainda em vida, o seu morrer.

O paciente perde até os processos associativos, não lembra de nada por distúrbios na memória na sua consciência, lamenta a própria impotência, a ausência de sentimentos, e o vazio acusando uma tristeza que provoca uma dor física no peito como se lá se recolhessem todas as suas insolúveis problemáticas. O mundo lhe parece cinzento, não mais interessante e sem atrativos pela perda total dos desejos. Na sua visão de mundo, torna-se um pessimista, evidenciando sempre o lado negativo e infeliz do próprio viver dado à sua Existência. Com relação ao seu passado só há culpas e autoacusações e o presente só lhe manifesta restrições, incompetência, fracasso e impotência, e quanto ao futuro, ele é percebido como inimigo e ameaçador.

A psicopatologia fenomenológica, na análise da melancolia, registra uma modificação na constituição da objetividade temporal uma “desvirtuação” da intencionalidade que atinge e fere as esferas cognitivas, emotivas e volitivas da pessoa; numa perspectiva psicanalítica, atinge tanto a esfera consciente quanto a esfera inconsciente. É o caso da viúva que se autoacusa pela morte do marido ao qual tinha-lhe proposto um passeio e nesse passeio o marido faleceu e ela sobreviveu; é o caso também de um empresário que não sai do estado depressivo por um negócio malsucedido, mesmo quando foi materialmente ressarcido e o sócio responsável castigado.

Nesses dois casos, é evidente a desestruturação da temporalidade onde o passado não é passado, impedindo o presente de se realizar e de “acontecer”, também o futuro de se “inovar” com acontecimentos e possibilidades outras.

As perdas acusadas são pretextos e símbolos de perdas mais constitutivas e substanciais. A perda do presente e do futuro são dadas por um passado que se

fixou ocupando todo o tempo do aqui-e-agora e todo o tempo advir.

São características também do melancólico, expressões verbais que indicam possibilidades vazias e eventos não mais modificáveis. O melancólico carece de uma resignificação crítica-dialética que incide corretivamente para melhorar as ações no presente e nos projetos do futuro.

O passado não tem em si aquela liberdade de ser, de vir a ser, de se modificar, de se transformar, de esperar e de ter a Esperança que tem no presente.

A retentio que é o ato intencional que constitui o passado pela memória é dominante sobre a praesentatio e sobre a protentio, deixando o Eu se lamentar desconsolado em um presente petrificado e o futuro como um “farol” inoperante e sem luz para orientar os navegantes nas noites sem estrelas.

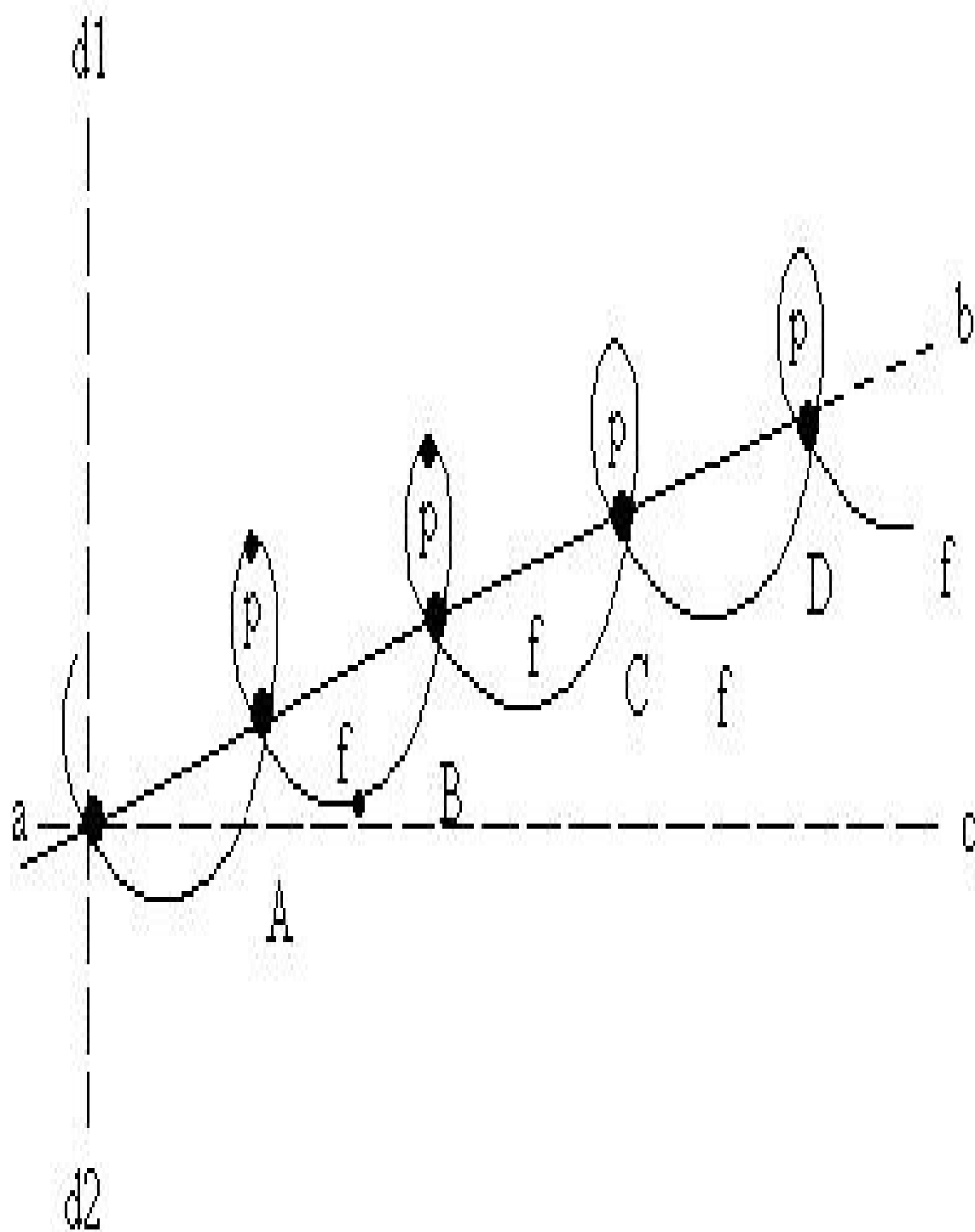
As perdas do melancólico não são perdas materiais, mas a perturbação e a confusão no fluxo contínuo e recorrente das três etapas da temporalidade que dão à experiência a possibilidade de se constituir em história do Eu.

A história do Eu não é constituída apenas por fatos do passado; a história é dialética: o passado é tese; o presente é tese e antítese também; o futuro é uma grande síntese no presente.

O melancólico saiu da história, na verdade não tem história, por quanto paradoxal possa parecer, porque a verdadeira história mobiliza o presente, torna-o autocrítico e faz do presente um futuro in statu nascendi.

A experiência autêntica da temporalidade faz dos três momentos constitutivos: passado, presente, futuro, dimensões em uma constante recorribilidade; são dimensões que se autocompenetram, como nas Figuras a seguir (20, 21, 22, 23 e 24):

Figura 20 – O itinerário do tempo na conexão passado-presente-futuro



Fonte: o autor

= elipse na reta ab indica a trajetória do tempo em uma evolução que se auto transcende continuamente (evolução criadora de Bergson, 1999). A, B, C e D são momentos de um presente, em evolução, carregado do seu passado e impregnado do seu futuro.

(p) = pontos, momentos de um retorno no passado.

(f) = pontos, momentos de um lançamento no futuro.

A temporalidade é dinâmica horizontalmente, verticalmente e transversalmente.

“d1” é a direção vertical

“ab” é a direção transversal

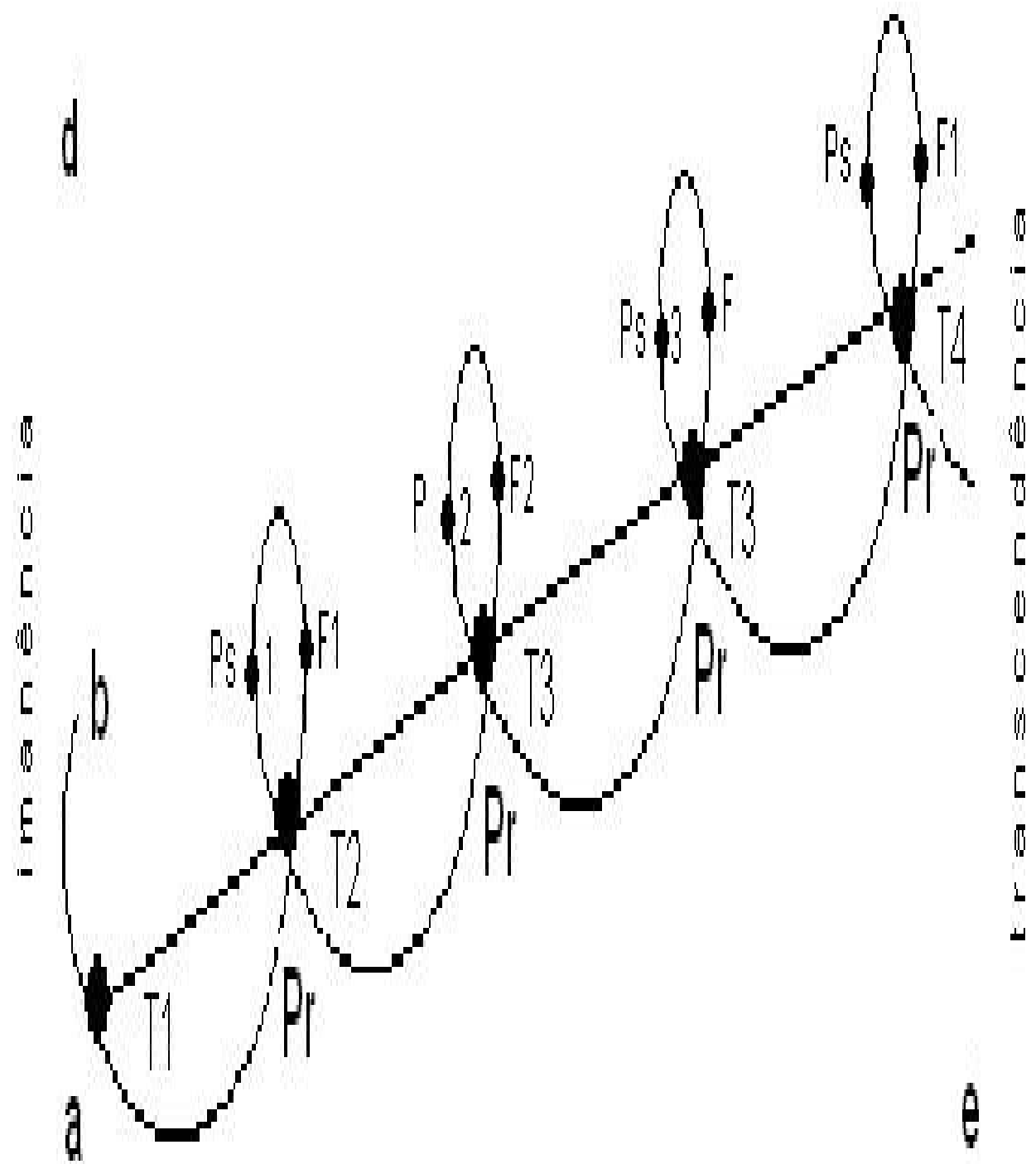
“ac” é a direção horizontal

“d2” é direção da queda pela retentio

A região embaixo da reta “ac” é o lócus dos conteúdos inconscientes tanto dos arquétipos coletivos, quanto da experiência de vida pessoal, e a região em cima da reta “ac” é o lócus da consciência.

A Figura 21 é outra proposta:

Figura 21 – O momento no tempo: Imanência e Transcendência



Fonte: o autor

a = reta do tempo.

b = reta da consciência intencional do tempo.

d = reta línea descendente na imanência.

e = línea ascendente na transcendência.

Pr = ponto do presente.

Ps = ponto do passado.

Fl = ponto do futuro.

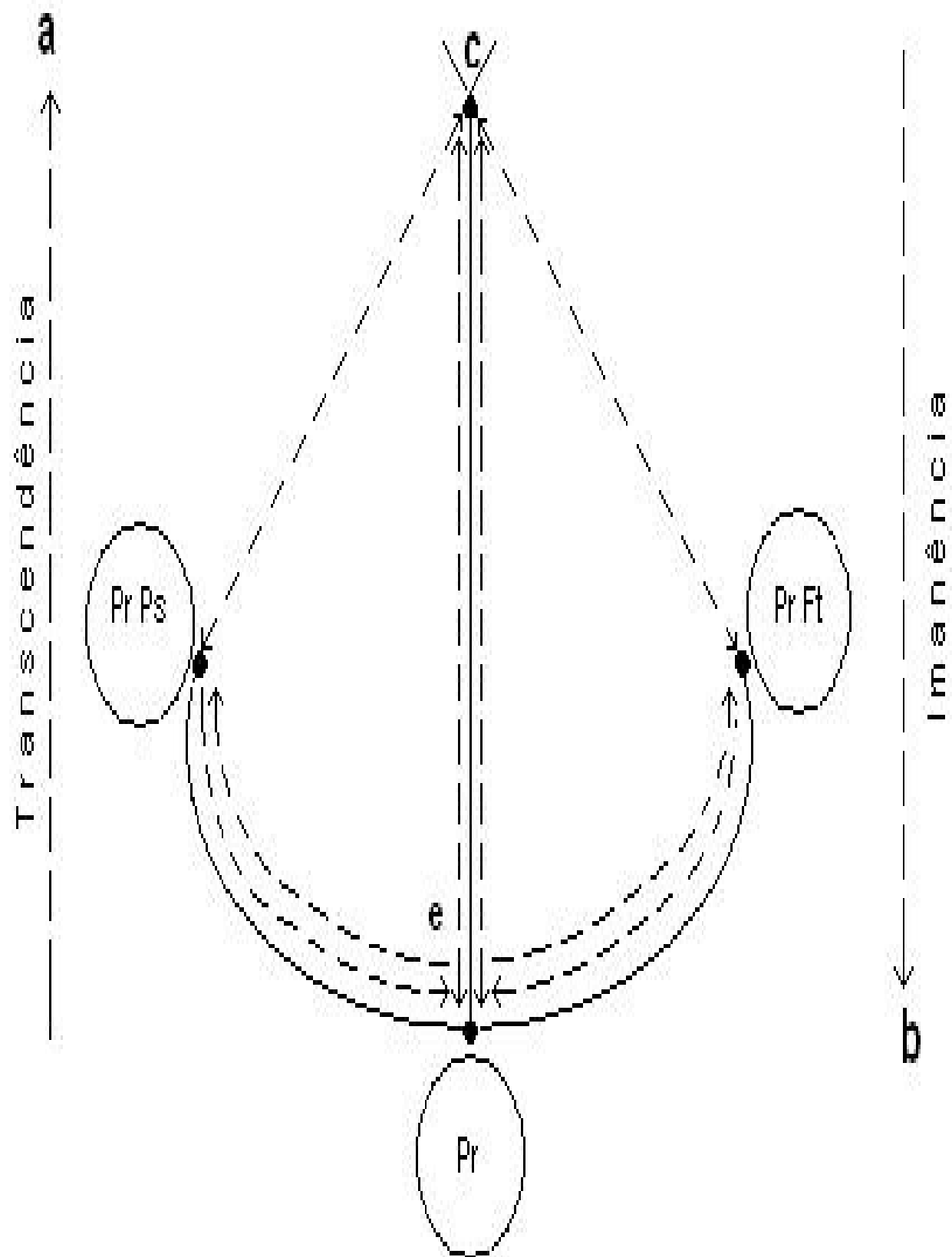
A imagem do tempo não é linear, é elíptica e ascendente, da Imanência à Transcendência, com periódicos ciclos de idas e voltas, em sintonia com João Batista Vico (1968), na sua obra: *Cursos e Recursos da história*.

T1, T2, T3, T4 → são pontos da consciência da temporalidade em ascendente e

constante expansão. São também momentos de intensa singularidade: o encontro do presente, do passado e do futuro realizando e antecipando, como que em um relâmpago, a sublime experiência da eternidade.

Mais uma proposta:

Figura 22 – O significado simbólico do pêndulo



Fonte: o autor

Pr é a reta do tempo presente.

Ps é a reta do tempo presente que se dirige ao passado.

Ft é a reta do tempo presente que se dirige ao futuro.

Pr é móvel, dinâmico, inquieto e curioso.

AC é a consciência intencional a qual quanto mais abstrai dos dados imediatos e sensíveis, tanto mais abrange em extensão o tempo realizando a fusão do passado e do futuro.

O Tempo por sua natureza corre para frente, levando tudo, evoluindo, transformando, transcendendo, “παντα ρεῖ” = “tudo corre”, foi a frase emblemática de Heráclito, filósofo grego.

O passado não é estático, o passado é dinâmico, quando ressignificado, quando significamente presente, como paradigma ético do próprio presente e, paradoxalmente, do futuro. De outro lado, o futuro tem valor quando desce, volta na Terra, onde está o Presente; volta até ao Passado, resgatando-o muitas vezes das suas crises de insignificância lhe dando razão das suas escolhas, mas também apontando falhas, responsabilidades, e, isso, a fim de um resgate existencial.

Para compreensão da profunda relação de continuidade e de duração dos fenômenos temporais, vale a pena recuperar uma epígrafe que Jung conheceu em uma visita ao Egito e que recuperou para a compreensão das relações dinâmicas entre o inconsciente e a consciência, mas que se presta também para a compreensão das relações dos momentos constitutivos do Tempo.

Nessa epígrafe sentencial descoberta em uma pedra da antiga Grécia, por Carl Gustav Jung, declara-se, na essência o encontro no humano existir nas duas dimensões da Imanência com a Transcendência.

Se o passado, como no gráfico, está para baixo da (linha) reta ac que indica o presente e o futuro, está em cima da mesma linha, a experiência construtiva da temporalidade se colhe no seguinte texto (em grego):

ουρανó άνω = céu em cima

ουρανó χατώ = céu embaixo

άστρά άνω = estrelas em cima

άστρά χατω = estrelas embaixo

παν ο άνω = tudo que há em cima

τὸ αὐτὸ χατῶ = o mesmo embaixo

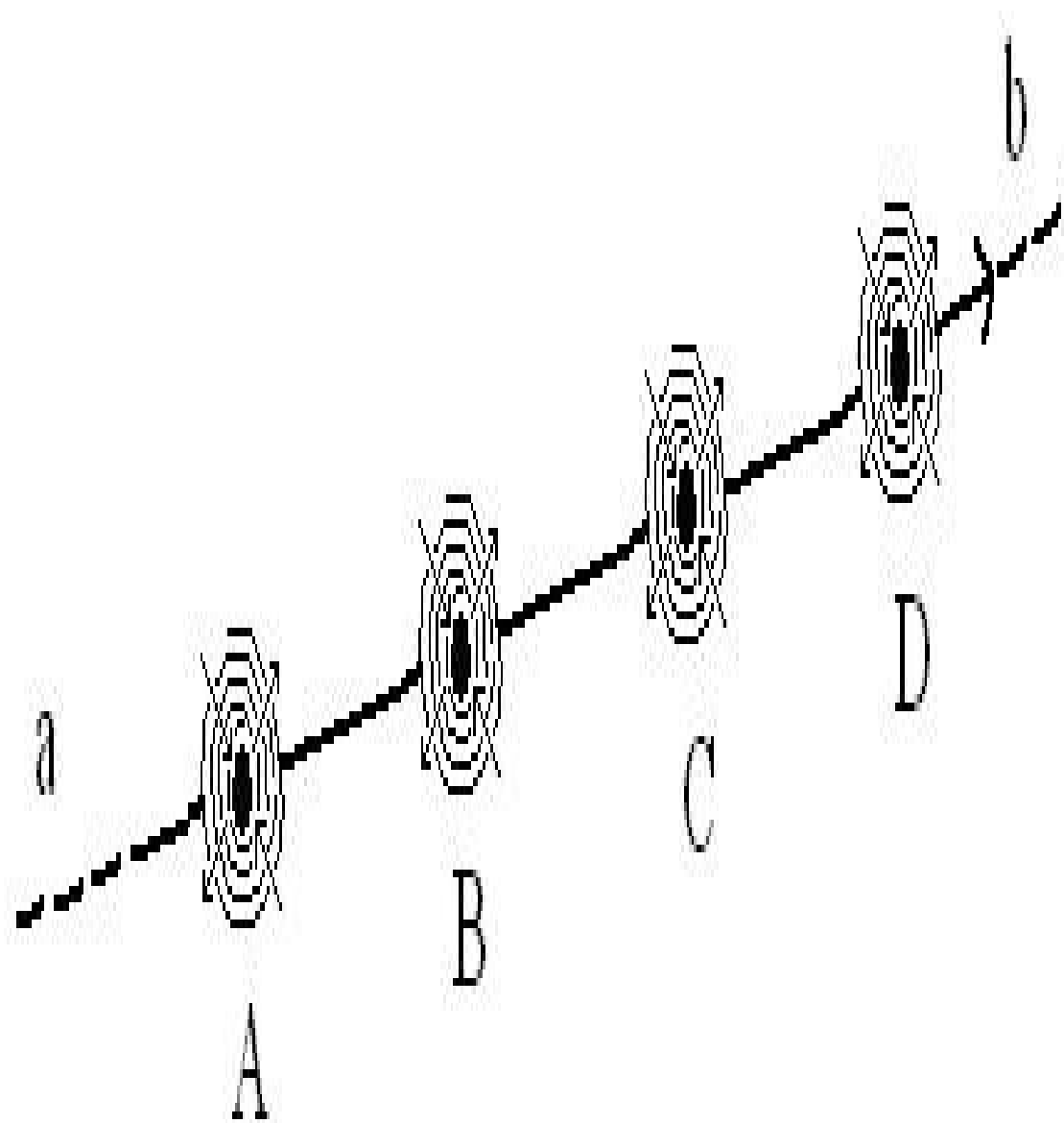
πάντα λάβῃ = pegue todas estas coisas e se aproprie

χὴ εὐτυχί = e disso faça bom uso

O presente não é imóvel, não é estático, é tenso, atento, vibrante, intenso em um contínuo ir e voltar e prosseguir; é um “olhar retrospectivamente para frente”; mas é também um “olhar nas alturas e nas profundezas dos fenômenos, dos fatos, dos eventos, e das experiências”.

Essa visão do presente vigilante é representada também por esta Figura 23, análoga às precedentes:

Figura 23 – A evolução do tempo em cada instante



Fonte: o autor

– Os momentos da praesentatio, A, B, C, D, são de natureza vibratória, expansiva, sincrônico-diacrônica ao mesmo instante; e retrospectivamente-prospectivamente circular.

– Os pontos A, B, C, D são os momentos do Eu no enfrentamento do devir e porvir do Tempo que lhe é dado; momento de “sístole” maximamente compenetrado direcionado a um ponto central de referência ao Eu, singularidade exclusiva; momento de “diástole”, de máxima expansão do Eu, que do seu centro singular se lança e se projeta no Mundo e no Tempo.

O melancólico depressivo perdeu todo dinamismo do Eu, ele está no presente, mas não vibra, não vive o presente.

O melancólico perdeu a Presença, no “ser-presente-a”; no “ser-presente-com”, no “ser-presente-para”. Ele está dado à nossa Presença, mas como “corpo-morto”, “corpo-objeto”, gestos sem vida, sem élan vital.

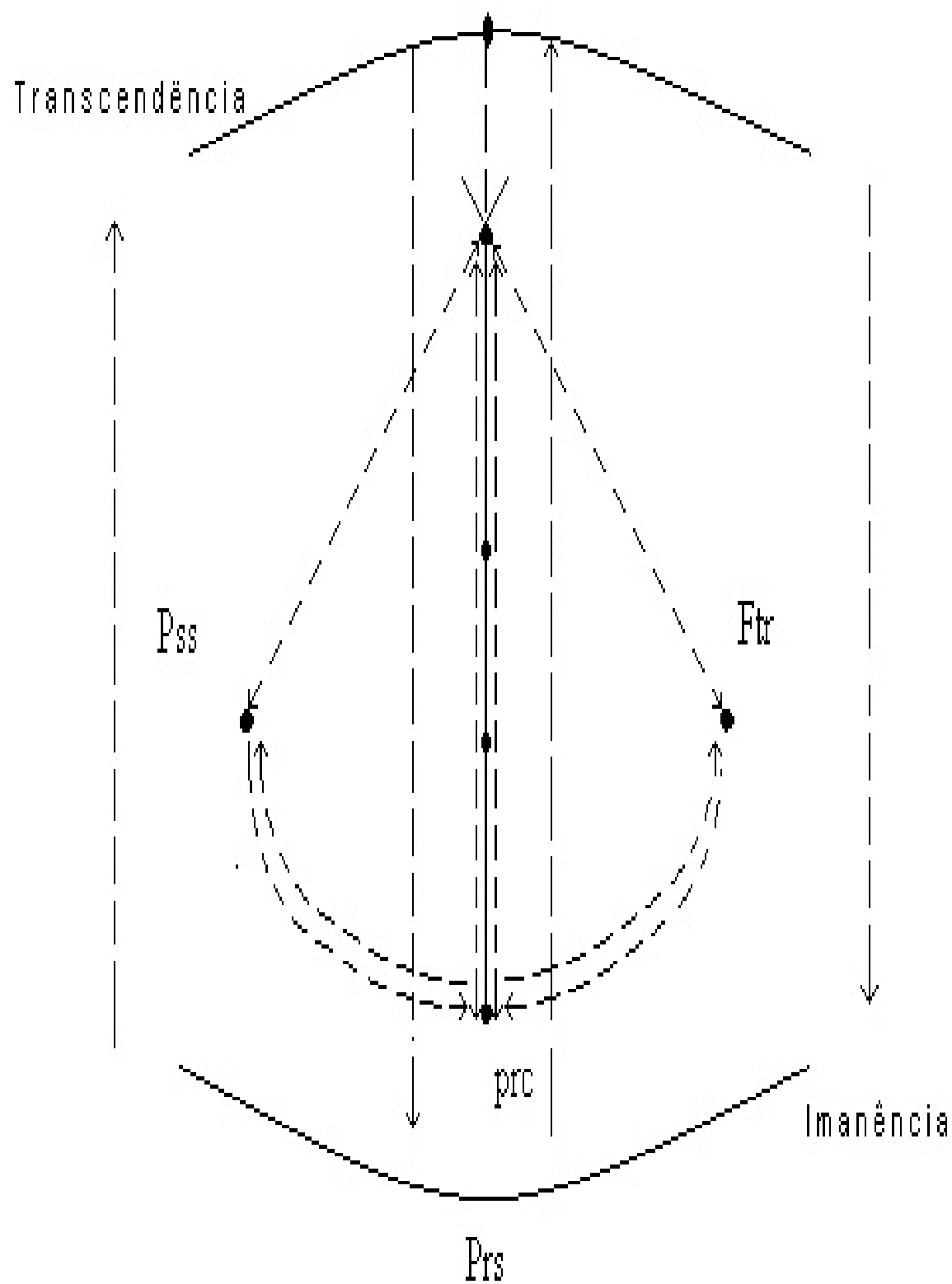
“Uma vez um paciente esquizofrênico em fase de recuperação estava se despedindo do terapeuta depois de uma sessão; o terapeuta estendeu-lhe a mão e pediu que lhe desse a mão também e apertasse a sua, mas o paciente não conseguia transmitir à mão o vigor que tinha como “intencionalidade”; a mão era um membro flácido, mole, todo o “esforço” estava na mímica facial: evidente sinal de divisão-separação entre Corpo-Mente-Espírito, do paciente esquizofrênico. Por coincidência, tempo depois o mesmo terapeuta viveu a mesma situação, mas com um paciente melancólico, uma mulher que perdeu o marido depois de trinta anos de convivência; ao se despedir depois da sessão o

terapeuta estendeu-lhe a mão pedindo o mesmo para a paciente que lhe deu a “mão-sem-vida”; mas a face também era sem expressão, era apagada...”.

Outra figura nos ajuda na compreensão dos fenômenos da temporalidade, dados ao Tempo Vivido. É uma tentativa de condensar em um esquema a riquíssima teoria de Minkowski sobre os constitutivos fenomenológicos da temporalidade.

O gráfico da temporalidade é realizado pela mediação da Figura 24 do pêndulo:

Figura 24 – O tempo na dimensão da trilogia ontológica: Corpo-Mente-Espírito



Fonte: o autor

Prs – o presente é o lócus e o momento da Espera e da Ação.

Pss – o presente volta ao passado e traz Desejos e valores.

Ftr – o presente se lança no futuro pela Esperança desvelando possibilidades.

O presente pela Prece há um movimento recíproco de “ascensão” e de “descida” da Imanência à Transcendência. Esses pontos (prc) indicam os momentos da Prece nas suas dimensões de máxima interiorização e de máxima expansão.

As dimensões constitutivas do tempo são: Passado, Presente e Futuro, vividas como continuidade, duração e protentio. Esta última dimensão possibilita as demais e, por sua vez, torna-se possível quando o Eu é consciência intencional operante pela Ação (MINKOWSKI, 1961); a ação se alimenta na Esperança (MINKOWSKI, 1961); disciplina-se na Espera (MINKOWSKI, 1961), aperfeiçoa-se na Ética (MINKOWSKI, 1961) e se fortalece na Prece (MINKOWSKI, 1961).

Passado e Futuro na Prece se compenetraram no Presente proporcionando uma experiência singular, riquíssima: para além de um tempo finito elevando-se em um tempo infinito, na Eternidade.

O melancólico perdeu tudo isso. Para ele o tempo parou, perdeu o seu

dinamismo prospectivo; é retido no passado, e, no presente, é dominado por uma espera passiva sem atenção aos acontecimentos, sem tensão.

O melancólico não tem mais desejos; as coisas boas do passado só servem para alimentar o sentimento de vazio e de perda no presente; e o que não pode realizar, até por impossibilidades reais, só provocam persistentes e intermináveis sentimentos de culpa.

Uma antiga tradição associa o nome e a história de Crono-Saturno ao significado da melancolia:

“Crono era o último filho de Urano e Gea: o Céu e a Terra, o primeiro casal nos primórdios das “coisas”. Urano não queria o nascimento dos filhos, mas a mãe Gea dá ao último dos seus filhos, Crono, uma foice com a qual mata o pai Urano e libera os seus irmãos, os Titãs ainda no corpo materno. Crono se tornou rei dos deuses, mas alertado pela mãe que será destronizado por um dos seus filhos, que o devora. Rea, sua esposa, entrega a Crono ao invés do último filho uma pedra e assim Zeus, o último filho de Crono destronizara o pai e se tornara o deus dos deuses, liberando também os irmãos”.

O destino de Crono é de experienciar a morte antes de acontecer um nascimento e antes que uma vida se desvele. O velho ao invés de gerar o novo o elimina antes que se anuncie e se desvele, quando ainda pequeno: é engolir o futuro e o porvir no passado como fez Urano com Crono e Crono com os seus filhos. O tempo não corre, fica retido, contido, detido no desespero de um passado que não deixa o presente acontecer e o futuro se realizar. Crono para o devir no tempo e impedindo o nascimento dos filhos que vivia perpetuando o passado; devorando-os, não morrem, mas assistem ao contínuo morrer, o morrer de todas as possibilidades.

O melancólico nada desvela, mas enterra tudo em um passado voraz que não se entrega nem ao presente, nem ao futuro, mas só vai repetindo a si mesmo: o reino que desejava já foi ocupado, a experiência já foi feita, a verdade já foi descoberta.

Crono, destronizado por Zeus, não morreu, foi morar em uma região aos confins do Mundo, um lugar crepuscular, longe, muito longe no espaço e no tempo de onde acontece a história dos deuses e dos homens. É a prisão melancólica impregnada de desespero, de culpa, de já viver um morrer.

Assim, reafirmo que o Psicodiagnóstico Rorschach é um valiosíssimo instrumento na avaliação de doenças e transtornos de personalidade, como também nas configurações da melancolia nos seus efeitos depressivos. A melancolia é um quadro sintomático do transtorno depressivo e, com evidência, pode ser colhida no itinerário Rorschach nas ênfases dadas nas seguintes formulações: $DG F \mp clob/Nat$ dentre outras tantas, tais como: $D F \pm kobj/clob kp$ ou ainda $DG F \pm Kan Adet/desv$.

Concluo, aqui, sobre a melancolia que uma das percepções típicas do melancólico é o clob nas suas diferentes combinações, sendo que os conteúdos percebidos são sempre disfóricos.

16.9 FENOMENOLOGIA DA HISTERIA: PRESENÇA SIMULADA OU PRESENÇA HISTRIÔNICA

A Presença, por ser necessariamente corpórea, é exposta aos olhares do mundo e sempre corre o risco de entrar no seu domínio.

O indivíduo que quer se subtrair desse jogo hegemônico inquisidor não tem outra escolha senão retirar o próprio corpo como o sujeito anoréxico faz na fase psicótica para não se expor e ser observado e julgado pelos olhares estranhos e até familiares. O olhar inquisidor do outro é mais ameaçador do que a própria fome.

Se a anorexia desvela a contradição de uma presença que para se defender é constrangida a se negar na dimensão corpórea, a histeria está no lado oposto como presença, que para se afirmar e confirmar deve necessariamente se “expor” aos olhares do mundo, chamando atenção dos outros de qualquer maneira, com a linguagem, gestos e comportamentos.

O histérico não é nem autor, nem juiz da sua Presença; a Presença não se confirma na experiência autorreflexiva, mas precisa ser dada à experiência dos outros e recebida de volta como se fosse a sua própria experiência. Para o histérico ser percebido, ser considerado, ser aceito é tudo o que ele precisa para se sentir vivo, presente, realizado, “não importa se falam mal de mim, o importante é que falem de mim” é o que pensa o histérico na sua inocente e psicótica alienação.

Se o esquizofrênico é capturado por suas inconsistentes ideias, constantemente

em fuga, e se o maníaco é capturado pelo acaso, pelo fortuito, pelo evento imprevisto no imediato aqui-agora, o histérico é prisioneiro do mundo comum, dos atores-gestores do mundo comum, do pensamento-alheio, do ipse dixit, do ator-autoridade que faz a moda como opinião dominante.

A histeria é sempre uma forma de compensar uma perda, a falha de um falo, uma inferioridade, essa foi na essência, o pensamento de Freud (1969).

Quando a própria Presença não é autoconfirmada, mas é dada para os outros a confirmarem, o histérico entra na dança das máscaras.

A máscara sempre foi a simulação do que não se é, e a dissimulação do que de fato se é; a simulação do não-ser e a dissimulação do ser.

O histérico na sua vida entra no jogo do mundo vestindo as máscaras de acordo com as regras do jogo imposto. Ele nunca faz o seu próprio jogo, mas é um perene figurante que recita a sua parte em obediência plena a um roteiro que ele não escreveu para si.

A linguagem não é direta, explícita; é indireta, ambígua; é “metalinguagem” cheia de alusões e ilusões; quando a linguagem é amordaçada pelo medo, medo que vem de fora, medo que vem de dentro, ou amordaçada pela impotência da própria consciência a ser transparente consigo mesma, ao histérico lhe resta o corpo como fala.

Nesse momento porém, o corpo pelo pouco que lhe resta de autenticidade e de solidariedade com a mente fala a Verdade, à sua maneira e de acordo com o tema-problema da experiência de vida interior. O histérico não pode ser

incriminado por sua falsidade, porque lhe é imposta por um poder autoritário-hegemônico ou por um defeito da sua própria Presença.

A consciência intencional é uma força que penetra corajosamente na realidade e na Verdade das coisas, mas precisa de um vigor intelectual - vis intellecti - de uma coragem de ser, de uma autenticidade que faltam ao histérico; a Verdade é forçosamente “forcluída” no seu inconsciente e quando não pode ser represada, totalmente emerge disfarçada nos jogos da linguagem, nos atos falhos, nos conteúdos oníricos, nas conversões psicossomáticas e nos casos de uma forclusão grave e total, a histeria se transforma em psicose.

A histeria acusa a repressão e a negação da liberdade. A liberdade no entendimento de Husserl (1959) é “deixar o ser, ser o que deve ser”; ao histérico foi tirada, reprimida, a liberdade de se manifestar na sua essência, na sua autenticidade de falar; lhe foi tirado o direito de falar, de se apresentar ao mundo, de ocupar o seu espaço, de expressar o seu papel, de fazer a sua história de vida.

É o caso de uma adolescente gaga, que no decorrer das sessões psicanalíticas por um imprevisto insight associou a sua gagueira aos gritos recorrentes do pai: “cala a boca menina”, na sua infância e mais fortemente quando tinha aproximadamente 6 anos de idade.

É o caso de outra paciente, pré-adolescente, que arrancava os cabelos e os engolia durante a noite, no sono; ao longo do processo psicoterapêutico vieram à consciência, eventos traumáticos de que a mesma havia sido vítima de abuso sexual por parte do avô. A adolescente com o seu comportamento “histérico”, mas de um simbolismo impressionante, queria destruir uma feminilidade ultrajada e sua inocência dessagrada: os seus cabelos, como essência da feminilidade, do seu charme, sensualidade e beleza.

Outra adolescente, acometida por uma fortíssima e insistente enxaqueca, inúmeros exames físicos, diagnósticos neurológicos nada acusavam, nas entrevistas clínicas, ela relatava que o pai a convidava a assistir junto com ele sessões de filmes pornográficos justificando ser útil para a informação e formação sexual da filha; a adolescente frequentava ambientes religiosos cuja postura moral era contrária aos convites do pai; o dilema, as contradições e as dúvidas, ao invés de serem resolvidos abertamente, atormentavam o seu inconsciente, mas se somatizavam no corpo, na enxaqueca constante e insistente que tinha.

É interessante e instrutivo acompanhar o gráfico-itinerário da histeria no tempo, na idade e no perfil socioeconômico e cultural das pessoas acometidas por essa patologia.

A histeria é mais frequente em crianças e adolescentes e menos em adultos. É mais prevalente no gênero feminino e menos no gênero masculino. Ocorre com maior frequência entre habitantes das regiões agrestes, rurais e silvícolas do que entre os habitantes dos centros urbanos. É mais frequente nas populações derrelitas e marginalizadas e menos frequente nas populações de grande posse social, cultural e econômicas.

Refletindo bem, a histeria acompanha a reta regressiva do acesso às informações e à reta da concentração do poder, não apenas do saber, mas do poder social-político-econômico ou, simplesmente, do poder da força bruta.

Essas dimensões sociais comportamentais da histeria são dadas como alternativas compreensivas às propostas que reduzem a histeria a uma ostensividade da Presença; quer dizer, a necessidade de aparecer, de ser notado, como personagem interessante, como prima donna de uma Ópera.

O histérico não é simplesmente um indivíduo capturado pelas exigências da coexistência, mas um indivíduo ao qual se nega a sua singularidade, a sua subjetividade e que tenta de uma forma simbólica recuperá-la, experienciá-la abertamente, vivê-la plenamente, mesmo na condição de inferioridade à qual foi constrangido.

O que falta ao histérico, de um lado, é a consciência das suas dimensões existenciais e históricas, da sua própria autorreputação e dos seus direitos como pessoa e cidadão, e de outro lado lhe falta a Coragem de reivindicá-las enfrentando com ética a desobediência, quando expressiva da sua autêntica liberdade de ser e de viver.

A Presença simulada é uma presença disfarçada por uma linguagem em códigos, essa estratégia era usada em tempos de guerra; uma forma inteligente de se comunicar em território inimigo.

A histeria então, é um subproduto de uma cultura autoritária, intolerante onde as diferenças se estruturam em hierarquias, as hierarquias em hegemonias que concentram o poder dentro de um pequeno grupo, depois de tê-lo usurpado aos demais grupos e aos indivíduos de uma sociedade e de uma nação.

Não podemos colocar a cargo do histérico, especialmente quando crianças e quando mulheres, a responsabilidade dessa neurose, continuando a reter ainda todo o poder nas nossas mãos.

Não podemos também persistir no preconceito, como herança psicanalítica, de que a histeria é uma síndrome feminina descrita como inveja de um pênis; quando, na falta desse membro, a mulher se apegava e se compensa identificando-se com o unigênito e primogênito, filho homem.

A mulher na pré-história, na história passada, recente e atual foi sempre objeto no seu uso e no seu consumo; na pré-história era até “alimento” nos tempos de carestia, quando eram “literalmente” comidas para garantir a sobrevivência do grupo; para esse fim, eram destinadas mulheres velhas, não mais férteis. Em tempos passados e até recentes, a mulher era e ainda é considerada mercadoria, valendo umas tantas cabeças de ovelhas, cabras, camelos, de acordo com o status social e político do pai ou marido. Até hoje algumas mulheres, ainda vendem o seu corpo, aprisionam-se em relações doentias e tóxicas e não conseguem quebrar vínculos doentios e ciclos de violência sadomasoquistas, sejam em relações conjugais e/ou sociais.

Analizando atentamente, a prostituição feminina, essa é uma histeria imposta por uma cultura masculina dominante, seletiva e excludente. A coexistência da mulher no meio masculino exige um corpo-sexuado, como objeto, sem desejo dado; espoliado das dimensões psicológicas, espirituais da própria sexualidade, e quando elas são oferecidas, são teatralmente simuladas. Nesse momento, a prostituta é vítima e agressora de si mesma, ao mesmo tempo.

Vítima porque na “codivisão” de uma experiência, na essência místico-amorosa, ela mesma é constrangida a separar a “unidade originária” e desviar a intencionalidade da sexualidade que é de construir um encontro autêntico, de corpo-e-alma, de Eu-Tu, na recomposição dos gêneros biologicamente e psicologicamente diferentes na Unidade mística do Espírito.

É também agressora, quando intencionalmente se identifica com uma Presença diabolicamente operante; essa experiência de alienação por desprezo do masculino, é uma vingança contra quem reduziu o rito sagrado do amor a uma simulação, a uma comédia, a uma “farsa” do amor.

A prostituição pode acontecer como “ficção do amor” na sacralidade e na

oficialidade de um casamento, quando entre os dois coexistentes-conviventes nada há de terno, de afetuosa e autenticamente convincente para uma entrega recíproca total acontecer.

É um dar e receber “mercantilisticamente”, e não por amor, a relação em uma prostituição familiar a dois, não na dualidade como Unidade do “Eu e Tu”, em um autêntico “Nós Dois”.

A histeria é um dar “uma parte” de si mesmo como uma “máscara”, e “outra parte” não dada; mas essa parte “não dada”, porque negada e sacrificada emerge reclamando de outra forma, os seus direitos, castigando o corpo por doenças e a alma por sentimentos de tédio e de solidão.

16.9.1 Histeria e comunicação

Se há uma histeria doentia que acusa uma situação em que um indivíduo é proibido de se expor na sua autenticidade por uma violência imposta, há uma histeria não doentia, mas teatral que enriquece as possibilidades e as formas da comunicação interpessoal.

Uma comunicação feita de expressões mímicas, de gestos, de comportamentos não verbais, mas mímicos, diretos, claros, unívocos nos seus significados e nas suas mensagens; o comportamento histérico é linguagem não verbal, é linguagem do corpo vivente e exigente do que lhe é devido pelo mundo, pelos outros na convivência e coexistência, mas negado.

Muitas vezes no decorrer da vida, em situações onde o discurso verbal, as palavras se tornam impossíveis, o que resta para comunicar é a linguagem somática direta, tanto intencional, quanto instintiva, espontânea ou inconsciente, como exemplo: o choro de um bebê faminto é diferente do choro do mesmo bebê quando incomodado pelo desconforto de uma situação higiênica ou postural; uma mãe atenta, vígil e terna saberá diferenciar as causas e responder devidamente às necessidades do bebê.

O linguajar somático é muitas vezes, para o histérico, a única forma disponível para comunicar e informar não apenas condições fisiológicas, mas psicológicas e, às vezes, existenciais experienciais.

Quando em um momento do nosso conviver, impulsivamente, a mão foge do controle consciente e na sua inconsciência corre ao encontro solidário com a

cabeça, em um transparente desejo de ajuda, nas regiões do lobo frontal, pode acusar uma simples cefaleia ou uma situação problemática, às vezes, consciente, mas sem dor física, causada por um dilema psicológico ou existencial gravíssimo, exemplo: “Meu Deus! O que posso fazer agora?”.

Uma jovem adolescente era acometida e castigada por violentas dores de cabeça; dezenas e dezenas de consultas com neurologistas nada acusavam de orgânico, mas submetida a uma investigação da personalidade revelou conflitos aos limites da tolerância, entre um sistema familiar dominado por um excessivo moralismo, proibitivo-punitivo em conflitos nas permissividades proclamadas pelo grupo jovem da sua convivência diária. As antinomias insolúveis, no campo moral, manifestavam-se por uma linguagem somático-histórica, impulsivamente realizada pela sua mão que, frequentemente, explorava solidária a sua amiga cabeça. A enxaqueca persistente da adolescente não era sintoma ou simulação de doença orgânica, mas era uma imediata e pura linguagem do corpo solidário com o próprio Eu. Tratava-se de uma linguagem corporal não exclusiva apenas ao médico assistente diagnosticar; mas também de competência sim, ao psicólogo, psicanalista e o neuropsicólogo, que juntos em um colegiado transprofissional podem compreender e explicar fenomenologicamente esse evento, inclusive numa condução prognóstica e terapêutica mais assertiva.

A enxaqueca da adolescente tinha como finalidade comunicar o drama da sua existência nos seus conflitos e induzir compaixão para os expectadores (familiares e grupos de amigos).

Quando essa linguagem não é compreendida, ou pior, é interdita, o histérico evolui para um quadro mais grave: a psicose esquizo-paranoica, onde e quando a fala proibida se torna um delírio.

Quando os apelos existenciais do indivíduo estão em profundo e insuperável conflito com valores, normas e costumes sociais, o comportamento histérico torna-se a única saída, para garantir, ainda que de forma precária, um equilíbrio

psicológico para que o sujeito possa dar conta da vida.

A histeria deixa um conjunto de marcas comportamentais afligindo o corpo no dia a dia como: frigidez, vaginismo, ejaculação precoce, impotência, anorgasmia, são também “soluções” histéricas para dar cobertura a uma ausência da dimensão dialogante, na convivência amorosa; mas também o contrário; uma ninfomania (hipersexualidade) reveladora de uma “fome insaciável por sexo” por parte de algumas mulheres e uma promiscuidade exacerbada por parte de alguns homens, essas também são consideradas doenças histéricas, que declaram uma busca desesperada e impossível do amor autêntico, revelando o fracasso de um amor que se compensa e se frustra na coação de extenuantes orgasmos que deixam os participantes e atores com um sentimento de uma angustiante solidão.

A transparência absoluta da nossa identidade, da nossa intencionalidade é uma virtude que poucos privilegiados têm. É difícil nas comunicações interpessoais se livrar de toda ficção, de toda simulação dos jogos alusivos, das insinuações, dos lances indiretos para não se expor aos riscos de uma linguagem direta. Alguns de nós preferimos esconder a cara ou partes dela, porque a exposição à luz da Verdade poderá queimá-la.

De outro lado, o apelo popular no pedido “mostra a tua cara”, “tira a sua máscara”, é uma confissão e uma denúncia do quanto é enraizada a histeria no comportamento e na linguagem na sociedade humana.

Realmente a vida é um “teatro” onde a nossa verdadeira identidade se esconde nos “papéis” exigidos pelas “tramas teatrais” impostas pelo poder vigente!

A histeria é uma dimensão da personalidade, que na perda da sua autenticidade, demanda do apoio e da aceitação dos outros, traindo a si mesma e pode ser verificada no Rorschach nas seguintes possíveis codificações, formulações e

ocorrências em um protocolo: $D F^{+kp} / D F^{\pm K} H_{det}$ que podem ser compensadas com uma $DG F^{+ K} (H)_{mit/mist}$.

Concluo aqui este capítulo, reiterando que na vida, nas nossas atividades pessoais e coletivas, nenhum jogo imposto deve substituir a nossa experiência na dimensão, verdadeiramente autêntica, criativa e inovativa.

CAPÍTULO 17

FENOMENOLOGIA DA LIDERANÇA NOS PROCESSOS PERCEPTIVOS DO RORSCHACH

A liderança como perfil, atitude da personalidade, requer uma excelência nos seus traços, na sua normalidade e maturidade psicológica, exigindo peculiares traços que diferenciam o líder do cidadão comum e normal; também os líderes entre si se caracterizam por dotações comportamentais psicológicas e sociais diferentes entre si.

Há, contudo, traços em comum que serão descritos a seguir:

Ser-estar presente no campo e atuar com determinação, autonomia e responsabilidade, abrindo caminhos e conduzindo os outros nestes caminhos, é o princípio categorial dos demais traços de personalidade;

O líder deve estar atento aos detalhes presentes no campo sem, contudo, perder a noção da unidade do campo, sendo ela muitas vezes composta pela união das partes;

O líder dispõe de uma inteligência que percebe as diferenças das coisas, cada uma no seu significado “em-si”; e essa capacidade compreensiva do “em-si” significante facilita ao líder a função articuladora e integradora das diferenças.

É muito importante em um contexto social, institucional e organizacional a

presença, na hierarquia administrativa, alguém que perceba relações e correlações entre indivíduos, componentes do sistema, entre fatos, eventos, situações de necessidades e de contingências que afetam o sistema, exigindo-lhe produtividade, qualidade e competência.

A presença no campo para o exercício dessas funções de percepção da unidade em si e como combinação das diferenças é dada com a seguinte estrutura codificada no processo perceptivo de formas: DG/Dbl em F+ (partes com partes, figura e fundo se constituindo como unidade), indicando a capacidade de perceber diferenças e combiná-las estéticamente e funcionalmente em um todo, incluindo nesta totalidade não apenas coisas diferentes e distantes como também coisas opostas.

Nos dados apresentados no Rorschach, o oposto a ser percebido é a dualidade figura-fundo, símbolo, quando percebida em uma única forma, do encontro do sim e do não, do possível a acontecer com o já dado e como de fato evidente e comprovado.

A percepção do fundo branco em Dbl F+ não combinadas em G ou D, apenas percebida na sua pura localização intramacular ou extramacular, é expressiva de uma mente hipotética, antitética, e de um pensamento divergente, próprio e característico, mas como potencialidade de uma mente criativa.

Perceber possíveis relações, combinar potencialidades, articular estratégias, devem ser habilidades indispensáveis e fundamentais de um líder; contudo perceber detalhes e globais, D F+ e G F+, é importante e necessário; mas as percepções combinadas nas fórmulas DG/ DG Dbl/ DDb1 / GDb1, devem ser dadas em quantidades significativas, caracterizando a liderança como totalmente Presente ao campo investigativo em todas as suas evidentes manifestações como e quando ocultas à atenção e aos olhares da maioria.

O líder deve ser uma pessoa determinada, empreendedor, arrojado, ousado e protagonista na tomada de decisões, firme na persistência dos empreendimentos.

As percepções de cinestésias humanas extensivas são indispensáveis, frequentes, para acima da média, e especificamente significativas indicando não apenas a percepção da alteridade na dualidade, mas a capacidade interativa entre pessoas na sintonia solidária e colaborativa e reciprocamente dada. As codificações desse importante traço da personalidade são dadas pelas seguintes fórmulas:

$H K_{simb}$ = uma figura humana em ação significativa nos seus valores.

$K_{simb} H_{dual}$ = dois humanos em ação solidária e construtiva ética na dualidade da alteridade.

A percepção do humano na sua representação narcísica contradiz o Espírito da liderança; um narcisista não é um líder, usa e abusa dos membros do seu grupo e de sua equipe para se promover, exaltar-se. Ninguém do seu entorno pode ser melhor do que ele e, por isso, o líder narcisista tudo faz para inferiorizar, na incompetência, os seus adeptos reduzindo-os aos seus jogos, manipulando a consciência e a vontade de todos que assistem ao seu teatro, como no seguinte exemplo: “Um homem se olhando no espelho”, na prancha III, esse tipo de resposta ou indica uma pessoa em crise de identidade frente a situações e pessoas autoritárias, ou indica a repetição da simbólica cena do mítico Narciso.

Um líder não pode sofrer crises na sua identidade; pode sim, ter dúvidas sobre a eficácia de uma ou de outra estratégia e isso é normal para quem deve conduzir um grupo a descobertas de novos caminhos e confirmá-los na direção de uma certeza.

A solidez psicológica do líder é indicada por esta relação das determinantes cinestésicas: $n^{\circ} K > k_p$ e $k_p = 0$; $n^{\circ} F+ k_{obj} > k_{obj} F_{\pm}$ e k_{obj} , indicando que as cinestesias humanas extensivas, construtivas e as cinestesias de objetos, com controle formal dominantes são, em sua maioria, sobre as cinestesias humanas flexivas e passivas e que as cinestesias de objetos com controle formal dominante são significativamente maioria sobre as cinestesias de objeto com frágeis ou nenhum controle formal.

Uma líder conta, em seu favor, com muita autonomia e determinação, como traços expressivos da sua intensa vida interior, contudo deve estar atento aos outros, motivado por uma empatia e simpatia Existencial e por uma identificação psicológica e social com as aspirações, as necessidades dos direitos humanos do seu grupo.

Esses traços de personalidade ainda se confirmam pelas seguintes determinantes: FC, Fclob, F(c), e nas determinantes cinestésicas de conteúdo animal, F+ Kan/simb, sendo esses últimos os seus indicadores característicos e marcantes.

O líder é uma pessoa espiritual e interiormente rica, mobilizada por um imaginário originário, “genuíno” que brota ideais e desejos que se transformam, quando disciplinados pela lógica da razão, em projetos criativos e inovativos.

O líder em uma organização social, seja institucional, política, cultural, religiosa, empresarial e esportiva, deve de um lado “vestir a camisa” da organização, de outro lado, em tempos de crise “anômica” deve ser, na sua subjetividade única, um inovador que reorganiza e propõe novos objetivos, metas, estratégias e métodos.

Os indicadores desses potenciais da mente do líder estão nestas devidas estruturas perceptivas:

DG Dbl/ F+ Ksimb H

G F+ Kdual H

D F+ Kan/simb

D F+C

D F+A Kan/simb/Nat/Objt/Orig

Junto com os comentários e seus instrumentais que seguem:

F+DG/Dbl → percepção maximamente articulada, de partes com partes, de figura e fundo formando um todo estético, funcional.

D F+/A Kan/simb/ F+C → todas essas construções em códigos indicam uma Presença operante ativa na consciência, na intencionalidade, na responsabilidade, na empatia e simpatia com as “coisas existentes”, na capacidade de realizar desejos próprios e dos outros em sintonia psicológica, e também em sintonia Espiritual com o todo vivente da Natureza.

F+Hdual/A/Nat/Obj/Orig → indica percepção integrada das coisas existentes: humanos com animais, com o mundo da natureza vivente, com as coisas construídas pelo Homo Faber e as suas obras técnico-arquitetônicas em combinações harmônicas originais.

A originalidade é dada por percepções incomuns, contudo interessantes, inéditas e brilhantes, especialmente quando construídas na composição da figura com o fundo, integrando o branco, como na seguinte resposta dada na prancha VIII por um paciente na entrada da sua terceira idade e com dúvidas sobre a integridade do seu potencial mental e existencial: “Dois duendes em uma floresta sentados em uma mesa e esfregando a lâmpada de Aladim, saíram dois gênios bondosos, distribuindo alimentos para a população, atendendo os desejos da população e dos animais e por isso festejando”.

A codificação dessa resposta é a seguinte: DG/DbI/F+(H)dual/Ksimb CL F+/A/Nat/Obj.

Se esse tipo de percepção fosse dado com mais frequência e em outras pranchas, com certeza indicaria uma interessante personalidade no mundo da liderança.

Há, neste contexto, tipos de líderes e o autor destas páginas em pesquisas acadêmicas realizadas sobre o perfil de personalidade do líder, colhido nos dados Rorschach, registrou e categorizou as seguintes configurações:

O líder produtivo, cujo tipo de ressonância íntima A e B, assim se configura:

Tipo A $\rightarrow n^{\circ} K > 0C$

Tipo B $\rightarrow n^{\circ} F + kp: n^{\circ} C$

Indicando uma personalidade ativa levada por um culto às obrigações do sistema exigente, com altos valores no controle cognitivo dos eventos externos e dos impulsos internos, afetivamente distante, fria, crítica, objetiva e realista. A produtividade do sistema é o seu imperativo categórico, ético; os lucros pertencem ao sistema; os sacrificados são os membros da sua equipe.

O líder afetivo, cujo tipo de ressonância íntima é:

Tipo A: $n^{\circ} K: n^{\circ} F + C$ $n^{\circ} Kan: n^{\circ} F + clob$

Tipo B: $n^{\circ} kp: n^{\circ} F \mp C (c)$

O tipo A é uma personalidade equilibrada entre as exigências externas, objetivas do sistema e necessidades das pessoas, entre regras e possibilidades, entre normas e valores éticos. É uma personalidade conciliadora, mediadora de conflitos entre membros do seu grupo e entre o vértice hierárquico e a base executora de ordens e de tarefas.

O tipo B, neste contexto, se perde nas representações autênticas do poder fazer construtivo, em razão também de deficiências na gestão da afetividade.

Muitas vezes a concórdia, os laços afetivos entre os membros que aderem a um sistema, em todos os seus níveis de funcionamento, no horizontal, no vertical e no transversal das relações, é um relevante fator de produtividade e de qualidade na produtividade da empresa.

O líder criativo pode aparecer um pouco *sui generis*, único, às vezes excêntrico, em razão da sua constante busca de alternativas, do seu pensamento hipotético, divergente e irreverente. É um experimentador de caráter e de personalidade, um pesquisador desde o útero materno: abrindo caminhos e lançando propostas.

O tipo de ressonância íntima (TRI) como afirmado, realiza também a seguinte configuração:

Tipo A → $n^{\circ} K > n^{\circ} (1 \text{ ou } 2) C$ (FC/ CF/C)

Tipo B → $n^{\circ} K, n^{\circ} Hdet, n^{\circ} kp, n^{\circ} Kan, n^{\circ} F^{\pm} kobj: n^{\circ} F^{\pm} clob, n^{\circ} F^{\pm} (c)$

O tipo A, na sua liderança, encontra e acredita até no impossível; descobre e fomenta potencialidades no oculto dos sujeitos membros do seu grupo; transforma um funcionário acometido por um transtorno obsessivo compulsivo em um eficiente e metódico regulador de estoques; transforma um

esquizofrênico portador de um sintoma incômodo ao sistema oficializado, em um funcionário capacitado para executar operações inovadoras que passam quase despercebidas aos seus colegas, mas de máxima importância na linha de produção; e quando a empresa entra em crise, esse líder tem as soluções na mão.

No tipo B é evidente um significativo quantum de um imaginário original, mas em latência, não operante na latência do inconsciente.

Infelizmente, esse tipo de liderança (tipo A) incomoda sistemas e instituições enrijecidas no conformismo e no burocratismo mesmo quando o todo entrou na falência da “anômica” anomia.

As percepções nos fundos brancos bem-vistas são assim codificadas: Dbl F+/DDbl F+/DG/Dd Dbl F+, são características frequentes neste tipo de líder, nos seus potenciais inovativos.

A liderança é uma fenomenologia espontânea no contexto populacional; a indicação de uma chefia em uma instituição e organização, nem sempre respondem aos critérios e às exigências da liderança; os processos de escolha a cargo da chefia, frequentemente, têm outros critérios indutores: nepotismo, afiliação ideológica política, submissão cega e acrítica aos ditames da hierarquia. Às vezes, abrem-se processos seletivos administrados por profissionais da Psicologia; e a pergunta que se faz é: "Com quais instrumentos diagnósticos avaliativos se conduz a indicação do candidato ao cargo?" Um líder não apenas deve estar acima da média, nos traços da inteligência; deve antes de tudo estar acima da média por uma Presença na dimensão Ética.

CAPÍTULO 18

O RORSCHACH APLICADO AO PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO

Um campo de grande interesse para a Psicologia e, talvez, um dos mais procurados, é o atendimento de pacientes com transtornos de personalidade ou em busca de aconselhamento como ajuda na resolução de problemas, de conflitos nas difíceis e complexas situações e diversas ocorrências na relação com o outro, nos espaços da intimidade familiar, na convivência social, nas instituições e organizações.

O processo de psicoterapia tem como finalidade cicatrizar feridas, reajustar lesões da alma e do espírito, expressões simbólicas que substituem o termo de reconduzir a uma normalidade, comportamentos que a psicopatologia define como neurose e psicose. Em qualquer processo psicoterapêutico, em um momento ou outro, com frequência, faz-se necessário um encaminhamento ao psiquiatra, para uma avaliação e o inverso. É tão bonito quando ocorre essa solidariedade entre os profissionais, pois a saúde mental na sua complexidade e mistério apela para uma abordagem transepistêmica e transdisciplinar, incluído, também, até os profissionais da área social como educadores, sociólogos e antropólogos.

O psicólogo clínico não é apenas um psicoterapeuta, mas como formulou um grande e renomado sociólogo, psiquiatra e psicólogo Mira y López (1965), é um “psica-gogo”. Termo estranho e não usado na literatura específica, mas significativo. A “psicagogia” define a arte de conduzir o sujeito a uma maturidade social, psicoemocional, comportamental e existencial, por meio do saber e das Ciências Humanas aplicadas à saúde.

Para um processo de psicoterapia, ao final, qual é o ponto de chegada?

A seguir, proponho duas alternativas:

A maturidade da personalidade na sua individualidade autêntica em todos os seus traços mentais e operativos;

A maturidade psíquica na dimensão social e existencial, inclusive assumindo dimensões de liderança e criatividade.

Praticamente o nosso compromisso de psicoterapeutas é levar a pessoa à maturidade psicológica. O que significa maturidade? Maturidade não é só cronológica, mas social, e também Espiritual.

Para um sujeito adulto, uma anormalidade no processo do alcance da maturidade psicossocial, em sincronia com as suas faixas etárias é sempre uma neurose, e nas ocorrências de maior gravidade pode ser uma psicose. Então, quando um adulto não alcançou nos seus níveis exigidos de maturidade psicoemocional e social, ele pode estar acometido de quadros neuróticos ou psicóticos requerendo intervenções específicas.

Uma área médica entende por psicose comportamentos perturbados a motivo de falhas nas conexões e nas estruturas cerebrais e por uma dessas razões, a epilepsia nas suas várias sintomatologias, pode ser considerada uma psicose. Qualquer pessoa pode ser afetada por um quadro psicótico, interpretado como doença mental; mas os acometidos de doenças mentais nem todos são afetados de um quadro psicótico, porque ainda dispõem de um quantum de capacidade para administrar com consciência a realidade.

A finalidade última de um processo de psicoterapia é conduzir o paciente a adquirir uma devida maturidade psicológico-social, termo sinônimo e em sintonia com o termo análogo de “normalidade”.

Heidegger (1953), porém, afirmava que o conceito compreensivo de normalidade se fundamenta no conceito de autenticidade. Quem é normal? Normal não é aquele que se conforma com as normas e regras, é normal quem é autêntico! É normal quem é ele mesmo, não se alienando aos outros, afirmando-se na sua singularidade, na sua subjetividade. Então, o processo psicoterapêutico não é fazer do outro um conformista às regras e, se for necessário, quando essas regras não forem éticas, conscientizá-lo a transgredir com coragem, em sintonia com a tese de Thoreau (1997), na temática do seu livro *A Desobediência Civil*.

Mães, não ensinem aos vossos filhinhos a ouvirem apenas o “anjinho” que está à sua direita, mas ensinem eles também a prestar atenção ao “capetinha” da esquerda, simbolicamente, como alternativas. Quantas pessoas, crianças e adolescentes eu acompanhei como psicoterapeuta caindo em depressão, porque sempre prestaram atenção ao “anjinho” da direita e, se tivessem ouvido ao “diabinho” da esquerda, talvez não teriam caído neste adoecer.

Contudo, se tu ouves só o “diabinho”, tu viras um psicopata. Então, é bom ouvir o “anjinho” da direita e o “diabinho” da esquerda para ser autêntico. Estou falando simbolicamente. O conceito mais importante a ser definido é o de normalidade, que é tal no seu eidos significativo quando é autêntica. Heidegger (1953) afirmava que é normal quem é autêntico, e o perfeito não é autêntico, não existe a perfeição absoluta, mas a perfeição está em resgatar as decadências do dia antecedente. É perfeito quem a cada dia aceita, corrige e resgata as suas culpas do dia antecedente como sinal da virtude da Esperança; eu defini a Esperança com essa reflexão, e ela se manifesta no percurso dos processos perceptivos projetivos das dez pranchas do Rorschach, inclusive no itinerário do teste e reteste.

Por exemplo, as respostas contaminadas podem ser um desastre, mas eu consigo ver desejos perdidos e uma autenticidade desprezada. Tenho uma visão autêntica confirmada na compreensão profunda das contaminadas e confabuladas, e considero um tipo lógico *sui generis*. A loucura e os delírios nem sempre são demências, afirma uma sabedoria clássica: “na mente de um demente é possível encontrar uma semente de sabedoria, como também na mente de um sábio uma semente de loucura”.

Essa reflexão é muito válida nos dilemas que encontramos no âmbito da saúde mental e na Psicologia Diagnóstica entre a verdade e a mentira, pois muitas vezes há na verdade algo de mentiroso e na mentira algo de verdadeiro. A máscara, na sua dimensão simbólica, é um mecanismo de defesa que deve ser esclarecida e revelada na condução dessas ambiguidades, no seu mistério mais profundo, entre o certo e o errado; do culpado e da vítima, do que me pertence e o que de mim foi tirado. E todos esses conceitos serão aprofundados.

Heidegger (1953) afirmava que o conceito compreensivo de normalidade se fundamenta no conceito de autenticidade. É normal quem é autêntico e quem constrói, na linha do tempo e no estar no mundo, a sua identidade como única e incomparável, nas dimensões psicossociais e existenciais, que o diferenciam, na essência, de todos os outros que se agregam como multidões ao seu redor, ao seu *proprium* Ego como algo que lhe pertence exclusivamente, na sua história, na relação com os outros e com o mundo, cada um é único, na sua singularidade.

O processo de psicoterapia é levar o paciente a ter consciência de sua identidade: quem é você? Qual é a sua própria ideia? Quem formatou essa ideia? Foi imposta ou vem do profundo, quase como uma ida às suas próprias origens? E onde está a sua origem? Você está realizando a original ideia de si mesmo? A sua identidade sobre a ideia de você mesmo é alienada à ideia dos outros? E quando isso ocorre, há um risco sério de cair em estado depressivo melancólico.

Eu sempre digo: é você que está fazendo a sua história? Faça a sua história! Escreva a sua história, pois escrever a sua própria história é conduzir a pessoa a se resgatar na sua singularidade, no discurso, no diálogo e na convivência com os outros e com coragem enfrentar todos os riscos em defesa da sua liberdade e dignidade. Veremos o que significa transmitir segurança. Eu prefiro mais um esquizofrênico autêntico nos seus delírios, do que um conformista perdido no pensar comum, obedecendo totalmente às regras impostas.

O instrumento Rorschach no processo psicoterapêutico é um potencial teórico metodológico que penetra no profundo da existência do sujeito, do seu próprio Eu, no seu inelutável Dasein, na descoberta e na confirmação da sua ideia-valor, dos seus desejos que o revelam e que o manifestam em obras de qualquer dimensão cultural.

O Rorschach é um cajado que acompanha o psicoterapeuta nas suas caminhadas, nas descidas às grutas da história de vida do seu paciente, como também nas subidas, nas alturas dos seus ideais e seus valores.

O psicoterapeuta é um conselheiro-guia e deve ter um mapa, deve ter uma fonte de luz para não andar também no escuro, no acaso, na condução do seu paciente. O mapa simbólico são as grandes categorias que qualificam a existência quando autêntica e a fonte de luz é o Rorschach, cajado luminoso, assim ele foi e continua sendo para mim, há mais de sessenta anos.

Deixando de lado o imaginário e passando na analítica existencial de uma existência autêntica, ela é tal quando se dá como Presença, porque a “Presença é a categoria a priori da Existência”. Existe quem é e está presente a si mesmo, aos outros, ao mundo e ao tempo, diziam Heidegger (1953), Brentano (1975), Husserl (1959), Binswanger (1970), Minkowski (1961) e Jaspers (1973).

No processo psicoterapêutico me importa o que está dentro desse imaginário percebido. É claro que a intuição sensível na compreensão empática, sintônica e simpática dos significados e dos eventos e experiências de vida, de quem interpreta, é a ferramenta mais objetiva e fundamental no processo interpretativo da subjetividade do outro. Eu posso colher o nível lógico, mas não posso colher objetivamente a consistência da sua experiência na sua profunda subjetividade única. Essas ideias não são minhas, Minkowski (1961) afirmou que, para compreender o outro, é preciso quase que “grudar no outro”, sentir o outro na convivência profunda empática, simpática e sintônica.

As categorias de uma Presença autêntica, nas minhas propostas, por sua vez são:

A Consciência;

A Intencionalidade;

A Responsabilidade.

A Consciência é a capacidade da mente de penetrar na essência das coisas, colhendo e lendo no seu profundo (inteligência, no intus-legere) a significância das suas experiências de vida, de cada uma, nas suas diferenças e nos seus potenciais de relacionamento com as demais experiências do mundo circundante próximo e distante, factível e possível, imaginário e hipotético, real e concreto.

Os níveis de consciência em Rorschach são dados por um quantum de formas bem-vistas (F+); não é só uma pessoa inteligente que percebe uma coisa no seu

“em si” e nas suas diferenças, mas aquele que percebe o potencial de relacionamento entre as duas coisas; em razão disso proponho os termos: inteligência relacional e inteligência sistêmica. Devemos ter a inteligência de relacionar “cada um com cada um” e “cada um com todos”.

Eu ainda como professor, no ensino médio, na Itália, praticamente adotei um sistema diferenciado de avaliação para meus alunos: atribuía a nota de 9 a 10 para aquele aluno que assumia com responsabilidade colaborativa o último aluno da lista avaliado com nota 3, fazendo com que, na solidariedade, alcançasse uma nota maior e melhor; ensinando a eles como princípio ético de maturidade mental a capacidade de assumirem relações colaborativas e construtivas no estar-junto-com. A maior inteligência é a inteligência sistêmica que não aproxima só partes distantes, mas partes aparentemente opostas no hipotético do real experimentado, quando o impossível se torna possível.

A Intencionalidade é a disposição volitiva e consciente de integrar coisas com coisas, na manutenção das suas exigências próprias, como também para a transformação delas, pelos seus potenciais, como algo de único. A Intencionalidade é a capacidade de agregar, realizar desejos e efetua-los em obras materiais e culturais. A Intencionalidade é, operativamente, um querer-poder-fazer: é a redução, em uma dimensão da Psicologia, da afirmação filosófica-moral do livre-arbítrio.

No Rorschach, quanto mais percepções projetivas da figura animal em cinestésias simbólicas, são indicativas de potenciais na Intencionalidade dos desejos e na espera de uma realização no tempo devido. A cinestesia humana simbólica é uma afirmação de que esses potenciais já estão se efetuando na realidade, e a cinestesia animal é um potencial indicativo desta realização a ser efetuada.

A Responsabilidade responde às exigências éticas da Intencionalidade. É ética toda ação que defende a vida nas suas formas e manifestações genuínas. É ética

toda pessoa que aceita, respeita e valoriza os outros nas suas diferenças e se solidariza contribuindo na realização dos desejos, dos projetos de vida de quem consigo mesmo convive na intimidade amorosa familiar, ou na corresponsabilidade social nos grupos, nas instituições e organizações. É responsável quem, no Rorschach, percebe o humano se relacionando construtivamente na dualidade: duas pessoas juntas, fazendo algo de bonito, de construtivo e solidário, essa pessoa é dotada de uma responsabilidade genuína e autêntica.

A Presença autêntica e as suas categorias: Consciência, Intencionalidade e Responsabilidade, como já afirmado, constituem-se como a meta final e o ponto de chegada de qualquer processo psicoterapêutico educativo e reeducativo, de um projeto existencial significativo que valoriza a vida em todas as suas manifestações. Essas categorias qualitativas se colhem no Rorschach com objetiva e quântica indicação.

Percepções de formas bem-vistas, sinalizadas com a determinante F+, nos níveis acima de 75%, são indicativas de uma consciência plena fundamentada em um poder cognitivo-ideativo-analítico e articulador de dados em um campo perceptivo e melhor ainda quando, porém, em conexão com o Ksimb/Hdual, indicativas de efetuações operativas construtivas nas experiências de vida, nos vínculos íntimos e sociais com os outros.

As percepções de formas animais e de objetos concretos e da natureza nas quais se projetam um potencial cinestésico expressivo de energia vital, que mobilizam a ação produtora e transformadora de obras são sinalizadas com as determinantes F+ Kan ou F+ kobj ou F+ Nat (natureza vivente) e são indicativas da intencionalidade como potenciais em realização.

A percepção de humanos e de animais unidos na alteridade e na dualidade, juntos produzindo, construindo, experienciando solidariamente, misticamente, é indicativa da responsabilidade na dimensão ética Espiritual.

Neste meu sistema compreensivo dos dados do Rorschach, a Responsabilidade se codifica, então, pelas determinantes Ksimb/Hdual, onde o Hdual registra a percepção de dois humanos na alteridade da dualidade e Ksimb registra a projeção de uma ação ética realizada.

A Presença autêntica e as suas categorias fenomênico-existenciais, na área da Psicologia, manifestam-se no campo social nestas três outras categorias por mim propostas:

Militância;

Protagonismo;

Liderança.

Como dimensões e características de uma pessoa cultural, social e politicamente operante, ativa e eficiente são também objetivos e metas de um sério processo psicoterapêutico remover um cidadão da sua inércia, do seu conformismo, da sua alienação aos outros e aos sistemas, afirmando e confirmando, como alternativas a sua individualidade e subjetividade, mas sempre em situação de abertura e com a responsabilidade nos campos: social, civil e comunitário.

Militância é um termo latino-romano e significa abrir “milhas”, caminhos para frente, descobrindo novas terras, novas regiões, novos horizontes para a

humanidade evoluir, saindo dos desertos, dos pântanos, das florestas queimadas, dos rios e dos mares envenenados e das guerras destruidoras da sobrevivência, mortificando a Esperança.

Protagonismo é um termo da língua grego-clássica: “protos” e significa primeiro, sozinho; “gonismo”, significa agonia no efetuar a Militância nas suas lutas vivenciadas, porém na solidão, porque ninguém me acompanha. A Existência, no final, até nas lutas da Militância, é uma escolha de cada um, quando consciente e livre, responde em primeira pessoa.

A dimensão profética é um traço do Protagonista, e um Protagonista autêntico é um profeta. Um profeta precisa da solidão, nela encontra, reencontra e define a sua vocação, na sua missão de ser um condutor de perdidos itinerantes, e isso é um constitutivo da Liderança.

Liderança é um termo muito usado nos discursos e nos escritos de muitos demagogos, demagogia nada tem a ver com Liderança, ou melhor, demagogia é uma perversão da liderança. O verdadeiro líder não quer ao seu entorno, obedientes executores de ordens na submissão cega ao seu comando; mas conscientizar e motivar os mesmos para a aprendizagem no exercício de uma liberdade responsável e que, em qualquer momento um deles, possa ser necessário substituí-lo com competência nessa função. A Liderança é um potencial para cada cidadão, na sua plena consciência ética.

É possível nos dados Rorschach colher esses traços de uma personalidade dotada de uma autêntica, operante ativa e construtiva Presença e socialmente responsável.

No seu existir único e exclusivo, cada indivíduo para si mesmo no alcance da sua normalidade autêntica deve ser um Militante, um Protagonista e um Líder. O

teste Rorschach apresenta ao sujeito dez desafios existenciais e esses dez desafios existenciais são mobilizados pelas manchas de tinta do teste que são evocadoras de universais experiências da humanidade no cumprimento da sua evolução filogenética e cultural para o alcance na sua dimensão Espiritual; o dever ético é um imperativo de cada indivíduo.

A primeira prancha no seu significado arquetípico mobiliza a segurança, nas suas diferentes, mas interligadas dimensões da existência: segurança pessoal, segurança social e segurança existencial. Existir não é tarefa fácil, exige sabedoria, força, Coragem no enfrentamento de situações, eventos, fatos e ocorrências não imaginadas, não previstas, não planejadas, não familiares, mas impostas, não desejadas e em defesa da identidade do Eu na sua autonomia e na sua singularidade.

A Existência, contudo, tem na sua essência algo de misterioso, simbolizado na escuridão angustiante do noturno; algo de contraditório, de absurdo, de desordenado; algo de insignificante, de inconsistente, resto de restos abandonados, que desabaram de um todo unido que explodiu e se desintegrou.

A Existência, também de outro lado, apresenta-se como algo de simples, transparente, de imediatamente evidente, de ordenado, coeso, nos momentos e nas partes que formam um todo; isso dá segurança como quando uma viagem é programada, mas eventos previstos e imprevistos podem ocorrer, e quando um caminho se fecha, outro é traçado superando obstáculos e proibições.

A noite não é sempre tenebrosa e angustiante, mas é uma guardiã amiga e protetora dos segredos e da Verdade.

A Fenomenologia da insegurança na “matéria-memória” da Prancha I se exprime nas seguintes percepções, dadas por sujeitos e pacientes em processos

psicoterapêuticos:

“Vixe! Difícil, não vejo nada, não me diz nada, é um borrão de tinta preta, uma massa cinzenta explodindo de baixo e subindo, deixando tudo escuro como em uma noite de tempestade”, cuja codificação é: G F- clob kobj/ Nat/diab.

Possível interpretação dessa percepção codificada pelo psicoterapeuta: confusão, revolta, desespero, dor frente a eventos trágicos não previstos que levaram o sujeito à beira de um suicídio. Era um jovem de 19 anos, que surpreendeu o pai por um comportamento, explicitamente, escandaloso e ofensivo às regras morais que o pai exigia rigorosamente dele.

Esse jovem trancou-se em casa e tentou incendiá-la; foi socorrido a tempo com queimaduras graves; recuperou-se e, em seguida, entrou no processo de psicoterapia. Submetido ao Rorschach, apresentou respostas expressivas de um estado de espantosa insegurança frente à sua própria existência e dos seus imperativos decretos misteriosos. Meses depois, quase ao término do processo de psicoterapia, no reteste, nesse mesmo arquétipo, deu a seguinte resposta: “Uma borboleta, está ferida, machucada, mas está tentando levantar voo, ela vai conseguir”.

O jovem, no processo psicoterapêutico, estava no caminho de readquirir segurança; a codificação justificou esse prognóstico: G Dbl F+ Kan/simb/A; os detalhes em branco internos à figura representavam as feridas abertas e a cinestesia animal simbólica indicava Esperança. Segurança e Esperança são traços existenciais-psíquicos em recíproca confirmação.

Um paciente de grande renome moral, um artista talentoso, na primeira memória arquetípica da prancha I, percebeu a seguinte imagem: “Uma figura materna oferecendo aos deuses o seu filho e ao lado dois anjos protetores”, cuja

codificação é: D G F+ H Ksimb/Hsagr, expressiva de grande estrutura de segurança existencial, na dimensão ética de combinar em uma só experiência a função materna, no exercício da sua paternidade, como Presença abrangente a totalidade do campo DG, consciência plena dos eventos no campo e no tempo F+, volição ética Ksimb, na convivência com seres operantes na transcendência (Hsagr = humano sagrado) protegendo humanos na imanência do mundo e do tempo, apresentando traços de personalidade expressivos de firmeza e decisão.

Como conseguir no processo psicoterapêutico esses traços de personalidade constitutivos de segurança em todas as suas dimensões ontológicas é um desafio para a competência do profissional; é um saber, uma arte, de um lado fruto de experiências de vida processada na reflexão e na meditação, e de outro, exige uma atualização técnico-científica aprofundando uma visão Fenomênica Existencial da Psicologia aplicada à psicoterapia em sintonia com as temáticas de Frankl (1966) nas suas afirmações de uma Logoterapia na Análise Existencial.

A segurança do caráter e da personalidade se manifestam nas seguintes categorias:

Ideia clara de própria identidade;

Valoração na autoestima da identidade como proposta única do próprio Eu, dada à história e ao mundo;

Respeito nas relações com os outros, nos seus momentos evolutivos, maturativos e interativos operativos;

Profissionalização da própria identidade e valoração das obras feitas dessa competência não se alienando ao juízo dos outros.

Tudo isso se consegue na reflexão analítica dos eventos do dia a dia, no diálogo terapêutico aberto à modificação corretiva dos comportamentos considerados impróprios, desadaptados e estagnantes.

No reteste do Psicodiagnóstico é possível acompanhar e mensurar comparativamente os dois momentos no antes e no depois, o alcance de níveis de segurança e as razões dos avanços, e dos retrocessos nas alternâncias dos dois polos, que podem ser declarados nas percepções de detalhes oligofrênicos em $Do F \mp$ e de contaminadas e confabuladas em $DG F \mp$; também conteúdos nebulosos, terrificantes como $G F \mp$ clob kp, manifestando impotência, pânico, ausência de energia vital em humanos e animais em estados catatônicos respondem a uma fenomenologia da insegurança.

Domínios objetivos no campo perceptivo, de partes em si mesmas significativas, e de partes combinando-se em um todo adequadamente relacionado, são dados nas seguintes formulações: $D F+/DG F+/DG Dbl F+/Dd Dbl F+/Dbl F+$.

A projeção de uma energia vital operante-construtiva como qualidade de uma individualidade em si operante e na frente de uma alteridade $F+ K_{simb}/H_{dual} F+ K_{simb}$, são processos perceptivos projetivos de projetos de vida, indicativos de uma segurança com o reforço de conteúdos temáticos quando expressivos de um mundo e dos seres viventes que nele habitam, harmoniosamente, constituídos, integrados e relacionados.

Na problemática de um processo psicoterapêutico de um paciente que não sabe enfrentar algo já construído, perdendo-se no desconhecido, decaindo em pânico,

por não saber enfrentar o novo. Como o paciente poderia ser orientado e direcionado no enfrentamento desse desconhecido, assumindo situações novas e vencendo a estranheza, podendo ser elas sinais de um processo de esquizofrenia? Como pode o psicoterapeuta lhe transmitir segurança?

Aceitar a sua individualidade;

Afirmar a sua autenticidade;

Propor-se como autor e ator da sua própria história na sua singularidade;

Aceitar, internalizar e vivenciar as três dimensões existenciais: Militância, Protagonismo e Liderança.

Meu conceito e minha Intencionalidade como psicoterapeuta se resumem na dimensão ética da Espiritualidade!

A psicoterapia não se reduz apenas a consolar os aflitos, mas resgatar os pacientes elevando-os nas três dimensões anteriormente citadas para participar com segurança até nos processos contestativos e revolucionários da renovação de uma cidadania consciente, presente e operante restabelecendo os seus próprios direitos quando negados, e propondo novas reformulações em sistemas jurídicos degradados por injúrias à moral, como afirmava Cícero: Summum ius – summa iniuria; e por mim reformulada na alternativa ética: Summum ius – summa Veritas. Pois a Verdade é filha do tempo e em contínua realização.

18.1 DECATHLON: DEZ ETAPAS NO PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO

Apresento aqui minhas reflexões e registros como psicoterapeuta das dez etapas nas lutas da vida, construindo, reconstruindo significados do nosso existir com Fé, Esperança e Coragem, como uma referência exemplar a todos que convivem e estão ao nosso lado “pedindo ajuda e socorro” e espero, sinceramente, que possam ser úteis à prática cotidiana na clínica de vocês, junto aos seus pacientes.

Primeira etapa: o nosso Eu-Ego, como identidade única, como pessoa, foi lançado a existir por um desejo amoroso consciente: de quem? De onde? Por um puro acaso? Por interesses venais e políticos? Ou pelo desejo do Absoluto Divino Essente Benevolente, que dá consistência à nossa Existência, mesmo quando no tempo que a nós foi dado é retida em um nebuloso Mistério, mas que a nossa Espiritualidade conseguirá desvelar o tudo significativo e ressignificá-lo?

Quem somos?

Quem sou?

Quem é o autor da minha história de vida?

Segunda etapa: o bem e o mal em confronto; o simbólico na sua

construtividade e o diabólico destruindo significativos valores da vida humana dada ao seu existir na saúde e integridade do corpo, nos seus adoeceres e nas suas limitações e inferioridades, na eficiência da mente, no seu pensar consciente e construindo saberes.

Na aceitação da nossa dimensão Espiritual, do nosso ser como imagem Divina compartilhando o seu Espírito sai o nosso grito: “Valeu a pena, vale a pena!”, enfrentar batalhas, sofrer, perder, para na Esperança, gritar: “Venci, aprendi, me transformei em algo de melhor!”.

Na tríade ontológica: Corpo–Mente–Espírito, o Espírito no seu dinamismo, é a variável independente, única, que sempre fortalece o corpo e a mente nos seus adoeceres e nas suas perdas.

Terceira etapa: o Eu-Ego, na convivência com o Alter Ego, como o meu Tu, e com os Outros, próximos, distantes, formando e construindo unidades na Dualidade e qualidades, com as Alteridades, mas sem alienação no amor, na amizade, na tolerância com as diferenças, no respeito às diversidades e sua valoração, não reduzindo o outro como inimigo, escravo, e a um estranho não desejado, mas fazendo de um, e de um “nós todos” uma Unidade.

Quarta etapa: o Eu-Ego, quando submetido ao um Alter Ego poderoso na sua superioridade e autoridade despótica, assumindo o poder e a autoridade, inferiorizando os Alter Ego, o Tu e os Outros.

A experiência do poder, quando, porém, mobiliza obediência, desobediência ética, por decisões dadas à consciência da própria pessoa, como testemunha última e única da Verdade, justifica movimentos revolucionários que se opõem a uma mentira mascarada, impondo falsas ordens e hipocrisias.

A obra de Henry Thoreau, *A Desobediência Civil*, é um apelo existencial ético da ordem civil imposta na sua Verdade quando operadora da justiça em defesa de uma população reduzida à impotência, à fome, à doença, aos preconceitos. Thoreau defendia a desobediência como caminho aceitável para lidar com as leis e práticas que contrariam os princípios morais dos indivíduos numa sociedade, no seu vértice de comando, impositora de injusta.

Quinta etapa: eis o dilema → empatia na sintonia com o pensar comum ou enclausuramento no pensar alheio, imposto pelos sistemas educacionais e pelas normas sociais?

A normalidade não se realiza na obediência absoluta às normas impostas, mas só se constrói propondo as próprias normas para si mesmo, na autenticidade dos próprios valores morais, “desobedecendo” a mando da própria consciência, no diálogo com o pensar comum, nas suas “teses” propostas ou impostas, lançando as próprias “antíteses” e construindo sínteses de comum acordo.

As nossas “teses” na “lógica” cultural têm origem no nosso pensar criativo-original que propõe hipóteses a serem verificadas.

Nós somos artífices dos nossos sistemas culturais e das suas normas e leis às quais, quando não mais válidas, devem ser abolidas e desobedecidas.

Sexta etapa: o masculino e o feminino juntos no Eros, na intimidade do corpo e da alma e na Transcendência do Espírito. Ou o masculino e o feminino decaídos em um erotismo totalmente instintual, gerador de gozos e de proles não desejadas, ou apenas calculadas para vantagens de interesses patrimoniais, venais, políticos e mercantilistas.

O masculino e o feminino não se reduzem apenas às suas diversões e prazeres orgânicos, a serviço de uma realização instintual e anatômica, mas as transcendem como virtudes. O masculino como símbolo de fortaleza, e o feminino símbolo de afetividade e de ternura. O gênero masculino pode assumir a feminilidade nas suas dimensões simbólicas, o gênero feminino pode assumir a masculinidade nas suas próprias dimensões simbólicas, e, por isso, amor no casamento do Homo, sintonia de gênero, tem os seus fundamentos éticos e morais.

Sétima etapa: o Eu-Tu, o Eu-Nós, na unidade das relações dialogantes, nos encontros da vida da infância à juventude, idade adulta e senil; do monólogo ao diálogo para um lúdico construtivo coletivo de um saber-fazer juntos, para o prazer de todos.

Do diálogo ao metadiálogo, integrando diferenças e superando contrariedades no respeito, na tolerância e na Esperança para que mãos possam voltar a se apertar, braços a se abraçar, olhos a se contemplar com a alegria sincera na empatia profunda e na simpatia, vivendo juntos com Fé, Esperança e Coragem, as perdas e as vitórias, as doenças e a saúde, a vida e a morte.

Oitava etapa: o meu Eu, a minha pessoa como membro, parte de um corpo maior, a comunidade, a sociedade, a humanidade, o mundo compartilhando ideias, valores, bens materiais privilegiando os mais necessitados próximos e distantes, doentes, famintos, desolados e as pessoas apátridas, todos explorados pela avidez de uma irresponsável minoria devastadora de riquezas do planeta Terra, não mais como Templo Divino, mas reduzido a um deserto repleto de lixos e esgotos.

As florestas são nossas, pertencem a nós todos, e as vidas a elas dadas alimentam as nossas vidas, na poesia dos verdes e das cores vermelha, laranja, azul e

amarela, nossas alegrias, nossa festa, nossas melodias e poesias alegrando no Espírito, o nosso viver e o conviver.

Nona etapa: essa etapa, nos seus intentos terapêuticos, conecta-se com a primeira e sexta etapas, investigativa da origem e o destino do nosso existir.

Estamos assumindo a nossa geratividade maternal e paternal, integrando os dois gêneros, masculino e feminino, nas suas recíprocas potencialidades e diversidades?

A união, no amor da relação homo sintônica, assumindo filhos adotivos com responsabilidade; a paternidade e a maternidade apelam para uma dimensão psicológica comportamental superior, por essa razão o gênero masculino pode e deve também assumir a maternidade nas suas funções educativas com os filhos, e o gênero feminino assumir a virilidade na gestão da família, nas suas múltiplas funções, tanto administrativas quanto protetivas.

Décima etapa: a realidade dada ao nosso viver no mundo e no tempo ao nosso sentir, pensar e fazer geradora de experiências significativas, valorizando o nosso existir na sua plenitude, que é múltiplo, diversificado, complexo, enigmático, misterioso, mínimos e pequenos; e grandes partes das diversas naturezas e espécies apelam para serem congregadas e integradas constituindo-se como Unidades viventes e significantes nos seus valores.

O básico da Natureza é o élan vital fundamental construindo como amparo, defesa e proteção de todos os seres viventes, na solidariedade, necessitando porém, de nós humanos a elaboração e construção de contextos ideativos, culturais, e políticos, exigindo dimensões éticas superiores. Em razão disso, a nossa mente, na sua formação, apela para processos micro analíticos, investigativos de mínimos detalhes da realidade percebida, e, em seguida, para

processos analíticos, compreensivos de grandes e significativos detalhes nos processos sistêmicos, megassistêmicos do evidente explícito, e do não evidente, porém hipotéticos tanto quanto possível, ampliando-se para uma mente holística, onde abrange o Todo, ao limite do impossível existente, e, por fim, apelando para a compensação do mistério enigmático do humano existir.

Desta forma, faz-se necessário pensarmos como a “Natureza Pensa”, em sintonia com a “Mente Ecológica” proposta em suas teses por Gregory Bateson, como já insistentemente descrito nesta minha obra.

18.2 A ESCUTA TERAPÊUTICA

“[...] Não há ninguém para me ouvir, solitário na multidão... Nem eu me escuto mais... estou sozinho” (RIESMAN, 1995, s/p.), esse é o grito e o apelo do quanto de mais triste possa acontecer a uma pessoa, na sua solidão! Não porque ninguém está próximo e junto, mas porque ninguém está atento, disposto, aberto para ouvi-la. A voz sai na busca de alguém, volta como um eco vazia, sem resposta, trazendo só desolação.

A necessidade de ter alguém para nos ouvir é tão grande que quando o interlocutor não é real, concreto vivente será criado pelo delírio do Eu solitário em um Tu imaginário, como última estratégia da razão para não cair na insignificância e no “nada” da solidão.

A experiência da Existência se desvela na linguagem; a linguagem só é possível na estrutura operante de um diálogo que é uma recorrência de uma fala e de uma escuta, momentos que vem a ser constituintes do diálogo.

Sem escuta, a fala evanesce no “oco” de um eco, e o sujeito falante se perde no “não existente”, fantasma de si mesmo. É a relação de escuta que constitui o “falante” como sujeito experiente de si mesmo, experiente do Mundo circundante, e experiente do Outro que comigo convive.

O paradigma da escuta foi nos dado pelo filósofo Sócrates, na sua arte do diálogo. Apenas ouvir não é escutar. Ouvir no seu profundo significado é a capacidade fisiológica, funcional e psicológica de captar sons e lhes atribuir significados diferenciados, a fim de uma interação de sobrevivência e de

eficiência no meio ambiente. O ato da audição é uma função disponível, mecânica do organismo cujos dados são analisados, selecionados pelo indivíduo, de acordo com as suas necessidades e os seus interesses.

Já a escuta terapêutica é intencional, no sentido que é um dirigir-se pela consciência ao profundo de uma fonte de dados, sons e palavras, e paradoxalmente até do não dito no seu silêncio; o escutar autêntico é um ato da consciência intencional que penetra nos significados operantes e recônditos na compreensão da experiência de uma história de vida.

Para entendermos essa postura de compreensão teríamos que expor alguns princípios e algumas exigências da “Redução Fenomenológica” proposta por Husserl, operacionalizada por Jaspers, e explicar como se comportam os antropólogos frente à tarefa de interpretar estruturas culturais e comportamentais de populações, de etnias diferentes e distantes sem contaminar os “juízos de valores” com os paradigmas éticos e lógicos da própria cultura de origem, de acordo com Geertz (1988).

Tanto a Fenomenologia quanto a Antropologia interpretativa, estão, como últimas ciências, talvez tenham sido orientadas pelo rigor da Redução Fenomenológica que tem como postura metodológica, frente à tarefa de observar um fato, a suspensão de todo o sistema ideológico-axiológico, lógico e conceitual, pertencente ao observador-pesquisador para colher, sem preconceitos antecedentes, os significados dos objetos, dos eventos em situação de estudo, de observação e de tratamento.

Se há uma metodologia científica que prime pelo respeito ao mundo do outro e que se ocupa com a interioridade do outro e com os seus conteúdos de consciência é a Fenomenologia; assim então, é pertinente a proposta de um tema de estudo sobre: “Fenomenologia e Escuta Terapêutica”.

A condição de Escuta Terapêutica quando, quem a ela se dedica, deve observar e cumprir os seguintes mandamentos:

Suspender qualquer antecedente de esquemas ideológicos e éticos da sua própria cultura;

Suspender também a sua própria subjetividade nos seus paradigmas epistemológicos;

Controlar os seus próprios planejamentos de vida;

Abrir-se, sem expectativa, para um puro ouvir, em uma atitude de empatia profunda;

Relacionar-se e correlaciona-se com palavras e partes do discurso, na busca de significados que venham a construir a história de vida interior do sujeito falante;

Despertar a consciência do sujeito sobre a sua própria história de vida;

Mobilizar a responsabilidade (o sentimento de...) sobre os eventos que determinaram ou condicionaram a história de vida do sujeito;

Mobilizar a ação, como decisão pessoal, para uma possível conversão-inversão de rota existencial, cultural e social;

Abrir a Esperança a possíveis, novas e ousadas realizações pessoais de valores autênticos que até então foram retidos na dúvida, e na impotência;

Oferecer aceitação incondicional, compaixão, simpatia, solidariedade por misericórdia, e o amor transcendental.

A Escuta Terapêutica é uma altíssima ação ética, porque é promotora de valores humanos dados em consignação às pessoas, mas que ficam aprisionados pela insegurança, pelos obstáculos e muitas vezes pela malícia do Mundo.

A escuta quando autêntica é terapêutica, porque alivia a dor, a culpa, iluminando caminhos da vida, abrindo horizontes, dando confiança em si mesmo, Esperança e Coragem para enfrentar as inevitáveis desventuras, os absurdos, as contradições, os paradoxos da Existência.

A Escuta Terapêutica é uma possibilidade e uma obrigação de todos os profissionais da área da saúde: psicólogos, médicos psiquiatras, enfermeiros, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, e inclusive educadores, não exige um espaço específico, nem um tempo tecnicamente medido; a duração da Escuta Terapêutica pode acontecer ao se medicar um doente, ao atender um familiar angustiado durante o tempo de visita, ao responder as dúvidas de um amigo que nos procura, ou de uma criança em busca de conforto e abrigo, ou a um adolescente perdido frente ao seu próximo e incerto futuro.

É a intensidade e a autenticidade do tempo vivido que dá esse efeito da Escuta Terapêutica, no momento do estar-junto-com, e não no quantum desse tempo medido pelos segundos, minutos ou horas.

Quem escuta está no “silêncio”, mas é um silêncio tão eloquente que vale um discurso!

A escuta é Graça no seu eidos significativo, e essa gratuidade, como desejo, torna a escuta “pura”, livre de interesses exclusivamente venais ou mercantilistas com foco unicamente nas necessidades profissionais. Se a “escuta” deve ser uma operação profissional remunerada, que seja, mas nos limites das possibilidades do paciente, e que seja também um investimento das políticas públicas da saúde, exigidos pelos próprios profissionais que se dedicam a essa causa (saúde mental).

Lembrem-se destas minhas palavras: “a autenticidade nas relações Eu-Tu é essencial para resgatar a identidade única de um paciente; a escuta, na relação Eu-Tu é recíproca, e assim deve ser esse Encontro do psicoterapeuta com o paciente, porque o Diálogo interativo é o seu melhor momento, na relação a dois”.

CAPÍTULO 19

NOVA E INTERESSANTE PROPOSTA EDITORIAL

Finalizo o texto desta minha publicação, Rorschach em Perspectiva Fenomênico Existencial: Seguro Cajado nas Caminhadas em Psicologia Diagnóstica, com o compromisso, dentro das minhas possibilidades, de uma outra publicação, a minha tese doutoral, apresentada na Pontifícia Univesità Salesiana de Roma, em 1989, com aplicação do teste de Hermann Rorschach às tribos indígenas da região Centro-Oeste do Brasil; sendo essa a razão incentivadora desta presente obra.

A tese doutoral em italiano, com a seguinte temática: “Studio comparato di strutture mentali di indios del Centro Ovest Brasileiro colte attraverso lo psicodiagnostico di Rorschach”, será por mim traduzida para o português; com a participação e apoio da minha querida esposa Margarida Petrelli e da minha colega e amiga psicóloga Bárbara Khristine A. M. C. Camargo, com o intento de uma outra publicação, defendendo a tese: “A Mente Indígena Pensa como a Natureza Pensa”, restaurando e recompondo a necessária unidade das formas de vida no planeta Terra, com referência a Gregory Bateson.

Segue em síntese uma breve homenagem à população Indígena do Brasil

Filhos primogênitos da Mãe Terra

Mãe de todos nós

Brancos, Pretos

Vermelhos, Amarelos e Pardos

Vocês com vários nomes denominados

Xavante, Xerente,
Uru-Eu-Wau-Wau,
Krahô, Karajá, Apinajé...
Expressivos da vossa identidade
Nas origens constituídas
Em defesa dos valores da vida
Neste maravilhoso recanto do
Planeta Terra chamado Brasil
Nós, “segundo gêmitos da Mãe Terra”
Vimos de uma Europa
Sacudida pelas guerras fratricidas
Pela ganância do ouro e das pedras preciosas
Para coroar as majestades de luxo e luxúria
Invadimos as vossas terras
Destruímos as vossas florestas
Poluímos as vossas águas cristalinas e
Cancelamos a vossa história falada
Nos contos não escritos que
Anunciavam uma filosofia de vida
Por nós desprezada
Como se fossem ingênuos devaneios

De uma mente primitiva
Nós, homens brancos, hoje pedimos perdão
E por justiça, queremos restituir
As terras que usurpamos
E aprender a vossa sabedoria
Como “Mente que pensa como a Natureza pensa”
Para restaurar e recompor
A necessária unidade das formas de vida
No Planeta Terra.

(Rodolfo Petrelli, 2009)

As clássicas palavras a seguir foram princípios ideativos operativos nas minhas experiências e que me motivaram na elaboração desta obra. A expressão clássica: “primum vivere, deinde philosophari” e, a outra: “Nihil in intellectu quod prius non fuerit in sensibus”, direcionaram a produção do meu saber em Rorschach transcrito neste livro.

Teoria e prática e o seu inverso, prática e teoria, monólogo, diálogo e metadiálogo, nas teses-antíteses-sínteses, conectaram-se administrando dúvidas, erros e acertos, mas sempre provisórias e nunca definitivas, porque: “Veritas Filia Temporis”.

A ciência na sua evolução, não proclama dogmas, mas apenas hipóteses verificadas em um contexto de variáveis, no momento à disposição; elas, porém, sempre em contínuo processo de evolução e transformação, como Fenomenologia de um saber humano em constante expansão e penetrativo no

profundo de um objeto e de uma realidade ainda escondida no Mistério.

A realidade humana, o fenômeno humano, no seu inconsciente e na sua pressuposta consciência, no seu comportamento evidente e manifesto, é “fechada a sete chaves”, na tentativa de proteger o mundo, na sua Imanência e na Transcendência, ainda no indizível e no “não-codificável”, como Mistério.

A mais rigorosa Psicologia Diagnóstica, como também a Neurociência, com o seu refinado instrumento da neuroanálise estrutural e funcional, não tem um poder diagnóstico absoluto sentenciando definitivamente o tempo advir, o futuro de um humano, como pessoa única e singular: milagres podem acontecer!

Seja-me permitido, estimados colegas, amigas e amigos discentes e docentes que acabaram de ler estes meus escritos, emitir uma autoavaliação, como obra de Homo Sapiens e Homo Faber. Neste momento, identifico-me e assumo os sentimentos que assediaram a alma do grande artista e escultor italiano Michelangelo Buonarroti frente à sua maravilhosa estátua esculpida representando o Moisés do Monte Sinai, com as tábuas do Decálogo nas mãos. Um grande sentimento de frustração, de decepção, tomou conta do artista e, se conta no relato de sua história, que impulsivamente lançou o martelo contra a sua própria obra, por achar que ela não realizou os seus Desejos e ideais de perfeição.

O Espírito, na sua dimensão Transcendente, nunca se manifesta e se revela na Imanência de algo dado como matéria. Ao final, eu, autor desta modesta obra, bem longe de me considerar um renomado cientista, gostaria de iniciar tudo de novo; mas isso não foi possível, porque minha esposa, Margarida Petrelli, juntamente com as colaboradoras e psicólogas: Bárbara Camargo, Marina Novais, Valéria Del Nero e Viviane Teles, “sequestraram” os meus escritos, dando-lhes uma adequada maquiagem gramatical, sintática e um ajuste formal, didático e estético, pois sou um estrangeiro, para então apresentá-los à editora.

Se esta obra servir apenas para levantar críticas objetivas, “valeu a pena”, porque as antíteses melhoram, na dialética, as teses, construindo sínteses e aperfeiçoando o saber específico, neste caso, o Rorschach, como instrumento diagnóstico, nas suas estruturas, dinâmicas e temas de vida da personalidade na indissolúvel unidade de corpo, mente e Espírito, em sintonia com Binswanger e Viktor Frankl.

É importante, nestas operações de conexão epistemológica, de teorias e métodos operativos, não confundir o ecletismo com a inter e a transdisciplinaridade, como rigorosa metodologia das ciências do Espírito e da Natureza, no estudo do homem, realidade essa complexa e, como já afirmado, misteriosa.

As tantas Escolas de estudos do Rorschach, instituídas no mundo inteiro não devem entrar em relações antagônicas e polêmicas, mas devem se combinar nos processos de tese, antítese e síntese como alternativas, cada uma aplicando-se com responsabilidade e ética à sua perspectiva teórica e prática, na dimensão mútua do respeito. Em relação a isso, apresento aqui duas propostas de estudos sistêmicos em Rorschach:

I – Análise do comportamento verbal, estimulado pela apresentação das manchas do Rorschach, representativas de significados arquétipos da experiência humana, em perspectiva analítica e existencial. Nesse colegiado epistêmico, comportamentalista, analistas freudianos e existencialistas, incluindo gestaltistas e profissionais da psicolinguística aplicada ao diagnóstico da personalidade, poderiam lançar uma abordagem inovadora no uso deste teste.

II – Na Neuropsicologia, o instrumento da neurometria analítica poderá ser estimulado, submetendo o sujeito em exame a uma visão ampliada das imagens das pranchas. O objetivo é o registro das modificações funcionais das diversas regiões do mapa cerebral provocadas pelo significado arquetípico das manchas e

seus efeitos nos processos cognitivos, emocionais e volitivos, em sintonia e distonia com as suas verbalizações.

Esta segunda proposta apela, também, para um colegiado epistêmico entre um neuropsicólogo e um psicólogo expert no Rorschach.

Nesta minha obra Cajado, compartilho as minhas experiências e estudos com o Rorschach e as décadas de dedicação com o mesmo em diversos públicos e faixas etárias e o convite aqui, aos meus colegas roschachistas e toda comunidade científica deste valioso instrumento, é para que se rejeite dogmatismos, para assim, abrir um leque de possibilidades para as futuras e necessárias pesquisas, principalmente com o público infantil (crianças a partir de 5 ou 6 anos) e instigar e deflagrar novas e interessantes práticas com o Rorschach para a sociedade como um todo e principalmnente, no contexto jurídico.

Concluo aqui em sintonia com Anzieu (1978) com as seguintes reflexões: mesmo que os testes projetivos deixem a desejar quanto às padronizações, escalonagens, parametrizações e à fidedignidade dos dados quantitativos e qualitativos que se apresentam ao psicólogo analista, é possível sim, um profundo conhecimento do sujeito em análise e em teste, contudo isso dependerá do quantum de empatia e sintonia cognitiva e emocional o profissional investe no seu paciente, penetrando na sua interioridade e, até mesmo, no seu inconsciente e é justamente essa abertura para o outro e essa agudeza clínica que poderão compensar a ausência de um maior rigor estatístico.

REFERÊNCIAS

ALLPORT, G. Psicologia della Personalità. Roma/Zurich: PAS Verlag, 1969.

ANDRADE, L. D. Posição Fenomenológica em Estudos do Rorschach. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, Rio de Janeiro, jul/set, 1970.

ANZIEU, D. Os Métodos Projetivos. São Paulo: Editora Campus, 1978.

ARIETI, S. Il sé Intrapsichico: Affettività, cognizione e creatività nella salute e nella malattia mentale. Torino: Boringhieri, 1969.

ARIETI, S. Manuale di Psichiatria. Torino: Boringhieri, 1969. v. 1, 2, 3.

BACHELARD, G. A Poética do Devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BACHELARD, G. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BACHELARD, G. A Psicanálise do Fogo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BASAGLIA, F. Scritti Basaglia II (1964-1980) – Dall' Apertura del manicomio

alla nuova legge sull' Assistenza Psichiatrica. Turim: Editora Einaudi, 1973.

BATESON, G. Mente e Natureza. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1986.

BERGSON, H. Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERKE, J. A Tirania da Malícia: Explorando o lado sombrio do caráter e da cultura. Tradução de Myriam Campello. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

BERKE, J. O Paciente Psiquiátrico: esboço de psicopatologia fenomenológica. São Paulo: Mestre Jou, 1966.

BINSWANGER, L. Melanconia e Mania, studi fenomenologici. Torino: Boringhieri, 1970.

BLEULER, E. Demencia precoz: el grupo de las esquizofrenias. Buenos Aires: Paidós, 1911.

BOHM, E. Manuale di Psicodiagnostica di Rorschach. Firenze: Giunti, 1969.

BRENTANO, F. L'Origine de la connaissance moral. Tradução de Marc de Launay; Jean-Claude Gens. Paris: Gallimard, 2003. São Paulo: Cultrix, 1975.

BRUNER, J. Il processo di apprendimento nelle due culture. Roma: A. Armando, 1975.

BRUNER, J. Lo sviluppo cognitivo. Roma: A. Armando, 1972. v. II.

BRUNER, J. Psicologia della conoscenza. Percezione e Pensiero. Roma: A. Armando, 1976. v. II.

BUBER, M. Eu e Tu. São Paulo: Centauro, 1974.

CECHIN, F. Fenomenologia da Temporalidade no Psicodiagnóstico de Rorschach. Monografia para Obtenção do Título de Mestre em Psicologia. Fundação Escola de Sociologia Política de São Paulo. Instituição Complementar da Universidade de São Paulo – USP, 1985.

COOPER, D. Psiquiatria e Antipsiquiatria. São Paulo: Editora Perspectiva, 1989.

DOLTO, F. Solidão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ERNEST, J. A comunidade terapêutica. São Paulo: Vozes, 1972.

FRANKL, E. V. Psicoterapia nella pratica medica. Itália: Barbera/Editora Universitária, 1967.

FRANKL, E. V. Teoria e Terapia delle Neurosi. Brescia: Morcelliana Editore, 1962.

FRANKL, E. V. Logoterapia e Analisi Esistenziale: una introduzione al pensiero di Viktor. Roma: Pontificia Università Salesiana, 1970.

FREUD, A. Normalità e Patologia Del Bambino. Milano: Editore Milan Feltrinelli, 1969.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: FREUD, S. O trabalho do sonho. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 5.

FROMM, E. Linguagem Esquecida. Milano: Bompiani, 1964.

GEERTZ, C. Antropologia Interpretativa, IL MULINO, Bologna, 1988.

GIAMBELLUCA, F. C. Valutazione Diagnostica Completa dei Disturbi Mentali. Prospettive convergenti mediante il Dsm, un modello psicologico, il test di Rorschach (Italian Edition) e Book Kindle. Nuova Edizione Riveduta e Corretta, copyright © 2019.

HARTMANN, H. Psicologia dell'Io e problema dell'adattamento. Torino: Boringhieri, 1966.

HEIDEGGER, M. Essere e Tempo. Milano/Roma: Feltrinelli Bocca, 1953.

HUGO, V. Os Miseráveis. São Paulo: Martin Claret, 2020.

HUSSERL, E. Fenomenologia de La Consciência Diel Tiempo Imanente. Buenos Aires: Nova, 1959.

JASPERS, K. Psicopatologia Geral. Rio de Janeiro: Ateneu, 1973. v. 2.

JONES, M. Social psychiatry: a study of Therapeutic Communities. Londres: Tavistock, 1952. A comunidade terapêutica; tradução de Lúcia de Andrade Figueredo Bello. Petrópolis: Vozes, 1972.

JUNG, C. G. O homem e Seus Símbolos. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1964.

KAHLBAUM, K. L. Psychische krankheiten. Die Katatorie. Berlin: Editora Verlag Von August Hirschwald, 1874.

KLEIN, M. [1952]. Some theoretical conclusions reagarding the emotional life of the infant. In: KLEIN, M.; HEIMANN, P.; ISAACS, S.; RIVIERE, J. Developmentes in Psycho-Analysis. The Hogarth Press, London. Tr.it. Alcune conclusioni teoriche sulla vita emotiva del bambino nel primo anno di vita. In: scritti 1921-1958. Torino: Boringhiwei, 1978.

KLEIN, M. Estilo e pensamento. São Paulo: Editora Escuta, 2010.

KLEIN, M. Psicanálise da criança. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

KRAEPELIN, E. Hundert Jahre Psychiatrie. Ein Beitrag zur Geschichte menschlicher Gesittung. Berlin: Zeitschrift der Neurologie, 1918.

KRIS, E. Ricerche psicoanalitiche sull'arte. Einaudi: Torino, 1967.

KUHN, R. Phénoménologie Du Masque: a Travers le Test de Rorschach. Paris: Desclée de Brouwer, 1957.

LAING, R. D. O Eu Dividido: estudo existencial da sanidade e da loucura. Petrópolis: Vozes, 1969.

LÉVY-BRÜHL, L. La mentalité primitive. Paris: Editora Presses Universitaires de France, 1947.

LÉVI-STRAUSS, C. (a cura di) L'Identità. Sellerio: Palermo, 1986.

LÉVI-STRAUSS, C. A Oleira Ciumenta. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LÉVI-STRAUSS, C. O Pensamento Selvagem. São Paulo: Nacional, 1976.

LÉVI-STRAUSS, C. Razza e storia e altri studi di antropologia. Torino: Einaudi, 1968.

LÉVI-STRAUSS, C. Tristi tropici. Mondadori/Milano: Il Saggiatore, 1988.

LOOSLI-USTERI, M. Manuel Pratique Du Test de Rorschach. Paris: Hermann, 1965.

McCULLY, R. S. Rorschach: teoria e simbolismo, uma abordagem junguiana. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MEYER, Adolf, Conditions for a Home of Psychology in the Medical Curriculum (1912) In: The Collected Papers of Adolf Meyer. v. III: Medical Teaching. The John Hopkins Press, Baltimore, 1951.

MINKOWSKA, F. Le Rorschach: A La Recherche Du Monde Des Formes. Paris: Desclée de Brouwer, 1956.

MINKOWSKI, E. (1933). Lived Time: Phenomenological and Psychopathological Studies. (N. Metzel, tradu.). Evanston, IL: Northwestern University Press, 1970.

MINKOWSKI, E. Il Tempo Vissuto. Turino: Einaudi, 1961.

MIRA Y LÓPEZ, E. Manual de orientacion profesional – coleccion Universitaria. Argentina: Editora Kapelusz, 1965.

MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. São Paulo: Editora Escuta, 2015.

MUCCHIELLI, R. Introdução à Psicologia Estrutural. Lisboa: Editorial Presença, 1974.

MUCCHIELLI, R. La Dynamique du Rorschach. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

OLIVEIRA, C. S. Os Karajá do Araguaia: a subjetividade de um povo desvelada pelos nomes e imagens do Psicodiagnóstico de Rorschach. Alemanha: Verlag, 2015.

PETRELLI, R. Fenomenologia: teoria, método e prática. Goiânia: Editora da UCG, 2001.

PETRELLI, R. Contestazione e Speranza: una nuova teoria dell'educazione. Torino: Editora Gribaud, 1973.

PETRELLI, R. A PRECE COMO DIMENSÃO RELEVANTE NO PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO. Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, vol. XII, núm. 2, diciembre, 2006, pp. 143-151 Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia, Brasil.

PIAGET, J. L'immagine mentale nel bambino. Firenze: La Nuova Italia, 1972.

RIESMAN, D. A Multidão Solitária. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

ROLLO, M. Eros e Repressão: Amor e Vontade. São Paulo: Vozes, 1973.

ROLLO, M. Love and Will. New York: W.W. Norton & Company, 1969.

ROLLO; MASLOW; FEIFEL; ALLPORT. Psicologia Existencial. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1986.

RORSCHACH, H. Psicodiagnóstico. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

SCHAFER, R. A New Language for Psychoanalysis. São Paulo: Yale University Press, 1981.

SILVEIRA, A. Prova de Roschach: Elaboração do Psicograma. São Paulo: Editora Brasileira, 1985.

SULLIVAN, H. S. Studi Clinici. Milano: Feltrinelli, 1968.

SULLIVAN, H. S. Teoria Interpersonale della Psichiatria. Milano: Feltnelli, 1962.

SZASZ, T. A Escravidão Psiquiátrica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

THOREAU, H. D. A Desobediência Civil. Tradução de Sérgio Karam. Porto Alegre: L&PM, 1997.

THOREAU, H. D. A Desobediência Civil. [S.l.]: Peguin/Companhia das Letras, 2012.

TOSI, R. Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

TRAUBENBERG, N. R. A Prática do Rorschach. São Paulo: Cultrix, 1975.

VAN DEN BERG, J. H. O Paciente Psiquiátrico: esboço de psicopatologia fenomenológica. São Paulo: Mestre Jou, 1966.

VICO, G. La Scienza Nuova e Altri Scritti. Torino: Utet, 1952.

VICO, G. Principi di Scienza Nuova. Milano: Mondadori, 1992.

WERNER, H. Psicologia Comparata dello Sviluppo Mentale. Firenze: Giunti, 1970.

RODOLFO PETRELLI



Rodolfo Petrelli é italiano, reside no Brasil há 50 anos, vive na cidade de Goiânia-GO, casado com a enfermeira Margarida Maria dos Santos Petrelli. Mestre e doutor em Psicologia pela Università Salesiana de Roma. Graduado em História da Filosofia, Teologia e Psicologia (Roma). Vice-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa (1994-1998). Coordenador do curso de Psicologia na PUC-GO (1991-1994). Membro do corpo editorial e revisor dos periódicos da PUC-GO. Fundador da Associação Goiana de Psico-diagnóstico Rorschach. Docente na Pós-Graduação em Psicologia Jurídica e do Trânsito. Fundador da Pós-Graduação strictu sensu em Psicologia na PUC-GO e coordenador do mestrado em Psicologia. Mentor e coordenador do curso de Pós-Graduação em Criminologia pela Escola Superior da Magistratura Tocantinense – Esmat (2014). Propositor e docente no curso de Capacitação em Rorschach aplicado ao Exame Criminológico na Esmat. Experiência e competência comprovadas em Psicologia Diagnóstica com o uso do instrumento em perspectiva Teórico Analítica Fenomênico Existencial aplicada às demandas periciais de eventos jurídicos nas áreas da família, infância e juventude, criminal e trabalhista. Fundador, coordenador e docente do curso de Psicologia na Faculdade Católica Dom Orione/Araguaína-TO (FACDO). Atualmente, palestrante e perito na área jurídica, Consultor Técnico do NAPSI/TJTO e professor no curso de Pós-Graduação em Psicopatologia pelo ITGT com chancela da PUC-GO.

SOBRE A OBRA

“O Cajado”, do Professor Rodolfo Petrelli, incansável defensor dos povos indígenas e de suas culturas, é o resultado de uma trajetória profissional responsável, pautada na ética, por intermédio da qual suas experiências adquiridas em décadas de vivências, observações e pesquisas desenvolvidas com o instrumento Rorschach, no campo da Psicologia Diagnóstica, são compartilhadas com a sociedade. Sua substancial bagagem enriquecida pelos estudos de diversas populações o eleva ao patamar de vanguardista no Psicodiagnóstico de indígenas brasileiros, com repercussões globais, tema de seu doutorado na Universidade de Roma.

Italiano – residente no Brasil desde 1973 – e brasileiro por opção, traz em sua obra, de forma didática e sistematizada, um referencial teórico e técnico-metodológico consistente, tendo como base científica a fundamentação filosófico-conceitual de aplicação e interpretação do referido teste proveniente da Scuola Romana Rorschach, na qual foi sócio ordinário pelo Istituto Italiano di Studio e Ricerca Rorschach, em 1988.

Destaco a fundamental importância deste livro para a formação e atuação dos peritos psicólogos que militam no âmbito forense. Estes podem e devem lançar mão desta obra, notadamente na esfera pericial psicológica cível, trabalhista e criminal, sendo esta última uma das mais desafiantes para a magistratura brasileira, principalmente no contexto, cujas vítimas são crianças ou adolescentes, como nos crimes de abuso e/ou estupro de vulnerável.

Como jurista, espero que este livro possa despertar o interesse na intensificação das pesquisas científicas direcionadas ao público infanto-juvenil, ainda muito incipientes em nosso País, além da expansão e aprofundamento dos

conhecimentos necessários aos profissionais que integram as equipes multidisciplinares existentes nos diversos sistemas de Justiça, contribuindo significativamente, deste modo, para os avanços da Psicologia Jurídica na árdua tarefa de decifrar o “verdadeiro desconhecido” e subsidiar, com responsabilidade e ética, uma decisão judicial.

As demandas judiciais estão cada vez mais exigentes, assim como os consequentes enigmas a serem investigados e interpretados, para responder aos questionamentos suscitados pelas partes envolvidas, bem como para a mitigação dos dilemas enfrentados pelos(as) magistrados(as) ao proferirem suas sentenças.

Obrigado, Professor Dr. Rodolfo Petrelli por compartilhar conosco sua história de vida, seus pensamentos, impressões e constatações, e brindar-nos com seu constructo teórico nesta valiosa obra, a qual contribui, significativamente, com a Justiça brasileira.

Boa leitura a todos e a todas!

Marco Anthony Steveson Villas Boas

Doutor em Ciências Jurídico-Políticas, mestre em Direito Constitucional (FDUL/Portugal), Desembargador do TJTO e Diretor Geral da Esmat

Estar na presença de Rodolfo Petrelli é estar na presença da experiência vivida na dimensão afetiva libertária, direcionada para a potência do ser humano humanitário.

O pesquisador fenomenólogo Rodolfo Petrelli se estrutura em vasta fundamentação teórico-referencial, a partir de sua biografia da arte acadêmica, com graduação em História da Filosofia (1963), Teologia (1967), Psicologia (1971), mestrado em Psicologia (1973) e doutorado em Psicologia (1989). Neste entalhe científico, a história da evolução analítica do Psicodiagnóstico Rorschach, de Hermann Rorschach, promove-se sob a análise quali-quantitativa, que advém de pesquisas de base junto à população dos indígenas brasileira Uru-Eu-Wau-Wau, da Serra dos Pacaás Novos e da Serra dos Uopianes, do estado de Rondônia, nos idos de 1985.

A trajetória científica do autor se expande desde o estudo da população indígena à vanguarda mundial de seu trabalho forense, na década de 80, por meio do Rorschach, apresentado como laudo psicológico ao judiciário brasileiro. O campo da prospecção forense, do Psicodiagnóstico Rorschach, foi implantado por Petrelli à ciência da Psicologia Psicodiagnóstica mundial, a partir de sua experiência no Centro de Pesquisa e Extensão Aldeia Juvenil da PUC-GO, fundada pelo autor em 1982, e se reverbera na Psicologia Jurídica a partir dos inúmeros trabalhos e supervisões acadêmicas do professor. Autores como Minkowski, na Fenomenologia em Psicopatologia, na noção de "Tempo Vivido", Erich Fromm, por meio da arquitetura frommiana, da reflexão filosófico-antropológica acerca da condição humana, e de McCully, que estrutura a análise das pranchas de Rorschach, por meio dos arquétipos junguianos, formam o campo teórico de base deste compêndio científico. A principal contribuição deste manuscrito está na complexidade quali-quantitativa da leitura da vastidão humana, realizada pela profundidade de união dos paradoxos, em que a beleza pode ser reconhecida, em face da capacidade de conectar-se à severidade quantitativa e à idiografia qualitativa do ser que se expressa em sua totalidade. As linhas recebem a cadência amorosa e incansável da querida Guida, organizadora e arqueira desta obra de Petrelli. Você está na presença de um programa avaliativo complexo e exclusivo, do maior rorschachista mundial da modernidade: o professor doutor Rodolfo Petrelli.

Viviane Teles Ribeiro Pina

Doutora em Psicologia

Psicóloga ad hoc da Delegacia de Proteção a Crianças e

Adolescentes de Goiânia-GO (DPCA)



Appris
editora